

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO E SISTEMAS

**ALGUNS FATORES DE DETERIORAÇÃO SOCIAL NO
PROCESSO PRODUTIVO NUM AMBIENTE
DE VIOLÊNCIA URBANA**

DULCE MARIA HALFPAP

Florianópolis
1999

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO E SISTEMAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

**ALGUNS FATORES DE DETERIORAÇÃO SOCIAL NO
PROCESSO PRODUTIVO NUM AMBIENTE
DE VIOLÊNCIA URBANA**

DULCE MARIA HALFPAP

Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção.
Orientador: Prof. Dr. João Bosco da Mota Alves

Florianópolis
1999

ALGUNS FATORES DE DETERIORAÇÃO SOCIAL NO PROCESSO PRODUTIVO NUM AMBIENTE DE VIOLÊNCIA URBANA

DULCE MARIA HALFPAP

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de

MESTRE EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

(área de concentração: Inteligência Aplicada), e aprovada em sua forma final,
pelo Programa de Pós-Graduação.

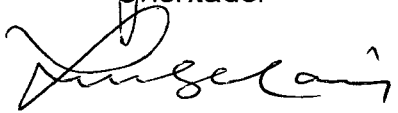


Prof. Ricardo Miranda Barcia, Phd.
Coordenador do Programa de Pós-Graduação

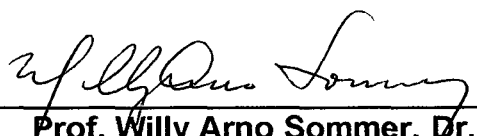
Apresentada à Comissão Examinadora integrada pelos Professores:



Prof. João Bosco da Mota Alves, Dr.
Orientador



Prof. Luiz Fernando Jacintho Maia, Dr.



Prof. Willy Arno Sommer, Dr.



Prof. José Francisco Danilo de Guadalupe Correa Fletes, Esp.

DEDICATÓRIAS

À memória de Luiz Carlos Halfpap, Antropólogo e grande estudioso, pela sensibilidade social e motivação para que eu desenvolvesse este tema. Pelas idéias valiosas no plano teórico e metodológico e orientação na diversa e vasta literatura ligada à Antropologia e às Ciências Sociais e que, como meu marido, pai, companheiro e amigo, infelizmente, não teve tempo suficiente para usufruir comigo o final deste ensaio. Sou-lhe infinitamente grata.

*Às minhas filhas, Simone e Suzana,
pela compreensão e solidariedade,
principalmente nos momentos mais
difíceis das nossas vidas.*

*Às minhas netas, Nathalia e Beatriz,
na esperança de que vivam num
mundo sem violência.*

AGRADECIMENTOS

Desejo manifestar aqui os meus agradecimentos a quantos me auxiliaram na elaboração deste trabalho.

Ao Prof. Dr. João Bosco da Mota Alves, Orientador e amigo pela assistência incansável e pelo interesse ativo e encorajador que demonstrou em relação à feitura desta Dissertação, expresso minha eterna gratidão.

Aos Profs. José Francisco Danilo de Guadalupe Correa Fletes e Manuel Rosa de Oliveira Lino, pelas informações e orientações proveitosas e pela assistência prestada de forma minuciosa no que diz respeito à utilização da ferramenta Estatística, além das valiosas sugestões que nos possibilitaram a elaborar o Capítulo "A Radiografia da Violência".

Ao Dr. Zulmar Vieira Coutinho, Médico Legista do Instituto Médico Legal de Florianópolis, pelos esclarecimentos prestados na utilização de uma terminologia técnica, além de outras informações com referência à pesquisa nos arquivos daquele Instituto.

Ao Dr. Ari Bertoldo Sell, Médico Psiquiatra, pela sua ajuda quanto às informações preciosas que prestou referentes às questões da Neurofisiologia da Agressão e na elaboração do Capítulo "Drogas e Sociedade". Seus conhecimentos psico-farmacológicos, suas críticas e sugestões construtivas muito nos auxiliaram na formulação e reformulação de conceitos e na utilização da terminologia empregada.

Ao Dr. Mauro Dutra, Delegado de Polícia e Diretor do Departamento de Trânsito de Santa Catarina, no período de 2 de janeiro de 1995 à 6 de janeiro de 1999, pelas informações técnicas e bibliográficas sobre trânsito.

Ao Dr. Ilton Vieira, Delegado de Polícia e Diretor da Polícia Técnico-Científica de Florianópolis, no período de 1º de janeiro de 1995 à 31 de dezembro de 1998, que nos permitiu o acesso aos arquivos do Instituto Médico legal de Florianópolis.

À amiga Maria Bernardete Martins Alves, Bibliotecária do Serviço de Referência da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina, pelas contribuições quanto à indicação e revisão bibliográficas.

Ao colega e amigo Mauro José Belli, pela troca de idéias e estímulos constantes recebidos, demonstrando-se sempre pronto a colaborar em todos os momentos para a realização deste trabalho.

À Maria Aparecida Gallon da Silva, funcionária do Instituto Médico Legal, pelos dados informativos que nos concedeu em referência à pesquisa que efetuamos naquele Instituto.

Ao Geógrafo Rocelito Souza Coelho, pelas indicações bibliográficas para o Capítulo "O Fenômeno de Urbanização: o Crescimento Urbano e Marginalidade Social".

À Elisabete Schramm Szeneszi, pela amizade, troca de idéias pessoais, por auxílios prestados e pelo encorajamento.

Ao meu sobrinho, Alessandro Pavan, além das ricas contribuições, pela solidariedade demonstrada na nova fase de minha vida.

À Stella Maris Büchele, pela amizade, incentivo e pelos seus prestimosos serviços técnicos.

Ao colega e amigo Marcel Alexandre Cabral Ribas, pela presença constante e valiosa cooperação até nos últimos instantes deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - SOCIEDADE E VIOLÊNCIA.....	10
1.1 CONCEITO DE AGRESSÃO	11
1.2 A AGRESSÃO ANALISADA PELA ETOLOGIA	15
1.3 FUNDAMENTOS FISIOLÓGICOS COMO FATORES EXPLICATIVOS PARA UMA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO	20
1.4 A AGRESSIVIDADE E A PSICOLOGIA	26
1.5 O CONCEITO DE AGRESSÃO DE FREUD E LORENZ	29
1.6 OS AMBIENTALISTAS E O LEGADO DA ANTROPOLOGIA	38
1.7 AS VÁRIAS FORMAS DE VIOLÊNCIA DE FROMM	44
1.8 AGRESSÃO MALIGNA: NECROFILIA	48
1.9 A NATUREZA HUMANA: BOA OU MÁ	50
CAPÍTULO 2 - O FENÔMENO DE URBANIZAÇÃO: O CRESCIMENTO URBANO E MARGINALIDADE SOCIAL	54
2.1 CAPITALISMO E URBANIZAÇÃO	59
2.2 O BRASIL E OS EFEITOS DA URBANIZAÇÃO	66
2.3 BRASIL CONTEMPORÂNEO	70

2.4 SÍNTESE HISTÓRICA DOS MUNICÍPIOS DA ÁREA CONURBADA DE FLORIANÓPOLIS (ACF)	76
2.4.1 Florianópolis e Urbanização	76
2.4.1.1 Florianópolis: Áreas Carentes	80
2.4.1.2 Situação das Áreas Carentes	83
2.4.1.3 Localização e Abrangência das Áreas Carentes na Ilha e no Continente	83
2.4.1.4 Principais Carências	90
2.4.1.5 Principais Problemas Sociais	91
2.4.2 São José	94
2.4.2.1 Características Sócio-Econômicas. Dados Indicativos da Evolução Humana	98
2.4.3 Palhoça	102
2.4.3.1 Perfil Sócio-Econômico do Município	103
2.4.4 Biguaçu	108
2.4.4.1 Desenvolvimento Sócio-Econômico	113
2.5 REGIÃO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS – MESOREGIÃO	118
2.5.1 Considerações Gerais	118
CAPÍTULO 3 - O UNIVERSO DAS DROGAS: USO E CONSEQÜÊNCIAS	126
3.1 DROGAS E SOCIEDADE	126
3.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE USO, ABUSO E DEPENDÊNCIA DE DROGAS PSICOTRÓPICAS	129
3.3 DROGAS E VIOLÊNCIA	189
CAPÍTULO 4 - COMUNICAÇÃO DE MASSA	194
4.1 TECNOLOGIA E CULTURA DE MASSA	194
4.2 DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO	196
4.3 OS CONTEÚDOS DA CULTURA DE MASSA	198
4.4 CULTURA DE MASSA E VIOLÊNCIA	207

CAPÍTULO 5 - O TRÂNSITO E A VIDA NAS CIDADES	215
5.1 CONCEITO DE ACIDENTE DE TRÂNSITO E TIPOS DE OCORRÊNCIAS	215
5.2 HISTÓRICO	217
5.3 TRÂNSITO: UMA QUESTÃO SOCIAL E POLÍTICA	220
CAPÍTULO 6 - A RADIOGRAFIA DA VIOLÊNCIA	236
6.1 ESBOÇO HISTÓRICO DO INSTITUTO MÉDICO-LEGAL DE FLORIANÓPOLIS	241
6.2 UM DIAGNÓSTICO ESTATÍSTICO DA VIOLÊNCIA	244
6.2.1 Comentários Adicionais ao Levantamento	266
CAPÍTULO 7 - CONCLUSÕES	271
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	280
ANEXOS	285
Anexo 1 – ÁREAS DA ABRANGÊNCIA DO INSTITUTO MÉDICO LEGAL MÉDICO LEGAL DE FLORIANÓPOLIS (MAPEAMENTO).....	286
Anexo 1.1 – ÁREA CONURBADA DE FLORIANÓPOLIS	287
Anexo 2 – CÓDIGOS COMO BASE DE ORIENTAÇÃO PARA OS DADOS LEVANTADOS	288
Anexo 3 – TIPOS DE MORTES VIOLENTAS LEVANTADAS NA PESQUISA NOS PERÍODOS CORRESPONDENTES AOS ANOS DE 1985 A 1997 NOS MUNICÍPIOS SELECIONADOS PARA ESTUDO E CÓDIGOS PARA A CAUSA BÁSICA DA MORTE.....	293
Anexo 4 – LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS – 1985	296

Anexo 5 – LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS – 1986	297
Anexo 6 – LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS – 1987	298
Anexo 7 – LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS – 1988	299
Anexo 8 – LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS – 1989	300
Anexo 9 – LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS – 1990	301
Anexo 10 – LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS – 1991	302
Anexo 11 – LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS – 1992	303
Anexo 12 – LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS – 1993	304
Anexo 13 – LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS – 1994	305
Anexo 14 – LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS – 1995	306
Anexo 15 – LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS – 1996	307
Anexo 16 – LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS – 1997	308
Anexo 17 – REQUISIÇÃO DE EXAME CADAVERÍCO	309

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

IML – Instituto Médico Legal de Florianópolis

DETRAN – Departamento de Trânsito

ACF – Área Conurbada de Florianópolis

SEBRAE – Serviço de Apoio a Micro e a Pequena Empresas

CETAD – Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas

ABDETRAN – Associação Brasileira dos Departamentos de Trânsito

OPAS – Organização Pan-Americana de Saúde

SNC – Sistema Nervoso Central

CPM – Cidade de Porte Médio

IPUF – Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis

SSP – Secretaria de Segurança Pública

DPTC – Diretoria de Polícia Técnico Científica

PEA – População Economicamente Ativa

RAID – Instituto Recife de Atenção Integral às Dependências

ELETROSUL – Centrais Elétricas do Sul do Brasil

CELESC – Centrais Elétricas de Santa Catarina

CEAG – Centro de Administração e Gerência

IBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SINE – Sistema Nacional de Emprego

IC – Instituto de Criminalística

IAL – Instituto de Análises Laboratoriais

II – Instituto de Identificação

UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina

UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí

SDM – Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente

OMS – Organização Mundial da Saúde

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – COEFICIENTE DE MORTALIDADE (x 100.000) – POR ACIDENTE DE TRÂNSITO. BRASIL – 1980 A 1995	228
Figura 2 – ÓBITOS POR PRINCIPAIS CAUSAS EXTERNAS – BRASIL - 1995 ...	229

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – TIPOS DE CAUSA DA MORTE POR MUNICÍPIO NA ÁREA CONURBADA DE DA GRANDE FLORIANÓPOLIS DE 1985 A 1997 ...	247
Gráfico 2 – TIPOS DE CAUSA DA MORTE SEGUNDO SEXO NA ÁREA CONURBADA DE FLORIANÓPOLIS DE 1985 A 1997	251
Gráfico 3 – TIPOS DE CAUSA DA MORTE POR PROFISSÃO NA ÁREA CONURBADA DE FLORIANÓPOLIS DE 1985 A 1997	259

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – BRASIL	71
Tabela 2 – NOMINATA DAS QUATRO MAIORES CIDADES BRASILEIRAS NAS DATAS DOS RECENSEAMENTOS GERAIS	73
Tabela 3 – POPULAÇÃO DAS QUARENTA E SEIS ÁREAS CARENTES	86
Tabela 4 – ESTABELECIMENTOS E PESSOAL OCUPADO - SETOR TERCIÁRIO (1970-1980-1990)	101
Tabela 5 – CRESCIMENTO POPULACIONAL	104
Tabela 6 – PRODUÇÃO PRINCIPAIS CULTURAS	106
Tabela 7 – POPULAÇÃO URBANA E RURAL DA ÁREA CONURBADA POR MUNICÍPIO – (Tabela N.º T/L.3.1.A)	122
Tabela 8 – DIAGNÓSTICOS ASSOCIADOS COM CLASSES DE SUBSTÂNCIAS	137
Tabela 9 - MANEIRA INCORRETA DE DIRIGIR E O ÍNDICE DE ACIDENTES FATAIS	233
Tabela 10 – CAUSA DA MORTE POR MUNICÍPIO DE 1985 A 1997	246
Tabela 11 – ÍNDICE DE MORTALIDADE POR SEXO DE 1985 A 1997	250
Tabela 12 – CAUSA DA MORTE E ORIGEM DA VÍTIMA DE 1985 A 1997	254
Tabela 12.1 - CAUSA DA MORTE E ORIGEM DA VÍTIMA (ESTRANGEIROS) DE 1985 A 1997	256
Tabela 13 – CAUSA DA MORTE POR PROFISSÃO DE 1985 A 1997	258

RESUMO

Uma análise sobre a violência na região da Grande Florianópolis, restringida aos Municípios de Florianópolis, São José, Palhoça e Biguaçu (Área Conurbada de Florianópolis), baseado num levantamento de mortes violentas, realizado no Instituto Médico Legal de Florianópolis, entre os anos de 1985 a 1997. A partir de uma visão inter e multidisciplinar, utilizamo-nos dos recursos de determinadas ciências que permitissem encontrar as causas do comportamento humano frente à violência. Apresentamos, também, alguns fatores, do ponto de vista social, que podem interferir no sistema de produção da região.

ABSTRACT

An analysis about the violence in the Metropolitan Area of Florianópolis restricted to the cities of Florianópolis, São José, Palhoça and Biguaçu, based on violent deaths, researched in the Legal Medical Institute of Florianópolis, from 1985 to 1997.

From an inter and multisubject approach, we investigated some causes of human behaviour when facing the violence. We also researched some aspects from social factors that may interfere in the production system in the area studied.

INTRODUÇÃO

"(...) quando a nossa cultura toda, abalada por uma experiência histórica monstruosa, se vê forçada a um novo exame dos seus próprios fundamentos, propõe-se outra vez à investigação da Antigüidade (...)"
(Werner Jaeger, 1989)

Este estudo tem como propósito uma análise da violência na Região da Grande Florianópolis, mais especificamente nos Municípios da Área Conurbada (ACF), quais sejam, Florianópolis, São José, Palhoça e Biguaçu, com base em um levantamento de mortes violentas, extraído dos arquivos do Instituto Médico Legal (IML) de Florianópolis que, no nosso entender, é oportuno para a compreensão da violência crescente na sociedade atual, que vem se transformando numa grande ameaça social.

Tais pesquisas abrangeram um período de treze anos, ou seja, de 1985 a 1997, trezentos e oitenta e três Laudos Cadavéricos, os quais permitiram um melhor conhecimento do fenômeno da violência nas referidas regiões. De posse dos dados, elaboramos tabelas e gráficos e, posteriormente, passamos para a interpretação dos resultados. As tabelas e gráficos que apresentamos e que ilustram o conteúdo

deste trabalho são dados concretos, frutos do cotidiano e confirmam a crueza e a deformação da sociedade em que vivemos.

Informações mais pormenorizadas, sobre as ocorrências registradas, poderiam enriquecer ainda mais a pesquisa. No entanto, este não é o objetivo maior do nosso trabalho, uma vez que o estudo em questão se concentra sobretudo numa análise sociológica do problema neste espaço geográfico e dos fatos ocorridos neste período levados às últimas conseqüências. Além do mais, não seria possível nestas circunstâncias um estudo exaustivo de toda a área abrangida pelo Instituto Médico Legal. Por isso, selecionamos os Municípios antes mencionados já que oferecem condições para uma análise científica relevante.

Vale lembrar que, um retrospecto histórico, social e econômico de Florianópolis, bem como dos outros Municípios envolvidos, torna-se imprescindível como subsídios para melhor compreendermos a realidade da cidade pólo, o que faz de Florianópolis um importante objeto de estudo deste fenômeno.

Quando nos referimos à violência estamos falando da violência generalizada, ou para muitos quer dizer, violência no trânsito, uso e abuso de drogas, homicídios, suicídios, entre outros. Uma violência subjacente na sociedade em que vivemos e quem sabe, amparada pelas extremas desigualdades econômicas e sociais do mundo de hoje e com um agravante - o desemprego.

A violência tratada neste trabalho não é a violência patrocinada pelo Estado - tortura, o estado policial, ditaduras, nazismo, fascismo ou, quem sabe, um estado denominado democrático mas, altamente concentrador de rendas -, e sim, aquela violência que se encontra difusa na sociedade subvencionada por indivíduos contra indivíduos. Nestes termos, o Estado pune o assédio de violências. Esta punição

talvez seja em parte, já que a violência em si nunca é eliminada completamente e, em alguns casos, é encorajada.¹

Com base nestas constatações, discutimos no decorrer deste trabalho entre outras coisas, a perda de valores da pessoa humana levando-a a uma desumanização de forma crescente oriunda de uma sociedade doente, patológica.

Visto ser a violência um fenômeno ligado ao crescimento das cidades, que acompanha a industrialização e o desenvolvimento capitalista, tal fenômeno traz consigo uma série de outros fenômenos de patologia social, tais como: sub-habitação, delinqüência, marginalidade e choque cultural, bem como problemas de planejamento urbano em geral. Portanto, o conhecimento dos fatos precisa ser até certo ponto amplo para proporcionar-nos um entendimento da realidade trágica que os dados levantados e, através deles, nos permitir fazer a seguinte observação:

"um povo que estimule programas rápidos de mudança cultural, sem orientá-los segundo critérios inteligentes e construtivos, paga preços exorbitantes pelo progresso social. Muitas vezes, este se faz ao longo de sacrifícios materiais e morais demasiado penosos, produzindo desorganização social permanente e seleção negativa de valores sociais, que poderiam preencher funções criadoras na própria reconstrução do sistema civilizatório." (CARDOSO e IANNI, 1960)

A ausência de um sentido fundamental em relação à pessoa humana, os modelos institucionais retrógrados e/ou omissos a determinadas realizações fundamentais à sociedade em geral, componentes psicossociais, socioculturais,

¹ Neste caso, tomemos como referência os meios de comunicação de massa (principalmente a Televisão), que será abordado mais adiante.

necessitam análises aprofundadas no que diz respeito ao processo de modernização do sistema civilizatório brasileiro.

O presente trabalho conduz-nos a tais reflexões. A grande preocupação é com o índice flagrante e abrangente da violência exercida pelos indivíduos e que passa a fixar-se em nosso meio.

Assim, os fatos dessas evidências serem obtidos e comprovados pelos próprios recursos fornecidos pelo levantamento exploratório que atinge alguns municípios da Grande Florianópolis - objeto de nossa pesquisa -, leva-nos a algumas hipóteses que serão abordadas no decorrer da discussão com possibilidade de explicar, sociologicamente, as bases do estudo em questão.

Contudo, entendemos que o fenômeno da violência nos municípios envolvidos não é devidamente conhecido pela sociedade local, talvez por motivos como omissão aos fatos, despreparo da população em geral, ou ainda, porque o estudo desta problemática é por demais complexo.

Deste modo, em face da complexidade do problema, o assunto em questão deve ser tratado de forma interdisciplinar. Em vista disso, recorreremos a algumas aquisições e pesquisas científicas que consideramos fundamentais para esclarecer as dificuldades inerentes ao tema.

Quanto às bases teóricas para o estudo em referência, estas foram buscadas fundamentalmente em FROMM (1979 e 1981), CARAM (1978), LORENZ (1973) e em JOHNSON (1979) e, os campos de conhecimento que agrupamos à temática foram, basicamente, a Etologia, Neurofisiologia, Psicologia, Psicanálise, Farmacologia, Sociologia, História, Geografia, Estatística, Informática e Antropologia.

Os recursos das ciências que irão nos auxiliar, não só contribuirão para esclarecer e especificar o fenômeno da violência, bem como mostrar a amplitude do tema. Tendo em vista esta complexidade, tal problema precisa ser analisado de forma mais profunda e os elementos das diversas ciências nos oferecem maiores argumentos, proporcionando-nos uma visão de conjunto deste processo, conseqüentemente uma maior compreensão da violência.

Inicialmente, procuramos abordar o problema da agressividade para, mais adiante, apresentarmos várias formas de violência tentando estabelecer ao longo da discussão, dentro do possível, a distinção existente entre agressividade e violência para ajudar na compreensão e esclarecimento do comportamento humano em relação à violência da atualidade.

No entanto, o enfoque que queremos dar a esse trabalho, é a violência oriunda de diversos fatores sociais gerada pela própria sociedade em que vivemos, pois acreditamos que esta representa hoje as explicações mais prementes. Partimos da constatação de uma sociedade, entre outros fatores sociais, altamente competitiva, competição essa incentivada pelo consumo e extremamente desigual, ocasionando conflitos latentes e abertos em toda parte. Nestes termos, CARAM, enfatiza que: "para analisar as causas deste mal endêmico, não basta uma observação superficial, mas será preciso mergulhar no interior das estruturas do ser humano e chegar até às estruturas sociais que o ser humano, através da evolução histórica, construiu." (1978, p.15)

Com referência aos fatores sociais, selecionamos alguns itens básicos relacionando-os com a violência. São eles: o fenômeno de urbanização, as drogas, a comunicação de massa e o trânsito. Do nosso ponto de vista, são bases de apoio para a análise de alguns dos problemas mais amplos da sociedade e pertinentes às

questões sociológicas, na tentativa de tornar visíveis os processos de deterioração social, os quais são fatores, no nosso entendimento, de promoção de violência e que podem interferir no sistema de produção da região estudada.

Nossa intenção ao elaborar este trabalho, não foi em fazer uma análise completa do fenômeno da violência ou de seus agentes implicativos, mesmo porque, o assunto é muito vasto e envolve conhecimentos relacionados a vários campos científicos o que nos conscientiza das nossas limitações. Por outro lado, não impede que avancemos as fronteiras do nosso campo de estudos, previamente determinado por delimitações independente da nossa vontade. Muito pelo contrário. Entendemos que o monopólio da verdade não pertence a nenhum campo científico específico, na medida em que uma variedade de abordagens das mais diversas ciências pode contribuir, de uma forma ou de outra, mormente num tema dessa natureza.

Entretanto, não poderíamos deixar de registrar aqui algumas dificuldades encontradas no levantamento dos dados efetuado nos arquivos do Instituto Médico Legal. A disponibilidade caótica daqueles arquivos nos quais pesquisamos, assim como a insuficiência de informações que observamos no preenchimento das Guias de Requisição de Exame Cadavérico, as quais acompanham os Laudos Periciais e que não receberam a devida atenção por razões que desconhecemos, constituiu para nós uma série de dificuldades. No nosso entendimento, os pormenores que deixamos de conhecer, poderiam contribuir ainda mais para a análise e a interpretação dos resultados. Mesmo assim, julgamos substanciais as informações extraídas daqueles arquivos. Esperamos, contudo, que com o material que dispomos e a decisão de enfrentar tais dificuldades, venham auxiliar a nossa

proposta de trabalho dentro da coerência das hipóteses levantadas, como possíveis explicações para o problema da violência na região que selecionamos para estudo.

Uma das preocupações que nos levou a esse desafio foi a violência crescente neste final de século. Preocupados que somos com as questões políticas e sociais, sentimos a necessidade de alargar essas discussões porque elas dizem respeito à sociedade como um todo. Sendo assim, o Objetivo Geral foi realizar um diagnóstico da violência na sociedade hoje, visando detectar alguns fatores de deterioração social que podem interferir no processo de produção na Área Conurbada de Florianópolis, definindo, então, como Objetivos Específicos: a) levantar dados no Instituto Médico Legal de Florianópolis, que nos proporcione uma reflexão sobre a violência levada às últimas conseqüências – a morte. b) Analisar os dados levantados, identificando aspectos relevantes que podem interferir no processo de produção. c) Interpretar os resultados alcançados, visando recomendar ações corretivas e preventivas.

Quanto a Metodologia, este trabalho foi baseado em um levantamento de dados, por amostragem, efetuado nos arquivos do Instituto Médico legal de Florianópolis, reunindo-se, aleatoriamente, entre os anos de 1985 a 1997, trezentos e oitenta e três (de um universo de cerca de seis mil) Laudos Cadavéricos, que permitissem encontrar cifras, aproximadas das reais, de mortes verificadas na região e período referidos.

Realizou-se uma análise descritiva e exploratória dos dados, de forma a permitir a visualização dos resultados, para interpretar o fenômeno da violência.

A análise da violência, como fenômeno complexo, hoje, não permite mais se restringir a um determinado campo científico específico. A sua abrangência exige uma investigação inter e multidisciplinar. Nessa perspectiva, fomos buscar na

Etologia, Neurofisiologia, Psicologia, Psicanálise, Farmacologia, Sociologia, História, Geografia, Antropologia, Informática e Estatística, contribuições para a compreensão e esclarecimento, dentro do possível, do comportamento humano frente à violência.

A nossa intenção ao discutir esses variados itens, foi a de oferecer subsídios a fim de contribuir com o tema em questão, ao tentarmos reverter aspectos obscurecidos ou mesmo, não salientados, visto ter a violência alguma relação com eles, de um modo ou outro.

Sendo assim, este estudo inicia com uma Introdução e está dividido em sete Capítulos. O primeiro – "Sociedade e Violência", onde com o auxílio de algumas ciências, fomos buscar algumas causas do comportamento humano em relação à violência; o segundo – "O Fenômeno de Urbanização: o Crescimento Urbano e Marginalidade Social", onde abordamos o surgimento, a evolução e a importância das cidades, até a explosão urbana dos nossos tempos e os problemas decorrentes de todo esse processo de urbanização, com a nossa atenção voltada para Florianópolis e municípios vizinhos; o terceiro – "O Universo das Drogas: Uso e Conseqüências", tratamos de algumas drogas psicotrópicas, entre as mais difundidas, bem como, os seus efeitos deletérios no plano individual e social; o quarto – "Comunicação de Massa", não poderíamos deixar de nos referir, haja vista o seu conteúdo, que pode ter efeitos sociais nocivos sobre os indivíduos; o quinto – "O Trânsito e a Vida nas Cidades", tratamos de alguns aspectos relacionados ao trânsito e aos problemas que ele acarreta ao indivíduo, causando graves prejuízos sociais e econômicos; o sexto – "A Radiografia da Violência", é um tema sustentado num levantamento de mortes violentas, registrado nos arquivos do Instituto Médico Legal de Florianópolis, a fim de nos permitir avaliar a extensão da violência

crescente nos Municípios selecionados para o presente estudo. Para finalizar, nas Conclusões, elaboramos uma síntese de alguns elementos básicos que nos propomos a analisar, relacionados à violência em Florianópolis e municípios vizinhos, apresentando, por último, algumas sugestões para trabalhos futuros; e finalmente, os Anexos.

CAPÍTULO 1

SOCIEDADE E VIOLÊNCIA

"O mal é a perda de si mesmo pelo homem na trágica tentativa de escapar ao fardo de sua humanidade." (Erich Fromm, 1981)

O fenômeno da destrutividade e da violência hoje é uma preocupação não só nacional, mas mundial, o que não é surpreendente devido a violência ser um fato inquietante, razão pela qual o estudo desta problemática tem ocupado, mais recentemente, um lugar de importância a ponto de preocupar cientistas e estudiosos de um modo geral das mais diversas áreas. E, da forma como encontra-se instalada no mundo, é uma realidade incontestável nos vários setores da sociedade.

O presente estudo levanta uma série de problemas, da mesma forma que admite várias interpretações. Buscar as suas causas é tarefa difícil pois estas podem estar presentes na própria educação, na cultura, ou ainda, enraizada nas estruturas sociais, ou até mesmo, em mecanismos de ordem fisiológica que porventura possam interferir no comportamento das pessoas.

Contudo, devido à complexidade do problema e da multiplicidade de suas causas, o estudo da violência comporta vários campos do conhecimento científico tornando assim, necessário uma investigação interdisciplinar. CARAM, ao analisar a temática, afirma que a violência "atinge a totalidade da vida humana." (1978, p.13) Nesses termos, toda ciência, de uma forma ou de outra, direta ou indiretamente, poderá contribuir não só para a compreensão desta problemática, bem como apresentar alternativas capazes de, pelo menos, atenuar os seus efeitos mais destrutivos.

Visto a violência ser um fenômeno de difícil solução e por envolver uma série de fatores, discutiremos inicialmente o fenômeno da agressividade em si, com base nos fundamentos da Etologia para, mais adiante, abordarmos também sob o ponto de vista da Neurofisiologia, da Psicologia, Psicanálise, dos ambientalistas, da Antropologia e, por último, os fatores sócio-culturais. Antes, porém, tentaremos conceituar o termo agressão, mesmo reconhecendo "a priori" as dificuldades inerentes ao fenômeno que ora nos propusemos a compreender.

1.1 CONCEITO DE AGRESSÃO

Como o tema em questão é por natureza complexo, reafirmamos a necessidade de uma investigação interdisciplinar não só na pesquisa do problema, como também na formulação de um conceito de agressão.

Na maioria das vezes nos deparamos com conceitos baseados em generalizações super simplificadas, ou até mesmo, algumas explicações de

conteúdo mais popular a respeito da agressão, que nos remete a questionar tais concepções, isto é, que não passam de mitos, sem nenhuma fundamentação científica.

O problema é muito mais profundo, e a amplitude das especulações sobre o comportamento agressivo é sem dúvida, intensa e diversificada, justamente pela natureza do problema que, por não pertencer a nenhum campo científico específico, cada ciência poderá conceituá-la através de seus princípios e objetivos.

Para JOHNSON

"a agressão pode ser aplicada a uma resposta específica como matar. Pode ser usada para se referir a uma plethora de estados emocionais e atitudinais como raiva ou ódio. Pode ser concebida como um traço de personalidade, um hábito aprendido, um reflexo estereotipado ou um processo biológico subjacente. Pode referir-se à motivação ou à intenção sem consideração das conseqüências, ou às conseqüências (por exemplo, um dano) sem consideração da motivação." (1979, p.3)

Com efeito, o autor levanta uma série de hipóteses sobre o significado da agressão, o que nos leva a refletir que tais especulações para se compreender o comportamento agressivo são, indubitavelmente, amplas.

Apesar das muitas dificuldades para definir agressão, muitas explicações oferecidas por alguns estudiosos, continuam limitadas, presas a pensamentos pré-concebidos, ou simplesmente, restringidas a seus conhecimentos específicos, necessitando, portanto, de remodelações, ou em outras palavras, de outras contribuições científicas, o que possibilitaria interpretações mais abrangentes do

problema. Visto isso, os vários campos das ciências podem oferecer reflexões mais profundas e sistemáticas a respeito de tema tão controvertido.

BUSS (1971) citado por JOHNSON, por exemplo, "afirma que a agressão é a tentativa de um indivíduo de transmitir estímulos nocivos a outro." (1979, p.5)

Do Vocabulário da Psicanálise, extraímos a seguinte definição de agressividade:

"Tendência ou conjunto de tendências que se atualizam em comportamentos reais ou fantasísticos que visam prejudicar o outro, destruí-lo, constrangê-lo, humilhá-lo, etc. A agressão conhece outras modalidades além da ação motora violenta e destruidora; não existe comportamento, quer negativo (recusa de auxílio, por exemplo) quer positivo, simbólico (ironia, por exemplo) ou efetivamente concretizado, que não possa funcionar como agressão. A Psicanálise atribuiu uma importância crescente à agressividade, mostrando-a em operação desde cedo no desenvolvimento do sujeito e sublinhando o mecanismo complexo da sua união com a sexualidade e da sua separação dela. Esta evolução das idéias culmina com a tentativa de procurar na agressividade um substrato pulsional único e fundamental na noção de pulsão de morte." (1994, p.10-1)

Além desta, consideramos também a definição usual do Novo Dicionário da Língua Portuguesa para agressão e agressividade: "Agressão: 1. Ação ou efeito de agredir. 2. Bordoada, cacetada, pancada. 3. Investida, acometimento, ataque. 4. Provocação, desafio, hostilidade (...) Agressividade: 1. Disposição para agredir. 2. Qualidade de agressivo. 3. Dinamismo, atividade, energia, força (...)" (1975, p.52)

Contudo, como a agressão precisa ser compreendida para ser analisada em diversos campos científicos, chegamos a conclusão que o conceito de agressão, neste momento, não seria a preocupação maior deste trabalho, mas sim perceber a dinâmica e a amplitude do fenômeno em si, e assim, acreditamos ser possível um

melhor entendimento para o problema não só da agressão, bem como o da violência.

JOHNSON, ao comentar sobre as dificuldades para se definir agressão, assim se refere ao problema:

"O fato de o termo ser tão difícil de definir pode não ser em virtude de uma falta de pensamento inteligente, nem de inadequações da nossa linguagem, mas simplesmente porque não é um conceito simples, unitário, e portanto não pode ser definido como tal. Não existe um único tipo de comportamento que possa ser chamado 'agressivo' nem existe qualquer processo único que represente a 'agressão'. Talvez isto seja o mais importante a ser dito a respeito da definição de agressão, porque sugere que a agressão deve ser compreendida e analisada em muitos níveis." (1979, p.6)

É nessa linha de raciocínio que, no andamento deste trabalho, procuramos tratar do assunto proposto e tentar contribuir com as informações aqui contidas para explicar o nosso comportamento.

À medida que formos discorrendo sobre o assunto, que está alicerçado em alguns campos do conhecimento científico, onde o termo agressão terá novos encaminhamentos e ainda, realçado nos fatores sociais, o que nos irá conduzir a analisar a agressão/violência em relação às estruturas sociais, acreditamos que passo a passo uma elucidação do conceito de agressão será possível, visto que cada ciência o formulará através dos seus princípios e de suas análises. Assim sendo, continuamos afirmando que devido a sua dinâmica complexa, o estudo da agressão pede uma análise em muitos níveis com diferentes pontos de vista.

1.2 A AGRESSÃO ANALISADA PELA ETOLOGIA

Segundo LORENZ², "a Etologia pode ser definida como o ramo da ciência que nasceu quando os questionamentos e os métodos evidentes e obrigatórios em todas as outras disciplinas biológicas desde Charles Darwin foram empregados também na exploração do comportamento animal e humano." (1991, p.11)

Para a Etologia, portanto, o problema da agressividade é analisado através do comportamento animal comparado ao comportamento humano, cabendo naturalmente, divergências de opinião entre muitos estudiosos.

Para alguns etólogos e zoólogos, a agressividade é instintiva e se encontra em quase todos os animais da mesma espécie, enquanto que para outros pesquisadores, o termo agressividade para os animais não seria adequado e ao invés deste, usam a expressão "conduta adversiva" ou simplesmente "aversão" quando se referem aos animais e que a agressividade é própria somente do homem.

Por mais importantes que possam ser as experiências com animais para a compreensão do comportamento humano, muitos pesquisadores garantem que os fenômenos observados em animais não podem ser explicados da mesma forma aos fenômenos humanos, uma vez que tal analogia não seria apropriada. Sendo assim, a importância da Etologia na análise desta problemática será quanto aos elementos que ela poderá nos fornecer, através de comparações e não propriamente o

² Considerado o "Pai da Etologia", como o qualificou o seu mestre e amigo Sir Julian Huxley. Outras informações sobre a importância do naturalista, ver: KONRAD, Lorenz. **A demolição do homem: crítica à falsa religião do progresso**. Trad. Horst Wertig. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. Tradução de: Der Abban des Menschlichen.

comportamento dos animais em si, para a compreensão da violência humana ou, como quer CARAM, "(...) até que ponto a agressividade humana desce na evolução da espécie e, se ela se degenerar em destruições, poderá ser chamada de 'bestial' ou mesmo 'animal'." (1978, p.18)

LORENZ, afirma que a agressividade, com base nas suas pesquisas realizadas com animais, é instintiva e que jamais se verificou que a agressão visa à exterminação dos membros da mesma espécie. Diz ele: "Posso afirmar com conhecimento de causa que tal coisa nunca sucede em condições naturais. Que interesse poderia ter qualquer desses animais em destruir o outro? Nenhum deles intervém nos interesses vitais dos outros." (1973, p.37)

CARAM, complementa:

"Todavia mesmo que se constate a agressão intra-espécie, longe de ser um princípio diabólico e destruidor, é indubitavelmente uma parte essencial da organização dos instintos para a proteção da vida. (...) A agressividade que se observa nos animais é um instinto de sobrevivência e, em condições normais, jamais se manifesta para matar um membro da mesma espécie. A agressividade é um instinto inato, hereditário, genético, é uma pulsão universal que tem raízes muito profundas. Surge entre dois membros da mesma espécie quando desejam a mesma coisa. Neste caso, a maioria dos animais luta pela conquista de um espaço vital necessário para viver, isto é, o território na expressão própria de K. Lorenz." (1978, p.19)

Naturalmente que LORENZ, se refere também às lutas entre espécies diferentes. Sob este particular ele assim se refere: "em todos os combates entre espécies diferentes, a função conservadora da espécie é muito mais evidente que nos combates entre as mesmas espécies." (1973, p.38)

Assim, etólogos e fisiólogos são unânimes em afirmar que entre os animais não existe nenhum "instinto de combate". Fica, portanto, claro que a agressividade entre os animais se dirige muito mais à perpetuação da espécie e da evolução biológica do que as manifestações de crueldade que possam existir entre eles. Sob este ponto, Grappin (1958) citado por CARAM, enfatiza que:

"Isto permite caracterizar as modalidades especificamente humanas de adaptação. Diferente do animal que se adapta ao meio por intermédio de mecanismos de regulação complexa, o homem é o único ser capaz de transformar o meio. Isto explica o caráter específico da conduta adversiva entre os homens." (1978, p.20)

Independente da ambigüidade do conceito de agressão, a análise do comportamento adaptativo mostra, segundo alguns estudiosos, que em vez de aplicarmos o termo agressividade quando nos referimos aos animais, o mais prudente seria falar em "adversão". Assim, sendo a agressividade um tipo de comportamento com características humanas, não há como, portanto, transferir para os animais tais atitudes inerentes à própria natureza humana. Portanto, tais mecanismos de transferência julgando ver nos animais semelhante comportamento, é sem sentido. De acordo com CARAM,

"(...) é preciso notar que a maioria dos etólogos, mesmo os que não empregam o termo agressividade para os animais, chamam a atenção para o fato de que a agressividade não deve ser compreendida necessariamente como algo patológico, mas como um dado essencial à vida, indispensável à ação e relacionada sempre com a adaptação." (CARAM, 1978, p.20)

Em outras palavras, o importante é verificar que a agressividade não deve ser encarada apenas de uma forma patológica no mundo animal por ser muitas vezes utilizada em benefício da preservação da própria espécie e relacionada sempre com a adaptação e ao equilíbrio social.

O conceito de adaptação para a biologia animal é declarado como lei da espécie. Deste modo, o autor nos afirma que:

"a adaptação dos animais ao meio se dá por intermédio de mecanismos de regulação complexa e, por isso, não se pode afirmar que o 'instinto de agressão', ou a 'conduta adversiva', nos animais, se degenera em destruições. 'A palavra agressão, no sentido preciso e não generalizado indevidamente, caracteriza certas condutas humanas e elas somente. Não se trata unicamente de um simples problema semântico, mas de algo mais', pois a agressão não é um tema, mas uma realidade." (CARAM, 1978, p.20-1)

Com base nestas reflexões, podemos considerar que a agressividade, graças aos estudos realizados da biologia animal e da ciência do comportamento comparado, não é uma característica própria dos animais e que a violência é, antes, uma conduta essencialmente humana. CARAM, sob este aspecto, é contundente: "não é o animal que se projeta na violência do homem, é o homem que projeta, num álibi antropomórfico, sua violência no reino animal." (1978, p.22)

Complementando, o autor coloca:

"Em outras palavras, só o homem é capaz de verdadeira agressão. Assim, quando se fala de campos de extermínios, bombardeamentos em massa, torturas, genocídios, etc., não temos o direito de chamar esses atos de 'bestialidade' ou 'animalidade'. O homem é o único que tem capacidade de transformar o meio. Talvez seja também o único capaz de ações construtivas e destrutivas, bem como de ataque programado devido à sua inteligência e vontade." (1978, p.21-2)

No que se refere à agressão humana, LORENZ salienta que: "temos boas razões para considerar a agressão intra-espécie, na situação cultural histórica e tecnológica actual da humanidade, como o mais grave de todos os perigos." (1973, p.43)

Além dos fundamentos etológicos para explicar a agressividade na busca das causas da violência, outras aquisições científicas são necessárias e poderão colaborar enormemente e de forma vital no sentido de esclarecer, do nosso ponto de vista, o conjunto das causas da violência.

Seguindo a ordem estabelecida por CARAM, a Neurofisiologia, no mesmo grau de importância que a Etologia, poderá nos auxiliar com base em pesquisas realizadas neste campo de estudo, a esclarecer se existem no homem certas condições fisiológicas de estimulação espontânea que possam propiciar certas atitudes agressivas que o levaria à prática da violência, cuja a origem seria, portanto, pura e simplesmente orgânica. No entanto, o estudo das bases fisiológicas da agressão neste trabalho, será também limitado devido a certos fatores que devem ser considerados, tais como os estudos e pesquisas nessa área, bem como suas implicações para uma compreensão mais aprofundada do problema, exigem, pelo menos até certo ponto, especializações o que nos possibilitaria abordar o tema em pauta com maior autoridade. Para sanar muitas dificuldades, especialistas foram

consultados, o que nos proporcionou um melhor esclarecimento do assunto em discussão, bem como uma maior compreensão do mesmo.

Outro fator limitador seria a dificuldade em dissociar organismo e comportamento, da mesma forma que indivíduo e sociedade. São fatores intimamente relacionados, e desse modo, apontar cada aspecto desses isoladamente, seria praticamente impossível. Além do mais, o conjunto dos mecanismos anatômicos-fisiológicos na tentativa de esclarecer o fenômeno da agressividade serão vistos como indicadores devido a sua complexidade, servindo estes de orientação no que diz respeito ao problema do comportamento humano em relação à violência. Nesta perspectiva, a Neurofisiologia será de grande valia, auxiliando-nos a responder se realmente existe um centro responsável pela agressão no homem com natureza orgânica.

1.3 FUNDAMENTOS FISIOLÓGICOS COMO FATORES EXPLICATIVOS PARA UMA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO

Não poderíamos trabalhar com o tema agressão sem nos referirmos aos processos fisiológicos internos e sua relação com o comportamento dos indivíduos. Assim, o estudo científico do cérebro, bem como de outros processos fisiológicos internos, tem sido investigados por inúmeros pesquisadores e os resultados muito têm auxiliado na compreensão do comportamento agressivo.

Ao analisarmos a importância da Neurofisiologia como contribuição não só influente mas central para ajudar-nos a esclarecer o fenômeno da agressividade humana, tentaremos focalizar dentro do possível, os vários processos fisiológicos, embora limitados aqui, que determinam, direta ou indiretamente, a expressão do comportamento agressivo no homem, bem como fatores externos que, de uma forma ou de outra, venham interferir nos procedimentos das pessoas.

Entretanto, muitos dos entendidos no campo das Neurociências, não possuem respostas efetivas onde a relação entre fenômenos fisiológicos e o comportamento agressivo sejam evidentes. Sob esse aspecto, Kaada (1967) citado por FROMM, afirma:

"Nosso conhecimento e nossos conceitos sobre a organização neural central do comportamento agressivo acham-se restringidos pelo fato de que a maior parte da informação de que dispomos tem sido originada das experimentações em animais; daí o fato de que quase nada se sabe acerca da relação do sistema nervoso central com os aspectos 'sensitivos' ou 'afetivos' das emoções. Achamo-nos inteiramente confinados à observação e à análise experimental dos fenômenos expressivos ou de comportamento e às alterações periféricas e corporais que se registram. Obviamente, até mesmo esses processos não inspiram inteira confiança e, a despeito de esforços amplos de pesquisas, é difícil interpretar o comportamento tão-somente à base desses dados indicativos." (1979, p.135-6)

Contudo, várias experiências com homens e animais têm demonstrado que certos tipos de comportamentos se relacionam com zonas bem definidas do cérebro. Portanto, ao examinarmos o comportamento humano, muitos fatores precisam ser considerados e é o conjunto desses fatores que irão nos proporcionar uma análise mais abrangente para a compreensão do comportamento agressivo.

Em conformidade com JOHNSON, "(...) o estudo científico do cérebro, dos genes, dos hormônios e de outros processos fisiológicos (...)" (1979, p.53), são o que chamamos de processos biológicos internos e que colocam em ação toda estrutura nervosa. Dessa forma, o autor coloca ainda que "todo comportamento é controlado pelo cérebro e pelo Sistema Nervoso Central" (1979, p.53) e em sua relação com o comportamento externo. Ou, de acordo com WILSON,

"tudo o que se refere ao comportamento humano indica que o homem é um ser muito integrado - pode coordenar e dirigir mais impulsos nervosos do que qualquer outro animal para obter uma maior amplitude e escolha de respostas -. E não há dúvida de que o cérebro é o órgão que define a situação total e determina as direções adequadas." (1969, p.36)

Com efeito, unindo a fisiologia ao meio ambiente cultural, verifica-se vários comportamentos agressivos mediante certas condições que irão favorecer essas atitudes, dependendo, naturalmente, das condições fisiológicas e do meio ambiente.

Pesquisas realizadas neste campo de estudo tem como objetivo analisar mecanismos fisiológicos em busca de predisposições agressivas nas atitudes humanas. Conforme CARAM, "dependendo das circunstâncias, esta tendência agressiva pode ser traduzida em atitude efetiva de violência. A violência, no caso, é um comportamento, resultado de um processo que se exterioriza graças a um estado físico anterior." (1978, p.23)

De acordo com estudos realizados, as causas deste problema são várias e, em primeiro lugar, as buscas são feitas nas funções cerebrais, mais especificamente no sistema límbico, formado pelos lobos temporais e nas estruturas

sub-corticais ou regiões essenciais que comandam não só a agressão, mas também sentimentos como: a ansiedade, o medo, a necessidade de movimento e a sexualidade.

Conforme JOHNSON, "o sistema límbico é composto de uma série de estruturas³ no feixe cerebral superior e no cérebro inferior, intimamente envolvidas no controle e elaboração da maioria do comportamento motivado." (1979, p.54)

Para os anatomistas, o sistema límbico é o conjunto de estruturas, tais como o tálamo, o epitálamo, o hipotálamo, o hipocampo, as amígdalas, o cíngulum e a região do septo, todas importantes no comportamento emocional e agressivo.

De forma simplificada, de acordo com JOHNSON, "(...) o sistema límbico é o substrato neural para o comportamento relacionado à motivação e à emoção, mas sua ação é em parte regulada pelo neocórtex (cérebro novo), que é bastante aperfeiçoado no homem." (1979, p.54)

Sendo assim, reside no sistema límbico os processos de elaboração do comportamento emocional e agressivo e todas essas áreas trabalham de forma integrada.

Ao que tudo indica, "qualquer perturbação do sistema límbico produz sentimentos de ansiedade e comportamentos agressivos, de tal maneira que os conflitos tensionais podem ser influenciados por medicamentos psicotrópicos." Faller citado por CARAM, 1978, p.24)

Devido a sua localização e disposição, muitas experiências tem sido realizadas no sentido de excitar e até mesmo de desconectar o sistema límbico de modo a influenciar de várias maneiras estes sentimentos. Assim, "as experiências

³ "Os nomes das estruturas dentro do sistema límbico foram dados por anatomistas antigos, que escolheram o termo 'limbo' porque ele significa margem e se refere àqueias estruturas que circundam a parte interna de cada hemisfério (...)"

eletrofisiológicas mostram que as vastas zonas do sistema límbico concorrem para criar as variantes da tonalidade afetiva e do comportamento afetivo em geral, no quadro da conservação do indivíduo e da espécie." (Macleay, 1958 citado por CARAM, 1978, p.24)

É o que demonstram as pesquisas realizadas por muitos estudiosos no assunto quando, estimulações elétricas realizadas "(...) em certas zonas límbicas pode-se influenciar todos os órgãos de inervação neurovegetativa, o coração, os vasos, a bexiga, o intestino, a vesícula, a pupila, entre outros, e intervir, por intermédio do hipotálamo, na secreção hormonal da hipófise." (Mason citado por CARAM, 1978, p.24), bem como reações motoras tais como a micção, a defecação, entre outras e com alterações nas posturas determinadas como adequadas.

Por outro lado, as experiências de desconexão em animais como aquelas realizadas em macacos rhesus selvagens e extremamente agressivos, através do trabalho clássico de Klüver e Bucy (1937), demonstram que as lesões bilaterais nos lobos temporais (incluindo as amígdalas e o hipocampo) tornaram esses macacos depois de recuperados com o comportamento exatamente o oposto, ou seja, dóceis e brincalhões. Neste trabalho específico, quando em outra experiência com um leão das montanhas, os pesquisadores constataram que, após terem destruído os dois núcleos amigdalares, o referido animal também demonstrou grande docilidade.

Contudo, ao que tudo indica, no que se refere à agressividade, os resultados são ainda, em parte, contraditórios, pois as reações podem também chegar ao extremo oposto por razões de diferenciação anatômica que ainda não puderam ser bem esclarecidas uma vez que, outros experimentos envolvendo lesões cirúrgicas das amígdalas em gatos, determinaram um comportamento de tal forma explosivo e de uma agressividade a ponto de colocar em risco a própria vida do animal. Por

outro lado, outros pesquisadores realizando o mesmo teste, obtiveram como resultado exatamente o contrário.

Com base nestes exemplos podemos observar que a extensão das pesquisas realizadas pelos experimentadores interessados no substrato neural da agressão têm se concentrado no hipotálamo e que, junto ao hipotálamo, as amígdalas receberam a maior parte da atenção dos pesquisadores, por estarem ambos - hipotálamo e amígdalas - intimamente correlacionados. Inúmeros exemplos poderiam ser relatados com respostas dessa natureza. Porém, merece ser considerado que tais efeitos não implicam necessariamente em resultados divergentes sem ao menos qualquer explicação, o que ocorre é que as amígdalas possuem muitos núcleos e alguns dos quais com funções exatamente opostas, assim como demonstraram os experimentos mencionados.

Sob esse aspecto, CARAM, nos informa que, "é certo que o sistema límbico imprime ao comportamento de defesa seu caráter positivo ou negativo. Entretanto, ignora-se ainda a localização precisa dessas vias de regulação recíproca." (1978, p.25)

Contudo, é muito difícil afirmar que existe um centro agressivo no ser humano porque, além dos mecanismos fisiológicos internos, há que se considerar também os estímulos externos que interferem no comportamento das pessoas e, dependendo das circunstâncias, podem provocar a agressão.

Considerando-se todo um conjunto de fatores, torna-se difícil de se elaborar uma análise completa do comportamento humano. Assim, dizemos que o estudo dos mecanismos fisiológicos envolvem apenas uma parte deste conjunto. Mas, os condicionamentos sócio-culturais, econômicos, dos quais os indivíduos não podem praticamente se afastar, são fatores quase determinantes quando se constata certas

condições que propiciam, de certa forma e, dependendo das condições fisiológicas, comportamentos agressivos.

CARAM enfatiza ainda que:

"o estudo da fisiologia da agressão leva-nos a concluir que existe uma rede complexa de estímulos causais e nenhum deles pode ser tomado inteiramente como causa principal do comportamento agressivo. Mesmo que um processo fisiológico causal possa expressar-se exteriormente como um ato violento, não há nenhuma prova fisiológica de uma estimulação espontânea para a violência cuja origem seja orgânica somente." (1978, p.31)

1.4 A AGRESSIVIDADE E A PSICOLOGIA

Inúmeras são as teorias e definições que tentam explicar a agressividade do homem expressa em seu comportamento. E, pela variedade de teorias a respeito, constatamos a complexidade e divergência do problema, assim como a dificuldade para se elaborar uma síntese levando-se em conta uma visão conjunta do fenômeno.

Segundo CARAM, a preocupação com a vida psíquica do homem vem desde a antiguidade. Foram os gregos os precursores desta temática e quando se referiam à conduta humana, eles a denominavam de "coragem" que era explicada pela dicotomia "razão" e "paixão". Os filósofos gregos afirmavam que existe no homem uma "paixão" interior, impulsão esta que se manifesta diante das adversidades. "Este movimento, espontâneo, revela-se como uma fonte energética de decisão do

homem para se auto-afirmar ante o destino, o sofrimento e a infelicidade." (1978, p.34)

Deste modo, Platão, atribui a virtude da força nos "guardas" como os mais aptos a defenderem a "República" por serem dotados estes desta impulsão que os torna irascíveis e fiéis ao heroísmo, não recuando diante de qualquer obstáculo, nem mesmo diante da morte. Para o filósofo, portanto, essas são pessoas apropriadas para desempenharem relevante função. Seria, em outras palavras, uma impulsão passional - paixão sobrepujando a razão - que para ele seria uma atitude positiva.

Já Aristóteles citado por CARAM, não vê nas atitudes passionais como decisivas. Para ele, tais atitudes seriam uma predisposição natural da virtude da coragem. Seriam as atitudes dos "guardas", por exemplo, antes coragem do que propriamente paixão. O filósofo não enfatiza a impulsão passional. Segundo ele, não é essencial à vida do homem quando afirma que "o homem corajoso pode passar sem ela, graças à motivação racional, à atração exercida pelo belo que se confronta com o perigo e sobretudo com a morte." (1978, p.34)

No entanto, os estóicos realçam a superioridade da razão. Para eles, é só através da razão que o homem sábio pode exercer um controle ou, até mesmo dominar suas paixões.

O pensamento grego vai mais adiante e atinge a sua plenitude em Santo Tomás de Aquino. É na psicologia tomista, portanto, que a coragem aparece como síntese das virtudes de base antropológica no plano humano e cristão.

Já os modernos, sob novas influências - a partir dos trabalhos de Charles Darwin - derivam para outras tendências, ou seja, estabelecem uma aliança entre a "força e a razão" e ainda passam a propagar um quase irracionalismo instintivo. É

importante mencionar aqui que todas as pesquisas seguidas por ele, relacionadas com os instintos têm sido baseadas na sua teoria da evolução da espécie. Mas é com os contemporâneos, mais precisamente com S. Freud e sob a influência das Ciências Humanas que a agressividade vai sofrer uma evolução. Assim, novas perspectivas se abrem para o estudo da agressão através de novos métodos e princípios psicanalíticos com o surgimento de várias teorias. Com isso, o termo agressão vai adquirir uma concepção mais ampla num momento em que a ciência se divide em vários domínios. Através dos princípios psicanalíticos, portanto, verificamos que estes trazem grandes contribuições para explicar fenômenos não só no campo da psicologia e mesmo da psicanálise, como também a outros campos das ciências humanas.

Muitos trabalhos já foram escritos sobre a agressão. Muitos autores de variadas ciências ao tema, se dedicaram. Contudo, a questão da agressividade volta a ser atual, levando-se em conta o crescimento assustador da violência no mundo de hoje. É portanto útil, reavaliar a temática e se possível acrescentar novos elementos ao estudo em referência.

Tal nos parece ser as diversas interpretações de ordem psicanalítica, quando estabelecem uma análise das teorias instintivistas, assim como da corrente dos ambientalistas, como as encontramos em FROMM, por exemplo, as quais não poderíamos deixar de abordar e, ainda, acrescentamos o legado da Antropologia, como fundamentais para a explicação dos fenômenos da agressividade e da violência.

1.5 O CONCEITO DE AGRESSÃO DE FREUD E LORENZ

Em sua obra, "Anatomia da Destrutividade Humana", FROMM, examina os trabalhos referentes à agressão dos dois maiores representantes da teoria instintivista moderna, os neo-instintivistas S. Freud e K. Lorenz, e chama a atenção para uma característica que lhes é comum - a concepção do modelo instintivista em termos hidráulico-mecanicista, isto é, as noções sobre o impulso agressivo tanto de um como de outro, baseiam-se numa espécie de modelo hidráulico, "em analogia com a pressão exercida pela água represada ou com o vapor dentro de um recipiente fechado." (1979, p.43)

Analisar a agressão sob os pontos de vista de S. Freud são por demais complexos para serem examinados num breve resumo como este. Quando nos referimos a ele, reconhecemos a magnitude e a profundidade dos seus tratados. Independente da influência que exerceu e ainda exerce nas comunidades científicas e terapêuticas, sente-se que são trabalhos de difícil compreensão, destinados à especialistas. Ao contrário de K. Lorenz, cuja obra é de caráter mais acessível e impressiona o público de imediato.

A reflexão freudiana sobre as impulsões agressivas precisam ser vistas em duas fases: antes e depois da Primeira Guerra Mundial. No início, S. Freud não deu muita atenção ao fenômeno da agressão "(...) na medida em que ele considerava a sexualidade (libido) e a auto-preservação as duas forças que dominavam o homem." (FROMM, 1979, p.39) É a partir da década de 1920, que S. Freud, reformula seus escritos estabelecendo assim, uma nova dicotomia, a do instinto de vida - Eros e a do instinto de morte - Tanatos. É uma nova fase teórica que ele assim a descreve:

"Começando com especulações sobre a origem da vida e de paralelos biológicos cheguei à conclusão de que, além do instinto para preservar a substância viva, deve haver um outro instinto contrário, que procura dissolver essas unidades e fazê-las retornar ao seu estado primordial, inorgânico. Quer dizer, assim como há Eros, há também um instinto de morte." (citado por FROMM 1979, p.39)

É o instinto de morte que tem como fundamento a lei do contra-prazer em oposição à libido. O instinto de morte, portanto, é dirigido contra o próprio organismo e assim sendo, é uma tendência auto-destrutiva. A este instinto, S. Freud acrescenta as tendências sadomasoquistas que, incorporadas ao superego, formam a agressividade inconsciente, contrária à libido. Esta agressividade é dirigida para fora que, nesse caso, tende a destruir os outros antes que a própria pessoa. FROMM coloca que:

"Apesar de Freud ter sugerido, por várias vezes, que o poder do instinto de morte pode ser reduzido (S. Freud, 1927), a pressuposição básica permanecia: a de que o homem achava-se sob o domínio de um impulso para destruir a si próprio e aos outros, e pouco podia fazer para fugir a essa trágica alternativa. Segue-se que, do ângulo do instinto de morte, a agressão não era essencialmente uma reação a estímulos, mas um impulso de fluxo constante enraizado na constituição do organismo humano." (1979, p.40)

A teoria do instinto de morte, no entanto, não foi aceita pelo grande número de psicanalistas embora, fossem seguidores de S. Freud. Uma explicação para esse tipo de reação talvez se deva ao fato que ele, ao trabalhar com essa dicotomia,

essa nova teoria transcendia ao quadro anterior de referência mecanicista e passa a sustentar um enfoque biológico onde o organismo passa a ser visto como um todo e analisa as fontes biológicas antagônicas, o amor e o ódio.

Embora S. Freud tentasse explicar brilhantemente os impulsos humanos através dessa nova teoria, para os estudiosos dos seus postulados, sua hipótese mostra-se, contudo, inconsistente com o comportamento animal. Apesar da sua teoria apresentar deficiências, há que se reconhecer que ele dera um importante passo à frente deixando para trás um pensamento puramente fisiológico-mecanicista para interpretar os impulsos humanos frente a uma nova teoria.

Como escreve FROMM,

"(...) o instinto de morte é uma força biológica em todos os organismos vivos, isso devia significar, também, que os animais expressam-no contra eles próprios ou contra os outros animais. Consequentemente, devia-se registrar maior índice de doença ou de morte prematura nos animais menos agressivos em direção exterior e vice-versa, mas, é claro, não existem dados que apoiem essa idéia." (1979, p.40)

Para o autor, S. Freud peca quando analisa o fenômeno da agressão quando utiliza o termo "agressão" indistintamente para explicar às mais diferentes espécies de agressão através de um único instinto. Com isso ele obscurece grandemente a análise do fenômeno. De acordo com FROMM,

"uma vez que ele não era, sem sombra de dúvida, behavioristicamente inclinado, podemos admitir que a razão estava em sua tendência geral para chegar a uma conclusão conceitual dualista, na qual duas forças opõem-se uma à outra. Essa dicotomia primeiramente era a que se via entre a auto-preservação e a libido e, mais tarde, a que registrou-se entre os instintos de vida e de morte. Pela elegância desses conceitos, Freud teve de pagar o preço de englobar cada uma das paixões em um dos dois pólos e, em consequência, o de enfeixar tendências que, na realidade, não pertencem à mesma categoria." (1979, p.41)

Até o momento nos dedicamos ao conceito de agressão de S. Freud. Mesmo sofrendo críticas por especialistas no assunto, ele atravessa os tempos e continua sendo muito influente ainda hoje.

A teoria da agressão de K. Lorenz, por outro lado, não é totalmente despida de significados. De bases menos complexas, dizemos que os seus trabalhos, em especial *On Agression* (1966), tornou-se uma das obras mais lidas no campo da Psicologia Social. Desta feita, não é difícil de perceber porque o neo-instintivismo de K. Lorenz foi muito bem sucedido uma vez que

"seu conceito de agressão é sobretudo o de um impulso biologicamente adaptativo, desenvolvido evolucionariamente, que serve à sobrevivência do indivíduo e da espécie. Mas, uma vez que também aplicou o conceito de 'agressão' à volúpia de sangue e à crueldade, e que as guerras são tomadas como tendo suas causas no prazer de matar, a conclusão que se segue é a de que as guerras são causadas por uma tendência destrutiva inata na natureza humana." (citado por FROMM, 1979, p.17)

Esta é uma razão suficientemente forte para se perceber que a referida obra de K. Lorenz sensibiliza o pensamento das pessoas ainda hoje que ao se sentirem impotentes diante de tantas atrocidades, preferem acreditar que tais atitudes

inclusive nossa tendência para a violência seja explicada por fatores biológicos e que estão além do nosso controle do que, provavelmente, que essa tendência esteja relacionada às circunstâncias sociais, políticas e econômicas advindas de situações que nós próprios elaboramos.

Por outro lado, segundo FROMM, esta teoria de uma agressividade inata, de solução simplista, "transforma-se facilmente numa ideologia que ajuda a mitigar o medo daquilo que irá acontecer e a racionalizar o sentimento da impotência." (1979, p.23) De acordo com o autor, existem ainda outros motivos para preferir-se essa teoria, ou seja o de um estudo sério para apontar as causas da destrutividade isto é, uma análise da irracionalidade do nosso sistema social, quando argumenta que:

"Nada menos do que uma análise em profundidade do nosso sistema social pode descerrar as razões para a ampliação da destrutividade, ou apontar os caminhos e os meios para reduzi-la. A teoria instintivista apresenta-se-nos para nos aliviar da árdua tarefa de encetar uma análise dessa natureza. Implica ela que, mesmo que todos nós devamos perecer, poderemos sofrer este destino com a convicção de que a nossa 'natureza' terá forçado em nós essa fatalidade, e que teremos compreendido por que tudo tinha de acontecer como realmente aconteceu." (FROMM, 1979, p.23)

Para K. Lorenz, assim como para S. Freud, a agressividade humana é um instinto alimentado por uma fonte de fluxo ininterrupto de energia, e não necessariamente o resultado de uma reação a estímulos externos. K. Lorenz citado por FROMM sustenta que:

"a energia específica destinada a um ato instintivo acumula-se continuamente nos centros neurais relacionados com esse padrão de comportamento, e, caso se haja acumulado energia suficiente, é possível que ocorra uma explosão, mesmo sem a presença de um estímulo. Todavia, o animal e o homem geralmente encontram estímulos que liberam a energia represada do impulso, não têm de esperar passivamente até que um estímulo adequado apareça." (1979, p.42)

Isso quer dizer, segundo K. Lorenz, que o homem cria mecanismos para encontrar os estímulos para a liberação da energia represada em vez de constituir mecanismos para as causas da agressão. Um exemplo bem palpável são os partidos políticos. Pela competição que se estabelece ou pela disputa eleitoral em si, por exemplo, é comum em reuniões políticas discussões acaloradas ou até mesmo, agressões físicas. Seria esse tipo de atitude, no nosso entendimento, mais a nível do inconsciente do que propriamente uma atitude intencional, ou seja, não se cria partidos políticos com a finalidade de extravasar energias represadas. Ao contrário, por exemplo, da prática de esportes, esta sim pode ser estimulada através de intenções preestabelecidas com o intuito de diminuir tensões e a violência, principalmente entre as camadas mais jovens da população. Sendo a agressão uma força inata, não podemos controlá-la diz o autor. Segundo ele, o que temos a fazer é livrar-nos dela e uma saída socialmente construtiva são as competições de atletismo ou, inclusive, a expressão artística. Ponto de vista esse que não é novo, uma vez que já fora sugerido por William James bem antes de K. Lorenz.

Ainda com referência aos impulsos represados, K. Lorenz defende que, mesmo quando não for encontrado ou produzido estímulos externos, a energia do impulso represado é tão grande que explodirá no vácuo isto é, sem motivo aparente. Uma grande concentração de pessoas, por exemplo, pode propiciar esse tipo de

comportamento agressivo que, segundo ele, são padrões de coordenação motora cujos fatores determinantes são de origem genética. Para o autor, portanto, a agressão não é uma reação dos estímulos externos. Ela é, antes de tudo, fruto de uma excitação "elaborada internamente" que vai ser liberada independentemente dos estímulos externos. "É a espontaneidade do instinto que o torna tão perigoso." (citado por FROMM, 1979, p.43)

Como já havíamos nos referido anteriormente, o modelo de agressão de K. Lorenz, bem como o da libido de S. Freud, têm sido chamado de modelo hidráulico que é o mecanismo através do qual produz-se a agressão. Porém, além dessa base de sustentação, a teoria de K. Lorenz citado por FROMM, ainda é sustentada pela idéia "de que a agressão está a serviço da vida, de que serve à sobrevivência do indivíduo e à da espécie." (1979, p.43) Num sentido mais amplo, a agressão intra-específica (agressão entre os membros de uma mesma espécie) têm como função a preservação da espécie. Porém, o autor mesmo admite, que esse mesmo instinto responsável pela sobrevivência animal, não corresponde para o comportamento humano; tornou-se este "grotescamente exagerado" e no caso do homem, passou a "funcionar descontroladamente", significando que houve uma alteração nos rumos do esperado, ou seja, a agressão vista como uma ajuda à sobrevivência, tornou-se uma ameaça.

Segundo FROMM, K. Lorenz parece não ter se mostrado satisfeito com as suas explicações ao se referir a agressão humana e assim procura acrescentar uma outra interpretação além do campo da Etologia e, para justificar a agressividade humana, mantém o caráter inato da agressão como consequência de um processo de seleção intra-específica, já manifestado pelos nossos ancestrais durante mais ou menos 40.000 ou 50.000 a.C., sendo as guerras o fator

influenciador entre as tribos vizinhas hostis. Essas guerras, segundo ele, evoluíram de tal maneira que ultrapassaram as chamadas "virtudes guerreiras" que, para os defensores da guerra, são idéias que não podem ser desprezadas, muito pelo contrário, são necessárias. Portanto, "a lógica do pressuposto de K. Lorenz é a de que o homem é agressivo porque ele foi agressivo, e ele foi agressivo porque é agressivo." (1979, p.44)

No entanto, para alguns estudiosos desta temática, como é o caso de FROMM em sua obra já mencionada e base de nossa análise, o raciocínio genético de K. Lorenz para explicar a agressividade humana é passível de dúvidas. Assim argumenta FROMM:

"Se uma determinada peculiaridade tiver de apresentar uma vantagem seletiva, esse fato deve basear-se na maior produção de crias férteis dos propagadores dessa característica. Mas, tendo em vista a probabilidade de uma perda mais alta dos indivíduos agressivos nas guerras, não há certeza de que a seleção pudesse contar para a manutenção de uma alta incidência dessa característica. Na verdade, se essa perda fosse considerada uma seleção negativa, a frequência do gene devia diminuir. Efetivamente, a densidade da população nessa época era muitíssimo baixa, e para muitas das tribos humanas, depois da completa irrupção do 'Homo sapiens', havia pouca necessidade de competir e de guerrear-se uns aos outros em busca de alimento e espaço." (1979, p.44)

A teoria da agressão de K. Lorenz, segundo FROMM, é pois, sustentada em dois elementos básicos. Em primeiro lugar, tanto os animais como o homem são dotados de agressão reservada à sobrevivência do indivíduo conseqüentemente, da espécie. O segundo elemento se baseia numa espécie de modelo hidráulico da agressão represada que "é usado para explicar os impulsos assassinos e cruéis do

homem (...)" (1979, p.45) Embora seja este um modelo extraordinário, existe pouca evidência convincente para apoiá-lo.

Contudo, em oposição à K. Lorenz, Tinbergen (1968) citado por FROMM, assim exprime o problema da agressão:

"Por um lado, o homem é aparentado com várias espécies de animais, dado que entra em conflito com a sua própria espécie. Mas, por outro lado, ele constitui, dentre as milhares de espécies que se entregam à luta, a única para quem o ato de lutar é destruidor (...) O homem compõe a única espécie que assassina em massa, o único elemento desajustado no seio da sua própria sociedade. Por que será que isso acontece?" (1979, p.45)

Ao examinarmos as teorias dos dois mais conhecidos teóricos do instinto – S. Freud e K. Lorenz, pudemos verificar as semelhanças entre as respectivas teorias, assim como suas diferenças. Tanto para um como para outro têm em comum a conceituação hidráulica da agressão, porém a origem do impulso é explicada de forma diversa por ambos. Em outro aspecto, S. Freud apresenta como hipótese um instinto destrutivo o que K. Lorenz não concorda por razões biológicas. Para este último, portanto, o impulso agressivo serve à vida, enquanto que o instinto de morte de S. Freud serve à morte. Assim sendo,

"(...) a conclusão a que chega Lorenz de que o homem é conduzido por uma força inata para destruir é, para todas as finalidades de ordem prática, a mesma de Freud. Freud, contudo, vê o impulso destrutivo oposto pela força igualmente potente de Eros (vida, sexo), enquanto que para Lorenz o próprio amor é o produto do instinto agressivo." (FROMM, 1979, p.46)

Outro aspecto importante que deve-se levar em conta no que se refere as divergências de ambos os teóricos em questão na análise interpretativa da agressão, é que S. Freud foi um exímio estudioso do homem, conseqüentemente, um observador metuculoso do seu comportamento e das várias manifestações de seu inconsciente, enquanto que K. Lorenz, é um observador dos animais, principalmente dos inferiores. No entanto, tanto a teoria de um como a de outro, embora importantes do ponto de vista científico não apresentam comprovações suficientes para justificar plenamente suas teorias. Diante disso, já que outras explicações podem ser consideradas, FROMM procura encontrar outras interpretações através dos Ambientalistas na tentativa de explicar o comportamento humano e, ainda, acrescentamos a importância do legado da Antropologia.

1.6 OS AMBIENTALISTAS E O LEGADO DA ANTROPOLOGIA

Toda a discussão sobre maior ou menor agressividade do homem já vem de longa data. Os Ambientalistas, por exemplo, defendiam a tese onde "o comportamento do homem é moldado apenas pela influência do meio-ambiente, ou seja, por fatores sociais e culturais, enquanto opostos aos fatores 'inatos'."(FROMM, 1979, p.63) Em outras palavras, para os Ambientalistas, tirando os fatores ambientais, o homem não é um ser fundamentalmente agressivo.

Teses semelhantes foram defendidas pelos Iluministas do século XVIII como Jean Jacques Rousseau (1712-1778), que já discutiam a temática sobre a bondade

humana. A filosofia do Iluminismo iniciada na Inglaterra por volta de 1680, teve sua manifestação suprema na França. Acreditavam aqueles filósofos, com exceção de Rousseau⁴, que a sabedoria estava fundada na razão. Só assim, o homem poderia atingir a plenitude de uma vida melhor. O homem, afirmavam os Iluministas, não é congenitamente ruim, mas é levado a cometer atos de crueldade por influência dos detentores do poder. Em outras palavras, os Iluministas partiam do princípio de que o homem é bom, mas a sociedade ou uma instituição distorcida torna-o mau ou predisposto à agressividade.

Dentre as contribuições anotadas enquanto fundamentos explicativos da agressividade, o conceito de cultura elaborado pela Antropologia, também merece atenção.

O conceito de cultura, no geral, representa a totalidade de realizações efetivas de um povo. Desse modo, o referido conceito afasta-se da forma comum de se encarar a cultura, subentendida como significando erudição ou saber. Assim, um homem culto é aquele que tem um vasto cabedal de conhecimentos, fala diversas línguas, conhece filosofia e outros campos do conhecimento. Em Ciências Sociais, o termo cultura adquiriu uma forma conceitual e, portanto, com um significado mais profundo.

O conceito de cultura, com o sentido que tem hoje, surgiu no interior da Antropologia e tornou-se a base teórica da assim denominada Antropologia Cultural a partir, principalmente, do século XIX.

Com efeito, foi a partir da época dos chamados descobrimentos, que os europeus entraram em contato com uma imensa variedade de povos com hábitos de

⁴ Embora o anti-racionalismo de Rousseau não tivesse defendido as teorias do Iluminismo, de um modo geral, concordava com as concepções filosóficas daquele movimento.

vida e costumes os mais diferenciados. Povos vivendo praticamente na Idade da Pedra, tirando a sua subsistência da caça e da coleta. Outros com sociedades altamente civilizadas que surpreendiam os conquistadores como os impérios americanos dos Incas, Maias e Astecas. Essa rica variedade de modos de vida ampliou-se significativamente, quando, os europeus no século XIX, conquistaram a África e submeteram os povos ali existentes ao seu domínio. A partir daí não só a Antropologia firmou-se como ciência, ensinada inclusive nas universidades, como, também, elaborou-se o conceito de cultura, esquema teórico necessário para dar conta e poder interpretar a rica diversidade cultural existente nos diversos continentes. Procedeu-se, por meio de muitos estudos, o mapeamento e catalogação dos mais variados povos espalhados pela terra com designações específicas, fartamente encontrada na literatura antropológica: cultura alemã, francesa, guarani, tupinambá, mapuche, massai, entre outras.

Dos comentários anteriormente realizados, pode-se concluir, portanto, que a cultura é uma característica básica do gênero humano e que indistintamente todos os povos a possuem, independente da soma de conhecimentos já adquiridos. No interior da Antropologia e em todos os campos das Ciências Sociais encontramos diversas definições para o termo cultura. CABRAL, em sua obra, "Cultura e Folclore", apresenta as seguintes:

"- Edward B. Tylor: A cultura é um todo complexo que inclui os conhecimentos, as crenças, a arte, a moral, as leis, os costumes e todas as demais disposições e hábitos adquiridos pelo Homem, como membro de uma sociedade.

- Melville J. Herskovits: Cultura é aquilo que, em o meio, é devido ao homem – 'é o modo de vida de um povo' – 'é o elemento derivado do comportamento humano'.

- Robert Lowie: Cultura é o conjunto de tradições sociais.
- Ralph Linton: Cultura é a herança social.
- Emílio Willems: Cultura é um sistema de idéias, conhecimentos, técnicos e artefatos, de padrões de comportamento e atitudes que caracteriza uma determinada sociedade.
- Edward Sapir: A palavra cultura é usada tecnicamente pelo etnólogo e pelo historiador da cultura para abranger qualquer elemento socialmente herdado na vida material e espiritual do homem.
- Franz Boas: A cultura pode ser definida como a totalidade das reações e atitudes mentais e físicas que caracteriza a conduta dos indivíduos, compondo, coletiva e individualmente, um grupo social, em relação ao seu 'habitat' natural, a outros grupos, a membros do próprio grupo e de cada indivíduo em si mesmo.
- Gilberto Freyre: Cultura é a soma de atividades, de estilos de vida, de materiais elaborados por um grupo humano. Inclui invenções, instrumentos, todo o equipamento material do grupo; inclui ainda fatores imateriais como a língua, a arte, a religião." (1954, p.37)

As definições transcritas, permitem algumas generalizações. Em primeiro lugar, tal capacidade em elaborar elementos culturais, sempre em processo de transformação e crescimento é que distingue o homem de outros animais. Estes, por mais aperfeiçoados que sejam as suas sociedades como as dos grandes macacos, abelhas ou formigas, não têm condições de alterar as suas condutas e nem as formas de organização social que permanecem sempre as mesmas, independente do fator tempo. Em sua luta pela sobrevivência os animais utilizam muito mais os seus equipamentos instintivos do que o homem. Na verdade, a cultura é um patrimônio insubstituível das sociedades humanas e como muito bem acentuou Edward B. Tylor, esta é adquirida e nunca repassada a um indivíduo ou grupo social, por intermédio de mecanismos genéticos ou de hereditariedade.

Um indivíduo, independente de seu equipamento biológico, em tudo semelhante a outros indivíduos naquilo que é o básico, é sempre produto de uma determinada cultura que o condiciona, que sempre lhe oferece os meios necessários à sua sobrevivência, permite-lhe estabelecer relações sociais concretas e lhe dá, através de complexos sistemas de crenças, conforto espiritual.

O condicionamento cultural determina para os indivíduos, segundo o antropólogo LARAIA, "o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura." (1989, p.70)

É neste contexto que a Antropologia procura oferecer sugestões sobre a agressividade humana. Se como vimos, a cultura é a base da socialização dos indivíduos, o comportamento agressivo só pode ser subentendido dentro de um universo cultural específico. Em síntese, o que define uma sociedade mais ou menos agressiva são os padrões culturais de um determinado grupo social.

Uma cultura específica, por exemplo, pode transmitir valores mais ou menos agressivos. Numa sociedade em que vizinhos belicosos ameaçam a sua estabilidade ou sobrevivência pode estabelecer esquemas valorativos onde a agressividade de seus membros passa a ter, no universo cultural daquela comunidade, uma carga maior de positividade. Assim, no âmbito do conceito de cultura a agressividade ou violência pode ser resolvida por critérios culturais. Uma sociedade que enfatiza a brandura de seus atos, terá entre os seus membros uma postura não agressiva. E, numa sociedade onde se exalta o contrário, teremos membros belicosos ou predispostos para a luta e o combate.

Em sua obra já citada, FROMM, no Capítulo VIII, descreve com riqueza de detalhes exemplos culturais de sociedades agressivas e de universos culturais não agressivos.

Os Manus, citado pelo autor, constituem um exemplo de sociedade não-agressiva. "Os Manus não são essencialmente violentos, destrutivos ou sádicos, nem são perversos ou traiçoeiros." (1979, p.237) Vivem na Ilha do Almirantado (?) e dedicam-se à pesca constituindo suas casas sobre estacas. Vivem da troca com seus vizinhos e conseguem com isso os produtos manufaturados que não fabricam. Gostam de viver do sucesso pessoal e quase não toleram o fracasso. É vergonha para eles ficarem endividados. Possuem um grande respeito pela propriedade privada, pela eficiência física e pela vergonha.

As regras de casamento são rígidas, em tudo se assemelhando aos valores da classe média européia do século XIX. Geralmente a vida dos adolescentes entre os Manus é cheia de compensações. Os rapazes vivem uma vida de lazer, são alegres e de divertimentos ruidosos. Após o casamento do jovem, suas energias são canalizadas para a formação do seu patrimônio, de tal sorte que sentimentos como ódio, por exemplo, é bloqueado.

Já os Debuanos, o outro exemplo oferecido por FROMM, vivem num processo cultural quase que diametralmente oposto. De início, o que chama a atenção é a sua periculosidade. Vivem mais ou menos em círculos concêntricos, no interior dos quais registram-se formas de hostilidade específicas.

As relações sociais entre os Debuanos caracterizam-se por forte desconfiança de qualquer pessoa passando a considerá-la, eventualmente, como um virtual inimigo. Nem mesmo relações matrimoniais apaziguam as relações entre

a família do noivo e da noiva, a tal ponto que o relacionamento entre parentes ser marcado pela hostilidade muitas vezes flagrante.

Os Debuanos, a exemplo dos Manus, também cultivam a propriedade privada e acreditam nos poderes de bruxas malignas. A propriedade privada é um valor tão marcante naquela sociedade que sua defesa é marcada pela ferocidade e brutalidade.

Toda a existência de um Debuano é determinada pela competição encarniçada e as vantagens quase sempre são conseguidas sobre o rival vencido.

Pelo visto, a posição da Antropologia oferece contribuições importantes na análise da temática que ora estamos a discutir.

1.7 AS VÁRIAS FORMAS DE VIOLÊNCIA DE FROMM

Já que a agressão não ocorre por si mesma, ela não é um fato isolado a não ser quando a pessoa atenta contra a própria vida. Geralmente a agressão se manifesta contra um indivíduo ou, contra grupos de indivíduos ou ainda, contra uma comunidade inteira. Sob esse aspecto, a agressão se torna num ato de violência ou pode se caracterizar em violência generalizada.

A violência como fenômeno complexo de análise é sublinhada muito bem por FROMM que determina, inicialmente, aquelas formas de violência que considera mais ou menos benigna no sentido que servem, direta ou indiretamente, a serviço da vida. Quanto a esses vários tipos de violência, o referido autor estabelece as seguintes:

a) VIOLÊNCIA RECREATIVA

É o tipo de violência que não visa a destrutividade. Tem como objetivo maior a exibição de habilidade. Como exemplo, podemos citar certas práticas de jogos. Para FROMM, "é a forma mais normal e não-patológica de violência." (1981, p.25) Mesmo que ocorra uma fatalidade, ou que exista agressão e destrutividade inconscientes por trás da lógica explícita de determinados jogos, acima de tudo está a demonstração de perícia o que não caracteriza destrutividade.

b) VIOLÊNCIA REATIVA

É a forma mais freqüente de violência. Sustentada no medo, de caráter defensivo, é por natureza diferente daquela que visa a destruir por prazer. É a forma de violência que serve à função biológica em defesa da vida. Ainda que eventualmente os indivíduos tenham que fazer uso da violência, como atender necessidades e desejos oriundos de frustração⁵ (FROMM, 1981, p.25) e, em situações extremas como matar em defesa própria, tais ações se justificam por implicarem numa agressão a serviço da vida, não da morte.

⁵ "Como a frustração de necessidades e desejos tem sido um acontecimento quase universal na maior parte das sociedades até hoje, não há razão para surpreender-se de serem constantemente produzidas e demonstradas violências e agressões."

c) VIOLÊNCIA VINGATIVA

Neste caso, a violência não tem função defensiva. É a forma de violência que torna a vingança um meio necessário para reparar uma perda, para restaurar a auto-estima quando abalada por ofensas, desapontamentos, etc. O exemplo clássico é a *lex talionis* – "olho-por-olho" - do Velho Testamento. Ela ocorre quando o mal é constatado. Este tipo de violência se projeta com grande intensidade e é, freqüentemente, cruel e insaciável. A própria expressão "sede de vingança", muito difundida traduz bem esse gênero de violência. Ela acha-se amplamente disseminada tanto entre indivíduos como entre grupos de indivíduos primitivos e civilizados.

d) VIOLÊNCIA COMPENSATÓRIA

Este é o tipo de violência que mais se aproxima das formas seriamente patológicas e malignas de destrutividade as quais abordaremos na próxima etapa. Originária da impotência, ela serve para suprir a falta desta. Como o próprio FROMM se refere, esta forma de violência é a "dos aleijados, daqueles a quem a vida negou a capacidade para qualquer expressão positiva de seus poderes especificamente humanos. Precisam destruir justamente por serem humanos, pois ser humano significa transcender a natureza da coisa, do objeto." (1981, p.33)

Resultante de uma espécie de vida deturpada, da vida não vivida, ela até pode ser recalcada por castigo, medo, ou até mesmo desviada por espetáculos e divertimentos os mais diversos. Porém, permanece como potencial e se manifesta assim que as forças supressoras se enfraquecem.

Das diferentes formas de violência apresentadas pelo autor, esta é a mais patológica e, como ele próprio assinala,

"somente quando se tem plena experiência da intensidade e freqüência da violência destrutiva e sádica em indivíduos e em massas pode-se entender que a violência compensatória não é algo superficial, o resultado de más influências, maus hábitos, e assim por diante. É, no homem, um poder tão forte e intenso quanto seu desejo de viver. É tão intenso exatamente por constituir a revolta da vida contra o fato de ver-se invalidada, o homem possui um potencial de violência destruidora e sádica por ser humano, por não ser uma coisa, e por ter de tentar destruir vida se não pode criá-la. O Coliseu em Roma, no qual milhares de pessoas impotentes obtinham seu prazer máximo ao ver homens sendo devorados por feras ou matando-se uns aos outros, é o grande monumento ao sadismo." (1981, p.34)

d) VIOLÊNCIA ARCAICA – "SEDE DE SANGUE"

É aquela praticada pelo indivíduo que mantém plenamente seu vínculo com a natureza, isto é, suas possibilidades de evolução são praticamente nulas.

A busca de uma solução para a vida está alicerçada na sua paixão para matar que é uma forma de transcender a vida. O indivíduo nestas circunstâncias,

"tem medo de progredir e de ser completamente humano (...) No homem que busca uma solução para a vida regressando a um estado de existência pré-individual, virando animal e assim se livrando do fardo da razão, o sangue torna-se a essência da vida; derramar sangue é sentir-se vivo, ser forte, ser ímpar, ser acima dos outros. (...) matar tanto quanto se pode, e, quando a vida da pessoa estiver assim saciada com sangue, ela estará pronta para ser morta. Nesse sentido, matar não é intrinsecamente amor à morte. É afirmação e transcendência da vida no plano da mais profunda regressão." (1981, p.35)

1.8 AGRESSÃO MALIGNA: NECROFILIA⁶

Até o momento discutimos formas de violência e agressão capazes de serem consideradas mais ou menos benignas por servirem, de uma forma ou de outra, a serviço da vida. Em oposição a estas, o autor em referência trata de casos seriamente patológicos orientados contra a vida, quais sejam, a necrofilia, o narcisismo e a fixação simbiótica à mãe. Contudo, devido a complexidade inerente ao tema, trataremos tão somente do problema da necrofilia e de forma suscinta dentro das possibilidades que dispomos. Antes, porém, de tratarmos propriamente da necrofilia, situamos o seu oposto a biofilia, cuja essência é o amor à vida. Os princípios fundamentais dessa orientação se manifestam na tendência de todos os seres vivos para viverem e preservarem sua existência.

Em contraste com o amor à vida, temos a necrofilia que, textualmente, significa "amor aos mortos." As informações que normalmente se obtém a respeito da necrofilia partem fundamentalmente de dois fenômenos básicos. De um modo geral, o termo é aplicado àquelas pessoas que demonstram uma atração sexual mórbida pelos cadáveres (necrofilia sexual), bem como àquelas que possuem desejo de tocar, de se aproximar e observar cadáveres (necrofilia não-sexual).

⁶ "O vocábulo grego 'nekros' significa cadáver, o corpo morto, os habitantes do mundo dos infernos. Em latim, 'nex', 'necs' significa morte violenta, assassinato. De um modo bastante claro, 'nekros' não se refere à morte mas aos mortos, ao corpo morto e ao corpo assassinado (cuja morte, ao que parece, distinguiu-se da morte natural). 'Morrer', 'morte' tem um outro significado diferente. Não se refere ao corpo morto mas ao ato de morrer. Em grego, 'thanatos'; em latim, 'mors', 'mori'. As palavras 'morrer' e 'morte' remontam à raiz indo-germânica 'dheu', 'dhou'. FROMM, Erich. **A Anatomia da Destrutividade Humana**. Trad. de Marco Aurélio de Moura Matos. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p.435.

No entanto, o significado do termo é de uma extensão bem maior do que essas duas espécies de fenômenos. No caso, estamos nos referindo a uma paixão enraizada ao caráter, em cuja base as suas manifestações são, por assim dizer, amplas e diversificadas. Nestes termos, procuraremos elaborar algumas apreciações com o fim de identificar melhor o caráter necrófilo de muitos indivíduos e que passa despercebido e, por isso mesmo, difícil de identificar. A esse respeito, muitos autores afirmam que "a necrofilia é muito mais freqüente do que se supõe em geral." (FROMM, 1979, p.436)

São muitos os aspectos a serem considerados que relacionam pessoas com orientação necrófila. Procuraremos apontar alguns deles de forma bem resumida. Assim, FROMM nos relata atitudes que caracterizam uma pessoa necrófila. Afirma o autor:

"a pessoa com orientação necrófila é a atraída e fascinada por tudo o que não é vivo, tudo o que está morto: cadáveres, decomposição, fezes, sujeira. Necrófilas são as pessoas que gostam de falar de doença, de enterros, de morte. Enchem-se de vida justamente quando podem falar de morte. (...) São frios, distantes, devotos da 'lei e da ordem'. Seus valores são exatamente o inverso dos que ligamos à vida normal: não a vida, porém a morte, é que os excita e satisfaz. Característica do necrófilo é sua atitude para com a força. (...) a pessoa necrófila ama tudo o que não cresce, tudo o que é mecânico. É impelida pelo desejo de transformar o orgânico em inorgânico, de aproximar-se da vida mecanicamente, como se todas as pessoas vivas fossem coisas. Todos os processos, sentimentos e pensamentos vivos são transformados em coisas. Memória em vez de experiência, ter ao invés de ser, é o que interessa." (1981, p.41-4)

Considerando essas características, o que descrevemos, acreditamos poder nos auxiliar a reconhecer as paixões que motivam determinadas pessoas a

comportarem-se como comumente o fazem. Porém, não cabe aqui examinar as condições tanto de ordem fisiológica interna e mesmo as próprias condições externas responsáveis por comportamentos dessa natureza considerando que o conceito do tipo necrófilo não é tão simples de ser formulado. O que queremos dizer é que, na maioria das pessoas as tendências biófilas e necrófilas acham-se presentes e se misturam. Mas, o mais importante disso tudo é saber qual das duas tendências predomina a ponto de determinar o comportamento dos indivíduos.

1.9 A NATUREZA HUMANA: BOA OU MÁ

Esta é, pois, uma questão polêmica. Muitos são os que afirmam que o homem é bom em oposição aos que consideram o homem mau por natureza, assim como existem aqueles que sustentam com suficiente convicção que o homem é ao mesmo tempo, bom e mau. Existem ainda os que defendem a seguinte tese: o homem não é nem uma coisa nem outra. O que determina suas atitudes são as circunstâncias as quais ele é submetido.

Tais afirmações não passam de especulações puramente subjetivas a respeito da natureza do homem. Analisando atentamente essas alternativas, uma outra questão conduz-nos a seguinte reflexão: a natureza ou essência do homem. Se ela existe ou não, eis uma questão que será vista através de duas hipóteses antagônicas, ou seja, a que afirma que o homem é dotado de uma essência e a outra, que nega essa possibilidade.

Para a maioria dos filósofos gregos, a natureza do homem ou aquilo que constitui a sua essência era evidente, isto é, concordavam, de um modo geral, que essa essência existe em virtude da qual o homem é homem ou, algo que o diferencia dos animais, um ser racional, um animal social, etc. Com o passar do tempo, essa forma de pensar começa a ser questionada.

No período da Renascença, Maquiavel citado por BURNS, encarava a natureza humana com certo cinismo. Afirmava ele que "todos os homens são movidos exclusivamente por interesses egoístas, em particular pela ambição de poder pessoal e prosperidade material." (1971, p.413)

Shakespeare, num outro instante de sua vida passou a desconfiar da natureza humana.

René Descartes (1596-1650) citado por BURNS, um dos pais do movimento filosófico dominante do século XVII, além de racionalista deve-se-lhe também, em parte, a introdução do conceito de um universo mecanicista. Para ele, os animais e os homens pertencem ao mesmo plano mecanicista geral. "O mundo físico é um só. O comportamento dos animais e as reações emotivas dos homens decorrem automaticamente de estímulos internos e externos." (1971, p.547) Entretanto, reconhecia que o homem se distingue dos demais animais pela sua capacidade de pensar.

Posteriormente, o Iluminismo (século XVIII), um dos movimentos históricos mais importantes exerceu profundas influências não só no pensamento dos homens, bem como em orientar suas ações.

Dentre as concepções fundamentais da filosofia do Iluminismo, extraímos a seguinte:

"Não existe pecado original. O homem não é congenitamente depravado, mas levado a cometer atos de crueldade e de baixeza por padrões intrigante e déspotas belicosos. A infinita perfeitabilidade da natureza humana, e portanto da própria sociedade, seria facilmente exequível se os homens tivessem a liberdade de seguir as diretrizes da razão e dos instintos inatos." (BURNS, 1971, p.550)

Esse enfoque histórico é reforçado pelo relativismo antropológico, ao afirmar que o homem não é mais do que o resultado de padrões culturais que o modelam e, conseqüentemente, regulam seus procedimentos. Contudo, os argumentos de ambas as hipóteses talvez não sejam de todo convincente, mas não deixam de constituir um esforço desse mesmo homem na busca incessante para o entendimento da sua natureza. Essa inquietação o acompanha desde a sua origem e os caminhos percorridos até então colidem num único obstáculo, definir a natureza do homem.

O próprio FROMM, admite a dificuldade de se elaborar uma definição satisfatória para essa temática. Para o autor, a solução para esse dilema não é tão simples. Deve-se levar em conta dois problemas. Em primeiro lugar, se admitirmos certa substância como o componente que explica a sua essência, estaríamos aceitando uma posição não-evolutiva do homem, desde o seu aparecimento. Em segundo lugar, se admitirmos o contrário, optamos pelo conceito evolutivo, isto é, passamos a acreditar que o homem está constantemente mudando mas, ainda assim, como escreve FROMM, "esse dilema não é solucionado por 'definições' do homem como a de ser ele um animal político (Aristóteles), um animal capaz de prometer (Nietsche) (...)" (1981, p.129), são definições segundo o autor, que exprimem qualidades essenciais do homem e não se referem à sua essência.

Para solucionar esse impasse, segundo o autor, o homem está sujeito a uma "contradição inerente à existência humana." (1981, p.129)

Assim, no nosso entendimento, o homem não é bom nem mau, ele está sujeito a um processo de contradições sociais. Não há, portanto, uma natureza humana específica porque, se acreditarmos nela, reduziremos suas possibilidades de evolução. Nessa perspectiva, encontra-se duas soluções, a arcaica e regressiva e a progressiva ao problema da existência humana. Quanto a primeira, FROMM escreve: "Se o homem quer encontrar unidade, se quer libertar-se do temor à solidão e incerteza, pode experimentar voltar para o lugar de onde veio - a natureza, a vida animal, ou seus ancestrais. Pode tentar descartar-se daquilo que o torna humano e no entanto o tortura, sua razão e percepção de si mesmo." (1981, p.131)

E, quanto a segunda ou solução progressiva, seria "a de encontrar uma nova harmonia, não pela regressão, mas pelo pleno desenvolvimento de todas as forças humanas, da humanidade dentro de cada um." (1981, p.132) Em síntese, duas possibilidades apresentam-se ao homem. Ele pode escolher entre uma e outra, regredir ou avançar. "Mas não se pode negar que todo homem avança na direção por ele escolhida: a da vida ou da morte, a do bem ou do mal." (1981, p.24)

CAPÍTULO 2

O FENÔMENO DE URBANIZAÇÃO:

O CRESCIMENTO URBANO E MARGINALIDADE SOCIAL

Um mendigo, por Honoré de Balzac citado por GUIMARÃES:

"Há invencíveis necessidades, porque, enfim, a sociedade não dá o pão a todos aqueles que têm fome; e quando eles não têm nenhum meio de ganhar o pão, que quereis que eles façam? A política já previu que no dia em que a massa dos desgraçados for mais forte do que a dos ricos o estado da sociedade se organizará de outro modo?" (1981)

Centraremos nossas análises preliminares sobre a violência em torno das grandes cidades na época presente para, em outro momento, focalizarmos a nossa atenção na cidade de Florianópolis, ou Cidade de Porte Médio (CPM) e Municípios vizinhos, mais precisamente em São José, Palhoça e Biguaçu que é o objetivo principal do nosso trabalho.

A cidade, muito principalmente os grandes conglomerados urbanos, são os cenários onde se desenvolvem os principais dramas contemporâneos mas, é a própria cidade um fator básico do desencadeamento da violência, como poderemos observar mais adiante. O processo urbano evoluiu com o passar dos tempos ou através de um lento processo histórico até alcançar a explosão urbana de nossos tempos.

Para entendermos o fenômeno de urbanização, fenômeno este tão significativo na época atual, torna-se necessário ressaltar a importância das cidades desde o momento em que surgiram, como fio condutor para uma melhor compreensão do modo de vida urbano, ou melhor ainda, do modo de vida metropolitano, bem como de suas tendências.

Entender a importância e a complexidade da cidade neste contexto, força-nos uma volta as suas origens.⁷

⁷ "A rigor, não há como definir 'cidade'. As cidades, fruto de civilizações, culturas e sistemas econômicos distintos, são formadas em condições históricas diferentes umas das outras. Para cada época ou situação histórica, há uma consciência comum do que significa e representa a cidade. Pelos padrões contemporâneos, dificilmente se poderia chamar cidades as grandes aglomerações 'urbanas' das civilizações passadas, como Babilônia, Atenas ou Roma. Para Pierre George (...), 'não se deve procurar uma definição para a cidade'. Segundo esse geógrafo, a sua grande variedade de formas e modos de realização não lhe permite a elaboração de uma definição abrangente e universal. A análise e consideração dos modos e necessidades específicos e próprios de cada cidade é que ajudariam a esclarecer a questão. Os homens não se agrupam universalmente sob as mesmas formas e para os mesmos fins. As cidades das economias pós-industriais da Europa ocidental ou dos EUA não são idênticas às das economias agrícolas dos países do Oriente Próximo. Existiriam, assim, tipos de cidades correspondentes a cada forma de economia: a) cidades de economia rural, que seriam pequenos mercados que, por vezes, assumiriam também função defensiva, administrativa ou religiosa; b) cidades comerciais, que teriam surgido do desenvolvimento do intercâmbio comercial na Antigüidade, Idade Média, ou mesmo na época moderna; c) cidades comerciais e industriais, que seriam as oriundas da Revolução Industrial e da expansão do capitalismo; d) cidades de colonização, que teriam resultado das necessidades de expansão econômica dos países da Europa nos séculos XIX e XX; e) cidade socialista, que englobaria as áreas urbanas dos países da Europa oriental e a URSS. Essa classificação, todavia, como outras, ainda é muito rígida. Na verdade não existem tipos puros de cidades dentro de cada categoria." **Enciclopédia Mirador Internacional**. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1995. p.11.215. Vol. 20.

A cidade, contudo, não é uma novidade na História. Ao retrocedermos no tempo, temos como ponto de partida a Antigüidade tendo em vista que, até então, o que se identifica no período anterior a este, foi todo um processo evolutivo para a formação da cidade propriamente dita.

Assim, SPOSITO, em "Capitalismo e Urbanização", levanta esta questão quando se refere às cidades desde as suas origens e trajetórias até nossos dias, destacando que: "(...) a cidade de hoje, é o resultado cumulativo de todas as outras cidades de antes, transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim produzidas pelas transformações sociais ocorridas através dos tempos, engendradas pelas relações que promovem estas transformações." (1994, p.11)

Segundo os historiadores de um modo geral, as primeiras cidades surgiram na Mesopotâmia por volta de 3.500 a.C., expandindo-se posteriormente para o vale do Rio Nilo e daí por diante. Vale destacar a importância geográfica para o seu desenvolvimento. É a partir da Mesopotâmia, portanto, que se dá a difusão do fato urbano, ou seja, o desencadeamento da urbanização para o antigo Egito e outras partes do mundo. Nesse processo evolutivo das cidades, não poderíamos deixar de nos referir às cidades da antiga Grécia, ou melhor, as cidades-estados, aproximadamente em 800 a.C., como a mais famosa unidade de sociedade política desenvolvida pelos gregos e que se espalharam por quase todo o mundo helênico. Entretanto, as mais conhecidas foram Atenas, Esparta, Tebas, Mileto, entre outras.

Por outro lado, independente desse processo inicial de urbanização, observa-se o surgimento de cidades no continente americano, por volta de 500 a.C. Os povos Maias, Astecas, e Incas, criaram condições necessárias à urbanização pelos modos de vida que desenvolveram.

Contudo, de acordo com SPOSITO em sua obra já citada, ao se referir ao fenômeno de urbanização na Antigüidade, salienta que:

"O Império Romano é sem dúvida o melhor exemplo de expansão da urbanização na Antigüidade, por conta de um poder unificado. A vitória dos romanos sobre os gregos da Itália e Sicília, e a anexação dos impérios cartaginês e helenístico, permitiram a aproximação e o aperfeiçoamento dos sistemas econômicos e administrativos já desenvolvidos por estes povos." (1994, p.22)

Entretanto, esse processo de urbanização vai sofrer um declínio com a queda do Império Romano, inclusive, com o desaparecimento de muitas pequenas cidades do Império. É preciso considerar que neste período, muitos avanços foram alcançados em termos de uma organização social, política e econômica das cidades resultantes do processo de urbanização que passa a ser verificado e que, no período medieval entra em decadência com o desaparecimento da vida urbana no século VIII. Este retrocesso histórico é esclarecido por PIRENNE, ao fazer uma análise interpretativa dos fatos que ocasionaram esse processo de recuo: "Materialmente, subsistiram as cidades, porém perderam sua população de artesãos e comerciantes e, com ela, tudo quanto conseguira permanecer da organização municipal do Império Romano." (1963, p.45)

O que resta nesse período, segundo o autor são apenas dois tipos de cidades: as cidades episcopais que sobreviviam graças ao campo, eram exclusivamente centros de administração eclesiástica e, os burgos ou fortificações que subsistiam também graças à terra e serviam de refúgio à população dos arredores em períodos de guerra.

Entretanto, com o renascer do comércio que se iniciou no século XI, inúmeras cidades originaram-se a partir daí destacando-se Veneza, Gênova e Pisa. Desta forma, vilas e cidades se multiplicam tão rapidamente que em certas regiões pelos meados do século XIV, grande parte da população tinha deixado os trabalhos agrícolas para se dedicarem a outras atividades como as comerciais e as industriais. Contudo, segundo PIRENNE, embora o contraste entre a população do campo e a das cidades fosse evidente, isto é, a população urbana da Europa de um modo geral, desde o século XII até o XV, nunca foi muito superior à décima parte do total dos habitantes, com exceção dos Países Baixos, Lombardia ou a Toscana significando, portanto, o predomínio de uma maior concentração populacional no campo. Segundo o mesmo autor, "seja o que for, é absolutamente exato afirmar que, do ponto de vista demográfico, a sociedade da Idade Média é essencialmente agrícola." (1963, p.64)

De uma forma ou de outra, destaca-se a importância das cidades desde o século XI para as atividades das classes urbanas onde as cidades exercem grande influência no progresso intelectual e artístico do segundo período da Idade Média.

Todavia, é com a retomada da urbanização, com o renascimento das cidades através da reativação do comércio, que foram-se criando as condições para a estruturação e sustentação de um novo sistema de produção, ou seja, os modos de produção capitalista.

Contudo, para se entender a urbanização a partir desse novo momento histórico, isto é, o desenvolvimento industrial, é preciso ressaltar a importância da Revolução Comercial nos fins da Idade Média, como um dos mais significativos acontecimentos da história do ocidente. É nesse período que se encontra os fundamentos do capitalismo moderno. Conforme nos informa BURNS, "todo o

quadro da vida econômica moderna teria sido impossível sem ela, pois foi ela que deslocou as bases do comércio do plano local e regional da Idade Média para a escala mundial que desde então o tem caracterizado." (1971, p.503)

A mobilização do comércio com fins lucrativos, a acumulação de riqueza estabelecendo a concorrência como base da produção e do comércio, "a ascensão da burguesia ao poder econômico, o início da europeização do mundo e o restabelecimento da escravidão", (1971, p.505) são pois, alguns entre outros resultados da Revolução Comercial. Para o autor, "não é difícil perceber a conexão entre tais fatos e os progressos mecânicos da Revolução Industrial." (1971, p.506)

2.1 CAPITALISMO E URBANIZAÇÃO

Um longo período histórico assinalado por grandes transformações econômicas e sociais foram necessárias para a implantação do capitalismo industrial. É, pois, no capitalismo que as cidades passam a ser consideradas como um espaço de grande importância e, o processo de urbanização a partir daí, ganha uma verdadeira expressão a nível mundial.

Para entendermos o fenômeno de urbanização a partir desse novo momento histórico, ou seja do desenvolvimento industrial, torna-se necessário ressaltarmos a importância da Revolução Industrial pois, é a partir daí, que ocorrerão grandes transformações econômicas, sociais e políticas principalmente no mundo ocidental. Embora a Revolução Industrial tenha iniciado nos finais do século XVIII, foi no

século XIX que ela adquiriu toda a sua força, sendo que a partir de 1860 até nossos dias, alguns historiadores propõe chamá-la de Segunda Revolução Industrial.

Sem dúvida, a maior parte das mudanças sociais oriundas das grandes transformações econômicas são verificadas no século XIX e início do século XX. Um dos fatos mais evidentes verificado nesse período foi um aumento populacional considerável. DOBB, destaca esse fato ao afirmar que:

"O aumento demográfico, ao que se sabe hoje, deveu-se a uma queda da taxa de mortalidade mais do que a um aumento na de natalidade. As melhorias dos recursos médicos e da saúde pública que resultaram nessa mortalidade menor podem ter sido em parte uma reação à escassez de mão-de-obra da parte inicial do século XVIII, como as invenções que poupavam a mão-de-obra naquele mesmo século também devem ter sido. A própria expansão do mercado foi produto conjunto de invenção, maior divisão de trabalho, produtividade aumentada e crescimento demográfico (...)." (1973, p.315)

Além desses, diversos outros fatores devem ter contribuído para o crescimento demográfico nesse período. Mas, segundo BURNS, "a mais importante de todas as causas, pelo menos na Europa, parece ter sido a influência da Revolução Industrial ao capacitar áreas limitadas a sustentar um grande número de indivíduos." (1972, p.686)

Porém, segundo o mesmo autor, a curva de crescimento populacional apresentava uma tendência para baixar antes que a segunda fase da Revolução Industrial tivesse completado o seu curso. Fato este observado primeiramente na França, seguido de outros países na Europa Ocidental, como a Inglaterra e a Alemanha, na década correspondente entre 1870 e 1880, tendo como causa predominante da diminuição do índice de crescimento, a diminuição da natalidade.

Após a Primeira Guerra Mundial, um fenômeno semelhante se manifestou em outros países.

Contudo, o século XIX foi sem dúvida marcado por um aumento populacional notável em todo o mundo ocidental. Paralelo a esse processo, problemas de ordem social ligados ao sucessivo período de industrialização e o desenvolvimento capitalista começam a aparecer nos fins do século XVIII e no século XIX.

Não poderíamos deixar de nos referir aqui, de forma até certo ponto específica, que em algumas regiões do mundo certas sociedades sob os efeitos do processo de industrialização, passaram não só a presenciar mas, sobretudo a conviver, com uma enormidade de problemas de ordem social já em fins do século XVIII e de forma mais crucial no século XIX principalmente até 1850

O enorme crescimento das grandes cidades e concomitantemente o acelerado crescimento demográfico, intensificado pelas migrações das famílias deslocadas do campo, quer pela melhoria dos métodos agrícolas, quer pela perda de suas terras pelos grandes proprietários rurais, contribuíram em escala surpreendente para a pobreza, a miséria, doenças e criminalidade nas grandes cidades inglesas em especial Londres. assim como aconteceu com as principais cidades da Europa Continental como em Paris, por exemplo.

Londres, nesse período registrou alto índice de desemprego e como resultante desse processo, formam-se extensas áreas de pobreza, bairros miseráveis e acentuada criminalidade, a tal ponto que no final do século XVIII e início do século XIX no centro da cidade de Londres eram colocadas advertências aos visitantes para que tomassem certas precauções, evitando parar entre multidões e em determinados pontos da cidade se não quisessem ser assaltados.

Os problemas sociais em Londres, bem como em Paris, nessa época eram muito semelhantes. Atingiram uma escalada sem precedentes na história até então. Muitos depoimentos da época traduzem a real situação entre as mudanças operadas pela Revolução Industrial vinculadas às mudanças observadas no comportamento social dos habitantes dessas sociedades: a precariedade das condições de vida dessas populações em geral, a excessiva jornada de trabalho, os numerosos desempregados, a fome e o crime.

J. J. Tobias (1972) citado por GUIMARÃES, em sua obra, "As classes perigosas", comenta com base em alguns depoimentos da época, a verdadeira situação de opressão, miséria e outros problemas decorrentes destes, nesse período. Segundo o autor, o trabalho de J. J. Tobias, em "Crime e sociedade industrial no século dezenove", pelas abundantes e úteis informações aí encontradas, o seguinte comentário é oportuno:

"Quem quer que tenha estudado o crime na primeira metade do século dezenove ficará impressionado pelas muitas semelhanças com os dias atuais. Muitas controvérsias agora correntes estavam então em voga e muitos dos pontos de vista ditos modernos foram colocados antes. Realmente, na maior parte do tempo entre 1815 e 1850, a Nação estava, assim como hoje, falando ansiosamente acerca da intensificação do crime, especialmente entre os jovens, e ficava imaginando o que deveria ser feito. Muitas pessoas acreditavam que a Nação estava enfrentando um problema sem precedentes. Como hoje, havia os que, sem negar a existência do problema, sentiam que era exagerado falar-se de uma intensificação do crime." (1981, p.27)

Neste raciocínio, em se tratando dos mais diversos problemas de ordem social gerados pelo processo de industrialização em analogia com o que enfrentamos hoje, GUIMARÃES destaca:

"As semelhanças das primeiras décadas da Revolução Industrial na Inglaterra com as fases atuais do processo de industrialização nos países em desenvolvimento são em geral admitidas pelos estudiosos dos fenômenos sociais em nossa época. Reconhece-se que, tanto mais rápido seja o processo de urbanização e tanto maior o descompasso entre esta e a oferta de empregos gerada pelo processo de industrialização, quanto mais rápido será o aumento da instabilidade social. Podem criar-se condições tais como o crescimento do subemprego e da miséria urbana que geram, num regime democrático, conflitos solucionáveis dentro dos padrões de normalidade política; ou geram, num regime de arbítrio, situações conflitivas que tendem, comumente, a encaminhar-se para todo tipo de ações antisociais." (1981, p.28-9)

Segundo nos informa o mesmo autor, a literatura é presença marcante na época, como fonte reveladora dos graves problemas vividos por aquelas sociedades durante o século XIX, principalmente. Os famosos romances desse período como o de Charles Dickens, "Oliver Twist", Victor Hugo, especialmente em "Os miseráveis", além de muitos outros escritores famosos, passam a chamar a atenção para os mais profundos danos que a Revolução Industrial vinha causando à sociedade em geral.

Assim, diante desse panorama que as sociedades passam a se confrontar, e como forma de amenizar os inúmeros problemas do cotidiano, um dos recursos utilizados pela Inglaterra e igualmente pelos grandes centros do continente europeu para estabelecer o equilíbrio demográfico, para reduzir as altas taxas de criminalidade, assim como estabelecer um crescimento industrial acelerado, foi a utilização de forma ampla das próprias colônias para exportar os seus excedentes populacionais, bem como para esvaziar suas prisões, sempre superpovoadas, causando um grande ônus aos cofres governamentais.

Sobre este particular, GUIMARÃES comenta:

"Certamente, o equilíbrio demográfico, produzido pelas migrações para as colônias, não bastou para influir decisiva e unicamente na redução das altas taxas de criminalidade, dos delitos leves aos crimes organizados e institucionalizados na Inglaterra da primeira metade do século XIX. As razões da queda das taxas de criminalidade não podem ficar reduzidas a isso, pois de enorme importância foi a expansão das oportunidades de emprego que se seguiram à década de 1850, que influíram para que os excedentes de mão-de-obra fossem gradualmente mitigados ou eliminados." (1981, p.45)

Nesse meio tempo, o crescimento industrial da Inglaterra vai sofrer profundas mudanças que serão sentidas no campo social, econômico e político. Tais mudanças são verificadas com a construção de estradas de ferro que, com a abertura do mercado da indústria do aço e de outras, serão necessárias a criação de novos empregos (o que realmente ocorreu), bem como a exportação de capitais ingleses aplicados em ferrovias, proporcionaram, sem dúvida, um crescimento surpreendente do novo sistema ferroviário em boa parte do mundo. Nesse ritmo, o aumento da produtividade juntamente com as inovações tecnológicas cujas práticas tradicionais de trabalho aos poucos vão sendo modificadas irão se refletir também na jornada de trabalho que também vai sofrer reformulações com reflexos na melhoria do nível de vida das classes trabalhadoras de um modo geral.

Vislumbrava-se novos tempos. Havia já uma participação dos trabalhadores na economia e na política que já não estavam mais dispostos a aceitar as condições desumanas a que foram submetidos períodos atrás.

Este período de ascensão econômica vivido pela Inglaterra, entre 1850 e 1870, não significa que os problemas da sociedade inglesa, de um modo geral, tivessem sido superados. Outros tantos, acrescidos aos já existentes, independente da prosperidade que o país vinha alcançando, são fatos verificados e observados

por J. J. Tobias (1967) citado por GUIMARÃES, em seu trabalho mencionado anteriormente:

"Uma explicação consistente com as anteriores análises das causas do alto nível de crime na primeira parte do século pode ser encontrada na redução da delinqüência juvenil durante e depois de 1850. Desde cerca da metade do século XIX, o grande ascensor econômico secular que durou até os anos de 1870, assistiu um notável aumento das oportunidades de emprego e um longo e mais geral aumento da renda real em relação à que até então havia ocorrido. Naturalmente, não poderíamos ir ao exagero. A pesquisa de Charles Booth sobre Londres dos anos 1890 está aí para nos lembrar da aterradora pobreza que existia pelo fim do século. Além disso, preocupam-nos os trabalhadores que percebiam os mais baixos salários, assim como as oportunidades que se ofereciam aos seus filhos; e tais pessoas eram as últimas a serem beneficiadas com a prosperidade do País e com sua posição no mundo. Portanto não estamos interessados em argumentar que todos estavam bem na Inglaterra depois de 1850, mas sim que as coisas estavam um pouco melhores do que tinham sido, e essa é uma conclusão geralmente aceita." (1981, p.47)

No transcorrer da evolução do capitalismo industrial não há o que se negar que todo esse novo sistema resultou num processo de transformação das sociedades em geral, com grande representatividade em termos de progresso técnico, abrindo novos rumos para o crescimento econômico e social. Em contrapartida, os fatos ligados ao excesso da população urbana, desemprego, as condições miseráveis de vida, como fatores determinantes das taxas de criminalidade, resultou numa ação regressiva do ponto de vista da condição humana sobretudo para a classe trabalhadora e para as camadas mais pobres da população, sem dúvida são fatores que não podem ser desvinculados aos períodos mais difíceis da Revolução Industrial, a princípio, onde ela surgiu até as mais diversas regiões do mundo por onde se difundiu. Nos países periféricos, como na

América Latina e, em especial no Brasil, os problemas de exclusão social também existiram em grandes proporções.

2.2 O BRASIL E OS EFEITOS DA URBANIZAÇÃO

A sociedade brasileira nos princípios do século XIX era caracterizada pela escravidão, o que representou grande influência nos diversos setores da vida econômica e social deste período, alcançando grandes dimensões. Há que se ressaltar aqui, que o grande contingente de escravos incluídos na sociedade colonial mal preparados e mal adaptados, vão formar nela um corpo estranho e incômodo, porém, presente corroborando com os problemas existenciais da colônia, fundada na monocultura de exportação. Tal processo de absorção da classe escravagista se prolongará até finais do século XIX.

Neste aspecto, além de outros problemas, o que pesou mais na formação da sociedade brasileira foi o baixo nível dessas classes escravizadas, que vieram constituir a imensa maioria da população do País, agravando ainda mais os problemas da colônia. Sobre esta parte, PRADO JÚNIOR, em sua obra já clássica, "Formação do Brasil contemporâneo", nos fornece argumentos que retratam os problemas relacionados ao tráfico de escravos ao comentar a gravidade da situação deste contingente populacional, que passará a fazer parte da sociedade colonial, ressaltando que:

"O tráfico africano se mantinha, ganhava até em volume, despejando ininterruptamente na colônia contingentes maciços de populações semi-bárbaras. O que resultará daí não poderia deixar de ser este aglomerado incoerente e desconexo, mal amalgamado e repousando em bases precárias que é a sociedade colonial brasileira. Certas conseqüências serão mais salientes: assim o baixo teor moral nela reinante, que se verifica entre outros sintomas na relaxação geral de costumes, assinalada e deplorada por todos os observadores contemporâneos, nacionais e estrangeiros. Bem como o baixo nível e ineficiência do trabalho e da produção, entregues como estavam a pretos boçais e índios apáticos. O ritmo retardado da economia colonial tem aí uma de suas principais causas." (1965, p.274-5)

Além dos resultados da escravidão e de outros elementos que para ela concorreram, nos permite avaliar que o problema da exclusão social e marginalidade no Brasil, não é de hoje, já existiam em grandes proporções na época. PRADO JÚNIOR, sobre este ponto específico, refere-se ao problema descrevendo até com minúcias o grande número de grupos ociosos e vadios que perambulavam no interior do Brasil, inclusive nas cidades mais povoadas da colônia.

"Nas cidades, os vadios são mais perigosos e nocivos, pois não encontram, como no campo, a larga hospitalidade que lá se pratica, nem chefes sertanejos prontos a engajarem sua belicosidade. No Rio de Janeiro era perigoso transitar só e desarmado em lugares ermos, até em pleno dia. O primeiro intendente de polícia da cidade, nomeado quando a corte se transferiu para ela, Paulo Fernandes, tomará medidas enérgicas contra tais elementos. Mas o mal se perpetuará, e só na República, ninguém o ignora, serão os famosos 'capoeiras', sucessores dos vadios da colônia, eliminados da capital." (1965, p.282)

Outro problema, o da prostituição, também merece ser visto com atenção neste período. Neste particular, o autor assim se refere:

"Tocamos aqui um ponto que é o mais alarmante sintoma da geral indisciplina de costumes que reina na sociedade colonial: a larga disseminação da prostituição. Não há recanto da colônia em que não houvesse penetrado, e em larga escala. Não falemos naturalmente das grandes e médias aglomerações, onde o fato é mais natural, e sempre se encontrou em toda parte. Observemos os pequenos, os mais insignificantes arraiais: quase toda a sua população fixa é constituída, além dos vadios, de prostitutas. É um depoimento este geral: "Nos mais humildes povoados, testemunhará St. Hilaire, a mais vergonhosa libidinagem se mostra com uma impudência que não se encontraria nas cidades mais corrompidas da Europa." (1965, p.353-4)

De um lado, a população masculina vivia entre a ociosidade e o crime. De outro, a população feminina por falta de meios para se sustentarem, se prostituíam. São circunstâncias que demonstram claramente a pobreza e a miséria reinantes na população da colônia, de um modo geral, cujo futuro, era nenhum.

Como pudemos observar, a questão da marginalidade já vem desde há muito tempo. Entretanto, esse processo de exclusão social é muito mais acentuado hoje pelo próprio processo econômico e pela excessiva concentração de renda.

Com efeito, a grande transferência da população do campo para os centros urbanos, que se verificou em tão pouco espaço de tempo, tem criado inúmeros problemas, na maior parte das vezes insuperáveis tanto para aqueles que abandonam o campo como para os centros urbanos já densamente povoados.

Segundo SANTOS, em "A urbanização brasileira", o Brasil foi por muito tempo um País "essencialmente agrícola". Porém, a ruptura desse processo é verificado, inicialmente, no Recôncavo da Bahia e na Zona da Mata do Nordeste, quando passam a apresentar os primeiros sinais de urbanização que será deslanchado com Salvador e as demais cidades de Cachoeira, Santo Amaro e Nazaré, por serem centros comerciais importantes e promissores.

As palavras de Oliveira Vianna citado por SANTOS, reforçam as afirmações do autor citado acima, quando assim se refere à questão urbana no Brasil:

"O urbanismo é condição moderníssima da nossa evolução social. Toda a nossa história é a história de um povo agrícola, é a história de uma sociedade de lavradores e pastores. É no campo que se forma a nossa raça e se elaboram as forças íntimas de nossa civilização. O dinamismo da nossa história, no período colonial, vem do campo. Do campo, as bases em que se assenta a estabilidade admirável da nossa sociedade no período imperial." (1993, p.17)

Com as grandes transformações econômicas ocorridas nos fins do século XVIII, o século XIX é pois, marcado por uma nova fase de evolução da questão urbana no Brasil. O Rio de Janeiro, nesta época, desponta como principal base urbana que será reforçada com a instalação das primeiras indústrias naquele território. Sem dúvida, a industrialização vem acelerar o processo de urbanização brasileiro na segunda metade do século XIX e início do século XX, assinalado, profundamente, pela entrada de capitais estrangeiros no País, o que irá refletir nas atividades econômicas de um modo geral.

De acordo com a Enciclopédia Mirador Internacional, nessa fase, São Paulo já começa a absorver o processo de industrialização, e em 1900, já era a segunda maior cidade brasileira com uma população de duzentos e quarenta mil habitantes, embora o Rio de Janeiro continuava à frente com uma população de seiscentos e vinte e nove mil habitantes.

No caso de São Paulo, os lucros das atividades cafeeiras incrementaram as atividades industriais provocando uma aceleração da urbanização. Os próprios

"barões do café" são forçados a deixar suas fazendas, passando a se instalar na cidade por um período de tempo maior para melhor administrar seus negócios. Observa-se já neste período a expressão que a cidade vinha adquirindo.

Na verdade, é a partir do século XVIII que começamos a sentir efetivamente as primeiras modificações operadas em relação à urbanização mas, é no século XIX que este processo se consolida e é tão somente no século XX que iremos verificar uma verdadeira revolução urbana.

2.3 BRASIL CONTEMPORÂNEO

Como nos referimos antes, o Brasil foi por vários séculos um país predominantemente agrícola e que irá se prolongar até 1960. Conforme nos informa a Revista Realidade, neste período a população que vivia no campo atingia 54,5%. Hoje, a situação se inverteu. Passamos a ser "um país preponderantemente urbano." Em ritmo acelerado nossas populações continuam deixando a terra. Antes iam de uma região agrícola para outra - do nordeste para os cafezais de São Paulo -, agora vão para as cidades." (1972, p.99)

Esta significativa transformação rural-urbana que ocorreu no Brasil, em períodos recentes, pode ser melhor apreciada pela Tabela 1, oferecida pelo geógrafo SANTOS.

Tabela 1 - BRASIL

ANO	POPULAÇÃO TOTAL	POPULAÇÃO URBANA	ÍNDICE DE URBANIZAÇ
1940	41.326.000	10.891.000	26,35
1950	51.944.000	18.783.000	36,16
1960	70.191.000	31.956.000	45,52
1970	93.139.000	52.905.000	56,80
1980	119.099.000	82.013.000	68,86
1991	150.400.000	115.700.000	77,13

TOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

Este rápido processo de aceleração urbana pode ser observado, também, pelo incremento populacional em algumas das principais cidades brasileiras, conforme a Tabela 2, apresentada pelo mesmo autor e reproduzida parcialmente.

Tabela 2 - NOMINATA DAS QUATRO MAIORES CIDADES BRASILEIRAS NAS DATAS DOS RECENSEAMENTOS GERAIS

CIDADE	1872	1890	1900	1920	1940	1950	1960	1970	1980
São Paulo	274.972	522.651	811.443	1.157.873	1.764.141	2.377.451	3.281.908	4.251.918	5.090.700
Rio de Janeiro	129.109	174.412	205.813	283.422	290.443	417.235	649.453	1.007.195	1.493.685
Belo Horizonte	42.458	40.902	48.369	78.536	180.185	270.169	507.108	857.980	1.307.611
Porto Alegre	31.385	64.934	239.820	579.033	1.326.261	2.198.096	3.781.446	5.924.615	8.493.226

OS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

Por outro lado, para agravar mais o nosso quadro urbano, a concentração de propriedades e de rendas no Brasil é por demais evidente e, ao que tudo indica, não cessa de crescer. SANTOS, em sua obra já referenciada, diz textualmente: "O processo de concentração da economia é vigoroso e rápido." (1993, p.99) Aponta aquele autor que, duzentos grupos empresariais privados controlam praticamente a economia brasileira e, apenas 1,7% dessas empresas controlam mais da metade do mercado industrial brasileiro. (1993, p.99-100)

Com diferentes graus de intensidade as cidades brasileiras exibem problemas semelhantes e Florianópolis não é exceção. Problemas como o do desemprego, da habitação, dos transportes, do lazer, da água, dos esgotos, da educação e da saúde são genéricos e revelam sempre mais novas carências.

A urbanização, por mais dramática que tenha sido no Brasil, por si só, não é causadora da violência. O que explica este processo é a desigualdade social que não só reproduz modelos econômicos passados, mas tende a aumentar os processos de pobreza, desorganização social e a marginalidade. É por isso que a situação das classes menos privilegiadas tende a agravar-se a partir do fenômeno urbano onde não cessam de crescer os cinturões de miséria e do desemprego crônico. Assim, como acentua GUIMARÃES: "O desequilíbrio entre o crescimento urbano e a disponibilidade de recursos e equipamentos sociais se reflete nos baixos padrões de habitabilidade, de saúde, de conforto, cujos níveis não cessam de cair."/ (1981, p.157)

Tais tendências apontadas por aquele historiador, se refletem também no crescimento contínuo da criminalidade e cujos índices de violência se tornam cada vez mais difíceis de serem controlados. As mazelas sociais são referenciadas pelo

autor através de dados que não deixam nenhuma dúvida e que foram registradas numa espécie de relatório pela imprensa de São Paulo:

"Em São Paulo, a cada 40 minutos ocorre um assalto a mão armada. 'São Paulo é uma cidade ameaçada pelo crime e se não se tomarem medidas urgentes a população perderá a confiança nas autoridades, podendo chegar ao perigoso terreno de tomar a justiça em suas próprias mãos'. Essas palavras do governador do Estado de São Paulo refletem bem a gravidade da situação quantitativamente revelada pelas estatísticas: 634.000 ocorrências policiais, quase 2.000 por dia, entre as quais 940 homicídios e 50.000 agressões. Inquieta particularmente as autoridades o fato do rapidíssimo crescimento da criminalidade juvenil. A Secretaria de Promoção Social da Municipalidade de São Paulo estima que existem uns 500.000 menores delinquentes. Em um folheto distribuído em fins do ano passado, a mesma Secretaria recomendava: 'Não reaja ante o assalto. Os pequenos marginais são extremamente violentos'. No Rio de Janeiro os casos de assaltos praticados por menores subiram de 86 em 1971, a 108 em 1972, 228 em 1973, e 243 em 1974. Em Porto Alegre as agressões pessoais registradas cresceram 30% de 1973 a 1974. Cada 48 minutos no Rio de Janeiro acontece um assalto com uma média de 30 vítimas diárias. Na mesma cidade, as mesmas estatísticas registraram um total de 1.345 homicídios em 1974, mais do dobro dos ocorridos em 1971." (1981, p.157)

Os dados evidentemente estão defasados, já que a publicação do livro remonta a 1982. Contudo, transcrevemos esses dados na íntegra porque eles são indicadores de um processo que vem crescendo assustadoramente nos grandes centros urbanos brasileiros e a área conurbada de Florianópolis não escapa dessas tendências.

Reforçamos a tese de que, a má distribuição de renda, o desemprego e a favelização intensa dos centros urbanos do País, são causas diretas dos processos de violência, embora como demonstramos neste trabalho, não são as únicas.

2.4 SÍNTESE HISTÓRICA DOS MUNICÍPIOS DA ÁREA CONURBADA⁸ DE FLORIANÓPOLIS

2.4.1 Florianópolis e Urbanização

O povoamento do litoral de Santa Catarina situa-se no processo histórico mais amplo de conquista territorial, levado a efeito por Espanha e Portugal, no continente americano.

Os primórdios de sua ocupação são marcados pela instalação das primeiras vilas vicentistas: São Francisco do Sul (1658), Nossa Senhora do Desterro (1673-1675) e Santo Antônio dos Anjos de Laguna (1684).

O historiador catarinense PIAZZA, aponta o ano base de 1658 como ponto de partida do povoamento sistemático do litoral catarinense. O autor coloca que foi através de Manuel Lourenço de Andrade que se deu a fundação da povoação "(...) de Nossa Senhora das Graças do Rio de São Francisco (hoje, São Francisco do Sul) (...)" (1970)

A fundação da Vila de Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, segue-se logo após, quando Francisco Dias Velho resolveu fixar-se na Ilha.

⁸ "Conurbação: expressão forjada pelo biólogo escocês e pioneiro de planejamento urbano contemporâneo Patrick Gueddes, para descrever o que ocorria em algumas áreas do Reino Unido com a formação de conjuntos de duas ou mais cidades. O termo é hoje comumente utilizado para designar a criação de uma nova entidade urbana a partir da fusão espontânea, não planejada, de várias cidades preexistentes, através da expansão de suas áreas edificadas ou arruadas. O conjunto urbano do chamado ABC paulista, formado basicamente pelas cidades de São Paulo, Santo André, São Bernardo e São Caetano, seria o exemplo brasileiro que mais se aproximaria do fenômeno da conurbação." **Enciclopédia Mirador Internacional**. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1995, p.11.217, vol. 20.

Necessitando garantir as terras já ocupadas, os portugueses patrocinaram a vinda de populações açorianas para povoar Desterro e suas imediações, face aos interesses espanhóis.

O processo de desenvolvimento dessas primeiras povoações foi muito lento em seu início. Contudo, a partir do século XVIII, a Vila de Desterro destacou-se das demais com a imigração açoriana.

Com efeito, em 1739, Portugal determinou que para cá viesse o Brigadeiro Silva Paes, como comandante militar e governador. A partir dessa época, incrementa-se significativamente o afluxo populacional para as regiões litorâneas de Santa Catarina.

Assim, entre os anos de 1748 a 1756, cinco grandes levas de casais vindos das Ilhas dos Açores e Madeira chegaram em Santa Catarina perfazendo um total aproximado de cinco mil pessoas que, ao juntarem-se ao reduzido contingente de agricultores vicentistas procedem a ocupação efetiva do território catarinense.

Entretanto, devido a uma série de dificuldades que esses imigrantes encontram em Desterro, como por exemplo, a pobreza do solo e, além do mais, outros tipos de carências como a falta de experiência, ausência de tecnologia, necessidade de capital da parte dos açorianos que aqui chegavam, além das restrições coloniais, contribuíram em muito para manter Desterro, por muito tempo (quase dois séculos), como uma colônia sem nenhuma expressão econômica.

A princípio, a fixação dos açorianos se deu na Ilha de Santa Catarina e no continente fronteiro, entre São Miguel e Laguna. Contudo, outras povoações foram surgindo como a de São José da Terra Firme, por exemplo.

Desterro foi elevada à categoria de cidade no século XIX. Em 1823 tornou-se capital da Província de Santa Catarina. Em conseqüência, verifica-se um período de

prosperidade quando do investimento de recursos federais em diversos setores, como na construção de edifícios públicos, melhorias no porto, como também em outras obras que vieram a colaborar com o processo de urbanização e desenvolvimento, além do que, a modernização também é sentida nas atividades culturais e literárias que passam a se destacar.

Com a República, em 1889, Desterro sofre algumas alterações políticas que irão se refletir num processo de estagnação econômica devido à diminuição de investimentos por parte do governo central.

Em 1894 Desterro passa a se chamar Florianópolis. É, pois, no século XX, que Florianópolis passa por profundas transformações alterando, não só o panorama da cidade e do dia-a-dia dos seus habitantes mas, principalmente, a nova situação econômica oriunda dos impulsos dados à construção civil, da implantação das redes básicas de energia elétrica e do sistema de abastecimento de água e captação de esgotos somando-se à construção da Ponte Hercílio Luz, as quais são fatos que traduzem o processo de desenvolvimento urbano do Município, bem como o seu fortalecimento como Capital do Estado.

Quanto ao processo de urbanização em Santa Catarina, o período entre 1940 e 1970 é apontado como decisivo. Tal processo é consolidado ao nível atual na divisão de trabalho regional como, por exemplo, a maior concentração industrial do Estado que se dá em Joinville e Blumenau, assim como no sul as atividades de extração do carvão mineral; no Planalto, Lages se sobressai nas atividades relacionadas à pecuária e no Oeste, no entanto, observa-se uma maior ocupação daquela região que é favorecida pela expansão da fronteira agrícola do Rio Grande do Sul, cuja experiência no setor primário e agro-industrial vai exercer grande influência no Oeste catarinense.

Entretanto, o crescimento de Florianópolis é bastante lento. Contudo, a partir de 1930, o aparato estadual amplia-se face ao crescimento da economia catarinense de um modo geral, na medida em que parte da tributação que arrecada contribui para a viabilização e ampliação dos organismos governamentais e de serviços.

Nesse ritmo permanece o desenvolvimento da capital até 1960, quando é acelerado pela implantação da Universidade Federal de Santa Catarina, pela BR-101, ligando Florianópolis ao restante do país, a ampliação do aeroporto regional, posteriormente com a instalação da Centrais Elétricas do Sul do Brasil (ELETROSUL), e, mais recentemente, pela implantação da BR-282 e, ainda, começam a surgir as atividades ligadas ao turismo, proporcionando, sem dúvida, um reforço às atividades do setor terciário. E, mais recentemente ainda, a indústria do vestuário e a informática vem se destacando tornando-se esses setores bem desenvolvidos.

Dos três setores da economia, Florianópolis situa-se, basicamente, no terciário com maior ênfase nas atividades de prestação de serviços.

De acordo com dados do Relatório do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, "Florianópolis: Problema e Ações", "em 1989, segundo estimativa do Centro de Administração e Gerência (CEAG), este setor participava com cerca de 78,92% do total dos empregos" (1996, nov., p.1), enquanto que o setor secundário, formado principalmente por empresas de pequeno porte, participava, no mesmo período com aproximadamente, "18,12% do total da mão-de-obra ocupada." (1996, nov., p.1) Quanto ao setor primário, este foi sempre de pouca expressão em Florianópolis, com as atividades voltadas à subsistência que, com o passar do tempo, vai sendo substituída por outras, ligadas ao setor terciário. "Hoje, este setor

é o que menos emprego gera, absorvendo menos de 3% do total dos trabalhadores em 1989." (1996, nov., p.1) O que mais se destacava era a pesca artesanal que, no passado foi uma atividade importante das populações do interior da Ilha e que hoje, está em franca decadência. A pesca predatória, assim como, a destruição dos manguesais, são fatores responsáveis pelo desaparecimento desta prática nos últimos vinte anos, tornando esta atividade de subsistência insegura e desvalorizada social e economicamente, principalmente para as novas gerações.

Contudo, é a partir de 1980, que Florianópolis começa a diversificar suas atividades econômicas, quando começa a despertar para o turismo e a consolidar esta atividade beneficiado pelos produtos naturais da região, embora o turismo predominante hoje, seja aquele de massa, quando a qualidade deveria prevalecer em vez da quantidade.

2.4.1.1 Florianópolis: Áreas Carentes

A exemplo do que ocorre em outras regiões do País, a cidade de Florianópolis, embora de porte médio, apresenta também zonas de deterioração social bem localizadas. Sob esse aspecto, a região em estudo sofre os problemas da miséria, do desemprego, da ausência de moradia e de grande fluxo migratório rural e que tende a engrossar os problemas de marginalidade social no Município. Vários estudos vem sendo realizados a respeito desses processos; no entanto, pouco divulgados.

O Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, por exemplo, iniciou em 1987, um levantamento e mapeamento das áreas que demonstram situação de

carência em Florianópolis. Nesse levantamento, foram cadastradas quarenta áreas carentes sendo, vinte e uma na Ilha e dezenove no Continente. (jul., 1993)

Segundo este Instituto, estas "áreas carentes, que são consideradas, muitas vezes, como a 'cidade informal', mas que é tão real como qualquer outra área urbanizada que, inserida no espaço urbano, interfere na qualidade de vida de toda a população." (jul., 1993, p.1)

E, quanto aos critérios utilizados que caracterizam como carentes as referidas áreas, o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis assim especifica: "Considera-se área carente, aqueles bolsões populacionais onde cerca de 70% das famílias tem renda média entre zero e três Salários Mínimos. Estas áreas, além da carência sócio-econômica, apresentam problemas de habitação, infra-estrutura sanitária e, de equipamentos urbanos." (jul., 1993, p.3)

Com efeito, de acordo com um novo perfil realizado por aquele órgão em 1992, foi registrado um aumento dessas áreas, somando, naquele ano, quarenta e seis, sendo vinte e oito na Ilha e dezoito no Continente.

Conforme este levantamento, na Ilha e no Continente, são apontadas as seguintes áreas carentes relacionadas no Quadro 1:

Quadro 1 - RELAÇÃO DAS ÁREAS CARENTES

ILHA	CONTINENTE
1. Morro do Mocotó	1. Ponta do Leal
2. Morro da Mariquinha	2. Morro da Caixa I
3. Mont Serrat	3. Morro da Caixa II
4. Rua Laudelina da Cruz Lima	4. Jardim Ilha Continente
5. Santa Clara	5. Via Expressa
6. Rua José Boiteux	6. Vila Aparecida I
7. Rua Angelo La Porta e Adjacências	7. Vila Aparecida II
8. Morro do Céu	8. Morro do Arranha Céu
9. Morro do Vinte e Cinco / Nova Trento	9. Morro do Flamengo
10. Morro do Pedregal	10. Novo Horizonte
11. Morro do Horácio	11. Chico Mendes
12. Vila Santa Rosa	12. Santa Glória
13. Morro da Penitenciária	13. Nova Esperança
14. Serrinha I	14. Santa Terezinha I
15. Serrinha II	15. Santa Terezinha II
16. Morro da Queimada	16. Monte Cristo
17. Caieira da Vila Operária	17. Baixada do Sapé
18. Carvoeira	18. Nossa Senhora do Rosário
19. Pantanal	
20. Costeira Do Pirajubaé / Rio Tavares	
21. Morro do Quilombo	
22. Morro do Atanásio	
23. Morro do Vino / Morro do Cajú	
24. Morro do Balão	
25. Morro do Janga	
26. Areias do Campeche (Campeche)	
27. Rua Adão dos Reis (Ingleses)	
28. Rua do Siri (Ingleses)	

Fonte: Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis. Relatório - Perfil Áreas Carentes: Ilha e Continente, jul., 1993.

2.4.1.2 Situação das Áreas Carentes

De acordo com aquele Órgão de Planejamento do Município, "normalmente, estas áreas carentes se constituem numa realidade sócio espacial extremamente dinâmica e mutável (...)" (jul., 1993, p.2-3)

Esta realidade é bem representada na maioria delas. Algumas, sofreram maior adensamento. É o caso, por exemplo, daquelas situadas no Morro da Cruz e adjacências e na área do Saco Grande. Já em outras localidades, a exemplo das áreas mais baixas do Morro da Cruz, Costeira do Pirujubaé e Saco Grande II e, em certos pontos no interior de alguns bairros, como é o caso do Córrego Grande, Pantanal e Itacorubi, foram perdendo as características de área carente.

No Continente, mais especificamente no Bairro do Abraão, fenômeno idêntico foi verificado, quando também pequenas áreas desse Bairro perderam as características de área carente e, para explicar esse fenômeno, a hipótese da especulação imobiliária seria uma possibilidade como causa da saída dessa população. No entanto, "novas ocupações se deram e são hoje comunidades carentes, como a comunidade do Chico Mendes, Via Expressa e Morro do Arranha Céu." (jul., 1993, p.3)

2.4.1.3 Localização e Abrangência das Áreas Carentes na Ilha e no Continente

Com base no referido Relatório, a localização das áreas carentes do Município de Florianópolis foge, de uma maneira geral, à regra da maioria das

idades de grande e médio porte, por situarem-se, na maior parte das vezes, bem próximas ao centro da cidade ou, próximas aos bairros.

Na Ilha, das vinte e oito áreas cadastradas, dezesseis estão localizadas na encosta do Morro da Cruz, sendo, de um modo geral, ocupações mais antigas, o que se justifica pela proximidade do centro da cidade, facilitando a vida dos seus moradores, inclusive, por dispensar a utilização do transporte coletivo, na maioria das vezes.

Já em outras áreas, a ocupação vem ocorrendo independente das restrições da legislação de uso do solo, como em áreas de preservação permanente, por exemplo. Geralmente essas ocupações, tanto na Ilha como no Continente, se dão nos relevos menos favoráveis à ocupação humana.

No Continente, a maioria das áreas carentes estão localizadas próxima à Via Expressa (BR 282). A ocupação dessas áreas constitui sérios problemas, não só do ponto de vista da urbanização, mas sobretudo devido aos problemas resultantes da aglomeração que exercem efeitos desorganizadores e negativos ao produzirem diferentes perturbações nos indivíduos e que podem conduzir, inclusive, a várias formas de patologia social. Além do que, em termos ambientais, o comprometimento da bacia hidrográfica em decorrência da ocupação caótica prejudica a preservação dos manguesais, a exemplo, do que ocorre no Saco Grande II e Costeira do Pirajubaé, provocando a obstrução de pequenos córregos e o desmatamento de suas margens, causando uma série de prejuízos em termos ambientais.

Por outro lado, existem aquelas áreas situadas sobre formação dunar, praias, que constituem um outro problema de risco como, os soterramentos e a ação direta das marés.

A Tabela 3, que reproduzimos a seguir, traduz em números a realidade dessas populações carentes no Município de Florianópolis.

Tabela 3 - POPULAÇÃO DAS QUARENTA E SEIS ÁREAS CARENTES

LOCALIZAÇÃO	NÚMERO DE FAMÍLIAS		NÚMERO DE PESSOAS	
	TOTAL	CARENTES	TOTAL	CARENTES
	5.578 (*)	3.594	24.139 (*)	15.539
ente	4.760 (**)	3.643	21.561 (**)	16.663
TOTAL	10.228 (***)	7.237	45.700 (***)	32.202

Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis. **Relatório - Perfil Áreas Carentes – Ilha**, Florianópolis, jul., 1993.

o está computado no número total de famílias a população de dez áreas onde só foi levantada a população carente.

Quadro apresenta a população total da área carente e a população carente propriamente dita, que representa cerca de 70% da primeira.

estimativa do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, 1992.

Segundo a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1991), a população total do Município de Florianópolis era de duzentos e cinquenta e quatro mil novecentos e quarenta e um habitantes e a população carente total era estimada em trinta e duas mil e duzentas e duas pessoas, como demonstra a Tabela 3.

O número de pessoas carentes para o total geral da população do Município representa, nesse período, 12, 63%.

Florianópolis, como cidade de porte médio, já atinge uma taxa bastante significativa e crescente em termos dessa realidade, principalmente se compararmos à média nacional dos grandes centros urbanos, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, onde a taxa de população nessas condições, está entre 25 a 30%.

Os dados no Quadro 2, nos permite identificar a procedência da maioria da população nas áreas cadastradas em ordem descendente.

Quadro 2 - PROCEDÊNCIA DA POPULAÇÃO

ILHA	CONTINENTE
1. Planalto Serrano	1. Oeste do Estado
2. Florianópolis	2. Planalto Serrano
3. Oeste do Estado	3. Florianópolis
4. Sul do Estado	4. Região da Grande Florianópolis
5. Região da Grande Florianópolis	5. Sul do Estado
6. Outros Estados (Rio Grande do Sul e Paraná)	6. Outros Estados (Rio Grande do Sul e Paraná)
7. Norte do Estado	7. Vale do Itajaí
8. Vale do Itajaí	8. Norte do Estado
9. Outros Países (Argentina e Paraguai)	

Fonte: Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis. **Relatório Perfil Áreas Carentes – Ilha, Florianópolis, jul., 1993.**

Os dados apresentados no Quadro 2, nos revelam que parte da população carente dita de Florianópolis é, na realidade, de origem de outras cidades do Estado, bem como, de outros Estados e, inclusive, de países vizinhos e que estão fixadas há algum tempo no Município. No entanto, observa-se também o crescimento da população carente local.

De um modo geral, a fixação dessas famílias no Município explica-se pela busca de melhores condições de vida, tratamento de saúde, educação e, possibilidade de emprego. E para aqueles que deixaram as atividades da zona rural, o motivo maior foi a falta de terra e/ou incentivos para trabalhar.

Segundo a mesma fonte de pesquisa, as ocupações vem ocorrendo já há bastante tempo e algumas com tendências à expansão.

Os dados a seguir nos informam que: o índice das ocupações no período anterior a 1920 era de 6, 53%; de 1920 a 1940, este índice permanece; de 1940 a

1950, com 8, 69%; de 1950 a 1960, com também 8, 69%; de 1960 a 1970, 15, 22%; de 1970 a 1980, 19, 56% e, a partir de 1980, 34, 78%. Observa-se que o crescimento dessas ocupações são bastante significativos a partir de 1970.

As ocupações mais antigas ocorreram na Ilha, especificamente, no Morro da Cruz. Muitas dessas áreas estão relativamente povoadas, não permitindo mais a sua expansão. O mesmo não ocorre em outras localidades como naquelas situadas na Região do Saco Grande, Morro do Quilombo, Costeira do Pirajubaé e em algumas do Morro da Cruz, por haver ainda espaços disponíveis para a fixação de outros contingentes populacionais.

A grande concentração dessa população nesses locais é explicada por alguns fatores, tais como:

- "- na Capital, a concentração das 'concessionárias estatais' tais como ELETROSUL, CASAN e TELESC;
- a criação das Universidades;
- o incremento da construção civil na década de 70;
- em particular, a política agrária, a qual desencadeou um grande fluxo de migração interna no Estado;
- a divulgação da Capital como 'pólo turístico', atraindo grandes contingentes populacionais para o Município." (jul., 1993, p.13)

Contudo, independente dos motivos da ocupação, a preocupação maior dessas populações está fundada na possibilidade de concretizar a realização de suas necessidades mais prementes.

2.4.1.4 Principais Carências

Segundo o referido Relatório, as principais carências vividas por essas populações, de um modo geral, se caracterizam pela inexistência dos serviços de infra-estrutura básica e de equipamentos urbanos (Posto de Saúde, Escola, Creche, Centro Social, Área de Lazer, Comércio, Telefone Público, Segurança e Serviços de Correio).

O Quadro 3, demonstra as principais necessidades nessas comunidades, em ordem de importância.

Quadro 3 - PRINCIPAIS CARÊNCIAS

ILHA	CONTINENTE
1. Saneamento Básico (Rede Coletora de Esgoto)	1. Urbanização da Área (**)
2. Melhorias Habitacionais (*)	2. Saneamento Básico (Rede Coletora de Esgoto)
3. Urbanização da Área (**)	3. Melhorias Habitacionais (*)
4. Regularização da Terra	4. Regularização da Terra
5. Contenção de Encostas	5. Iluminação Pública
6. Coleta e Tratamento do Lixo	6. Vagas em Creches
7. Vagas em Creches	7. Área para Recreação Infantil
8. Atendimento em Postos de Saúde	8. Coleta e Tratamento do Lixo
9. Iluminação Pública	9. Atendimento em Postos de Saúde
10. Telefones Públicos	10. Telefones Públicos
	11. Centro Comunitário
	12. Posto Policial

Fonte: Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis. **Relatório Perfil Áreas Carentes – Ilha**, jul., 1993.

(*) As melhorias habitacionais se referem, em geral, à construção de banheiro, e depois à melhoria do material empregado na construção das casas.

(**) A urbanização compreende: pavimentação, abertura de ruas, melhoria dos acessos internos, escadarias e drenagem.

2.4.1.5 Principais Problemas Sociais

O conteúdo do Quadro 4, revela os principais problemas sociais encontrados nessas comunidades, de acordo com a ordem de importância.

Quadro 4 - PRINCIPAIS PROBLEMAS SOCIAIS

ILHA	CONTINENTE
1. Narcotráfico (*)	1. Narcotráfico (*)
2. Desemprego / Subemprego	2. Desorganização da Comunidade (**)
3. Desorganização da Comunidade (**)	3. Desemprego / Subemprego
4. Não Regularização da Posse da Terra	4. Não Regularização da Posse da Terra
5. Baixa Renda Familiar	5. Alcoolismo
6. Desqualificação Profissional	6. Violência
7. Roubo na Comunidade	7. Programas de Atendimento à Criança e Adolescente
8. Menor Abandonado	8. Falta de Creches
9. Inexistência de Creches	9. Roubo na Comunidade
10. Degradação do Meio Ambiente	10. Coabitação
11. Crianças Fora da Escola (Evasão Escolar)	11. Falta de Segurança
12. Prostituição de Menores	12. Desnutrição Infantil
	13. Crianças Fora da Escola (Evasão Escolar)
	14. Prostituição de Menores

Fonte: Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis. **Relatório Perfil Áreas Carentes - Ilha**, jul., 1993.

(*) Provavelmente os que elaboraram este Relatório, estão se referindo ao tráfico de drogas em geral e não apenas àquelas drogas específicas como: os ansiolíticos e opiáceos.

(**) A desorganização da comunidade compreende a falta de união, em geral com a Associação de Moradores, para tratamento dos problemas locais.

O conhecimento dessa realidade é fundamental para o processo de entendimento dos problemas existenciais do Município de Florianópolis, como fonte geradora de grandes problemas sociais, muitos deles provocadores de violência.

Quanto aos problemas que permeiam o cotidiano da cidade de Florianópolis, levantamos alguns itens que consideramos básicos. As informações aqui contidas são baseadas, principalmente nos Relatórios do Instituto de Planejamento Urbano

de Florianópolis, Problemas e Ações e Perfil Áreas Carentes - Ilha e Continente, já mencionados anteriormente.

Como ocorre em várias partes do País, Florianópolis também vem sofrendo com o desemprego. Entre os fatores que agravam essa situação está o fluxo migratório intenso, tanto do interior do Estado como das demais regiões do País, o que agrava ainda mais a situação do Município que, por não possuir um centro industrial com fontes de emprego atrativo, este contingente populacional acaba no setor informal da economia pela ausência de qualificação profissional adequada.

Segundo levantamento do Sistema Nacional de Emprego,

"o nível de emprego formal em Florianópolis vem apresentando uma expansão, desde 1993. Durante o ano de 1995 apresentou um acréscimo de 2,16%, o que representa geração de dois mil duzentos e vinte novos empregos, mas que ocorreram na sua grande maioria no setor terciário, sendo seguido pelo secundário, mas em bem menor grau. Contribuíram para essa expansão a atividade serviços mais precisamente serviços com alojamento, alimentação, reparos e manutenção, que apresentaram um saldo positivo de dois mil setecentos e onze empregos entre as admissões e demissões ocorridas ao longo de 1995, e as indústrias de transformação: produtos químicos e veterinários, produtos minerais não metálicos e mecânica, com um saldo positivo de trezentos e doze empregos. A construção civil, que é um bom indicador para avaliar o crescimento econômico, por impulsionar várias outras atividades, apresentou uma retração de trezentos e setenta e sete empregos ao longo de 1995." (1993, p.2)

Como Florianópolis está alicerçada basicamente no setor terciário, o reforço do setor secundário se faz necessário através da diversificação de sua economia. Além da questão do desemprego, inúmeros outros problemas que o Município vem enfrentando nos últimos anos vem comprometendo a qualidade de vida de sua população. Apontamos, entre outros, a urbanização acelerada e desregrada, tanto

nas áreas urbanas como nas rurais, o comércio informal sem locais específicos para um bom andamento dessa atividade, problemas com o declínio de suas receitas orçamentárias, assim como o crescimento desmesurado e clandestino do espaço físico-territorial, gerando no Município uma expansão urbana caótica, sem critérios de planejamento.

Com todos esses problemas, torna-se cada vez mais difícil para a cidade de Florianópolis absorver e solucionar os crescentes problemas urbanos, causando, sem dúvida, um empobrecimento cada vez mais acentuado na qualidade de vida de seus habitantes.

2.4.2 São José⁹

A trajetória histórica de São José têm origem a partir de 1750, com a chegada à Santa Catarina de cento e oitenta e dois casais da terceira leva, que totalizava trezentos e vinte e seis, vindos das Ilhas dos Açores e Madeira obedecendo propósitos governamentais de povoar o território catarinense. Na Baía Sul, fronteira à Ilha de Santa Catarina, se estabeleceram fundando o povoado São José da Terra Firme, como era o seu nome inicialmente.

A origem do nome "São José", conforme relatos de SOUZA (1992), "proveio do primeiro padroeiro da capela levantada no Município. Admite-se, pois nada de concreto existe, que a escolha de São José como ORAGO se deva ao fato dos

⁹ Não tratamos aqui dos problemas sociais e nem nos referimos à existência de áreas carentes no Município a exemplo dos demais que tratamos neste estudo, pela dificuldade de localização destas informações.

primeiros povoadores haverem chegado a 19 de março, dia comemorativo do Santo." (1992, p.32)

Em 1755 surgia a primeira capela (hoje a Igreja Matriz) e, em 1756, São José da Terra Firme era elevada à categoria de freguesia.

A lavoura e o comércio começaram a se desenvolver destacando-se a cultura do algodão e a manufatura do linho, especialmente na região do Roçado. É, pois, com a imigração européia nos meados do século XIX, que se dá de fato o processo de colonização e povoamento de Santa Catarina.

Logo após a Independência do Brasil, inicia-se no sul a vinda dos primeiros imigrantes alemães. Em Santa Catarina, esses contingentes imigratórios se fixaram, segundo o historiador CABRAL et al. (1971), a partir de 1829, com a criação de duas colônias, sendo São Pedro de Alcântara e Santa Filomena, as quais são marcos iniciais da colonização alemã em nosso Estado. (1971, p.35-6) Da primeira colônia originaram-se outras, com imigrantes em busca de melhores terras ou de maiores vantagens.

Em 1833, podia-se dizer que São José já podia ser considerado como um centro de relativa importância pela sua população e comércio e, por essa razão, é elevado à categoria de Vila. Nesse período, São José era um dos Municípios mais populosos e ricos da Província, com uma economia de exportação bem sucedida. Produtos como café, açúcar, farinha de mandioca, cachaça e algodão, extensamente cultivados na Vila, eram exportados para outras localidades e o seu porto era muito movimentado, recebendo embarcações de várias procedências.

São José teve sua participação em vários acontecimentos de grande importância para a História do Brasil, durante a Guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul, entre 1835 e 1845, na Guerra do Paraguai e na Campanha Abolicionista.

Em 1856, foram concedidos foros de cidade à sede do Município de São José e, em 1876, atingia o auge do seu progresso. Nesse período, São José era vista como uma das mais "seletas" e "progressistas" da Província. Sob esse aspecto, o Município se destaca com seus produtos naturais quando demonstrados nas comemorações do Centenário de abertura dos portos do Brasil ao comércio internacional realizado no Rio de Janeiro, em 11 de agosto de 1908. Nesse evento, houve a participação de vários estados brasileiros. São Paulo é o vencedor e Santa Catarina vem logo após e, no contexto estadual, São José teve uma participação excepcional com produtos bem diversificados, tais como a farinha e féculas, conservas, bebidas alcoólicas, flores artificiais, rendas, bordados e aplicações em filó, couro e peles preparadas, produtos fabris não especificados, frutos silvestres, madeiras, plantas medicinais e produtos agrícolas.

A agricultura era variada, a pecuária e silvicultura eram bem desenvolvidas mas, era na lavoura que estava alicerçada a base econômica. A indústria e o comércio eram incipientes.

Conforme SOUZA, em 1905, o Município contava com quarenta fábricas e, aproximadamente, cem estabelecimentos comerciais. Dessas fábricas existentes, duas eram de cerveja, uma de vinagre, quatro de cal, uma de cola, três de calçados, uma de fogos artificiais, uma de sabão, nove de louças de barro, onze de telhas e tijolos, entre outras.

Até 1900, São José mantinha-se à frente perante os demais Municípios da Província, não apenas em prosperidade, mas também em população e extensão territorial. Com relação à extensão territorial de São José no século passado, GERLACH e MACHADO, assim nos informam: "O território de São José, no século passado, abrangia para o lado sul as freguesias de Palhoça, Santo Amaro, Enseada

do Brito, Garopaba - fazendo limites com as terras de Laguna e Lages -; para o lado norte com a colônia alemã de São Pedro de Alcântara, até as terras da atual Angelina." (jan., 1982)

A esse respeito, SOUZA complementa:

"São José pela sua extensão territorial, e, pelos núcleos coloniais que encerrou em sua área, daria origem a vários Municípios: Palhoça em 1894; Angelina em 1961; Rancho Queimado em 1962. De sua própria área juntamente com Lages daria território para a formação de Bom Retiro, donde outros Municípios tiraram origem: Ituporanga, Alfredo Wagner, Petrolândia, Imbuia e Atalanta. Ainda daria Santo Amaro da Imperatriz, Garopaba, Paulo Lopes e São Bonifácio." (1992, p.21)

São José e Florianópolis passam a ser ligados através dos serviços de barcos, que foi inaugurado em 18 de outubro de 1896 com festividades. "Eram efetuadas diariamente duas ou três viagens entre São José e Florianópolis e a passagem custava 1\$000 (um mil réis)." (SOUZA, 1992, p.88)

Contudo, o Município de São José não foi só crescimento econômico. Com efeito, em 1926 foi inaugurada a Ponte Hercílio Luz, estabelecendo a ligação viária definitiva entre a Ilha de Santa Catarina e o Continente. O evento em si mesmo significativo, acarretou perdas para o Município de São José em função do processo de desenvolvimento urbano da cidade de Florianópolis, que se afirma como capital do Estado em detrimento do processo de desenvolvimento dos municípios vizinhos, isto é, com a facilidade de comunicação, aos poucos começa a desaparecer o movimento comercial de São José, uma vez que Florianópolis agora passa a ser um centro comercial mais atraente para o escoamento da produção local, além de outros atrativos como, estudar, trabalhar que serão verificados com o passar do

tempo. Diante desta nova realidade, resulta daí a expressão que perdurou por algum tempo tanto para São José como para Palhoça – "cidades-dormitórios".

Em 1955, sua economia era assentada basicamente na indústria da carne seca de bovinos, lingüiça, refrigerantes, papelão, entre outras.

Em conformidade com os dados extraídos da Tabela n.º T/I.3.1.A - População Urbana e Rural da Área Conurbada por Município (jun., 1996, p.84), em 1991, a população urbana do Município era de cento e vinte e oito mil e duzentos e três e a rural de onze mil cento e quinze habitantes, o que demonstra um grande aumento populacional principalmente se compararmos com as décadas de 60, 70 e 80 tornando-se assim mais significativa a disparidade entre a população urbana e rural. Quanto ao fenômeno de urbanização, foi na última década que São José apresentou o maior crescimento.

2.4.2.1 Características Sócio-Econômicas. Dados Indicativos da Evolução Urbana

a) ATIVIDADES ECONÔMICAS – Setor Primário

Segundo dados da Prefeitura Municipal de São José, as atividades deste setor não são expressivas. "As características de distribuição das propriedades agrícolas em São José estão de acordo com as da Região da Grande Florianópolis. Do número total de estabelecimentos em 1985 (seiscentos e vinte e oito), 92% são constituídos por minifúndios." (1996)

De acordo com o Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Produção Agrícola Municipal, 1987, os principais produtos agrícolas do Município eram: alho, arroz, banana (cachos), cana-de-açúcar, cebola, feijão, laranja (frutos), mandioca, milho, tomate e batata inglesa.

No que se refere à pecuária, o Município se destaca na criação de asininos, criação de coelhos e na criação de aves.

b) ATIVIDADES ECONÔMICAS – Setor Secundário

A dinâmica do crescimento econômico de São José foi resultante de vários fatores mas, um dos mais importantes foi a criação do Distrito Industrial localizado na Fazenda Santo Antônio, onde localizam-se as maiores indústrias do Município. Seu real desenvolvimento aconteceu a partir das duas últimas décadas. Contudo, verifica-se também em toda a zona urbana as mais diversificadas indústrias de bens de uso e de consumo. Destacamos alguns exemplos, tais como a indústria do mobiliário, artefatos de madeira, indústria de construção civil, confecções de roupas, estruturas metálicas, esquadrias, entre outros. Portanto, no período de 1980-1990, verifica-se um incremento considerável do parque industrial e de pessoas ocupadas em São José.

Os dados da Secretaria de Estado do Planejamento e Fazenda, 1990, revelam que:

"A atividade industrial que mais absorve mão-de-obra é a de materiais eletrônicos e comunicação seguido da indústria de alimentos e têxtil, madeira, vestuário, calçados, artefatos de tecidos, mobiliários e bebidas, sendo que possui maior número de estabelecimentos o ramo de vestuário, calçados e artefatos de tecidos, seguido do mobiliário. Em São José, o setor secundário está estruturado com vinte gêneros, empregando quatro mil e vinte e oito pessoas em setecentos e oitenta e um estabelecimentos. Analisando o crescimento do número de empresas nos últimos dez anos, a média por ano é de sessenta e um estabelecimentos industriais constituídos, o que coloca o Município bem acima da média de crescimento do setor de outros municípios." (1996)

c) ATIVIDADES ECONÔMICAS – SETOR TERCIÁRIO

É o mais significativo em São José. O número de estabelecimentos comerciais apresentou um grande crescimento na última década, conforme os dados da Tabela 4.

Tabela 4 - ESTABELECIMENTOS E PESSOAL OCUPADO - SETOR TERCIÁRIO (1970-1980-1990)

ANO	1970		1980		1990	
PESSOAL	PESSOAL OCUPADO	ESTABELECIMENTOS	PESSOAL OCUPADO	ESTABELECIMENTOS	PESSOAL OCUPADO	ESTABELECIMENTOS
de Serviços	536	214	2.536	570	12.571	3.400
	104	72	1.119	400	7.649	1.700
TOTAL	640	286	3.475	970	20.220	5.100

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 1970/1980. Cadastro da Prefeitura Municipal de São José, 1990. In: **Planejamento Social do Município de São José**, 1996.

2.4.3 Palhoça¹⁰

A história de Palhoça se inicia propriamente com a sua fundação em 31 de julho de 1793, por Caetano Silveira de Mattos, o qual veio ao povoado, por ordem do então governador João Alberto de Miranda Ribeiro.

A finalidade desta visita era a de construir galpões cobertos de palha que servissem como depósito para mantimentos.

É provável que o nome Palhoça tenha aí sua origem que, segundo informações de moradores mais antigos do lugar é que, em toda a orla marítima eram comuns casas de palha que serviam de proteção para as canoas dos pescadores.

Segundo SILVEIRA, "em 1651, vindo de São Vicente, São Paulo, com algumas famílias, Domingos Peixoto de Brito estabeleceu-se na Enseada (mais tarde Enseada de Brito) fundando a povoação. Contudo a Enseada de Brito só veio a pertencer ao Município de Palhoça em 1894, quando esta se emancipou do Município de São José." (1980, p.17)

Em 1905, Palhoça demonstra grande força econômica, estando entre os municípios mais ricos e progressistas do Estado, fato este demonstrado em uma Exposição Catarinense de Produtos Regionais.

Em 1906, é criada a Comarca do Município de Palhoça.

O apogeu de Palhoça se dá, portanto, por volta de 1894, data de sua emancipação até a construção da Ponte Hercílio Luz. Durante esse período,

¹⁰ Os dados históricos disponíveis sobre o Município de Palhoça, são escassos e de difícil localização, assim como algumas datas e fatos são controversos, o que exigiria uma pesquisa mais aprofundada. Entretanto, impossível para o tempo que dispomos.

Palhoça funcionava como entreposto de mercadorias entre o continente e a Ilha de Santa Catarina.

Motivada pela facilidade de comunicação, desapareceu de Palhoça aquele grande movimento comercial semanal, sendo que a partir de agora as mercadorias passaram a ser levadas diretamente para Florianópolis. A partir de então, começa a decadência do Município. Assim, como Palhoça já não tem mais muito a oferecer em termos de perspectivas profissionais, grande parte da população passa a usufruir os atrativos de Florianópolis no que se refere a estudo e trabalho surgindo, por essa razão, a expressão "Palhoça cidade dormitório".

A configuração étnica de Palhoça é determinada em primeiro lugar pelos portugueses, seguindo-se os açorianos e madeirenses e, bem mais tarde, pela imigração européia - alemães e italianos - e, em menor escala, por negros, libaneses, gregos, japoneses e outros povos.

2.4.3.1 Perfil Sócio-Econômico do Município

a) POPULAÇÃO

De acordo com o Censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1991), a população de Palhoça era de sessenta e oito mil quatrocentos e trinta habitantes. A Tabela 5, revela a estimativa da população com base naquele Censo.

Tabela 5 - CRESCIMENTO POPULACIONAL

ANO	POPULAÇÃO	TAXA DE CRESCIMENTO (%)
1991	68.430	-
1992	70.032	3,80
1993	71.966	2,76
1994	73.573	2,23
1995	75.139	2,12
1996	81.176	8,00
1997	84.262	3,80

lação Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. In: **Diagnóstico Turístico do Município de Palhoça, SEBRAE/SC, s/d.**

Observa-se um aumento populacional considerável, com um crescimento de 23,13% num período de seis anos, sendo a taxa média de crescimento desse período de 3,53%. Conforme a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a densidade demográfica do Município no ano de 1997 foi de duzentos e trinta e três habitantes/km².

b) ATIVIDADES ECONÔMICAS

No contexto das atividades primárias, destacam-se as principais culturas, conforme a Tabela 6.

Tabela 6 - PRODUÇÃO PRINCIPAIS CULTURAS

CULTURA	ÁREA (Ha.)	PRODUÇÃO (Kg.)	PRODUÇÃO (t)
	300	60.000	1.800
	958	4.000	3.832
	40	35.000	1.400
	30	18.000	540
	50	10.000	500
	70	10.000	700
	30	5.000	150

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Produção Agrícola Municipal, 1995. In: **Diagnóstico Turístico do Município de...**, s/d.

O Município de Palhoça se destaca na olericultura (produção de hortaliças), daí porque é chamado de o "Cinturão Verde da Grande Florianópolis".

No que se refere à pecuária, destacam-se as produções de leite, lã, ovos de galinha e de mel. Quanto aos recursos minerais, produz água mineral engarrafada e, em relação às reservas de substâncias de minerais não-metálicos, destacam-se caulim e argila. No setor privado, o Município de Palhoça conta com a Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

c) PROBLEMAS SOCIAIS

Um dos maiores problemas que Palhoça vem enfrentando nos últimos anos é a questão habitacional, com graves repercussões sociais.

Em 1993, a Prefeitura Municipal de Palhoça elaborou um levantamento das áreas carentes do Município.

"Este levantamento identificou, entretanto, que o maior déficit habitacional está nas famílias com renda de um e meio a cinco Salários Mínimos, que não são faveladas e moram no município há mais de cinco anos. A maioria mora em Palhoça, mas trabalha em Florianópolis. Conforme o estudo, das duzentas e cinquenta famílias pesquisadas, quarenta e três vieram de municípios da própria região da Grande Florianópolis, cinquenta e cinco vieram de outros Estados e treze são naturais de Palhoça (...). A maioria das famílias procederam, preferencialmente, em ordem decrescente, de Urubici (a maioria), São José, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Lages, Joinville, Florianópolis, Paulo Lopes, Criciúma, São Joaquim e Laguna. A Prefeitura de Palhoça mantém programas de cadastramento das famílias imigrantes (...). Segundo este cadastramento, há oito áreas carentes localizadas no Bairro Caminho Novo (Padre Réus - cem famílias; Santa Clara - vinte famílias); Bairro Eldorado (vinte e três famílias); Brejaru (cento e setenta e quatro famílias); Terra Fraca (noventa e seis famílias); Rio Grande (Mangue - cento e trinta e uma famílias); Ponte Maruim (duzentas e trinta e duas famílias); Passa Vinte (vinte e seis famílias); e Pinheira (vinte e seis famílias)." (jun., 1996, p.112)

Incorporam a este seríssimo problema, que é a falta de habitação e que atinge grande parte da população de Palhoça, o desemprego, evasão escolar, falta de saneamento básico, abastecimento de água, creches, pavimentação, captação de água pluvial, assistência médica, além de muitos problemas com drogas envolvendo elevado número de adolescentes, sendo também grave a situação no que diz respeito à prostituição.

2.4.4 BIGUAÇU

A história de Biguaçu é pouco conhecida, porém, sobre suas origens é sabido que, inicialmente, o Município de Biguaçu foi colonizado pelos povos açorianos nos meados do século XVIII sob a gestão do Brigadeiro Silva Paes, cujos planos eram assegurar à Coroa Portuguesa essa parte do Brasil Meridional. Assim, tratou logo de pedir ao reino povoadores para garantir a posse das novas terras.

Um pouco mais tarde, nas primeiras décadas do século XIX, com a instalação da Colônia de São Pedro de Alcântara com imigrantes alemães, alguns desses imigrantes se transferem para São Miguel - mais tarde Biguaçu -, e partem para a exploração da madeira e para a agricultura. Com efeito, foram essas as principais correntes que se destacam na colonização de Biguaçu.

De acordo com as informações de SOARES, em "História do Município de Biguaçu",

"a presença desses dois contingentes distintos de açorianos e alemães fazem de Biguaçu uma comunidade atípica no processo de colonização do Estado de Santa Catarina, sendo de se observar que se o primeiro contingente de colonos se instalou por decisão governamental, o segundo grupo adotou o lugar por vontade própria, em ato espontâneo, vindos inicialmente da própria Colônia de São Pedro de Alcântara, mais tarde de outros núcleos colonizadores situados, alguns deles, dentro dos limites do Município, mas em franca decadência, como Piedade e Santa Isabel." (1988, p.13-4)

Algumas construções marcantes começam a aparecer na localidade, seguindo determinações expressas do Conselho Ultramarino que exigia, através de documento, que esses núcleos populacionais deveriam obedecer certas normas de urbanização. Assim, conforme o mesmo autor, a construção da Igreja de São Miguel é iniciada no governo do Brigadeiro Silva Paes, "cuja autorização se deu nos termos da Provisão de 9 de agosto de 1747." (SOARES, 1988, p.20) Concomitantemente, se inicia a construção dos primeiros ranchos e casas de taipa para abrigo dos colonos. Observa-se que já havia uma preocupação com o traçado do lugar já desde o início da sua ocupação.

Um ano depois chegam ao local as primeiras levas de açorianos e, em 1749, o Governo da Capitania está sob a responsabilidade do Coronel Manoel Escudeiro Ferreira de Souza que dá continuidade aos trabalhos de colonização de Santa Catarina. Em 1751, é inaugurada a Igreja "sob a proteção de São Miguel Arcanjo." (SOARES, 1988, p.20)

A história de Santa Catarina registra um importante acontecimento histórico, em São Miguel com a instalação do governo provisório da Capitania, em 1º de maio a 30 de julho de 1778, quando a Ilha de Santa Catarina se encontrava em poder dos espanhóis. Mesmo por breve período de tempo, este fato é relevante pois, pelo parecer do Brigadeiro Silva Paes, a Ilha de Santa Catarina, na ocasião, achava-se

extremamente vulnerável e, São Miguel, lhe parecia estrategicamente muito mais guarnecida, justamente pelas próprias condições geográficas. Assim, Silva Paes pensava na possibilidade de transformar São Miguel em Sede da Capitania que, na verdade, acabou acontecendo, aliás, por circunstâncias históricas.

Um dado particular sobre os primeiros habitantes de São Miguel era o alto espírito de religiosidade, permitindo que um grande número de moradores passassem a integrar a Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, da Vila de Desterro, da Ilha de Santa Catarina. No dizer de SOARES (1988), "o conhecimento desses nomes é peça importante de avaliação demográfica, pois identifica famílias, origens e possíveis enraizamentos." (SOARES, 1988, p.24)

No que se refere às atividades econômicas, merece ser ressaltado a prática de captura e industrialização de baleias. Um núcleo que já se encontrava em operação antes mesmo da instalação da Freguesia de São Miguel. Este núcleo era denominado Armação Grande ou de Nossa Senhora da Piedade, cuja instalação se deu entre os anos de 1740 e 1742.

Quanto a importância dessas instalações, a historiadora paulista Miriam Ellis, assim se refere: "Foi a primeira, a maior e a mais importante armação do litoral catarinense." (citada por SOARES, 1988, p.25)

E o autor complementa: "O desenvolvimento desta Armação fez com que mais tarde fosse considerada uma das principais do Brasil Colônia. Para se ter uma idéia, as instalações industriais construídas no local ocupavam uma área de 5.327 m², onde se destacavam quatro grandes estabelecimentos, cada qual subdividido em várias moradias (...)" (SOARES, 1988, p.25)

No Governo de Feliciano Nunes Pires, de 1831 a 1835, a Província de Santa Catarina passa por algumas transformações administrativas significantes. Entre os

vários acontecimentos registrados no período, algumas freguesias são elevadas à categoria de vila e, São Miguel é uma delas, fato que ocorreu em maio de 1833, por deliberação do Conselho Administrativo da Província.

Nem tudo transcorria naturalmente na nova Vila. Nesse mesmo ano, São Miguel encontrava-se diante de um dos mais graves problemas que repercutiria na economia local. Trata-se da Colônia Alemã São Pedro de Alcântara, que por ato do Presidente da Província passa para a jurisdição de São José, notícia que não foi bem-vinda para os vereadores de São Miguel que temiam prejuízos econômicos para a região.

A ligação comercial entre a nova Vila e a Colônia Alemã, já vinha acontecendo a bastante tempo e os negócios expandiam-se consideravelmente. A grande preocupação agora é que, para manter a ligação constante com a Vila de São Miguel, os colonos teriam de abandonar o tradicional meio de comunicação entre ambos que até então era feita por transporte fluvial, para o terrestre. Os caminhos não ofereciam condições favoráveis para o transporte de cargas principalmente, a madeira, em lombo de animais.

Independente da reação dos vereadores de São Miguel, o Presidente da Província manteve a decisão do Conselho Administrativo. A nova situação que se encontrava a Vila terá reflexos que irão se prolongar por algum tempo comprometendo o desenvolvimento econômico de São Miguel, haja vista que, segundo a fonte em referência, "em 1847, aproveitando o local onde anteriormente funcionou a Armação da Piedade, cujo termo pertencia à Vila de São Miguel, o governo fundou uma colônia com cento e cinquenta alemães (...)" (SOARES, 1988, p.43)

Nesse mesmo ano, foi requerido ao governo da Província através do Cônsul Belga no Desterro, Sheridan Telghuis, a instalação de uma colônia no Alto Biguaçu, onde foram assentadas algumas famílias, na sua maioria procedente da decadente Colônia Armação da Piedade. Mesmo assim, a nova Colônia não prosperou. As terras eram boas mas, o problema era a comunicação. Em relação a esse impasse, SOARES assim se refere: "As dificuldades de comunicação desta Colônia fundada com o nome de Leopoldina, fizeram com que, depois de 1857, ela deixasse oficialmente de existir, ficando os que lá se encontravam entregues à própria sorte." (1988, p.45)

A Colônia da Piedade, na verdade, não chegou a existir de fato pois, não havia documento que a oficializasse e nem terras próprias para o cultivo e, os colonos, gradativamente foram abandonando o local e espalhando-se pelas Colônias Alemãs das redondezas, especialmente, em Biguaçu.

Não resta dúvida que para todo esse empreendimento de povoação dessa região, o Rio Biguaçu foi o meio de comunicação mais importante. Com seu curso navegável em quase toda a sua extensão foi inegavelmente o meio de transporte mais utilizado para a realização daquele propósito como única via de escoamento da produção da Colônia.

Quanto a sua origem e que mais tarde deu nome á cidade, há várias controvérsias. Além de Rio dos Patos, nome dado pelos navegadores e estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, outro argumento seria o do pesquisador Raulino Reitz citado por SOARES, grande conhecedor da flora e fauna catarinense, ao dizer que a sua origem está numa arvoreta denominada Biguaçu ou "baguaçú", muito comum na vegetação local e, ao se referir "à hipótese de Biguaçu se originar do suposto nome de ave biguá-açú, não se justifica, pois no Brasil não existe tal ave, ocorrendo

apenas o biguá (*Phalacrocorax olivaceus*) em Biguaçu; nem tão pouco existe uma ave denominada biguá-mirim, que justificaria a origem do nome Biguaçu." (1988, p.51)

Em 1849, foi construída a primeira passagem sobre o Rio Biguaçu. Desta data até 1975, outras pontes foram erguidas no local. A partir da construção da primeira passagem, observa-se algumas mudanças operadas no lugar, além do crescimento do povoado.

2.4.4.1 Desenvolvimento Sócio-Econômico

No início de sua ocupação, as bases de sustentação econômica do Município eram a farinha de mandioca, o milho, o corte de madeira e a pesca com a força do trabalho escravo. Boa parte da sua produção abastecia a Província que, por sua vez, exportava para outros mercados brasileiros a farinha de mandioca e o milho.

O Município está em fase de prosperidade e, em 1874, surge a primeira casa de comércio. Em 1904, começam a aparecer as primeiras indústrias: "engenhos de serra de madeira, beneficiamento de arroz, café, açúcar, alambique para fabricação de aguardente, além de uma boa parcela de exportação de bananas para Montevideú." (SOARES, 1988, p.64)

Em 1910 Biguaçu já contava com vias de comunicação com Florianópolis e Tijucas. O comércio se expandia. Agora já são onze estabelecimentos de relativa importância. A partir de 1920, o Município atingia um bom desenvolvimento com inúmeros estabelecimentos comerciais. Em 1926, a cidade é contemplada com iluminação pública através da Companhia de Força e Luz de Florianópolis.

O Município começa a apresentar grandes melhoramentos, inclusive na área urbana, sentidos na gestão do Prefeito Alfredo Silva que se encerra em 1943. A construção do mercado público, a construção do prédio da prefeitura, entre outros, são traços marcantes da evolução sócio-econômica de Biguaçu.

Em 1975, Biguaçu apresentava importantes resultados em atividades industriais e comerciais, ressaltando em termos industriais a extração de minerais, transformação de produtos minerais não-metálicos, material de transporte, madeira, mobiliário, produtos de matérias plásticas. Nas atividades comerciais, produtos metalúrgicos, material de construção, artigos de cerâmicas, vidros e louças, material elétrico e de eletrônica, aparelhos e equipamentos de comunicação, bem como peças e acessórios, produtos químicos e farmacêuticos, entre outras.

Até 1980, o Município de Biguaçu contava com um considerável aumento de estabelecimentos agropecuários. A população desse mesmo período era de vinte e uma mil seiscentas e sessenta e uma pessoas, sendo dezesseis mil trezentos e vinte e nove na área urbana e cinco mil trezentos e trinta e duas na área rural. Esses totais incluíam-se os Distritos de Guaporanga e Sorocaba do Sul. (SOARES, 1988, p.70)

Num passado mais recente, o Município de Biguaçu contava com importantes empresas de grande representatividade para o comércio local mas, acabaram declinando. Atualmente se destacam a Postes Cavan S/A, Indústria de Plásticos S/A, entre outras.

Com relação ao setor privado, o Município conta ainda com a Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI).

A população do Município de Biguaçu foi estimada para 1998, em quarenta e dois mil oitocentos e cinquenta e dois habitantes (Fundação Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística, SDDI/SC, 1997), distribuída em cinquenta e duas comunidades.

Dentre as comunidades, vinte e nove, de um modo geral, são pobres e com renda salarial entre um a três Salários Mínimos. (Secretaria do Desenvolvimento Social e da Família, 1996) As mesmas estão relacionadas no Quadro 5 a seguir:

Quadro 5 - ÁREAS CARENTES DE BIGUAÇU

BAIRROS	COMUNIDADES
1. Centro	1. Jardim São Nicolau
2. Centro	2. Jardim Europa
3. Centro	3. Vendaval
4. Fundos	4. Jardim Morro do Boa Vista
5. Fundos	5. Jardim Bela Vista
6. Fundos	6. Luar da Primavera
7. Rio Caveiras	7. Praia João Rosa
8. Rio Caveiras	8. Saveiros
9. Rio Caveiras	9. Jardim Carandaí
10. Rio Caveiras	10. Jardim Paraguaçu
11. Rio Caveiras	11. Jardim São Miguel
12. Serraria	12. Morro da Bina
13. Serraria	13. Loteamento Marcos Antônio
14. Serraria	14. Loteamento Bom Viver
15. Serraria	15. Pedregal
16. Serraria	16. Morro do Chicão
17. Serraria	17. Loteamento São Jorge I
18. Serraria	18. Loteamento São Jorge II
19. Serraria	19. Morro João do Boi
20. Serraria	20. Loteamento Karina
21. Serraria	21. Jardim Mar das Pedras
22. Serraria	22. Jardim Sueli
23. São Miguel	23. Praia Bento Francisco
24. São Miguel	24. Tijuquinhas
25. São Miguel	25. Cachoeiras
26. São Miguel	26. Areias
27. Prado	27. Jardim Anápolis
28. Prado	28. Jardim Tibúrcio
29. Prado	29. Jardim Dalmolin

Os problemas sociais nessas comunidades são grandes e tendem a se agravar. O levantamento efetuado naquelas comunidades pela Secretaria do Desenvolvimento Social e da Família, aponta estar bastante precária a área educacional, face o número de crianças existentes.

As comunidades mais carentes são constituídas por moradores que migraram do Oeste do Estado, alguns do Planalto Serrano e, ainda, do Nordeste do País.

De um modo geral, os problemas enfrentados por aquelas populações são basicamente semelhantes: ocupação de áreas clandestinas (em certos locais, as casas são atingidas pelo mar, quando ocorre maré alta), população marginalizada, pessoas profissionalmente desqualificadas, desempregados, problemas com drogas, precariedade de moradias, invasão de terrenos, déficit habitacional, falta de creches, ausência de associação comunitária, falta de esgoto, furtos, ausência de dependência sanitária nas moradias, problemas de promiscuidade nas famílias, estupro, alcoolismo, prostituição, e analfabetismo.

A ocupação profissional dos moradores dessas comunidades é constituída basicamente por pedreiros, serventes, funcionários públicos, ajudantes de pedreiro, agricultores, pescadores, "biscateiros" e limpadores de carros.

De posse desses dados, podemos concluir que essas populações vivem à margem das condições favoráveis de sobrevivência e vários são os fatores que podem ser considerados como geradores dessa marginalidade. Mas, a inexistência de uma política agrária, assim como uma urgente reforma urbana são os maiores responsáveis pela formação desses bolsões de pobreza.

2.5 REGIÃO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS - MESOREGIÃO

2.5.1 Considerações Gerais

A região da Grande Florianópolis é caracterizada por diferenças culturais resultantes das várias correntes imigratórias que para cá vieram e se instalaram. É composta por vinte e um Municípios, distribuídos em três micro-regiões conforme o Quadro 6 a seguir.

Quadro 6 - DISTRIBUIÇÃO DOS MUNICÍPIOS POR MICRO-REGIÕES

MICRO-REGIÕES	CIDADES
1. Tijucas	Angelina
	Canelinha
	Leoberto Leal
	Major Gercino
	Nova Trento
	São João Batista
	Tijucas
2. Florianópolis	Antônio Carlos
	Biguaçu
	Florianópolis
	Governador Celso Ramos
	Palhoça
	Paulo Lopes
	Santo Amaro da Imperatriz
	São José
	São Pedro de Alcântara (*)
3. Tabuleiro	Águas Mornas
	Alfredo Wagner (**)
	Anitápolis
	Rancho Queimado
	São Bonifácio

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Setor de Documentação e Disseminação de Informações (SDDI/SC), 1997.

(*) Era distrito do Município de São José. A partir de 1º de janeiro de 1997, foi instalado como Município. A partir daí, passa a fazer parte da Mesoregião da Grande Florianópolis e da Microregião de Florianópolis.

(**) É o único Município originário da Região do Planalto Serrano, através de desmembramento de Bom Retiro em 1961.

A origem desses Municípios, assim como os seus processos de desmembramentos, foram resultantes dos Municípios de Laguna, Porto Belo e Bom Retiro.

Conforme informações do Plano Básico de Desenvolvimento Ecológico-Econômico da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente,

"Florianópolis emancipou-se de Laguna em 1726 e, por sua vez deu origem aos Municípios de São José e Biguaçu em 1833. De Biguaçu emanciparam-se em 1963 os Municípios de Antônio Carlos e Governador Celso Ramos. De São José emancipou-se, inicialmente, Palhoça em 1894 e, mais recentemente, em 1961 e 1962, Angelina e Rancho Queimado, respectivamente. De Palhoça, em desmembramentos sucessivos entre os anos de 1958 e 1962, emanciparam-se: Santo Amaro da Imperatriz, Garopaba¹¹, Paulo Lopes e São Bonifácio. Santo Amaro da Imperatriz, por sua vez, deu origem, em 1961, aos Municípios de Águas Mornas e Anitápolis. Tijucas foi emancipado de Porto Belo em 1859 e deu origem a Nova Trento em 1892, São João Batista em 1958 e Canelinha em 1962. Em 1961 Major Gercino desmembrou-se de São João Batista e, em 1962, Leoberto Leal foi emancipado de Nova Trento." (jun., 1996)

A base econômica desses Municípios era essencialmente agrícola, processo esse que perdurou até 1970, quando as concentrações populacionais nas zonas urbanas eram relativamente baixas. A partir de então, quando se intensificam as redes viárias e com a crescente modernização industrial, esse processo adquire novas dimensões, isto é, as cidades mais desenvolvidas da região passam a conviver com um contingente populacional até certo ponto acentuado. Essas cidades, por assim dizer, são Florianópolis, São José, Palhoça e Biguaçu. Esse

¹¹ O Município de Garopaba, nesta fonte, é citado como integrante da Região da Grande Florianópolis, porém, deixou de fazer parte da referida região em 1989 quando houve uma nova divisão territorial. A partir dessa data, Garopaba passa a pertencer à Mesoregião Sul Catarinense e à Microregião de Tubarão. Florianópolis: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Divisão de Pesquisa em Santa Catarina. SDDI/SC.

processo se intensifica nos fins dos anos 80 em diante, provocando uma evasão das populações das áreas rurais para as zonas urbanas.

Conforme dados preliminares do Censo Demográfico da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1991), a região da Grande Florianópolis totaliza seiscentos e vinte e oito mil duzentos e trinta e oito habitantes, concentrando 13,84% da população do Estado. "Florianópolis, a Capital e cidade-pólo da região, é o Município mais populoso (254.941 habitantes), seguida de São José (139.318 habitantes), Palhoça (68.298 habitantes) e Biguaçu (34.027 habitantes), que juntos e conurbados, concentram 79% do total de habitantes da região." (jun., 1996, p.81)

Dos vinte e um Municípios da região, Florianópolis e São José são os que se destacam "por apresentarem taxas acima de quinhentos habitantes/Km² semelhantes as taxas das demais cidades brasileiras." (jun., 1996, p.83)

É na região da Grande Florianópolis que se verifica a mais alta taxa de urbanização do Estado, pois, a grande maioria da população vive nas cidades, principalmente, nas áreas litorâneas, e, "Palhoça apresenta a maior taxa de urbanização da região, (96,14%), sendo o Município que apresentou o maior incremento populacional urbano, entre os anos de 1980 e 1991" (p.84), seguido de Florianópolis, São José e Biguaçu.

A Tabela 7, mostra a distribuição espacial da população da área conurbada de Florianópolis, de 1960 a 1991, distribuídas nas zonas urbana e rural.

Tabela 7 - POPULAÇÃO URBANA E RURAL DA ÁREA CONURBADA DE FLORIANÓPOLIS POR MUNICÍPIO - (TABELA N.º T/L...3)

MUNICÍPIOS	ANO 1960		ANO 1970		ANO 1980		ANO 1991	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
FLORIANÓPOLIS								
Urbana	40.963	41,87	115.547	83,53	161.773	86,11	239.566	
Rural	56.864	58,13	22.790	16,47	26.098	13,89	15.375	
JOÃO JOSÉ								
Urbana	2.537	9,97	28.916	67,98	79.200	90,19	128.203	
Rural	22.903	90,03	13.619	32,02	8.617	9,81	11.115	
ALHOÇA								
Urbana	1.727	12,11	6.008	29,09	35.089	92,26	65.661	
Rural	12.539	87,89	14.644	70,91	2.942	7,74	2.637	
SIGUAÇU								
Urbana	1.536	11,17	5.767	37,60	16.101	75,12	28.215	
Rural	12.215	88,83	9.570	62,40	5.333	24,88	5.812	
CONURBADA (*)								
Urbana	46.763	30,91	156.238	72,05	292.163	87,17	461.645	
Rural	104.521	69,09	60.623	27,95	42.990	12,83	34.939'	

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados Preliminares do Censo de 1960, 1970 e 1980.** IBGE, 1991.

Elaborado a partir de dados brutos da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. In: **Plano Básico de Desenvolvimento** do Estado de Santa Catarina, Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente, jun., 1996.

Os dados apresentados são claros no que se refere à disparidade da ocupação das áreas urbanas, cada vez mais crescentes nos Municípios da Área Conurbada de Florianópolis, em relação as áreas rurais. As altas taxas de crescimento da população e a conseqüente diminuição da população rural é explicada por vários motivos, quais sejam, a ausência de uma política agrícola, os atrativos das cidades, embora elas não tenham muito a oferecer, são alguns dos fatores influenciadores para essas populações tentarem melhoria de vida e que acabam enfrentando uma miséria ainda maior. Problemas de ordem política, recessão econômica, inflação, retração de investimentos sentidos no País sobretudo nas duas últimas décadas, vem corroborando com a formação de grandes contingentes de desempregados ou subempregados que, buscam na economia informal alternativas de sobrevivência.

"Dentre os Municípios da região da Grande Florianópolis, Palhoça foi o que mais cresceu na última década (5,47% ao ano), e foi o segundo Município do Estado em crescimento populacional, seguido de Biguaçu (4,29%) e São José (4,28%)." (jun., 1996, p.85)

De acordo com a mesma fonte de pesquisa, Florianópolis, no entanto, apesar de ser a cidade-pólo, não foi a que apresentou a maior taxa média geométrica de incremento anual. Isso se explica pelas limitações físico-territoriais, a legislação urbanística e ao alto custo dos imóveis.

Ao apresentarmos a série histórica dos Municípios da Área Conurbada de Florianópolis, que enfocamos neste trabalho, observamos que ao longo do processo histórico tiveram prosperidade nas atividades agrícolas e industriais, com significativo desenvolvimento econômico a partir do início deste século até aproximadamente nos fins da década de 1940. Entretanto, com o fenômeno de

urbanização que começa a se intensificar nos anos de 1970 em diante, passamos a sentir uma concentração populacional mais intensa na região. A partir de então, alguns indicativos como o aumento do êxodo rural e com o crescimento das cidades e a industrialização da Área Conurbada de Florianópolis, expandindo os setores secundário e terciário, sobretudo em Florianópolis, foram incentivos para migrantes de outras regiões do Estado, assim como de outros Estados brasileiros.

Todas essas transformações são agravadas por uma população em sua maioria de mão-de-obra desqualificada, baixa escolaridade e baixo poder aquisitivo. Além do mais, esse fluxo migratório provoca um alto custo social para os Municípios envolvidos permitindo o surgimento de favelas, os quais não possuem infraestrutura física, bem como social para atender a demanda.

Todo esse processo que vem se intensificando no decorrer dos últimos anos constitui um dos mais graves problemas causados por deficiências de ordem econômica e social para essas populações.

Ao refletirmos sobre o nosso tempo, sobre as nossas cidades, verificamos que os problemas vividos pela região, muito se assemelham a outros aglomerados urbanos brasileiros no que se refere a problemas como excesso populacional, intensa migração, abundante mão-de-obra desqualificada, entre outros problemas, tornando-se visíveis nessa região os processos de degradação ambiental, de marginalidade social e violência.

Diante destes resultados tão sombrios, torna-se cada vez mais difícil chamarmos a atenção do ser humano para a importância da qualidade de vida, tema tão atual, que deve ser de interesse da sociedade como um todo, porém, muitas vezes limitado por não abranger valores e necessidades humanas.

CAPÍTULO 3

O UNIVERSO DAS DROGAS:

USO E CONSEQÜÊNCIAS

"O homem busca o drama e o arrebatamento; quando não pode obter satisfação a um nível mais alto, ele cria para si mesmo o drama da destruição." (Erich Fromm, 1979)

3.1 DROGAS E SOCIEDADE

Num estudo como este, que tem a violência como objetivo de análise principal, o tema drogas deve ser levado em consideração na medida em que, nas sociedades contemporâneas, a sua utilização têm criado os mais diversos problemas não só de ordem pessoal mas, também social, como iremos descrever neste capítulo. Contudo, a utilização de drogas não é recente na humanidade, talvez o aspecto mais notável seja a sua larga utilização e difusão na nossa época.

Segundo GRAEFF, a prática de ingerir drogas psicoativas vem de longa data, conforme atesta o humanista britânico Aldous Huxley citado por GRAEFF: "Todos os sedativos, euforiantes, alucinógenos e estimulantes de ocorrência natural foram descobertos há milhares de anos, antes da aurora da civilização. Por volta da Idade da Pedra Lascada, o homem se estava intoxicando sistematicamente. Houve viciados em drogas muito antes de existirem agricultores." (1989, p.101)

Em seu livro "As Portas da Percepção" acrescenta ele: "Parece improvável que a humanidade, em geral, seja algum dia capaz de dispensar os Paraísos Artificiais", (1989, p.101) isto é, a "(...) busca da auto-transcedência através das drogas" (1989, p.101) ou, "(...) umas férias químicas de si mesmo (...) A maioria dos homens e mulheres levam vidas tão dolorosas, na pior das hipóteses, ou tão monótonas, pobres e limitadas, na melhor delas, que a tentação de transcender a si mesmos, ainda que por alguns momentos, é e sempre foi um dos principais apetites da alma." (1989, p.101)

GRAEFF, comentando o último trecho de Huxley salienta que muitas pessoas para ultrapassar os estreitos limites do nosso cotidiano independente das diferenças culturais e, acrescentamos, de classes sociais também, utilizam-se de recursos químicos para superar tais limites de suas vidas pessoais como forma de aliviar a ansiedade e frustrações acumuladas diariamente.

Esses recursos químicos, por sua vez, atuando sobre o Sistema Nervoso Central, induzem sensações de bem estar ou euforia ou aliviam a ansiedade, frustração e até mesmo a dor. Neste contexto, escreve o autor:

"Tal papel por assim dizer, 'homeostático' do uso de drogas psicotrópicas foi destacado também por Sigmund Freud: a tal ponto se valorizam os serviços prestados pelas drogas na luta pela felicidade e para evitar o sofrimento, que tanto os indivíduos como os povos reservaram para elas uma posição inabalável na economia da libido. Não é somente o ganho imediato de prazer que devemos a elas, mas também um certo grau de independência em relação ao meio ambiente, que nos é tão caro (...) Também sabemos que é justamente esta qualidade das drogas que constitui seu maior perigo e nocividade." (GRAEFF, 1989, p.101)

Freud, ao tratar desta questão se refere a duas situações opostas que as drogas podem proporcionar. De um lado, o prazer, a independência, alívio de tensão, etc., que elas oferecem mas, de outro, o preço alto demais que se paga para viver tais momentos efêmeros de bem estar, ou seja, as conseqüências ou, graves prejuízos individuais e/ou coletivos em decorrência da ingestão dessas substâncias sendo, as maiores vítimas, aqueles que não possuem nenhum controle e que acabam se servindo periódica ou continuamente desses recursos levando-os até a infligir danos à sociedade em geral. Isso quer dizer que acabam se tornando dependentes do uso de determinadas drogas em busca de um equilíbrio equivocado tanto psicológico como fisiológico, a tal ponto de se tornarem afastados do convívio social para manterem a dependência acarretando perdas não só financeiras mas, também afetivas, além de enfrentarem o problema da repressão e controle por parte de agentes oficiais.

O que leva uma parcela da população se tornar exposta às drogas e se tornar dependente delas, são fatores que nos levam a examinar algumas causas, tais como, fatores de personalidade e influências sócio-culturais, tornando esses indivíduos mais vulneráveis e dependentes de drogas, além da curiosidade ingênua, bem como é ainda importante destacar, o papel aliciador dos traficantes.

As pressões ambientais e sociais que levam ao uso de drogas são várias e, para citar apenas um exemplo, apontamos o caso das crianças abandonadas e que vivem nas ruas, principalmente, dos grandes centros urbanos. Dentro de uma análise mais limitada seria suficiente supor que as populações menos favorecidas, por todas as carências que a sociedade as impõe, são grupos de risco para o uso e consumo de drogas. Porém, se colocarmos o assunto numa perspectiva mais ampla, veremos que não são só os fatores de vulnerabilidade social; tal realidade vai mais além. No outro extremo da população também encontramos pessoas que recorrem às drogas como meio de resolver problemas pessoais de ansiedade, depressão, isolamento ou mesmo, para obter prazer embora passageiro, de forma mais rápida e a qualquer custo. Isto significa que boas condições econômicas não constituem garantia contra o uso inadequado de drogas. Neste caso, estamos nos referindo aos indivíduos propensos à dependência psico-farmacológica ou drogas psicotrópicas de abuso. Consideramos oportuno neste momento esclarecer que em todo o mundo as drogas são classificadas em dois grupos, ou seja, as lícitas ou drogas consideradas legais e as ilícitas ou ilegais.

Quando nos referimos às drogas, as pessoas de um modo geral, logo raciocinam em termos de drogas ilícitas, como a maconha, a cocaína, entre outras, excluindo automaticamente aquelas consideradas legais, tais como o tabaco, o álcool e as que são usadas por indicação médica, como os benzodiazepínicos, os barbitúricos e os opiáceos.

A questão, portanto, que se coloca é como diversas camadas da população, independente de condições sociais, o uso de drogas é uma realidade e que parâmetros adotar ao avaliar os perigos pessoais e sociais dessas substâncias químicas.

3.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE USO, ABUSO E DEPENDÊNCIA DE DROGAS PSICOTRÓPICAS

Ao analisarmos mais de perto a questão das drogas e para melhor compreensão do tema, passamos a examinar alguns conceitos que consideramos básicos para o entendimento do assunto em pauta.

1. USO

Consumo de qualquer psicotrópico com propósitos não médicos. Pode ser ocasional, portanto, não é patológico.

2. ABUSO

Constitui abuso o uso de droga(s) quando resulta em problemas para o indivíduo tanto de ordem social como comportamental, podendo muitas vezes levar à prática de crimes.

De acordo com os Critérios Diagnósticos do DSM-IVTM, abuso é assim definido:

"Abuso de substância¹²:"

a) Um padrão mal-adaptativo de uso de substância levando a prejuízo ou sofrimento clinicamente significativo, manifestado por um (ou mais) dos seguintes aspectos, ocorrendo dentro de um período de doze meses:

- uso recorrente da substância resultando em um fracasso em cumprir obrigações importantes relativas a seu papel no trabalho, na escola ou em casa (por exemplo, repetidas ausências ou fraco desempenho ocupacional relacionados ao uso de substância; ausências, suspensões ou expulsões da escola relacionadas a substância; negligência dos filhos ou dos afazeres domésticos).

- uso recorrente da substância em situações nas quais isto representa perigo físico (por exemplo, dirigir um veículo ou operar uma máquina quando prejudicado pelo uso da substância).

- problemas legais recorrentes relacionados a substância (por exemplo, detenções por conduta desordeira relacionada a substância).

- uso continuado da substância, apesar de problemas sociais ou interpessoais persistentes ou recorrentes causados ou exacerbados pelos efeitos da substância (por exemplo, discussões com o cônjuge acerca das conseqüências da intoxicação, lutas corporais).

b) Os sintomas jamais satisfizeram os critérios para Dependência de Substância para esta classe de substância." (1995, p.108-9)

3. ADIÇÃO¹³

Estado extremo quando o controle do uso da droga é perdido. O uso da droga é feito às expensas de muitas outras atividades, apesar das conseqüências adversas.

¹² Na Classificação Internacional de Doenças (CID) - 10, a expressão aparece como uso nocivo. Sobre este item, iremos nos limitar ao DSM-IVTM.

¹³ Também usada na maior parte das vezes como sinônimo de dependência mas, no trabalho presente utilizaremos como dependência, embora existem pequenas diferenças.

4. DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIA¹⁴

Refere-se ao estado de necessidade de uma droga ou mais para o organismo funcionar dentro dos limites normal.

A Dependência de Substância, conforme o DSM-IVTM, é:

"um padrão mal-adaptativo de uso de substância, levando a prejuízo ou sofrimento clinicamente significativo, manifestado por três (ou mais) dos seguintes critérios, ocorrendo a qualquer momento no mesmo período de doze meses.

a) tolerância, definida por qualquer um dos seguintes aspectos:

- uma necessidade de quantidades progressivamente maiores da substância para adquirir a intoxicação ou efeito desejado;
- acentuada redução do efeito com o uso continuado da mesma quantidade de substância;

b) abstinência, manifestada por qualquer dos seguintes aspectos:

- síndrome de abstinência característica para a substância (consultar os Critérios "A" e "B" dos conjuntos de critérios para Abstinência das substâncias específicas);
- a mesma substância (ou uma substância estreitamente relacionada) é consumida para aliviar ou evitar sintomas de abstinência;

c) a substância é freqüentemente consumida em maiores quantidades ou por um período mais longo do que o pretendido.

d) existe um desejo persistente ou esforços mal-sucedidos no sentido de reduzir ou controlar o uso da substância.

e) muito tempo é gasto em atividades necessárias para a obtenção da substância (por exemplo, consultas a múltiplos médicos ou fazer longas viagens de automóvel), na utilização da substância (por exemplo, fumar em grupo) ou na recuperação de seus efeitos.

f) importantes atividades sociais, ocupacionais ou recreativas são abandonadas ou reduzidas em virtude do uso da substância.

¹⁴ O fator dependência será aqui de acordo com o DSM-IVTM e pela Classificação Internacional de Doenças (CID) - 10.

g) o uso da substância continua, apesar da consciência de ter um problema físico ou psicológico persistente ou recorrente que tende a ser causado ou exacerbado pela substância (por exemplo, uso atual de cocaína, embora o indivíduo reconheça que sua depressão é induzida por ela, ou consumo continuado de bebidas alcoólicas, embora o indivíduo reconheça que uma úlcera piorou pelo consumo do álcool)."

Especificar-se:

a) Com Dependência Fisiológica: evidências de tolerância ou abstinência (isto é, presença do Item 1 ou 2).

b) Sem Dependência Fisiológica: não existem evidências de tolerância ou abstinência (isto é, nem Item 1 nem Item 2 estão presentes). (1995, p.104-5)."

De acordo com a Classificação Internacional de Doenças (CID) - 10, a Síndrome de Dependência de Substância é caracterizada por:

"Um conjunto de fenômenos fisiológicos, comportamentais e cognitivos, no qual o uso de uma substância ou uma classe de substâncias alcança uma prioridade muito maior para um determinado indivíduo que outros comportamentos que antes tinham maior valor. Uma característica descritiva central da síndrome de dependência é o desejo (frequentemente forte, algumas vezes irresistível) de consumir drogas psicoativas (as quais podem ou não terem sido medicamente prescritas), álcool ou tabaco. Pode haver evidência que o retorno ao uso da substância após um período de abstinência leva a um reaparecimento mais rápido de outros aspectos da síndrome do que o que ocorre com indivíduos não dependentes.

- Diretrizes Diagnósticas: um diagnóstico definitivo de dependência deve usualmente ser feito somente se três o mais dos seguintes requisitos tenham sido experienciados ou exibidos em algum momento durante o ano anterior:

a) um forte desejo ou senso de compulsão para consumir a substância;

b) dificuldades em controlar o comportamento de consumir a substância em termos de seu início, término ou níveis de consumo;

c) um estado de abstinência fisiológico (ver F1x.3 e F1x.4) quando o uso da substância cessou ou foi reduzido, como evidenciado por a síndrome de abstinência característica para a substância ou o uso da mesma

substância (ou de uma intimamente relacionada) com a intenção de aliviar ou evitar sintomas da abstinência;

d) evidência de tolerância, de tal forma que doses crescentes da substância psicoativa são requeridas para alcançar efeitos originalmente produzidos por doses mais baixas (exemplos claros disto são encontrados em indivíduos dependentes de álcool e opiáceos, que podem tomar doses diárias suficientes para incapacitar ou matar usuários não tolerantes);

e) abandono progressivo de prazeres ou interesses alternativos em favor do uso da substância psicoativa, aumento da quantidade de tempo necessária para obter ou tomar a substância ou para se recuperar de seus efeitos;

f) persistência no uso da substância, a despeito de evidência clara de conseqüências manifestamente nocivas, tais como dano ao fígado por consumo excessivo de bebidas alcoólicas, estados de humor depressivos conseqüentes a períodos de consumo excessivo da substância ou comprometimento do funcionamento cognitivo relacionado à droga; deve-se fazer esforços para determinar se o usuário estava realmente (ou se poderia esperar que estivesse) consciente da natureza e extensão do dano.

Estreitamento do repertório pessoal de padrões de uso de substância psicoativa também tem sido descrito como um aspecto característico (por exemplo, uma tendência a tomar bebidas alcoólicas da mesma forma em dias úteis e fins de semana, a despeito de restrições sociais que determinam o comportamento adequado de beber). É uma característica essencial da Síndrome de Dependência que tanto a ingestão de substância psicoativa quanto um desejo de ingerir uma substância em particular devem estar presentes. A consciência subjetiva da compulsão a usar drogas é mais comumente observada durante tentativas de parar ou controlar o uso da substância. Esta exigência diagnóstica excluiria, por exemplo, pacientes cirúrgicos tomando drogas opióides para alívio de dor, que podem mostrar sinais de um estado de abstinência opióide quando as drogas não são administradas, mas que não têm desejo de continuar consumindo as drogas. A Síndrome de Dependência pode estar presente para uma substância específica (por exemplo, tabaco ou diazepam), para uma classe de substâncias (por exemplo, drogas opióides) ou para uma gama mais variada de diferentes substâncias (como para aqueles indivíduos que regularmente sentem compulsão a usar quaisquer drogas disponíveis e que mostram angústia, agitação e/ou sinais físicos de um estado de abstinência cessado o uso da droga)." (1995, p.74-6)

Por outro lado, é preciso levar em consideração também o potencial do agente farmacológico de induzir à dependência de determinadas substâncias. No que se refere à dependência, a Organização Mundial de Saúde assim a define:

"a dependência de drogas é um estado mental e, muitas vezes, físico, que resulta da interação entre um organismo vivo e uma droga. Caracteriza-se por comportamento que sempre inclui uma compulsão de tomar a droga para experimentar seu efeito psíquico e, às vezes, evitar o desconforto provocado por sua ausência." (GRAEFF, 1989, p.103)

Para que uma droga induza à dependência, é necessário que a auto-administração do agente farmacológico produza sensações agradáveis ao usuário, tais como, alívio de tensões, alterações do humor, prazer, enfim, modificações do comportamento. Assim, tais efeitos de natureza psicológica produzidos pelas drogas psicotrópicas é função especificamente das propriedades farmacológicas da droga para induzir à dependência. Porém, nem todas as drogas psicotrópicas levam à dependência. Sobre este aspecto GRAEFF destaca: "Verifica-se, pois, que a maioria das drogas abusadas pelo homem podem funcionar como recompensa, reforçando os comportamentos que produzem sua auto-administração." (1989, p.104). Assim, o caráter de recompensa produzidos pelos efeitos provocados pelas drogas psicotrópicas, pode explicar a razão pela qual os usuários continuam a usar drogas, apesar dos efeitos deletérios causados por elas. Daí porque é muito difícil o indivíduo se livrar da dependência porque os efeitos prazerosos dessas substâncias se sobressaem independente dos esforços para abandoná-las, embora nem sempre este interesse exista.

5. SÍNDROME DE ABSTINÊNCIA

"Abstinência de Substância de acordo com o DSM-IV™:

- a) Desenvolvimento de uma síndrome específica à substância devido à cessação (ou redução) do uso pesado e prolongado da substância.
- b) A síndrome específica à substância causa sofrimento ou prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, ocupacional ou outras áreas importantes da vida do indivíduo.
- c) Os sintomas não se devem a uma condição médica geral nem são melhor explicados por outro transtorno mental." (1995, p.109-10)

A Classificação Internacional de Doenças (CID) - 10, assim especifica:

"Um conjunto de sintomas, de agrupamento e gravidade variáveis, ocorrendo em abstinência absoluta ou relativa de uma substância, após uso repetido e usualmente prolongado e/ou uso de altas doses daquela substância. O início e curso do estado de abstinência são limitados no tempo e relacionados ao tipo de substância e a dose que vinha sendo utilizada imediatamente antes da abstinência. O estado de abstinência pode ser complicado por convulsões.

- Diretrizes Diagnósticas: o estado de abstinência é um dos indicadores de Síndrome de Dependência (ver F1x.2) e este último diagnóstico deve também ser considerado.

Estado de abstinência deve ser codificado como o diagnóstico principal, se é a razão para o encaminhamento e grave o suficiente para requerer atenção médica por si só. Os sintomas físicos variam de acordo com a substância que vinha sendo usada. Perturbações psicológicas (por exemplo, ansiedade, depressão e transtornos de sono) são também aspectos comuns de abstinência. Tipicamente, é provável que o paciente refira que os sintomas de abstinência são atenuados pelo uso ulterior da substância. Deve ser lembrado que sintomas de abstinência podem ser induzidos por estímulos condicionados/aprendidos na ausência de uso imediatamente precedente da substância. Em tais casos, um diagnóstico de estado de abstinência deve ser feito somente se ele é justificado em termos de gravidade." (1995, p.76-7)

A Tabela 8, indica as classes específicas de substâncias que possuem uma Síndrome definida de Dependência, Abuso, Intoxicação ou Abstinência.

Tabela 8 - DIAGNÓSTICOS ASSOCIADOS COM CLASSES DE SUBSTÂNCIAS

DROGAS	DEPENDÊNCIA	ABUSO	INTOXICAÇÃO	ABSTINÊNCIA
Álcool	X	X	X	X
Anfetaminas	X	X	X	X
Cafeína	-	-	X	-
Canabinóides	X	X	X	-
Cocaína	X	X	X	X
Alucinógenos	X	X	X	-
Inalantes	X	X	X	-
Nicotina	X	-	-	X
Opióides	X	X	X	X
Fenciclidina	X	X	X	-
Sedativos, Hipnóticos ou Ansiolíticos	X	X	X	X
Múltiplas Substâncias (*)	X	-	-	-
Outras	X	X	X	X

Fonte: (DSM-IV™).

Nota: "X" indica que a categoria é reconhecida no DSM-IV™.

(*) Sem predomínio de substância isolada. (observação nossa).

6. DROGAS E VARIAÇÃO CULTURAL

De acordo com GRAEFF, muitas vezes a dependência e o abuso de drogas ocorrem simultaneamente, porém, tanto um como o outro, podem ser interpretados diferentemente. Um paciente portador de alguma doença específica, por exemplo, pode receber altas doses de um determinado medicamento de acordo com prescrições médicas que o torna dependente de uma ou mais drogas, porém, casos assim não configuram abuso. No entanto, alguém que venha por alguma circunstância experimentar algum tipo de droga ilegal por curiosidade, não quer dizer que esta pessoa seja dependente. Ela apenas incorreu em abuso. "Assim, considera-se abuso a auto-administração de uma droga que desvia dos padrões sócio-culturais aceitos." (1989, p.102) O autor, nesta definição de caráter comportamentalista, destaca dois pontos fundamentais que devem ser considerados, quais sejam: a auto-administração e os padrões de uso de drogas que podem variar de uma sociedade para outra devido aos padrões sócio-culturais estabelecidos, assim como a época histórica. Isto é, em muitas sociedades, muitas drogas são toleradas enquanto que em outras, são vistas com restrição. Muitos desses casos tais procedimentos se explicam pelo universo cultural dessas sociedades.

Com base no autor em referência, apontamos alguns exemplos bem conhecidos como é o caso da cocaína usada pelos povos andinos, o uso da mesalina pelas populações nativas do sul dos Estados Unidos, o uso da maconha pelos povos afegãos, e assim por diante. Por outro lado, o uso dessas substâncias são proibidas no Brasil, por exemplo, assim como o uso do álcool etílico é considerado crime nos países muçulmanos.

Já o café e o tabaco, conforme nos informa GRAEFF, "sofreram severas restrições no início de sua introdução na Europa, nos séculos quinze e dezesseis, antes de seu consumo se tornar aceito." (1989, p.103)

Por uma ou outra razão, seja para fins terapêuticos ou, até mesmo ritualísticos, a auto-administração de determinadas drogas psicoativas fazem parte do cotidiano de muitas sociedades humanas contrastando com outros ambientes culturais. Na evolução das sociedades, determinadas drogas podem ser legitimadas e seu uso considerado normal, enquanto que num outro momento histórico passam a ser proibidas ou submetidas ao controle do Estado.

Os exemplos mencionados são, pois, apenas alguns que ressaltam os aspectos socioculturais e psicológicos na representação de abuso e dependência de alguns tipos de drogas.

7. O QUE SÃO DROGAS PSICOTRÓPICAS

Tendo em vista a importância que desejamos dar ao enfoque em questão estabelecemos como reflexão básica o estudo das drogas que causam abuso ou dependência ou, pelo menos, as mais difundidas.

Como já nos referimos anteriormente, a utilização de determinados tipos de drogas nas sociedades humanas é muito antiga. Segundo nos informa GRAEFF, o homem descobriu que quando extraídas através das técnicas de que dispunha, tais substâncias poderiam ser modificadas e empregadas nas mais diversas situações, seja para fins terapêuticos, ritualísticos, seja para obter prazer. O autor observou que quando ingeridas, aspiradas, enfim de uma forma ou de outra, o efeito de tais substâncias interferiam, direta ou indiretamente, em suas ações, no seu estado de

espírito e no seu comportamento, dependendo das circunstâncias em que eram utilizadas. Contudo, com o grande avanço da tecnologia e em especial das ciências químicas, foi possível conseguir nos últimos anos, a fabricação sintética de compostos altamente concentrados e eficazes no tratamento de distúrbios mentais e do comportamento humano no auto-consumo dessas drogas e, inclusive, para extrair algum prazer, seja sensitivo ou até mesmo espiritual. "Este conjunto de medicamentos psicoterapêuticos e de drogas psicoestimulantes e alucinogênicas é o que entendemos por drogas psicotrópicas, isto é, que atuam principalmente alterando o comportamento e as funções mentais." (1989)

O aparecimento das drogas psicotrópicas, portanto, passa a chamar a atenção de estudiosos das mais diversas áreas no sentido de esclarecer dentro do possível, como elas agem e interferem no cérebro como órgão regulador do comportamento, embora a ação dos psicotrópicos não se restrinja apenas no cérebro. Outros órgãos também são afetados em consequência de sua introdução e interação com o organismo.

Ao refletirmos sobre o tema em discussão, achamos adequado neste momento, esclarecer uma certa confusão até certo ponto predominante em nosso meio quanto ao conceito de droga e tóxico. O senso comum confere às drogas, de um modo geral, como tóxicos o que na verdade não é bem assim. A propósito, não é muito fácil de se estabelecer um julgamento com relação à droga. Na tentativa de se ordenar certos equívocos existentes, droga é aqui entendida como qualquer substância química natural ou sintética que em contato com o organismo vivo, produz alterações funcionais ou somáticas. Por exemplo, uma droga que altera a frequência cardíaca produz uma alteração funcional. No entanto, uma droga que destrua uma célula no organismo, provoca uma alteração somática. Essa droga

pode muitas vezes ser um medicamento. Assim, medicamento pode ser considerado como uma droga que tem efeitos positivos com relação à saúde de um ser biológico, e quando essas substâncias tem efeitos negativos, então elas passam a ser um tóxico. Segundo MASUR, a diferença reside em:

"(...) as drogas psicoativas ou psicotrópicas atuam principalmente no cérebro (Sistema Nervoso Central). Deriva daí a denominação psicotrópico: tropismo ou atração pela mente. Produzem alterações psicológicas cuja qualidade e intensidade vão variar principalmente com o tipo e quantidade de droga. Mas não apenas; também são importantes as características de quem as ingere, as expectativas que se tem sobre os seus efeitos e as circunstâncias em que são ingeridas." (1986)

Sobre estas últimas, o poeta francês Baudelaire citado por MASUR comentava, em 1861:

"O haxixe cria o exagero não apenas do indivíduo, mas também da circunstância e do meio (...) Se você estiver em um ambiente favorável, como uma paisagem pitoresca ou um apartamento poeticamente decorado, se, além disso, você puder contar com um pouco de música, então tudo é para o melhor (...) É preciso ter cuidado. Que não haja nenhuma tristeza, nenhuma dor de amor (...) Esta infelicidade, esta inquietude, soarão como um dobre de finados em meio à sua embriaguez e envenenarão o seu prazer." (1986, p.15-6)

Este exemplo merece ser visto com cautela porque não é incomum os fatos muitas vezes serem confundidos com mitos.

Para muitos, todo e qualquer tipo de droga psicotrópica é perigosa produzindo efeitos indesejáveis e anti-sociais. Enquanto que para outros, podem ter alguma valoração positiva. Como podemos observar, são duas posições extremas e simplistas e que não levam em consideração uma série de fatores inclusive do comportamento do usuário, bem como alguns dos principais mecanismos pelos quais agem os psicotrópicos. O uso de drogas psicotrópicas é um dos sintomas de uma problemática muito maior das sociedades contemporâneas.

Segundo JOHNSON, "nenhuma destas posições extremas tem muito a oferecer. Em geral é necessário distinguir entre, a) efeitos farmacológicos e fisiológicos; b) efeitos comportamentais; c) efeitos sociais das várias drogas." (c1979, p.137)

Examinando com cuidado todas estas ponderações, não nos cabe aqui desconhecer a sucessão de problemas do ponto de vista individual e social que o uso destas drogas podem causar. Assim, elas devem ser entendidas pelos efeitos que podem produzir no ser humano, bem como pela possibilidade de levar à dependência. Com efeito, as informações aqui não tem como objetivo aprofundar conhecimentos sobre cada droga específica e sim o de transmitir noções básicas para auxiliar a discussão. Para isso, consideramos fundamental o conhecimento de alguns aspectos técnicos relacionados com as drogas como subsídios no sentido de se conhecer qual ou quais drogas estão intimamente relacionadas com a violência. Julgamos então necessário para facilidade de exposição, apresentar aqui as três classes ou categorias básicas que as drogas psicotrópicas se enquadram já difundidas por muitos estudiosos no assunto, de acordo com a sua ação sobre o Sistema Nervoso Central, embora, segundo JOHNSON, muitas vezes se torna difícil de se estabelecer uma classificação das drogas psicotrópicas devido a certos

critérios preestabelecidos ou sejam, por serem classificadas em "leves" e "pesadas", ou mesmo, "brandas" e/ou seguras ou perigosas.

A princípio, todas as drogas psicotrópicas, inclusive as terapêuticas, de abuso e dependência são consideradas perigosas até que se provem seguras, o que vai depender da dose e método aplicados, bem como das diferenças biológicas e psicológicas individuais que ainda não são bem compreendidas.

O que têm levado algumas autoridades no assunto a admitirem que todas as drogas psicotrópicas deste grupo a priori são perigosas é devido aos efeitos nocivos que elas podem causar ao enfatizarem os inúmeros riscos possíveis ao organismo, inclusive podendo levar ao comportamento criminoso àqueles que delas vierem se utilizar. Tais observações, contudo, não deixam de ser verdadeiras. O maior problema, talvez, seja a falta de informação por parte dos usuários sobre os danos psíquicos, orgânicos, sociais e até mesmo financeiros que esses indivíduos estão expostos, levando em consideração apenas as suas experiências pessoais, o que é um outro problema.

Outro argumento muito difundido que todas as drogas são perigosas até que se provem o contrário, é que uma droga considerada inócua pode vir a ser o ponto de partida para o uso de outras drogas mais perigosas. Conforme JOHNSON,

"Esta teoria do dominó é citada inúmeras vezes. É baseada no estudo retrospectivo de viciados. As estatísticas mostram que muitos viciados em heroína antes fumavam maconha. Se conseguirmos que as pessoas deixem a maconha elas não se voltariam para a heroína, este é o raciocínio. Mas eventos seqüenciais nunca provaram relações causais. O mesmo raciocínio nos conduziria a banir o leite porque a maioria dos usuários de heroína bebe leite antes de se voltar para a heroína. Há países nos quais fumar maconha é altamente difundido, ao passo que o uso da heroína é praticamente desconhecido. (Fort, 1969). Por outro lado, o gozo de uma droga relativamente inócua como a maconha pode

encorajar experimentos com outras drogas que são na realidade letais. Drogas potencialmente letais também podem produzir algum gozo, mas os riscos adicionais grandemente ultrapassam qualquer prazer temporário. Se existe alguma coisa como a progressão de uma droga à outra, provavelmente o melhor exemplo é o da cafeína (em refrigerantes, café e algumas marcas de aspirina) para o fumo e o álcool." (c1979, p.138)

8. DROGAS PSICOTRÓPICAS (RELACIONADAS COM ABUSO E DEPENDÊNCIA) - CLASSIFICAÇÃO

1. DEPRESSORAS

São drogas que bloqueiam os processos mentais. São assim chamadas por inibir as funções gerais do cérebro. Relacionamos as seguintes: Álcool; Inalantes; Opiáceos: morfina, heroína, metadona, entre outras; Benzodiazepínicos: diazepam, valium, bromazepam, lexotan, lorazepam e lorax.

a) ÁLCOOL

O uso do álcool a exemplo de outras drogas, vem desde a Antiguidade e sua difusão generalizada nos permite trabalhar com a hipótese que é o álcool a droga que se configura no maior problema médico-social definido pelo uso de drogas.

Neste particular, MASUR, em sua obra "O que é Alcoolismo", traz subsídios importantes para a discussão que queremos encaminhar.

Um dos aspectos que iremos considerar, inicialmente, é quanto a disponibilidade do álcool como uma das explicações para a sua difusão

generalizada. Por ser o produto oriundo da fermentação de açúcares, não está sujeito a situações climáticas e assim, pode ser obtido facilmente em qualquer região do mundo o que o torna acessível e conseqüentemente de custo inferior em relação a outras drogas psicotrópicas.

Como exemplos das primeiras bebidas alcoólicas, consumidas e originárias do processo de fermentação, estão a cerveja e o vinho. Entretanto, as bebidas oriundas do processo de destilação passam a ser conhecidas bem mais tarde ou seja, no período medieval através dos árabes quando eles introduzem na Europa esses novos conhecimentos. A partir de então, as bebidas passam a ser também consumidas na forma destilada, com uma concentração de álcool muito superior a das habituais, girando em torno de 40 a 50% para whisky, conhaque, cachaça, etc., 12% para vinhos aos 4% para cervejas, o que provocou uma verdadeira revolução na história das bebidas alcoólicas no momento em que os usuários sentem os efeitos mais potentes e mais rápidos das novas bebidas com o propósito de aliviar uma série de frustrações e até mesmo a dor, ao contrário das outras com o teor alcoólico bem mais baixo atuando de forma mais lenta para atingir os objetivos desejados.

De acordo com os dados extraídos ainda da autora já citada, em face dessa nova descoberta, o homem passa a fazer uso dessas bebidas agora com um novo significado se utilizando, inclusive, de símbolos lingüísticos para dar mais ênfase ao novo hábito adquirido, (spirits = espírito da bebida), que foram chamados de *acqua vitae* ou *eau de vie*. Entre os vários exemplos deste simbolismo está o termo gaélico *usquebaugh*, que significa a "água da vida", de onde deriva a palavra "whisky".

Até então o homem só conseguia perceber os efeitos positivos das bebidas. No entanto, os efeitos contrários passam também logo a serem observados e

relacionados com o uso abusivo do álcool: embriaguez e alcoolismo e problemas decorrentes da intoxicação alcoólica que passam a ser fonte de muitas preocupações.

A questão, portanto, que se coloca não está em beber e sim o que vem a configurar uso e abuso. Diante da aceitabilidade social do uso do álcool não apenas em nossa sociedade mas, em inúmeras outras, os problemas merecem ser vistos com alguma atenção.

Para fins puramente didáticos a intoxicação por álcool pode ser assim classificada:

- Intoxicação Aguda (ou Embriaguez)

Que pode ocorrer com qualquer indivíduo que se exceda na ingestão de bebidas alcoólicas, provocada pelo abuso destas bebidas. Para melhor esclarecer este ponto, MASUR assim nos informa:

"O álcool é oxidado, ou seja, metabolizado no organismo numa velocidade em torno de 0,2g por quilo de peso por hora. Isto implica que o álcool contido em uma garrafa grande de cerveja (cerca de 20g) vai levar perto de noventa minutos para ser metabolizado por uma pessoa de setenta quilos. A embriaguez ocorre quando a quantidade de álcool ingerida é consideravelmente maior que a velocidade da sua metabolização." (1991, p.16-7)

Além deste, dois outros fatores que contribuem para a embriaguez devem ser levados em conta: jejum e beber rapidamente. No jejum, a concentração do álcool

no sangue e no cérebro é muito maior, ocorrendo assim a embriaguez mais rapidamente, uma vez que a presença de alimento no estômago retarda a absorção de álcool pela corrente circulatória e cérebro e no beber rapidamente, tendo em vista que o volume de álcool introduzido na circulação passa a ser bem maior.

A intoxicação aguda por sua vez, pode ser dividida em três fases:

a) Euforia

Traduzida por desinibição do comportamento, alegria e diminuição da autocrítica. Nesta fase é comum ocorrerem maior número de acidentes de trânsito e outros tipos de acidentes pois os seus reflexos motores mostram-se bastante prejudicados;

b) Depressão

Neste estágio, o indivíduo apresenta-se como anestesiado. Alguns reagem com irritação, violência ao contrário de outros que ficam desligados, choram ou dormem;

c) Coma

O indivíduo nestas condições apresenta um quadro clínico crítico de perda total da consciência, alterações da temperatura do corpo deixando a pele fria e pegajosa, respiração lenta e ruidosa, podendo haver alterações nas pupilas

(dilatação), e aceleração dos batimentos cardíacos. Se esse estado persistir por mais de doze horas, as possibilidades de recuperação são remotas.

- Alcoolismo (Intoxicação a Longo Prazo)

No alcoolismo (intoxicação a longo prazo) ou no uso crônico do álcool, com sérias repercussões individuais e sociais, ainda não existe uma explicação universal para determinar as causas do alcoolismo. Fatores biológicos, psicológicos e sociais, destes os mais discutíveis são os biológicos, embora o fator genético como uma explicação do alcoolismo no ser humano ainda não está bem demonstrada.

Por outro lado, alguns defendem a hipótese que as tendências para o alcoolismo estão vinculadas a traços característicos de personalidade, tais como, insegurança, introversão, isolamento, entre outros, embora sem comprovação. Dentro desse enfoque psicológico, MASUR faz a seguinte observação: "o aspecto mais importante a ser considerado dentro do enfoque psicológico do alcoolismo diz respeito ao fenômeno da dependência em si mesmo." (1991, p.37)

Com efeito, como não existe restrições para o uso do álcool em nosso meio onde o consumo se dá de forma indiscriminada, muitos iniciam esse hábito muito cedo sobretudo hoje, de forma mais acentuada, com a proliferação de diversões noturnas e salientamos aqui, a influência dos meios de comunicação de massa, a televisão, por excelência, onde certos segmentos da propaganda desempenham papel muito importante na difusão desse hábito. O grande papel dessa propaganda não se destina a esclarecer quanto aos efeitos adversos do álcool e sim a atrair, induzindo-nos, por exemplo, que, as nossas tarefas cotidianas poderão ser melhor realizadas se acompanhadas por alguma bebida dessa natureza, romances,

viagens, descontração, sociabilidade e assim por diante. Festas de base popular ou tradicionais, como Oktoberfest, Fenarreco e Festival Nacional da Cachaça, como aquele que se realiza anualmente em Luiz Alves, Santa Catarina, são tantas outras formas de incentivos institucionais para o alcoolismo. Enfim, com tantos estímulos, muitas vezes o usuário, principalmente o jovem, tem dificuldades para perceber os riscos que corre até que problemas de natureza não apenas pessoais mas, também sociais surjam resultantes do uso abusivo do álcool.

Outra explicação que se busca para a causa do alcoolismo são os fatores socioculturais estabelecidos numa determinada sociedade e que exercem grande influência para o consumo do álcool. Neste particular, a Antropologia nos fornece contribuições valiosas uma vez que em diversas sociedades as normas culturais em relação ao consumo do álcool são fundamentais para influenciar ou não o desenvolvimento do alcoolismo. Em algumas culturas, o ato de beber está relacionado a determinados rituais quando, inclusive, crianças são iniciadas nesta prática onde aprendem a beber com responsabilidade. Nessas culturas os problemas em relação ao uso abusivo do álcool são quase inexistentes.

Já nos países muçulmanos, a ingestão de bebidas alcoólicas é considerado crime. Entre os judeus, segundo nos informa MASUR, talvez seja "o exemplo mais claro - sem dúvida o mais citado - da influência das normas culturais (...) onde, apesar de o álcool ser bastante consumido (o número de abstêmios é baixo), tanto a embriagues como o alcoolismo são menos freqüentes." (1991, p.41-2)

Provavelmente as explicações para esse tipo de conduta entre os povos judeus onde são estabelecidas normas no sentido de evitar a embriagues, seria a necessidade de manter a coesão grupal conservando assim a identidade como valor cultural essencial desses povos que é transmitido de geração à geração.

Poderíamos nos alongar enumerando uma série de outros exemplos. Estes, porém, no nosso entendimento são suficientes para a compreensão das diferenças culturais estabelecidas nas mais diversas sociedades.

Com base nestes argumentos concluímos que é muito difícil apontar as causas do alcoolismo, embora os fatores sociais exerçam grande influência, pelo menos em algumas sociedades assim como a nossa e, em muitas outras, para a difusão do álcool e as graves conseqüências originárias deste, sem dúvida é fato comprovado.

O alcoolismo crônico está associado a uma série de patologias orgânicas, de um modo geral, muito graves. Praticamente todo o organismo é afetado pelo álcool. Entretanto, o Sistema Nervoso Central é o mais atingido. Além disso, os etilistas crônicos se utilizam também de outras drogas tais como, as anfetaminas, sedativos que, em certas situações são usadas em combinação com o álcool e, em outras, este é utilizado na ausência daquelas.

Outro problema observado em etilistas crônicos é a deficiência nutricional. Fornecendo energia, as bebidas alcoólicas deprimem o apetite, suprimem calorias sem, portanto, fornecer os componentes nutricionais essenciais da dieta.

Além dos graves problemas de saúde que o uso abusivo do álcool pode causar, já é bem difundido que o álcool desempenha papel relevante em acidentes de trânsito, além do que os suicídios e outros atos violentos estão muitas vezes associados à ingestão de bebidas alcoólicas. O etilismo crônico produz a tolerância bem como o estado de dependência muito acentuada.

Os sintomas da síndrome de abstinência está relacionada com a falta de álcool no organismo do alcoolista chamada de "Delirium tremens", cujos transtornos estão assim especificados no DSM-IV™.

"a) cessação (ou redução) do uso pesado ou prolongado de álcool.

b) dois ou mais dos seguintes sintomas, desenvolvendo-se dentro de algumas horas a alguns dias após o critério "a":

- hiperatividade autonômica (por exemplo, sudorese ou taquicardia);
- tremor intensificado;
- insônia;
- náuseas ou vômitos;
- alucinações ou ilusões visuais, táteis ou auditivas transitórias;
- agitação psicomotora;
- ansiedade;
- convulsões de grande mal.

c) os sintomas do critério "b" causam sofrimento ou prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.

d) os sintomas não se devem a uma condição médica geral nem são melhor explicados por outro transtorno mental." (1995, p.114)

Um dos grandes atrativos para o consumo do álcool é devido aos fatores de desinibição que ocasiona facilitando assim os contatos sociais, principalmente para aqueles indivíduos que, por alguma razão apresentam problemas de relacionamento que tendem a encontrar uma atitude defensiva para utilizarem-se desse recurso.

De acordo com GRAEFF,

"(...) o consumo moderado do álcool (abaixo de 60g por dia para adultos do sexo masculino) não é prejudicial e pode mesmo ser benéfico. Além de facilitar contatos sociais pela descontração e desinibição que produz, estudos epidemiológicos revelam que o uso moderado do álcool está associado a uma menor incidência de doença coronariana. Talvez por isso, a curva de mortalidade em função do consumo tem a forma de "U", sendo menor nos bebedores moderados do que nos abstêmios, passando a crescer com o aumento da ingestão. Nos alcoolistas, porém, a expectativa de vida acha-se diminuída em cerca de 10% em relação à população geral." (1989, p.108-9)

b) INALANTES – TIPOS DE SUBSTÂNCIAS

Lança-Perfume; Acetona; Gasolina; Polidor de Unha; Anestésicos Gerais: éter etílico, clorofórmio, óxido nitroso, entre outros; Cola: tolueno, n-hexano, acetato de etila; Thiner; Benzina; Tintas e Aerosóis.

b.1) TIPOS QUÍMICOS DE SUBSTÂNCIAS VOLÁTEIS

a) Hidrocarbonetos

Benzeno, Tolueno, Xilol, Acetona, n-Hexano, Acetato de Etila, Estireno, Naftaleno, Tricloroetano, Cloreto de Metileno, Tricloroetileno, Tetracloroeto de Carbono.

- EFEITOS NO SER HUMANO / EXPOSIÇÃO AGUDA

Primeira Fase:

Excitação ou Indução: euforia, excitação, exaltação, tonturas, perturbações auditivas e visuais.

Segunda Fase:

Depressão inicial do Sistema Nervoso Central: confusão, desorientação, perda do controle, visão embaçada, diplopia, cólicas abdominais, dor de cabeça e palidez.

Terceira Fase

Depressão média do Sistema Nervoso Central: redução acentuada do alerta, incoordenação visual, ataxia, fala pastosa, reflexos deprimidos, nistagmo.

Quarta Fase

Depressão profunda do Sistema Nervoso Central: inconsciência, sonhos bizarros, convulsões.

- EXPOSIÇÃO CRÔNICA AOS SOLVENTES

a) INALAÇÃO OCUPACIONAL (BAIXAS CONCENTRAÇÕES)

TOLUENO

Confusão mental, alteração da memória, alteração das funções sensoriais e vestibulares, hepatomegalia.

n-HEXANO

Polineuropatia: dores de cabeça, insensibilidade nas extremidades, fraqueza muscular progressiva.

b) USO INTENCIONAL (ALTAS DOSES)

TOLUENO

Déficits cognitivos, sinais neurológicos cerebelares, piramidais de tronco cerebral e dos nervos cranianos.

n-HEXANO

Polineuropatia: progressiva fraqueza das extremidades, insensibilidade dos dedos de mãos e pés, cadeira de rodas.

Também chamadas de solventes voláteis, são preparados diversos, vendidas legalmente e utilizadas como drogas para produzir efeitos subjetivos.

Como são compostos legais produzidos e vendidos para múltiplos fins, torna-se difícil o controle da auto-administração dessas substâncias e, quando auto-administrados podem provocar efeitos subjetivos agradáveis.

Segundo nos informa JAFFE,

"os efeitos tóxicos e euforizantes do protóxido de nitrogênio e éter etílico eram conhecidos muito antes do reconhecimento de seu potencial anestésico. No século XIX, os esforços para reduzir o etilismo na Irlanda foram bem sucedidos, mas houve uma disseminação tão grande do uso do éter, que se tornou necessário reeducar o povo para o uso do álcool." (in GOODMAN e GILMAN, 1978, p.281)

A exemplo daquele ocorrido na Irlanda, certos indivíduos ao enfrentarem determinadas situações de ordem econômica e social bem como, leis ou prisão que porventura venham a impedir o acesso a uma droga específica ou mais, outras substâncias de acentuada toxicidade como é o caso dos inalantes, podem vir a ser usadas.

No caso dos adolescentes, por exemplo, comumente proibidos de ingerir bebidas alcoólicas, o "cheira cola" se enquadra nessa categoria como meio de extrair algum prazer, suprimir necessidades biológicas vitais, ou mesmo para preencher lacunas individuais. Contudo, os casos relatados, com base no autor antes mencionado, não são suficientes para explicar tal comportamento uma vez que muitos adultos, jovens e adolescentes com acesso à bebidas alcoólicas também se envolvem com essas substâncias.

Todavia, a falta do álcool parece ser o motivo maior para levar, de imediato, o usuário em busca de um substituto, sendo as drogas inalantes as que se apresentam como uma opção em função de seu fácil acesso e baixo custo.

Estas substâncias são comumente encontradas em produtos de uso industrial e doméstico. Em diversos tipos de cola como a bem conhecida cola de sapateiro, de marceneiro, etc., em solventes de pintura, tintas, éter, thinner, removedores de tintas, em adesivos e aerosóis, esmalte de unha, acetona, laquê, entre outros. Além do

que, existem ainda preparados muito conhecidos como "cheirinho da loló" e lança-perfume.

Essas drogas são usadas por inalação pelo nariz ou boca. Na fase inicial ou em doses reduzidas, essas substâncias produzem uma fase de excitação levando o indivíduo à euforia que pode ser acompanhada por tonturas, perturbações de ordem visual e auditiva mas, em seguida, produzem um quadro de depressão com sinais e sintomas equivalentes aos da embriagues alcoólica, tais como, voz pastosa, dor de cabeça, vômitos, incoordenação motora, tontura, além de outros problemas de mal estar. Em concentrações maiores, os sinais de depressão do Sistema Nervoso Central também são mais acentuados onde ocorrem confusão mental, alucinações, inconsciência e morte.

O principal grupo de risco do uso de inalantes são os jovens e crianças, principalmente aqueles que vivem nas ruas, sendo a cola de sapateiro a mais usada por estes, como um meio também de suprimir a fome por um período de tempo.

Em referência aos transtornos relacionados a Inalantes, o DSM-IV™ especifica:

"Intoxicação com Inalantes:

a) Recente uso intencional ou exposição breve a altas doses de inalantes voláteis (excluindo gases anestésicos ou vasodilatadores de curta ação).

b) Alterações comportamentais ou psicológicas mal-adaptativas e clinicamente significativas (por exemplo, beligerância, agressividade, apatia, prejuízo no julgamento, no funcionamento social ou ocupacional) que se desenvolveram durante ou logo após o uso ou a exposição a inalantes voláteis.

c) Dois ou mais, dos seguintes sinais, desenvolvendo-se durante ou logo após o uso ou a exposição a inalantes: tontura, nistagmo, fraca coordenação, fala arrastada, marcha instável, letargia, reflexos deprimidos, retardo psicomotor, tremor, fraqueza muscular generalizada, visão turva ou diplopia, estupor ou coma, euforia.

d) Os sintomas não se devem a uma condição médica geral nem são melhor explicados por outro transtorno mental." (1995, p.127-8)

c) OPIÁCEOS

Os opiáceos compõem um conjunto de substâncias naturais ou sintéticas originárias do ópio obtidas da incisão da papoula oriunda da Ásia Menor, *Papaver Somniferum*.

Os principais são:

- naturais: ópio, morfina e codeína
- sintéticos: meperidina, metadona e propoxifeno
- semi-sintéticos: heroína, entre outros

- ÓPIO

O ópio é uma mistura de vários alcalóides, ou substâncias analgésicas ativas. Daí o termo opiáceo designar-se dessa classe de analgésicos.

Segundo a fonte¹⁵ que tivemos oportunidade de consultar, a papoula é uma planta que vem sendo cultivada desde épocas remotas, há aproximadamente 5.000

¹⁵ BROW, Lt. Thorvald T. *The Enigma of Drug Addiction*. Second printing. Illinois, USA: Springfield, 1963. O autor, nesta obra, analisa a trajetória histórica do ópio na China até o término da Segunda Guerra Mundial.

anos a. C. pelos povos da Baixa Mesopotâmia. Aqueles povos extraíam o suco deste vegetal que era denominado "gil" que significa alegria. A origem do ópio deriva do grego que quer dizer "suco vegetal". As finalidades do cultivo da papoula eram puramente medicinais, sendo que bem mais tarde (aproximadamente 1.550 a.C.), suas propriedades terapêuticas ficaram conhecidas também na Pérsia, Egito e ainda, expandiram-se para o mundo romano.

O ópio foi levado para a China no século X através dos mercadores árabes, onde foi usado como remédio para combater a desintéria e, em muitos momentos, foi usado também para combater a fome. Mas, foi somente no século XVI que o ópio se popularizou. Difundiu-se pela Índia, Europa Ocidental onde foi muito utilizado também pelas suas propriedades terapêuticas. Contudo, seus perigos foram reconhecidos por algumas autoridades da época a ponto de Warren Hastings, na Inglaterra, afirmar em 1873, que o ópio era um "apernicious article of luxury which ought not to be permitted but for the purpose of foreign commerce only."¹⁶ (1963, p.6) Tal afirmação demonstra bem a atitude dos ingleses com relação ao ópio a ponto de refletir mais tarde nas guerras do ópio que resultaram no tráfico de narcóticos para o Oriente.

Segundo o autor, o ensaísta Thomas De Quincey (1785-1859), relata as sensações que obteve quando experimentou o ópio pela primeira vez aos dezenove anos. Em seu livro, "Confessions of an English Opium Eater"¹⁷, (1963, p.6) ele relata o desaparecimento de suas dores reumáticas, além de mergulhar num mundo de

O autor, nesta obra, analisa a trajetória histórica do ópio na China até o término da Segunda Guerra Mundial.

¹⁶ "um artigo de luxo pernicioso que não deveria ser permitido para o uso, mas apenas para venda no comércio exterior."

¹⁷ "Confissões de um inglês consumidor de Ópio."

ópio, ele se utilizava de uma preparação para beber que consistia em: tintura de ópio diluída em álcool (10% de ópio ou 1 grama de morfina para cada 100 ml de álcool). Ele dizia que a droga, independente da quantidade, não intoxicava e ao compará-la ao vinho, ele assim a descrevia: "The pleasure of wine is always mounting and tending to a crisis, after which it declines, that from opium, when once generated, is stationary for eight to ten hours; the one is a flame, the other a steady and equable glow."¹⁸ (1963, p.7) Esta descrição foi um dos primeiros relatos dos efeitos da droga.

No século XVIII, os ingleses obtiveram o monopólio mundial do ópio através da Companhia Inglesa das Índias Ocidentais. Assim, os ingleses estabeleceram um acordo com a China que consistia na troca da droga por produtos oriundos daquele país, tais como, seda, prata e chá, resultando disso, a disseminação do ópio entre os chineses a tal ponto que a China passa a se preocupar em eliminar esta prática que resultou na guerra do ópio entre 1839 e 1842 com a Inglaterra. Apesar de não terem sido vitoriosos e da pressão imposta, mesmo assim os chineses se recusaram a legalizar o tráfico de ópio. Por sua vez, a vitória inglesa resultou no "Tratado de Nanking", que abriu a China para o livre comércio e, conseqüentemente, abriu também o tráfico de ópio que trouxe grandes dificuldades não só para o governo chinês como também para o governo inglês.

Em função desses problemas, quinze anos depois acontece a segunda guerra do ópio entre ingleses e chineses, o que resultou na permissão do cultivo do ópio na China, bem como foi legalizada a importação do produto da Índia. O governo chinês continuou a tratar a questão do uso do ópio como um fato moral e

¹⁸ "O prazer do vinho sempre sobe e tende para uma crise, depois declina; já o ópio, fica estacionário por oito a dez horas e depois declina."

econômico importante e, em 1880 a quantidade de ópio importado pela China foi de 12.911.800 libras. Esta quantidade se adicionava às já grandes quantidades produzidas na China. Muitos cultivavam papoula ao invés do trigo e outras culturas devido ao enorme lucro conseguido com a droga.

Em 1900, os chineses cultivaram 45.000.000 de libras de ópio e exportaram 660.000 libras. Além disso, importaram 7.230.000 libras da Índia. Neste período o governo chinês faturou 30.000.000 de dólares com taxas de licenças relativas ao tráfico de ópio. Em 1906, a China decidiu terminar com o uso da droga dentro de um período de 10 anos. Para isso, a China pediu à Inglaterra uma ajuda num projeto para eliminar o uso do ópio, já que a maior parte da droga importada vinha da Índia, uma possessão britânica. Um acordo foi feito em 1907 e um plano para reduzir o consumo de ópio em cada ano para que em 1917 cessasse o uso da droga na China.

Ambos os países mantiveram o acordo e o hábito que afetou oito milhões de adultos chineses, foram substancialmente reduzidos devido a diminuição da produção de ópio na China e ao fato que a China não mais era obrigada a importá-lo da Índia.

Os lucros derivados do ópio foram, em parte, importantes na economia do Oriente. Os ingleses compravam-no "in natura" do Irã e da Índia e então preparavam a droga para a prática do fumo. Durante este período, o ópio "in natura" foi uma grande fonte de lucro mas, os preços foram elevados para diminuir as vendas. Em vista disso, a droga era vendida sob o controle do governo somente para os viciados registrados e com autorização médica.

Na década de 1930, 10% do PIB chinês vinha de impostos sobre o ópio. Chiang, quando estava criando o Estado Nacional Chinês, precisou vencer as elites

locais que dominavam o tráfico de ópio e, o governo chinês para controlar o tráfico, resolveu o problema dos viciados aumentou os impostos sobre o produto e criou hospitais para tratamento dos viciados. Por outro lado, enquanto os chineses tentavam controlar o tráfico, os japoneses, durante a longa guerra com a China fizeram tudo o que podiam para a expansão do ópio. O mercado da droga cresceu em Nanking, Tientsin e Pequim. Foram os japoneses que introduziram a heroína na China que era até então desconhecida. Porém, depois da Segunda Guerra Mundial quando a China se tornou um País socialista, ela começou a vender heroína e ópio em grandes quantidades para o Japão, Filipinas e Estados Unidos, assim como para a Coréia do Norte e Hong Kong.

As formas pelas quais o ópio e seus derivados podem ser utilizados para produzir os efeitos analgésicos e, inclusive euforiantes, são várias: Segundo GRAEFF, "o ópio costuma ser ingerido sob a forma de goma de mascar ou como uma solução, feita a partir do pó de ópio. Pode também ser fumado (...). Além disso o ópio foi muito usado como antidiarréico, no chamado elixir paregórico, e para aliviar a tosse." (1989, p.87)

Contudo, dos elementos extraídos da papoula, sem dúvida, a heroína ou "brown sugar"¹⁹, é o opióide ilícito mais usado atualmente. Administrada por via endovenosa, é a que mais se difundiu pelo mundo, isto é, um derivado de maior consumo hoje do que o ópio e a própria morfina, esta destinada mais para uso médico.

JAFFE, mostra inclusive a expansão rápida da heroína a partir dos anos sessenta, com largo consumo nos Estados Unidos e Inglaterra. Entre os fatores

¹⁹ Açúcar mascavo. Terminologia utilizada pelos usuários para designar a versão mais barata da heroína.

apontados por esse autor para essa franca disseminação, se incluem as mudanças de atitudes sociais em relação ao uso da droga e às próprias normas sociais estabelecidas, bem como a disponibilidade desta e o aumento da população jovem em decorrência da Segunda Guerra Mundial e novos valores instalados.

"Nos Estados Unidos há dois padrões básicos de uso de opiáceos e dependência. Um envolve indivíduos cujo uso da droga começa durante um tratamento médico e que obtém seus suprimentos iniciais através do médico. Este grupo constitui uma percentagem muito pequena da população viciada. O outro tipo começa com o uso experimental ou 'recreativo' da droga, evolui para um uso mais intenso; envolve principalmente adolescentes e jovens, com homens em número bem maior que mulheres." (in GOODMAN & GILMAN, 1978, p.259)

Desde a sua expansão nos Estados Unidos via-se a possibilidade da heroína também chegar ao Brasil, o que já aconteceu. Por ser uma das drogas mais devastadoras, a heroína passou a preocupar alguns setores da sociedade brasileira, a partir de 1990, embora o número de usuários no Brasil ainda é restrito devido ao preço que no mercado periférico a dose alcança até trezentos reais (R\$300,00). (Revista Veja, 17 set., 1997, p.70-1)

O que facilita a entrada da heroína no território brasileiro deve-se ao cultivo mais recente da papoula na Colômbia, substituindo tradicionais mercados de produção como, a Turquia, Tailândia e Afeganistão. Além disso, com plantações tão próximas, a tendência da heroína é cair de preço permitindo sua maior expansão pela América Latina e Estados Unidos onde já existem seiscentos mil norte-americanos dependentes daquela substância.

Contudo, convém destacar que a forma mais pura da droga que é a de coloração branca, ainda não é vendida no Brasil. Além do efeito analgésico dos opiáceos é preciso considerar as alterações psicológicas acentuadas que estes agentes causam ao usuário, tais como, euforia, sonolência, apatia, redução dos impulsos agressivos e sexuais, entre outros. Um notável grau de tolerância se desenvolve com o uso crônico de opiáceos, bem como a síndrome de abstinência e dependência.

- TRANSTORNOS RELACIONADOS A OPIÓIDES DE ACORDO COM O DSM-IV™

"a) Intoxicação com Opióides:

- Uso recente de um opióide;
- Alterações comportamentais ou psicológicas mal-adaptativas e clinicamente significativas (por exemplo, euforia inicial seguida por apatia, disforia, agitação ou retardo psicomotor, julgamento prejudicado ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional) que se desenvolveram durante ou logo após o uso de opióides;
- Constrição das pupilas (ou dilatação das pupilas devido à anóxia por superdosagem severa) e um (ou mais) dos seguintes sinais, desenvolvendo-se durante ou logo após o uso de opióides: torpor ou coma, fala arrastada e prejuízo na atenção ou memória;
- Os sintomas não se devem a uma condição médica nem são melhor explicados por outro sintoma mental.

b) Abstinência de Opióides:

- Qualquer um dos seguintes quesitos: cessação (ou redução) do uso pesado e prolongado de opióides (algumas semanas ou mais), administração de um antagonista de opióides após um período de uso de opióides;

- Três (ou mais) dos seguintes sintomas, desenvolvendo-se dentro de alguns minutos a alguns dias após o critério "a": humor disfórico, náusea ou vômito, dores musculares, lacrimejamento ou rinorréia, dilatação das pupilas, piloereção ou sudorese, diarreia, bocejos, febre, insônia;
- Os sintomas no critério "b" causam sofrimento significativo ou prejuízo no funcionamento social, ocupacional ou em outras áreas de funcionamento importantes;
- Os sintomas não se devem a uma condição médica geral nem são melhor explicados por outro transtorno mental." (1995, p.131-2)

d) SEDATIVOS, HIPNÓTICOS OU ANSIOLÍTICOS

HIPNÓTICOS

Também denominados como sedativos-hipnóticos, calmantes ou soníferos porque a consciência pode ser diminuída. Reduzem a ansiedade e provocam o sono. Em alguns casos são também utilizados no tratamento de epilepsias. Os hipnóticos podem ser divididos em: Barbitúricos e não-Barbitúricos.

a) Barbitúricos

Na gíria dos viciados os barbitúricos são conhecidos como "bolinhas." Derivados do ácido barbitúrico, são usados no combate à insônia e à ansiedade. São sedativos e anti-convulsionantes capazes de prevenir as convulsões em pessoas que precisam fazer uso desses medicamentos para controlar a epilepsia.

b) Não-Barbitúricos

Os efeitos causados por essas substâncias são muito semelhantes aos dos barbitúricos. Além de outros compostos, estão os benzodiazepínicos que são de utilização mais recente devido aos inconvenientes causados pelos barbitúricos. São também chamados, pelo senso comum, de tranqüilizantes menores. Além de atuar como ansiolítico, os benzodiazepínicos também são empregados no tratamento da insônia pela sua eficácia e baixo risco de intoxicação.

c) Ansiolíticos

Como o próprio nome sugere, são medicamentos ou seja, toda substância com fármaco com a finalidade de modificar algum estado patológico, isto é, aliviar um estado emocional, basicamente, o medo e a ansiedade, bem como os sintomas a eles ligados, mais acentuados entre os indivíduos dos grandes centros urbanos e suburbanos. Os ansiolíticos, também conhecidos por tranqüilizantes possuem também efeitos hipnóticos, são sedativos, deixando a pessoa relaxada e desligada dos problemas existenciais permitindo assim que os indivíduos se sintam mais seguros para enfrentar situações difíceis. Neste grupo estão os benzodiazepínicos, o álcool etílico ou etanol (sendo a mais popular entre as drogas ansiolíticas, porém, não de uso médico) e, os barbitúricos. Atualmente os mais utilizados são os benzodiazepínicos e citamos alguns exemplos: Diazepan, Valium, Bromazepan, Lexotan, Lorazepan, Lorax.

- TRANSTORNOS RELACIONADOS A SEDATIVOS, HIPNÓTICOS OU ANSIOLÍTICOS DE ACORDO COM O DSM-IV™

"Intoxicação com Sedativos, Hipnóticos ou Ansiolíticos:

a) Uso recente de um sedativo, hipnótico ou ansiolítico.

b) Alterações comportamentais ou psicológicas mal-adaptativas e clinicamente significativas (por exemplo, comportamento sexual ou agressivo inadequado, instabilidade do humor, prejuízo no julgamento, prejuízo no funcionamento social ou ocupacional), desenvolvidas durante ou logo após o uso de um sedativo, hipnótico ou ansiolítico.

c) Um (ou mais) dos seguintes sinais, desenvolvendo-se durante ou logo após o uso de um sedativo, hipnótico ou ansiolítico: fala arrastada, incoordenação, marcha instável, nistagmo, prejuízo na atenção ou memória, estupor ou coma.

d) Os sintomas não se devem a uma condição médica geral nem são melhor explicados por outro transtorno mental.

- Abstinência de Sedativos, Hipnóticos ou Ansiolíticos:

a) Cessação (ou redução) do uso pesado e prolongado de sedativos, hipnóticos ou ansiolíticos.

b) Dois (ou mais) dos seguintes sintomas, desenvolvendo-se dentro de algumas horas a alguns dias após o critério "a": hiperatividade autonômica (por exemplo, sudorese ou frequência cardíaca acima de 100 bpm), tremor aumentado das mãos, insônia, náusea ou vômitos, alucinações ou ilusões visuais, táteis ou auditivas transitórias, agitação psicomotora, ansiedade, convulsões de grande mal.

c) Os sintomas no critério "b" causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, ocupacional ou em outras áreas importantes.

d) Os sintomas não se devem a uma condição médica geral nem são melhor explicados por outro transtorno mental." (1995, p.136-8)

2. ESTIMULANTES

São drogas que estimulam os processos mentais. Dividem-se em: Anfetaminas e Derivados; Crack; Cocaína; Nicotina; Xantinas: cafeína (café), teofilina (guaraná, chá preto, chimarrão, entre outros); Teobromina (cacau).

a) Anfetaminas e Derivados

Usadas para manter o estado de alerta, diminuir o sono e a fadiga, elevação do estado de ânimo e para diminuir o apetite. Como uso terapêutico, é utilizada no tratamento da obesidade, para aliviar o parkinsonismo, entre outros distúrbios. Como nos informa GRAEFF, "Por isso, antes de seu uso médico como psicostimulante ser proscrito, foram recomendadas para motoristas e pilotos fatigados, ou jovens que desejavam passar a noite estudando. Figuram também entre os compostos favoritos para o "doping" de atletas em competições esportivas." (1989, p.113)

Tais efeitos provocados pelo uso das Anfetaminas são decorrentes da fase inicial, mas em seguida, surge uma fase secundária ou depressiva, levando o indivíduo à fadiga, à depressão, irritação, perda do sono, inquietude e confusão mental. Doses excessivas podem levar a morte precedida de convulsões e coma.

As Anfetaminas induzem acentuada dependência.

- TRANSTORNOS RELACIONADOS À ANFETAMINA (OU SUBSTÂNCIAS TIPO ANFETAMINA) DE ACORDO COM O DSM-IV™

"Intoxicação com Anfetamina:

- a) Uso recente de Anfetamina ou substância correlata (por exemplo, metilfenidato).
- b) Alterações comportamentais ou psicológicas mal-adaptativas e clinicamente significativas (por exemplo, euforia ou embotamento afetivo, alterações na sociabilidade, hiper-vigilância, sensibilidade interpessoal, ansiedade, tensão ou raiva, comportamentos estereotipados, prejuízo no julgamento, funcionamento social ou ocupacional prejudicado) desenvolvidas durante ou logo após o uso de anfetamina ou substância correlata.
- c) Dois (ou mais) dos seguintes sintomas, desenvolvendo-se durante ou logo após o uso de anfetamina ou substância correlata: taquicardia ou bradicardia, dilatação das pupilas, pressão sangüínea elevada ou baixa, perspiração ou calafrios, náuseas ou vômitos, evidência de perda de peso, agitação ou retardo psicomotor, fraqueza muscular, convulsões, discinesias, distonias ou coma.
- d) Os sintomas não se devem a uma condição médica geral nem são melhor explicados por outro transtorno mental.

Abstinência de Anfetamina:

- a) Cessação (ou redução) de um uso pesado e prolongado de anfetamina (ou substância correlata).
- b) Humor disfórico e duas (ou mais) das seguintes alterações fisiológicas, desenvolvendo-se em horas a dias após o critério "a": fadiga, sonhos vívidos e desagradáveis, insônia ou hipersonia, apetite aumentado, retardo ou agitação psicomotora.
- c) Os sintomas no critério "b" causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.
- d) Os sintomas não se devem a uma condição médica geral nem são melhor explicados por outro transtorno mental." (1995)

b) Crack

É a cocaína em estado diverso da convencional (pó), sob a forma impura e básica que, ao ser misturada a uma substância alcalóide num coquetel químico, quando aquecido endurece em forma de pedras de formatos irregulares.

É fumada em cachimbos na maior parte das vezes improvisados, de vidro, de copos plásticos, etc. Tem cheiro forte e estala fazendo "crack", daí o seu nome.

Esse derivado da cocaína chegou em São Paulo em 1988, a princípio na periferia, segundo os primeiros registros policiais, para em seguida chegar até o centro da cidade. Sua difusão foi tão rápida que, segundo a mesma fonte consultada, alcançou em torno de cinco mil postos de venda espalhados pela cidade de São Paulo, e está se tornando uma droga cada vez mais comum entre os jovens da classe média com idade que varia dos quinze a vinte e cinco anos. (Revista Veja, 27 dez., 1995, p.166-7)

Da cidade de São Paulo, o crack se disseminou para o interior, chegou ao Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Hoje sabe-se que a difusão dessa droga ultrapassa esses Estados.

A fumaça do crack é extremamente veloz. Em menos de quinze segundos a cocaína chega ao cérebro. O efeito pode durar de seis a oito minutos, seguido por depressão o que leva o usuário a uma compulsão por nova dose. A compulsão para o uso do crack – "fissura" - na linguagem dos usuários, é bem mais acentuada do que pela cocaína aspirada ou injetada.

O crack é uma droga que leva o usuário às seguintes conseqüências: isolamento, desconfiança, paranóia que se instala gerando medo de ser descoberto

e suspeita de perseguição, o que contribui para o confinamento. Pode gerar agressividade e violência.

Outras conseqüências como, ataque cardíaco, derrame cerebral, problemas respiratórios, danos nos pulmões, queima de lábios, língua e garganta, perda de peso e desnutrição profunda, são observadas nos usuários. A dependência se desenvolve muito rapidamente.

Os "craqueiros" quase não dormem, não comem, e nem sempre voltam para casa. Se excluem do convívio social permanecendo no meio dos traficantes, "pipando" crack.

c) Cocaína²⁰:

Como já é de conhecimento geral, a cocaína é um produto extraído de uma planta denominada "Erythroxylon coca" cultivada na região dos Andes e em especial, na Bolívia e no Peru. Os indígenas dessas regiões se utilizavam das

²⁰ As autoridades judiciais, a imprensa e os leigos, de um modo geral, colocam a cocaína entre as drogas psicotrópicas que produzem narcose. Do grego 'Narkosis', significa sonolência o que não procede com relação à Cocaína que é um estimulante do Sistema Nervoso Central. Na obra de Anna Freud (Notas), Freud e a Cocaína, essa distorção é assim esclarecida: "Freud demonstra ter sido um observador bém mais sagaz do que muitos outros médicos de sua época. Estava certo em sua imediata classificação da cocaína tanto como um estimulante do Sistema Nervoso Central quanto como um euforizante. Ao contrário, Shroff, na década de 1880, e Louis Lewin, em 1924, em Phantastica, classificaram a cocaína exclusivamente entre os euphorica, sedativos da atividade mental (...) substâncias que reduzem ou mesmo interrompem as funções da emoção e da percepção em seu sentido mais amplo; às vezes reduzindo ou suprimindo, às vezes conservando a consciência, induzindo um estado de conforto físico e mental. Lewin incluiu nesse grupo a morfina, a codeína e a cocaína, promovendo assim uma classificação das drogas psicoativas que foi utilizada na formulação original das leis norte-americanas sobre narcóticos. Embora, em doses baixas, a cocaína seja um euforizante, ela deve ser classificada também, como sabemos agora por todos os testes farmacológicos comuns, como um estimulante do sistema nervoso central. Lewin catalogou esse grupo como exitantia, ou estimulantes mentais, incluindo nele a cafeína, o bétele e outras substâncias. A cocaína se encaixa apropriadamente nesse grupo e, uma classificação moderna das drogas psicoativas, é agrupada com a anfetamina e a cafeína. O único estudo experimental de Freud é cuidadoso em sua apresentação e contém várias observações importantes. Ele afirma corretamente, ao discutir o aumento da capacidade motora que observou com a cocaína (...)" FREUD, Ana (Notas). Freud e a cocaína. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1985. p.9-10. introdução.

folhas dessa planta para mascar como forma de enfrentar as longas caminhadas, para melhor suportar o ar rarefeito das grandes altitudes andinas e até para suprimir a fome. Para muitos desses grupos indígenas, a coca preenchia as necessidades vitais e era, para essas populações específicas, considerada uma planta sagrada. Posteriormente, a partir da segunda metade do século XIX, começou-se a extrair das folhas dessa planta a substância denominada cocaína para ser utilizada, agora, com outros objetivos. Segundo GRAEFF, no final do século XIX a cocaína foi muito usada nos Estados Unidos e na Europa com finalidades médicas. Além do emprego como anestésico local, foi também utilizada em remédios e tônicos vendidos sem prescrição médica, o que se estendeu até o século XX. O refrigerante Coca Cola, por exemplo, tem aí sua origem que somente no início deste século, em 1903, devido aos reclames da população e a legislação que passa a proibir o uso dos extratos da folha de coca não só na Coca Cola como em outras bebidas, é substituído por outro contendo cafeína. "O célebre Vin Mariani", patenteado em 1883, continha também extratos de coca e era tão respeitável que recebeu medalhas especiais outorgadas pelos Papas Pio IX e Leão XIII." (1989, p.102-3)

É a droga do momento. Pode ser aspirada, injetada diretamente na corrente sangüínea, ingerida ou fumada. Os seus efeitos farmacológicos apresentam muitas semelhanças aos das Anfetaminas. Diminui a fadiga, estimula a vigília, diminui a fome, causa bem estar, autoconfiança, o indivíduo sente-se forte, descontraído capaz de enfrentar qualquer desafio. Seus efeitos são intensos e rápidos, principalmente se for administrada por via endovenosa ou fumada e os seus efeitos psíquicos duram cerca de duas horas. Segundo o referido autor,

"o potencial de gerar dependência psicológica²¹ é ainda maior do que o das Anfetaminas. (...) Contudo, estados de dependência extremas não ocorrem em todos os usuários. Pelo contrário, a maioria usa a Cocaína ocasionalmente, por aspiração nasal, em situações sociais, sendo que estudos epidemiológicos realizados nos Estados Unidos mostram que grande parte dos usuários jovens abandona espontaneamente a droga quando assume maiores responsabilidades familiares e sociais. Entre os que persistem no abuso sobressaem traços de personalidade anti-social ou psicopática." (1989, p.114)

- TRANSTORNOS RELACIONADOS À COCAÍNA DE ACORDO COM O DSM-IV™

"Intoxicação com Cocaína:

a) Uso recente de Cocaína.

b) Alterações comportamentais ou psicológicas mal-adaptativas e clinicamente significativas (por exemplo, euforia ou embotamento afetivo, mudanças na sociabilidade, hiper-vigilância, sensibilidade interpessoal, ansiedade, tensão ou raiva, comportamentos estereotipados, julgamento prejudicado, funcionamento social ou ocupacional prejudicado), que se desenvolvem durante ou logo após o uso de Cocaína.

c) Dois ou mais dos seguintes sintomas, desenvolvendo-se durante ou logo após o uso de Cocaína: taquicardia ou bradicardia, dilatação das pupilas, pressão sanguínea elevada ou reduzida, perspiração ou calafrios, náusea ou vômitos, evidências de perda de peso, agitação ou retardo psicomotor, fraqueza muscular, depressão respiratória, dor torácica ou arritmias cardíacas, confusão, convulsões, discinesias, distonias ou coma.

d) Os sintomas não se devem a uma condição médica geral nem são melhor explicados por outro transtorno mental.

- Abstinência de Cocaína:

a) Cessação (ou redução) do uso pesado e prolongado de Cocaína.

b) Humor disfórico e duas (ou mais) das seguintes alterações fisiológicas, desenvolvendo-se de algumas horas a alguns dias após o critério "a":

²¹ GRAEFF quando se refere ao fator dependência faz distinção entre dependência psicológica e fisiológica. No entanto, como nos baseamos no DSM-IV™ e na CID - 10, esta distinção não é estabelecida. Falamos apenas em dependência, caracterizada ou não pela Síndrome de Abstinência.

fadiga, sonhos vívidos e desagradáveis, insônia ou hipersonia, aumento do apetite, retardo ou agitação psicomotora.

c) Os sintomas do critério "b" causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes de funcionamento.

d) Os sintomas não se devem a uma condição médica geral nem são melhor explicados por outro transtorno mental." (1995, p.122-4)

d) Nicotina

O fumo é um hábito muito antigo e sua utilização pelos mais diversos povos de hoje constitui-se, no dizer de LINTON (1965), em sua obra, *O homem: uma Introdução à Antropologia*, um dos exemplos mais marcantes de difusão cultural.²²

É através da difusão, portanto, que a humanidade se tornou apta a explorar a sua capacidade inventiva vindo a contribuir para o progresso da humanidade. O processo de difusão é, pois, o ponto de partida para entendermos como se dá a troca, a transmissão e aplicação de certas descobertas e invenções, bem como de certos elementos culturais que passam a ser adotados ao acervo de uma determinada cultura.

²² "O crescimento relativamente rápido da cultura humana, como um todo, deve-se à capacidade que todas as sociedades humanas têm de tomar emprestados elementos de outras culturas e incorporá-los à sua. Esta transmissão de elementos culturais de uma sociedade para outra é conhecida por difusão." LINTON, Ralph. *O homem: uma introdução à antropologia*. Trad. Lavinia Vilela. 5.ed. São Paulo: Martins, 1965. (Biblioteca de Ciências Sociais, vol. I). Tradução de: *The Study of Man: na Introduction*. p.353.

Muitas evidências ilustram esse princípio. Com referência à utilização do fumo, os documentos históricos relatam que os índios já faziam uso do fumo muito antes do descobrimento da América. Levado para a Europa e outras partes do mundo, teve grande aceitação. Neste particular, LINTON enfatiza com muita clareza:

"A disseminação do fumo depois do descobrimentos do Novo Mundo é exemplo ainda mais frisante da difusão rápida e tem a vantagem de estar bem documentada. Uma vez ao menos, parece que as tradições populares acertaram, ao atribuir a Sir Walter Raleigh a introdução, na Inglaterra, do hábito de fumar. Pelo menos a primeira referência a esse uso na Inglaterra está ligada à volta dos seus colonos da Virgínia; e sabemos que Ralph Lane, o primeiro governador, em 1586 presenteou Raleigh com um cachimbo de índio e deu-lhe instruções a respeito do seu uso. Este acontecimento introduziu nos círculos da corte o costume de fumar, que daí se estendeu com surpreendente rapidez ao povo. Deve-se observar que em 1558 o fumo fora também introduzido na Espanha, por Francisco Fernandez, mas à guisa de remédio; e que houve considerável demora em aceitá-lo para fins sociais." (1965, p.361)

Segundo informações do autor em referência, foi a Inglaterra, a principal responsável pela introdução do fumo no norte da Europa e assim, uma sucessão de países passam a adotar o novo hábito. Na Holanda, por exemplo, em 1580, o fumo foi introduzido por estudantes de medicina ingleses que simultaneamente com os holandeses passam a disseminá-lo tanto por terra como por mar, aos países bálticos e Escandinávia até à Rússia.

Quase meio século depois do aparecimento do hábito de fumar na Europa Setentrional, a aceitação na Rússia fora de tal maneira que leis foram decretadas para combatê-lo. Contudo, sua disseminação continuou ininterrupta e em dois séculos ultrapassa o território russo, sendo reintroduzido na América através do

Alasca. LINTON a esse respeito é muito preciso e afirma que: "Esta difusão rápida torna-se ainda mais notável pelo fato de que em grande parte desta região setentrional o fumo só era obtido por meio de comércio, que o trazia de pontos distantes." (1965, p.361)

O processo de expansão do fumo continua da Espanha e de Portugal para os países do Mediterrâneo e daí para o Oriente próximo. Nesse período não se pode precisar as datas havendo, contudo, restrições quanto ao seu uso na Turquia por volta de 1605. Em certas regiões da África e da Ásia, a introdução do fumo se deu através dos holandeses e portugueses. A importância do fumo em território africano e japonês foi de tal ordem que o autor referido ressalta que:

"Na África do Sul o fumo tornou-se o meio regular de troca entre os holandeses e nativos. Calculando-se o valor de uma vaca pela quantidade de folhas de tabaco correspondente a seu comprimento. A despeito de freqüentemente combinado por oposição oficial e por leis drásticas, o novo elemento cultural se disseminou quase tão depressa quanto era possível aos homens viajar. No Japão, devida à rápida aceitação, terras foram selecionadas para o seu cultivo." (1965, p.361-2)

O processo de difusão comporta várias facetas na transmissão de elementos culturais. Alguns deles de base muito complexa que não cabe serem estudados aqui. Ressaltamos a sua importância para o crescimento das sociedades e a própria utilização do fumo esclarece estes postulados. "O fumo ilustra também esta circunstância, pois que ao difundir-se levava associados vários métodos de emprego", (1965, p.362) embora sofrendo várias modificações na medida em que foi se difundindo nas mais diferentes regiões do mundo. Os índios da Costa Leste da

América do Norte, por exemplo, segundo LINTON, fumavam cachimbos de cotovelo que se tornaram os protótipos dos modernos "briars" ingleses. Porém, o que permanece é que todos os povos que adquiriram o hábito de fumar por intermédio da Inglaterra, conservaram o hábito de fumar cachimbo. Já os índios do Brasil preferiam os charutos, os mexicanos o cigarro, e o transmitiram aos espanhóis, e assim, cada povo dependendo da influência recebida passa a utilizar o fumo sob diferentes formas: cachimbo, cigarro ou charuto, esse hábito de uma forma ou de outra, tem atravessado séculos e permanece muito forte em todo o mundo.

Na medida em que o fumo ia se difundindo, novas práticas e métodos para o seu uso foram aparecendo. O cachimbo de água e o rapé são dois exemplos. Sendo que o primeiro não foi além do Oriente Próximo. No caso do rapé parece ser a Espanha a sua origem e era utilizado para fins medicinais. Ao contrário, nas Antilhas e na América do Sul, algumas tribos usavam o rapé mas não feito de tabaco. Contudo, o uso do rapé, de uma forma ou de outra, foi muito utilizado por um longo período de tempo na Europa como meio capaz de provocar o cérebro através das fossas nasais. Porém, no final do século XVIII começou a entrar em decadência se restringindo apenas em áreas marginais.

Apesar da franca expansão praticamente em todo o mundo, na Europa setentrional e nos Estados Unidos a disseminação do fumo se deu mais tarde. Nos Estados Unidos encontrou muitos obstáculos sendo que até hoje muitos códigos e leis são veementes contra o seu uso, "embora não pareça ser mais prejudicial o uso de "corn cob pipe" (cachimbo rústico) ou o fumo mascado, contribuição especial dos pioneiros norte-americanos para o complexo do fumo." (LINTON, 1965, p.363)

Como pudemos observar através deste retrospecto histórico, a difusão do fumo atravessou fronteiras e esse elemento cultural passou a ser aceito

mundialmente embora, mais recentemente a tendência é cada vez maior de restringir o seu uso em ambientes coletivos por ser provado cientificamente que fumar em excesso é prejudicial à saúde, conclusão essa baseada em estudos clínicos e estatísticos já bem difundidos. Embora a questão da proibição do hábito de fumar em muitas partes do mundo, como pudemos observar através desta reconstituição histórica, não é recente. É provável que esta preocupação tenha sido baseada em outros interesses e não propriamente com a saúde da população uma vez que os efeitos nocivos descobertos no tabaco são mais recentes.

Assim, com base nos estudos realizados, o uso constante do fumo pode levar a uma série de doenças físicas muito sérias e que já é bem conhecido e que por isso merece reflexão a respeito. É preciso também considerar que muitos dos efeitos danosos do fumo, além da nicotina, estão relacionados a outras substâncias, como o alcatrão, contidas no tabaco, mas o fator dependência está relacionado à nicotina que é uma substância encontrada na *Nicotiana Tabacum* que é uma substância estimulante do Sistema Nervoso Central, que causa dependência intensa, razão pela qual interromper o hábito de fumar se torna tão difícil.

Além dos efeitos prazerosos que o fumo proporciona, o que mantém o hábito está relacionado com a Síndrome de Abstinência à Nicotina que é caracterizada pela necessidade de fumar causando sensações desagradáveis.

Entre os muitos problemas que o fumante enfrenta ao parar de fumar, especialmente no início, estão a inquietação, o nervosismo, a fadiga, transtornos do sono, dificuldades de concentração no trabalho, perturbações intestinais e ansiedade. A ansiedade como indicador de dependência, está muito bem representada pelo escritor brasileiro Rubem Braga citado por MASUR, em sua crônica:

"Às vezes acontecia que meus cigarros acabavam, e era tarde da noite, eu resolvia ir dormir assim mesmo, sem fumar. Dali a pouco acordava, estava sonhando que havia um maço de cigarros na gaveta da mesinha de cabeceira (...) Era preciso muito caráter para não me vestir e sair de madrugada a procurar algum boteco aberto para comprar cigarro - coisa que, aliás, fiz mais de uma vez. Não quero falar do vexame de juntar baganas dos cinzeiros sujos, e até do chão." (1986, p.33-4)

- TRANSTORNOS RELACIONADOS À NICOTINA DE ACORDO COM O DSM-IV™

"Abstinência de Nicotina:

a) Uso diário de nicotina por pelo menos algumas semanas.

b) Cessaçã abrupta do uso de nicotina, ou reduçã na quantidade de nicotina usada, seguidas dentro de 24 horas por quatro (ou mais) dos seguintes sinais: humor disfórico ou deprimido, insônia, irritabilidade, frustraçã ou raiva, ansiedade, dificuldade para concentrar-se, inquietaçã, reduçã da freqüência cardíaca, aumento do apetite ou ganho de peso.

c) Os sintomas no critério "b" causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas de funcionamento importantes.

d) Os sintomas não se devem a uma condiçã médica geral nem são melhor explicados por outro transtorno mental." (1995, p.128-9)

e) Cafeína

É um estimulante fraco do Sistema Nervoso Central. Substância obtida da *Coffea Arabica*, é encontrada nos grãos de café, nas folhas do chá, do mate, nas

sementes do cacau, no guaraná, em certos refrigerantes tipo cola e em alguns remédios (analgésicos) de venda livre.

Segundo GRAEFF,

"Um copo de café preparado à moda norte-americana, contém cerca de 85mg de cafeína, uma chávena de chá, 50mg de cafeína e 1mg de teofilina, uma xícara de chocolate, 5mg de cafeína e 250 mg de teobromina. Uma garrafa de 360 ml de refrigerante à base de cola, 50mg, sendo parte derivado da semente e parte adicionado pelos fabricantes. Devido ao consumo generalizado dessas bebidas, conclui-se que a Cafeína é a droga mais utilizada no mundo. O consumo diário por habitante nos Estados Unidos é superior a 200 mg." (1989, p.116)

O que torna essas bebidas tão populares são justamente os efeitos psicostimulantes da cafeína exercidos no Sistema Nervoso Central.

Em doses moderadas, isto é, após o consumo de uma a três xícaras de café ou o equivalente a 85 a 250 mg de cafeína, produzem agilidade de pensamento, diminuindo o sono e a fadiga causando uma sensação de bem estar e aumento da capacidade de trabalho. Porém, tais efeitos são tão insignificantes que amiúde não podem ser observados com a eficácia desejada. Por outro lado, o uso excessivo pode causar danos ao organismo (doses acima de 250 mg). A excitação do Sistema Nervoso Central produzida pela cafeína é seguida de nervosismo, inquietude, insônia e outros sinais.

Conforme o mesmo autor,

"a dependência da cafeína é em geral leve, bem como modesto é o desenvolvimento da tolerância a seus efeitos. Porém pessoas que ingerem regularmente grandes quantidades de bebidas contendo cafeína, além de ficarem menos sensíveis aos efeitos ansiogênicos da Cafeína, apresentam uma síndrome de retirada caracterizada por cefaléia, nervosismo, letargia, irritação e ineficiência, iniciando-se doze a dezesseis horas após a suspensão da cafeína. (...) Embora em geral dele não advenham conseqüências nocivas importantes, o cafeísmo acentuado pode eventualmente ser causa de ansiedade patológica e de insônia." (1989, p.117)

- TRANSTORNOS RELACIONADOS À CAFEÍNA DE ACORDO COM O DSM-

IVTM

"Intoxicação com Cafeína:

a) Consumo recente de Cafeína, em geral excedendo 250mg (por exemplo, mais de duas a três xícaras de café coado): inquietação, nervosismo, excitação, insônia, rubor facial, diurese, perturbação gastrointestinal, abalos musculares, fluxo errático do pensamento e do discurso, taquicardia ou arritmia cardíaca, períodos de inexaustibilidade, agitação psicomotora.

b) Cinco (ou mais) dos seguintes sinais, desenvolvendo-se durante ou logo após o uso da cafeína:

1. inquietação
2. nervosismo
3. excitação
4. insônia
5. rubor facial
6. diurese
7. perturbação gastrointestinal
8. abalos musculares
9. fluxo errático do pensamento e do discurso
10. taquicardia ou arritmia cardíaca
11. períodos de inexaustibilidade
12. agitação psicomotora

c) Os sintomas do critério "b" causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.

d) Os sintomas não se devem a uma condição médica geral nem são melhor explicados por outro transtorno mental (por exemplo, um transtorno de ansiedade." (p.118-9)

3. ALUCINÓGENOS (EXPANSORES DA MENTE)

- Maconha
- LSD
- Psilocibina
- Mescalina
- Daime (DMT, Harmina)
- Anticolinérgicos (Trihexifenidil, Biperideno)
- Datura (Atropina, Escopolamina)
- Ecstasy (Derivado Anfetamínico - Serotonina)

O uso de drogas alucinógenas vem desde a Antigüidade. Entre as várias civilizações antigas, a dos astecas é um exemplo, onde os sacerdotes se utilizavam desses expedientes para dialogar com os deuses e estabelecer a união dos fiéis com o mundo espiritual. Além desses povos, segundo GRAEFF, o uso dessas substâncias também foi verificado entre as populações nativas do Nordeste dos Estados Unidos e América Central (cactus e cogumelos) e, no Brasil, por alguns grupos indígenas da Amazônia que também fazem uso de plantas alucinógenas. Mas, foi no início do século XX que a ciência tomou conhecimento dessas substâncias. Assim nos esclarece o autor:

"No entanto, foram as observações do químico suíço A. Hoffmann, em 1947, que despertaram um interesse inusitado por estas substâncias. Após ingerir inadvertidamente alguns microgramas de LSD-25 (dietilamina do ácido lisérgico), substância derivada de um alcalóide do ergot que havia sido sintetizada nos laboratórios da Companhia Sandoz, em Basiléia, ele descreveu as fantásticas alterações subjetivas que experimentou durante várias horas." (1989, p.117)

Outras drogas alucinógenas tais como a Psilocibina (substância extraída de certos cogumelos, principalmente no México), a Mescalina (substância extraída de um cacto mexicano – "Peyote ou Mescal"), e ainda a STP ("Serenity, Tranquility and Peace" - droga alucinógena sintética, derivada de anfetamina), também fazem parte desse grupo. Contudo, o LSD é a mais potente droga alucinógena.

a) MACONHA

A utilização da Cannabis Sativa, obtida de florações do cânhamo por diversos povos, vem de longa data até nossos dias. É também conhecida, entre outros nomes, por marihuana, haxixe, charas, bhang, ganja, dagga e maconha.

Segundo alguns autores, a difusão do fumo da maconha (forma mais conhecida do seu uso) começou no Oriente Médio, onde o uso do haxixe - resina concentrada da planta - era prática muito comum.

Como medicamento, foi muito utilizada como anestésico em cirurgias, além de outros usos terapêuticos e, entre os muçulmanos, segundo MASUR, essa prática era bastante difundida, encontrando-se em um manuscrito árabe de 1464 a seguinte observação: "Ibn al-Badri conta que o poeta Ali ben Makki visitou o epiléptico Zahir-ad-din Muhammed, filho do chefe do Califado de Bagdá, e deu ao relutante Zahir-

ad-din o haxixe como medicação. Ele ficou completamente curado da epilepsia mas também não pôde mais deixar de tomar a droga." (1986, p.42)

Como uso médico, além dos muçulmanos, foi também utilizada em outras partes do mundo, porém, com o passar do tempo essa prática foi diminuindo e, atualmente, o uso de alguns dos seus princípios ativos como medicação começa a ser rediscutido devido as alterações psíquicas causadas por seus ingredientes ativos.

Com referência ao princípio ativo deste vegetal, GRAEFF nos informa que:

"em 1962 o químico R. Mechoulan, de Israel, isolou o princípio ativo do cânhamo e determinou sua estrutura química. Trata-se do 1Δ -1-3-4-trans-tetra-hidrocanabinol ou simplesmente Δ -1-THC como ele o denominou. Mais tarde, porém, outros químicos mudaram a nomenclatura do mesmo composto para Δ -9-THC, sendo esta última denominação geralmente empregada." (1989, p.122)

Estudos posteriores realizados em seres humanos e em animais de laboratório demonstraram que o Δ -9-THC é o princípio ativo mais forte do cânhamo e o maior responsável pelos efeitos psico-farmacológicos deste vegetal. A partir da identificação do THC foi possível se obter informações mais seguras sobre o que realmente a Maconha pode produzir.

Uma das hipóteses que explica a introdução da maconha no Brasil deve-se à presença de escravos africanos mas, tudo indica que provavelmente a planta tenha sido introduzida em nosso País pelos próprios colonizadores portugueses.

Como hábito, no entanto, que se sobrepõe ao padrão de uso tradicional (uso terapêutico), sua difusão deveu-se à influência cultural estrangeira a partir dos anos

60, oriundo dos Estados Unidos, que atingiu a classe média jovem dos grandes e médios centros urbanos como meio de contestação dos valores culturais predominantes. O seu uso, no início, foi repudiado veementemente pela sociedade sendo visto como sintoma de rebeldia dos jovens, porém, mais tarde difundiu-se indiscriminadamente.

No Brasil, a partir de 1937, a Maconha foi considerada entorpecente e a sua plantação foi proibida em todo o território nacional. Nos dias de hoje é considerado crime o uso e sobretudo o tráfico da maconha.

- EFEITOS PSICOLÓGICOS DA MACONHA

Observam-se os seguintes efeitos no usuário: euforia, relaxamento, sonolência. Geralmente ocorre também hilaridade espontânea. Já as alterações de pensamento e alucinações são mais raras devido à potência relativamente baixa dos princípios ativos e a variação no conteúdo dos cigarros. Com doses mais elevadas, no entanto, surgem perturbações da memória, alterações de pensamento e sentimentos de estranheza e, com doses altas, aparecem as alucinações vívidas, despersonalização, ilusões e idéias paranóides, perdas de discernimento. Contudo, é preciso considerar as diferenças individuais sendo que para alguns indivíduos mesmo com doses relativamente pequenas de maconha, podem sofrer de ataques de pânico incontrollável.

- EFEITOS FISIOLÓGICOS DA MACONHA

Pode-se observar vários efeitos de natureza física. Entre outros, taquicardia, diminuição da força muscular, congestionamento dos olhos, alterações do tato, olfato e paladar. Fumantes de maconha freqüentemente relatam aumento da fome (a procura por alimentos doces parece ser maior), secura da boca e da garganta. O equilíbrio e a estabilidade posturais também são comprometidos, independente da dose. Tarefas mais complexas como dirigir carros, podem ser afetadas. Quanto aos prejuízos referentes ao aparelho reprodutivo humano pelo uso continuado da maconha, não existem provas definitivas neste sentido. Contudo, dos efeitos fisiológicos da maconha os mais comprovados são os pulmonares.

Com relação à Síndrome de Abstinência dos canabinóides, JAFFE assim nos esclarece:

"Embora existam relatos de que a interrupção abrupta dos canabinóides após uso crônico de altas doses seja acompanhada de irritabilidade, fadiga, nervosismo e insônia, não há uma síndrome de abstinência dos canabinóides universalmente reconhecida ou muito bem definida. Entretanto, alguns fumantes crônicos usando grandes quantidades, podem ter dificuldades consideráveis em abandonar o uso da maconha (...)" (in: GOODMAN & GILMAN, 1978, p.278)

Quanto aos efeitos das propriedades farmacológicas da maconha e suas semelhanças com os do LSD, o referido autor destaca: "Embora existam semelhanças entre os efeitos subjetivos do Δ -9-THC em altas doses e aqueles do

LSD, também existem diferenças substanciais e os canabinóides devem portanto ser considerados como uma classe farmacológica distinta."(1978, p.227)

Não existem evidências concretas que a maconha seja a porta de entrada para outras drogas.

- TRANSTORNOS RELACIONADOS À CANNABIS DE ACORDO COM O DSM-IV™

"Intoxicação com Cannabis

a) Uso recente de Cannabis.

b) Alterações comportamentais ou psicológicas mal-adaptativas e clinicamente significativas (por exemplo, prejuízo na coordenação, euforia, ansiedade, sensação de lentificação do tempo, prejuízo no julgamento, retraimento social) que se desenvolveram durante ou logo após o uso de Cannabis.

c) Dois ou mais dos seguintes sinais, desenvolvendo-se no período de 2 horas após o uso de Cannabis: conjuntivas injetadas, apetite aumentado, boca seca, taquicardia.

d) Os sintomas não se devem a uma condição médica geral nem são melhor explicados por outro transtorno mental." (1995, p.120)

b) LSD

O LSD, extraído do esporão do centeio, dele se obtém o ácido lisérgico que, sinteticamente vai produzir a Dietilamida do Ácido Lisérgico que é a droga que possui efeitos psico-farmacológicos.

Conforme JAFFE,

"durante os últimos 30 anos, ele foi proposto como um auxiliar em psicoterapia, como um adjunto para o tratamento do alcoolismo e vício em opiáceos e como um meio para induzir tranqüilidade e reduzir a necessidade pelos opiáceos nos casos fatais de câncer. Em cada situação, o uso foi completamente abandonado, ou porque os estudos controlados falharam na demonstração do valor do LSD ou porque as precauções elaboradas exigidas para minimizar as reações psicológicas adversas perderam o entusiasmo e tornaram seu uso terapêutico impraticável." (in: GOODMAN & GILMAN, 1978, p.281)

A difusão do LSD e de outras drogas correlatas principalmente nos Estados Unidos, se deu nos anos sessenta com o movimento "hippie" e nos freqüentes festivais que patrocinaram como o de "Woodstock", por exemplo, sendo um dos mais expressivos, como um dos símbolos daquele movimento. Atingindo grande popularidade, o consumo do LSD e de outros alucinógenos, cresceu muito sobretudo pelo clima de agitação social da época. Alguns fatores, porém, como informações de que o uso do LSD pudesse causar danos aos cromossomos, bem como o fascínio por estas drogas que passaram a diminuir com o passar do tempo, em especial pela classe média, como a grande sustentadora e grande responsável pela disseminação desses novos "valores", entre outros, contribuíram para o declínio do consumo do LSD, partindo os consumidores para outras drogas como a Maconha e a Cocaína, por exemplo.

O LSD e as demais drogas alucinógenas não são usadas por períodos de tempo mais prolongados por desenvolverem tolerância acentuada. Porém, com a suspensão da droga a tolerância desaparece em poucos dias. Segundo JAFFE, a tolerância cruzada entre o LSD e outros alucinógenos (mescalina e a psilocibina) é

considerável, porém, esta não ocorre entre o LSD e a Anfetamina. Não são observados os fenômenos de abstinência após a interrupção brusca dessas drogas.

As drogas alucinógenas produzem distorções na atividade cerebral e seus efeitos psicológicos são muito particulares sendo os mais visíveis as alterações da percepção. As alucinações ou visões fantásticas, são acompanhadas de coloridos intensos ou simbolismo, bem como as ilusões também são observadas com alterações de forma quando os objetos ao redor são transformados e adquirem outros conteúdos. O mesmo acontece com a luminosidade e sons que adquirem dimensões novas. Além desses, outros efeitos podem ocorrer, inclusive a noção de tempo que pode ser afetada. "Todavia, com doses maiores dessas substâncias, o juízo da realidade chega a ser abolido, e o indivíduo mergulha num verdadeiro estado psicótico, vivendo unicamente o mundo criado por sua consciência alterada."(GRAEFF, 1989, p.117)

São inquestionáveis os efeitos psicológicos dos alucinógenos. Casos de suicídios já foram cometidos sob a influência dessas drogas. Quanto aos efeitos fisiológicos, estes também devem ser levados em conta: taquicardia, o aumento da pressão arterial, salivação, aumento da frequência respiratória, entre outros.

- TRANSTORNOS RELACIONADOS COM ALUCINÓGENOS DE ACORDO COM O DSM-IV™

"Intoxicação com Alucinógenos:

a) Uso recente de um alucinógeno.

b) Alterações comportamentais ou psicológicas mal-adaptativas e clinicamente significativas (por exemplo, ansiedade ou depressão acentuada, idéias de referência, medo de perder o juízo, ideação paranóide, prejuízo no julgamento ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional) que se desenvolveram durante ou logo após o uso de alucinógenos.

c) Alterações perceptuais ocorrendo em um estado de plena vigília e alerta (por exemplo, intensificação subjetiva de percepções, despersonalização, desrealização, ilusões, alucinações, sinestésias) que se desenvolveram durante ou logo após o uso de alucinógenos.

d) Dois (ou mais) dos seguintes sinais, desenvolvendo-se durante ou logo após o uso de alucinógenos: dilatação das pupilas, taquicardia, sudorese, palpitações, visão turva, tremores, falta de coordenação.

e) Os sintomas não se devem a uma condição médica geral nem são melhor explicados por outro transtorno mental.

- Transtorno Perceptual Persistente por Alucinógenos (Flashbacks):

a) Re-experiência, após a cessação do uso de um alucinógeno, de um ou mais dos sintomas perceptuais experimentados durante a intoxicação com o alucinógeno (por exemplo, alucinações geométricas, falsas percepções de movimentos nos campos visuais periféricos, lampejos coloridos, cores intensificadas, rastros de imagens de objetos em movimento, pós-imagens positivas, halos em torno dos objetos, macropsia e micropsia).

b) Os sintomas no critério "a" causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, ocupacional ou outras áreas importantes da vida do indivíduo.

c) Os sintomas não se devem a uma condição médica geral (por exemplo, lesões anatômicas e infecções do cérebro, epilepsias visuais) nem são melhor explicados por outro transtorno mental (por exemplo, Delirium, Demência, Esquizofrenia) ou alucinações hipnopômicas." (1995, p.125-6)

3.3 DROGAS E VIOLÊNCIA

É praticamente impossível deixar de perceber a ação devastadora das drogas nas sociedades contemporâneas. Para muitos, as drogas estão associadas à violência como ameaça social. Se as drogas "causam" violência, pesquisas tem

sido desenvolvidas com a preocupação de encontrar respostas quanto à vinculação dessas substâncias à agressão e que possam resultar em violência.

Vários aspectos de conduta anti-social que geralmente são associados ao uso de drogas tendem a ser explicados por isso. A imprensa, diariamente, noticia a influência direta do uso e do tráfico de drogas no desencadeamento da maior parte dos crimes violentos que acontece no país o que nos remete a alguns questionamentos quanto a essas informações, na sua maior parte estereotipadas, da associação direta de drogas com a violência.

Este tópico é polêmico e de grande relevância social, porém, os fatos são tratados de forma generalizada e, muitas vezes, superficialmente em prejuízo de uma análise mais aprofundada do assunto. Assim, muitos fatores precisam ser considerados, avaliados e que medidas adotar diante dos perigos pessoais e sociais das drogas, são questões que nos levam a algumas reflexões.

Se fossemos fazer um balanço criterioso dos prejuízos causados pelas drogas, então o álcool seria, provavelmente, o maior causador de problemas e, inclusive, mortes entre a população. Logo após o álcool, viria o fumo como causa principal de mortes relacionadas a drogas e, em terceiro lugar, estão os barbitúricos (pílulas para dormir) que se encontram entre os principais métodos de suicídios e de mortes acidentais quando em combinação com o Álcool.

A cocaína, induz não só no momento do uso, como também em casos crônicos após o uso, estados delirantes paranóides e alucinatórios, o que poderia propiciar violência.

Com relação a maconha, tem sido muito exagerada a sua relação com a violência. Na verdade, parece haver pouca evidência da ligação desta droga com atos violentos, "mas fumar maconha pode colocar alguém na prisão por anos. As

mortes devida ao álcool são comuns e pelo uso da maconha não, mas o primeiro é legal e o último é ilegal." (JOHNSON, c1979, p.138)

Em termos de evidências médicas para explicar se o uso da maconha está vinculado à violência, JOHNSON ainda nos informa que:

"a maconha geralmente produz um efeito agradável e eufórico raramente associado com a violência. De fato esta droga pode reduzir o comportamento agressivo. Santos (1966) relata que faz com que camundongos lutadores deixem de lutar. Num relatório recente do National Institute of Mental Health (Maconha e Saúde, 1971) concluiu-se que a evidência atual não consegue vincular a maconha com o comportamento violento ou com o uso subsequente de outras drogas como a heroína. Além disso, a maconha possui poucos efeitos fisiológicos nocivos, quase nunca leva à morte e tem pouco efeito sobre o desenvolvimento do feto." (c1979, p.138)

Contudo, outros estudos em relação a outras drogas e com o mesmo propósito apontam que psicotomiméticos potentes como o LSD são muitas vezes caracterizados por letargia, fraqueza e às vezes medo. Tais efeitos tendem a evitar o comportamento violento. Relatos que eles podem aumentar a consciência bem como, a criatividade e a sensibilidade, não tem fundamento. Da mesma forma pode ocorrer com os opiáceos. JAFFE, quanto a este pormenor assim se refere: "Os opiáceos reduzem a dor, a agressão, e o impulso sexual, e portanto, é improvável que o seu uso induza ao crime." (in: GOODMAN & GILMAN, 1978, p.266)

Quanto aos barbitúricos, segundo JOHNSON, usados para tranquilizar e provocar o sono nas pessoas, são também utilizados em pacientes institucionalizados potencialmente perigosos. Contudo, se combinados com outras drogas, podem produzir efeitos contrários. Entretanto, em comparação com outras

drogas, as anfetaminas e o álcool são as mais perigosas com respeito ao comportamento agressivo. Neste contexto, o autor nos informa que:

"as anfetaminas são estimulantes que aumentam a excitabilidade e tensão muscular e podem conduzir a mais irritabilidade e comportamento impulsivo. Paradoxalmente, algumas formas, como a metanfetamina (anfeta), parece estar comprovadamente vinculadas a comportamentos de assalto, ao passo que outras anfetaminas em doses baixas podem ter o efeito oposto, reduzindo explosões violentas." (c1979, p.139)

Do ponto de vista social, sem dúvida, é o álcool a droga mais perigosa e está estreitamente relacionada com a violência. Entre os alcoolistas, incluídos os acidentes, suicídios, crimes violentos são ocorrências freqüentes.

Outro dado importante além dos efeitos diretos das drogas que deve ser considerado, é quanto ao contexto psicológico e social para a obtenção e uso das drogas. Dependendo do local, onde são usadas, do estado de espírito, de personalidade, são fatores que irão exercer certas influências no comportamento do indivíduo.

Igualmente importante para explicar o porque muitos viciados geralmente passam a cometer atos criminosos é que as drogas que levam à síndrome de abstinência, força o usuário ao crime com um único objetivo, o de obter o dinheiro necessário para a compra da droga, cujo custo quase sempre é superior à quantia de que dispõe, isto é, quando dispõe. Nas camadas mais desfavorecidas da população, os crimes patrimoniais, em sua maioria, são em conseqüência da necessidade de obter recursos para manter o consumo de drogas. Nessa situação,

o indivíduo está disposto a correr grandes riscos; quer tenha que assaltar, roubar ou, até mesmo matar.

"É possível que a associação estereotipada entre drogas e violência (com exceção do álcool) seja devida mais ao comportamento instrumental para obter drogas do que a quaisquer efeitos diretos das próprias drogas." (JOHNSON, c1979, p.140)

Por outro lado, a dualidade drogas e violência, pode ser observada pelas disputas entre quadrilhas principalmente nos grandes centros urbanos, para controle de pontos de venda destinadas a uma clientela, ocasionando muitas vezes mortes pelos controles desses territórios. Além do que, muitos relatos de verdadeiras chacinas como ocorrem amiúde em São Paulo, são em decorrência de dívidas não pagas aos traficantes. Mortes isoladas de muitos jovens por motivos que a população e a polícia desconhecem, pode na maioria das vezes estar relacionada ao tráfico e consumo de drogas. Tais considerações são corroboradas pela Promotora de Justiça em São Paulo, ELUF, que em seu artigo "A violência gerada pelas drogas" enfatiza:

"Segundo pesquisa pioneira realizada pelo Instituto Iser, do Rio de Janeiro, os prejuízos causados pela criminalidade são da ordem de R\$ 1bilhão por ano, só no Rio, já que a violência produz internações hospitalares, invalidez e mortes. Diz ainda a pesquisa que em 1995 foram cometidos 5.261 assassinatos na cidade do Rio de Janeiro, o que dá uma morte a cada meia hora e representa quase o dobro dos homicídios cometidos em São Paulo, no mesmo ano, e seis vezes a taxa de Nova York - e 71% das pessoas foram mortas por arma de fogo. Evidencia-se que há setores da população do Rio fortemente armados. Consta que essas armas entram na cidade por uma rede de contrabando do Paraguai e de Miami, que supre os traficantes de drogas. Fica, assim, muito clara a responsabilidade das drogas pelos altos índices de violência." (O Estado de São Paulo, 3 abr., 1998)

CAPÍTULO 4

COMUNICAÇÃO DE MASSA

"Entramos em uma época em que se tornou bastante claro que a cultura se coloca em termos problemáticos." (Edgar Morin, 1981)

4.1 TECNOLOGIA E CULTURA DE MASSA

O tema em questão sugere uma reflexão quanto as nítidas transformações gerais ocorridas nas sociedades modernas e contemporâneas em decorrência do processo de industrialização e dos avanços tecnológicos a partir da segunda metade do século XIX e muito acentuado no século XX.

A velocidade com que acontece tais transformações, sua amplitude, disseminação e a mutação constante do mundo em que se vive exige de nós, inseridos neste processo uma reflexão mais consistente.

O ponto de partida deste processo é a Revolução Industrial e sua propagação para várias partes do mundo provocando alterações irreversíveis nos sistema de produção até então artesanal, submetendo esta prática aos meios de produção assalariado ocasionando modificações técnicas, comerciais e agrícolas.

A Revolução Industrial foi mais do que uma transformação técnica marcada pelo advento da máquina pois, além de consolidar o sistema fundamentado no lucro, o capitalismo, ainda trouxe profundas transformações sociais quando surge uma nova classe, o operariado, e as lutas dessa classe (século XIX) originando ainda alterações decisivas no mundo da política e da cultura.

O assunto em discussão nos remete a considerações básicas sobre ciência e cultura. Disso resulta a necessidade de análise do impacto tecnológico nas sociedades contemporâneas e examinar seus possíveis efeitos deletérios. Neste contexto, a definição de Herbert Marcuse, sobre o que é uma sociedade tecnológica revela a importância dessa reflexão. Para o referido autor, é

"aquela que se caracteriza pela automação progressiva do aparato material e intelectual que regula a produção, a distribuição e o consumo, quero dizer, um aparato que se estende tanto às esferas públicas de existência como às particulares, tanto ao domínio cultural como ao econômico e político; em outras palavras, é um aparato total." (Rev. Civilização Brasileira, 1968, p.4)

Por outro lado, o próprio avanço tecnológico criou novos mecanismos de controle social e ideológico, aí subentendido os meios de comunicação de massa, marca registrada do século XX.

4.2 DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO

A cultura de massa propriamente, surge com o notório poder industrial no início do século XX mais principalmente a partir da década de 30. Seu surgimento deu-se nos Estados Unidos de onde difundiu-se para várias partes do mundo tornando-se seu conteúdo universal.

Originária do telégrafo sem fio, da imprensa, do cinema, do rádio e da televisão e isso sem falarmos do impacto do computador em épocas mais recentes, tanto no plano industrial como nas atividades lúdicas. "Quando alguém for escrever a história da tecnologia de hoje terá de medir o impacto do computador, em comparação ao telefone, carro ou televisão, ou ao próprio rádio." (Revista Veja Especial, 1995, p.8) Sem este aparato tecnológico pode-se dizer, impossível alcançar níveis tão abrangentes.

Do processo de colonização ao fenômeno da industrialização mais aperfeiçoado agora, progride no decorrer do século XX através do processo ininterrupto da técnica, quando ultrapassa os níveis de oferta de mercadorias mais sofisticadas para alcançar, inclusive, o interior do indivíduo, cuja vida privada passa a fazer parte de todo este aparato comercial e industrial. A privacidade, a partir de então, começa a ser comercializada. Nada mais é resguardado. Para MORIN, "é esse o caso daquilo que pode ser considerado como uma Terceira Cultura (...), que surge, desenvolve-se, projeta-se, ao lado das culturas clássicas-religiosas ou humanistas e nacionais." (1981, p.14)

Após a Segunda Guerra Mundial ela se fortalece e se expande com toda a força dos meios de comunicação e é reconhecida pela sociedade americana que a denomina "mass culture" ou "cultura de massa" oriunda dos processos de fabricação industrial. Destina-se a uma massa social que vai além das estruturas internas e valores da sociedade. Uma cultura orientada a se expandir e atingir a maior amplitude possível em detrimento das particularidades inerentes a cada cultura das mais diversas sociedades humanas. Enfim, estamos diante não só de uma cultura abrangente, mas de características universais.

A tendência dessa amplitude é reconhecida pelo próprio MORIN, ao afirmar que: "Seu campo ampliou-se, penetrando cada vez mais intimamente na vida cotidiana, no lar, no casal, na família, na casa, no automóvel, nas férias. A mitologia da felicidade tornou-se a problemática da felicidade." (1981, p.7) O que o autor quer dizer, é que hoje, o que se busca realmente é a felicidade que deve ser alcançada pelo amor, pelo conforto e, sobretudo, pelo consumismo. A comunicação de massa trabalha fundamentalmente com esses "valores". Assim sendo o sucesso é sempre bem-vindo; o fracasso, no aspecto da nossa vida é sempre deprimente e não pode ser tolerado. Contudo, a cultura de massa tem muitas outras características que devem ser observadas. O seu alcance e suas conseqüências não podem ser desprezadas.

4.3 OS CONTEÚDOS DA CULTURA DE MASSA

No âmbito da cultura de massa, como nós já vimos, a sua extensão é universal, suas manifestações não se encontram apenas em países altamente industrializados como os Estados Unidos e Europa Ocidental, mas alcança e influencia regiões periféricas e extensas áreas de países subdesenvolvidos.

Seu surgimento e consolidação não aconteceram por acaso, mas é consequência direta da ampliação dos mercados mundiais no quadro de evolução do capitalismo moderno. Sua associação com as leis do mercado é muito bem observada por MORIN, em sua obra já considerada quando diz: "(...) ela propõe modelos, mas não ordena nada. Passa sempre pela mediação do produto vendável e por isso mesmo toma emprestadas certas características do produto vendável, como a de se dobrar à lei do mercado, da oferta e da procura. Sua lei fundamental é a do mercado." (1981, p.46)

Sendo a sua abrangência universal, ela estabelece padrões de produção relativamente homogêneos ignorando a variedade cultural dos diversos povos. Em sua essência, ela possui particularidades comuns, conteúdos apropriados e que realçam as suas tendências básicas. Neste contexto, a comunicação de massa é uma cultura profana; daí porque no dizer de MORIN "(...) sua formidável tendência ao sincretismo-ecletismo e à homogeneização, seu fluxo imaginário, lúdico, estético, atenta contra as barreiras locais, étnicas, sociais, nacionais, de idade, sexo, educação; ela separa dos folclores e das tradições temas que ela universaliza, ela inventa temas imediatamente universais." (1981, p.44)

Em função de sua secularidade, geralmente esvazia os significados mais profundos dos folclores regionais, das festas tradicionais, relativizando a participação do povo nos folguedos populares. Sendo uma cultura sem fronteiras entra em choque com as culturas nacionais amortecendo os seus valores mais significativos. Ela, com o passar do tempo, entra em conflito com as religiões tradicionais resultando disso uma sociedade profana com poucos contatos com as esferas do sagrado. Entre os seus atributos, a religião dá um sentido à vida mas, fundamentalmente, é ela uma transmissora de valores.

Na medida em que a cultura de massa possui essas características, ela é também carente de valores. Ora, uma sociedade carente de valores não tem modelos de comportamento pessoal. Esses modelos já não existem ou, fracassaram. Isso pode abrir caminhos para atitudes não conseqüentes, violentas ou despidas dos conteúdos humanos necessários à convivência social.

Os meios de comunicação de massa nos remete também a uma sociedade-espetáculo. Nunca, em nenhuma época os esportes, de um modo geral, ocuparam tanto espaço na televisão, no rádio e na imprensa escrita. O futebol no Brasil, por exemplo, ocupa uma posição tão abrangente que há jogos sendo transmitidos quase todos os dias. Boa parte dos jornais televisivos abre espaço esportivo envolvendo discussões sobre futebol. Em épocas de Copa do Mundo desperta o orgulho nacional. A difusão dos esportes é tão eloqüente que até espetáculos como tênis de campo, inicialmente destinado às elites se popularizaram a tal ponto que muitas dessas competições quando envolve jogadores brasileiros são transmitidos integralmente. A tudo isso o telespectador assiste sem participar, mas essa é, talvez, um dos aspectos básicos dos objetivos a serem alcançados pelos meios de

comunicação de massa, a passividade. É o que nos confirma MORIN, ao comentar o assunto:

"As novas técnicas criam um tipo de espectador puro, isto é, destacado fisicamente do espetáculo, reduzido ao estado passivo e 'voyeur'. Tudo se desenrola diante de seus olhos, mas ele não pode tocar, aderir corporalmente àquilo que contempla. Em compensação, o olho do espectador está em toda parte (...). A cultura de massa mantém e amplifica esse 'voyeurismo' (...)" O espectador tipicamente moderno é aquele que se devota à televisão, isto é, aquele que sempre vê tudo em plano aproximado, como na teleobjetiva, mas, ao mesmo tempo, numa impalpável distância; mesmo o que está mais próximo está infinitamente distante da imagem, sempre presente, é verdade, nunca materializada. (MORIN, 1981, p.70)

Tudo isso reduz o espectador ao nível de passividade e que vai se cristalizando ao longo do tempo. Os meios de comunicação de massa não apresentam questionamentos ou, nenhum esboço crítico a respeito de temas sociais. As notícias, por exemplo, são apresentadas de forma neutra, pronta e acabada não oferecendo para aquele que recebe a mensagem qualquer condição para avaliar criticamente o discurso noticioso.

No interior desta ótica, os meios de comunicação de massa impelem os indivíduos a uma espécie de conformismo social e individualismo impossibilitando-lhes, na maior parte dos casos, a avaliação crítica do momento histórico em que eles vivem retirando-lhes as defesas necessárias de resposta. É por isso que MORIN esclarece significativamente: "A cultura de massa responde essencialmente a esse 'hiperindividualismo' privado. Mais ainda: contribui para enfraquecer todos os corpos intermediários - desde a família até a classe social - para constituir um

aglomerado de indivíduos, a massa, aos pés da super-máquina social." (1981, p.175)

Ao estabelecer os seus critérios quanto a sociedade de massa, o sociólogo norte-americano MILLS (1968), repensa na teoria política clássica dos séculos XVIII e XIX, no que se refere à força de opinião pública na elaboração de políticas nacionais. De contornos mais ou menos utópicos, todavia, em épocas passadas a opinião pública representou uma força ancorada em associações primárias, clubes políticos ou associações sindicais. Muito do que se denominava interesse público era, efetivamente, levado a sério pelo legislativo e pelo executivo que elaboravam, executavam e sancionavam leis baseadas, muitas vezes, em pressões populares. Governava-se ou legislava-se, como se dizia antigamente, em nome do povo, justificativa ainda hoje usada pelos poderes atuais, mas esvaziada completamente de seu conteúdo.

De há muito, como nos informa MILLS, as sociedades com seu público parcialmente organizado deixou de existir na América do Norte, assim como deixou de existir também em outros países. Este modelo de sociedade liberal e, portanto, muito mais democrática foi substituído pela sociedade de massa com contornos ou características distintas da primeira. O autor, sob esse aspecto, aponta diferenças básicas e essenciais determinantes das duas formas de organização social.

"Numa sociedade de público:

1 - praticamente o mesmo número de pessoas expressa e recebe opiniões.

2 - a comunicação pública é organizada de tal modo que há a possibilidade imediata e efetiva de responder a qualquer opinião expressa em público. A opinião formada por essa discussão.

3 - prontamente encontra uma saída na ação efetiva, mesmo contra, se necessário, o sistema de autoridade predominante.

4 - as instituições de autoridade não penetram no público, que é mais ou menos autônomo em suas operações. Quando essas condições prevalecem, temos um modelo de uma comunidade de públicos, e esse modelo se enquadra nas várias suposições da teoria democrática clássica.

No extremo oposto, na massa:

1 - o número de pessoas que expressam opiniões é muito menor que o número de pessoas para recebê-las, pois a comunidade de públicos se transforma numa coleção abstrata de indivíduos que recebem impressões através de veículos de comunicação em massa.

2 - as comunicações que predominam são tão organizadas que é difícil ou impossível ao indivíduo responder imediatamente, ou com qualquer eficiência.

3 - a colocação da opinião em prática é controlada pelas autoridades que organizam e fiscalizam os canais para tal ação.

4 - a massa não tem autonomia em relação às instituições - pelo contrário, os agentes de instituições autorizadas nela penetram, reduzindo-lhe a independência que possa ter na formação da discussão." (1968, p.356)

E nesta perspectiva, desconfia da essência do estado democrático moderno e reconhece ser impróprio falar hoje em democracia liberal como aquela postulada por eminentes filósofos do passado como Locke e Montesquieu.

Citando o estudioso E. H. Carr, MILLS diz que: "Estariamos mais perto da realidade, e teríamos argumentos mais convincentes, se falássemos da necessidade, não da defesa da democracia, mas de sua criação." (1968, p.361)

Deriva daí os constrangimentos do homem em finais do século XX como podemos verificar pelas regras atuantes do conformismo político e social. De um lado, pela carga desmobilizadora do aparato ideológico dos meios de comunicação de massa e de outro, pelas dificuldades em encontrar caminhos plausíveis para discussão e solução de problemas individuais e coletivos.

Dotada de outras características a comunicação de massa gradualmente extinguiu as normas sociais ou os códigos de conduta que regulavam a relação entre sexos.

Na medida em que o movimento de massa se desenvolve, rompe com os tabus religiosos e a erotização da mulher passa a ser a dominante feminina. Tal transformação do universo feminino não aconteceu por acaso mas, segundo MORIN,

"é que se operou uma espantosa conjunção entre o erotismo feminino e o próprio movimento do capitalismo moderno, que procura estimular o consumo (...). Em sua expansão 'vertical', o capitalismo, depois de haver anexado o reino dos sonhos, se esforça por domesticar o Eros. Ele mergulha nas profundezas do onirismo e da libido. Reciprocamente, o Eros entra triunfalmente no circuito econômico, e, dotado do poder industrial, desaba sobre a civilização ocidental." (1981, p.120)

Trata-se como vimos, de uma transformação profunda. O objeto sexual alterou-se. A conduta sexual já não é sinônimo de procriação já que o erotismo e os novos apelos à sedução põe a descoberto o corpo na sua totalidade. É o que confirma MORIN, quando diz:

"Num outro sentido, distribuindo-se a atração sexual pelo conjunto do corpo, o erotismo tira da sexualidade seu poder de concentração. A erotização do rosto, que é um fenômeno de civilização, corresponde a um enfraquecimento da sexualidade genital (...). Qualquer progresso do erotismo conduz a um enfraquecimento da diferenciação sexual, e os progressos da homossexualidade são um aspecto desse enfraquecimento." (1981, p.123)

Paralelamente ao erotismo que desabrochou sobre a civilização ocidental, a comunicação de massa promove essencialmente os valores femininos. Por outras palavras, há uma tendência em afirmar de um lado, a positividade feminina e, de outro, a negatividade masculina. Tais tendências podem ser observadas no cinema de Hollywood. São inúmeros os filmes daqueles "studios" que tem como temática a violência doméstica patrocinada por maridos irresponsáveis.

Em função da dinâmica feminina, ampliou-se, substancialmente, as publicações principalmente de revistas e periódicos destinados às mulheres no mundo ocidental até mesmo em países periféricos, como o Brasil. Tais publicações discutem uma variedade imensa de assuntos: moda, figurinos-modelos, beleza, conselhos práticos e cultura e, discutem sobremaneira temas como o amor e a felicidade, supremos bens a serem alcançados. Talvez a indicação mais precisa da temática da felicidade reside no "happy end" largamente difundido no cinema americano.

Independente dos percalços e vicissitudes enfrentados pelos heróis ou heroínas na cinematografia americana, o final deve ser sempre feliz. A felicidade encontra aí a sua maior abrangência. O próprio Steven Spielberg, autor de Tubarão, em entrevista, é muito claro sobre o assunto. Diz ele:

"O público quer sair do cinema satisfeito com o fim do filme. Ele pode ser trágico, ou triste, o personagem principal pode morrer, mas tem que haver algum sinal de esperança. Ninguém gosta de passar duas horas conhecendo um grupo de personagens e de repente todos eles estão mortos. Especialmente nesta época de recessão, as platéias não querem sair do cinema se sentindo pior do que quando entraram. O público não vai ao cinema para ver a realidade, para ver a mesma coisa que poderia ver olhando pela janela sobre o quintal de casa. Afinal, o cinema é o lugar onde podem acontecer coisas que não aconteceriam em qualquer outro lugar." (Revista Veja, 22 abr., 1992, p.8)

A busca permanente da felicidade e do amor enquanto bens de consumo da sociedade de massa nada disso causa surpresa. Afinal, as temáticas básicas dos meios de comunicação de massa são dirigidos à juventude. É ela que constitui o seu alvo principal e alvo também do consumo.

Numa sociedade de massa como hoje vivenciamos já não há mais lugar para as pessoas idosas. Estas, na sua maioria, são marginalizadas ou vivem na periferia da sociedade. MORIN, é neste aspecto muito incisivo. Afirma ele: "A experiência dos velhos se torna lengalenga desusada, anacronismo. A 'sabedoria dos velhos' se transforma em disparate. Não há mais sabedoria." (1981, p.147)

A crescente ascensão dos jovens em todos os níveis sociais tem como contrapartida a desvalorização universal da velhice. Os idosos passam a ser considerados velhos aposentados, coroas ou, para usar uma terminologia recente, os representantes da "terceira idade". Em algumas instituições oferecem-se cursos com temas culturais na suposição de que os velhos nada mais sabem. O universo dos jovens assim constituído tende a desagregar valores familiares como também as tradições sociais. A esse respeito, o pensamento do historiador inglês Eric HOBBSBAWM é lapidar:

"A destruição do passado, ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas, é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem." (1995, p.13)

No interior desta cultura já estabelecida, só o presente importa. Vive-se continuamente o presente eterno pois, o que importa, é alcançar objetivos oferecidos pela sociedade de massa, tais como o amor, o conforto e o prestígio pessoal. Os meios de comunicação de massa, em consequência, abole o passado e o futuro. O que importa é a vivência no presente. Vivendo intensamente o presente é que se alcança a felicidade imediata. Neste contexto, como estamos longe das reflexões generosas de DICKENS²³ e, aqui, estamos nos referindo a um de seus personagens muito conhecido - Ebenezer Scrooge - quando, depois de uma longa e penosa iniciação anunciada por estranhos desígnios, percebe que a plenitude da vida reside em vivê-la no passado, presente e futuro.

²³ Ver: DICKENS, Charles. *Conto de Natal*. Trad. de Barros Ferreira. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

4.4 CULTURA DE MASSA E VIOLÊNCIA

Não há dúvida que as sociedades humanas tem vivido uma transição cultural acelerada. Tais indícios não impedem que essa mesma sociedade apresente reflexos de uma crise de valores que tudo indica se aprofundar cada vez mais. Os sintomas dessa crise são numerosos mas, basta apenas mencionar o desemprego em massa que atinge, inclusive, os países desenvolvidos e a violência generalizada presente em todos os níveis da sociedade contemporânea.

Isto tudo pode ser repensado no sentido de dar à condição humana um caminho ou mesmo uma visão renovada do processo histórico em curso, levando-se em consideração esse mesmo aparato tecnológico ao nosso alcance.

O rádio tornou-se possível ao cidadão comunicar-se a grandes distâncias criando o começo de uma nova época de intercâmbio de informações e transmissões de mensagens. Neste século temos a oportunidade de conviver com uma lista de avanços tecnológicos, e entre eles estão o telégrafo, a fotografia, a imprensa rotativa, os cabos submarinos, a luz elétrica, o próprio rádio, o raio X, o avião a jato e o computador. Em síntese, as distâncias diminuíram ao ponto de incharem a cultura da globalização do mundo.

As redes de comunicação digitais e a velocidade da informação podem permitir a discussão e a utilização destes meios na solução dos diversos problemas que afetam a sociedade. A própria Internet, por exemplo, nos permite alcançar milhões de pessoas nos locais mais distantes e com a maior rapidez. Neste contexto, o importante é como utilizar-se corretamente da tecnologia, pois é a aplicação desta que pode mudar o mundo e não a tecnologia em si.

A tecnologia está começando a redefinir como o homem fala com seus semelhantes, como ele se comunica, o que ele sabe, o que ele é.

Atualmente, o homem tem avançado muito no sentido de disseminar a informação. Desta forma, "repensou as fronteiras tradicionais de tempo, espaço e forma. Do telégrafo à Internet, os avanços na área da comunicação é a esperança na tecnologia como agente de mudanças" (Rev. Veja Especial, 1995, p.10), porém, parece que não é bem assim.

Em função das novas descobertas da tecnologia e, em especial da Ciência da Computação, há a possibilidade de percepção de uma nova forma de ver o tempo. Ele já não seria mais longo mas, largo, significando sua concentração na semana que passou e na próxima, por exemplo. Em outras palavras, eqüivale o aqui e o agora. Seria a abolição do tempo contínuo ou, aquele que nós estamos habituados a perceber.

Nesta questão tão complexa mas, tão importante que tem o tempo e o espaço como campo de reflexão é que podemos situar um dos eixos centrais deste trabalho que são por assim dizer, um dos traços marcantes da sociedade de nossa época: os meios de comunicação de massa, a cultura de massa e sua influência no comportamento das pessoas.

Discutir violência sem nos referirmos aos meios de comunicação de massa é praticamente impossível uma vez que, o entrelaçamento entre ambos é estabelecido. Estes são, por assim dizer, alguns dos traços marcantes da sociedade capitalista neoliberal na qual vivemos.

Como afirma WERTHAN, "a comunicação é o oposto da violência." (1967, p.58) Tomando este ponto de partida afirmamos que no mundo de hoje os meios técnicos de comunicação atingiram, pode-se dizer assim, um alto grau de

desenvolvimento. Contudo, poderíamos questionar a razão de tanta violência hoje, com toda essa tecnologia vinculada à comunicação uma vez que nenhuma civilização teve tanta oportunidade para comunicações e com tanta facilidade que qualquer outra já teve na história da humanidade. Dizemos então que para entender, pelo menos em parte esta discrepância, está na forma como esses meios são utilizados e de que maneira o são.

No interior destes acontecimentos a era tecnológica, a partir da segunda metade do século XX, trouxe consigo coisas que talvez não estavam previstas como, por exemplo, a violência em todos os níveis, tais como o aumento da criminalidade, difusão de drogas, trânsito intenso e descontrolado, excluídos sociais por toda parte, delinqüência juvenil e desemprego como resultado da automação crescente do parque industrial.

O historiador HOBBSBAWN, num de seus trabalhos mais expressivos e recentes, "A era dos extremos", apresentou algumas características notáveis ao que ele denomina "o breve século XX". Nesse século, por exemplo, de grande difusão dos postulados científicos, mais homens foram mortos "ou abandonados à morte por decisão humana que jamais antes na história." (1995, p.23) Mais adiante, o próprio autor comenta outros significados da violência deste século quando se refere ao "ressurgimento da tortura, ou mesmo do assassinato, como parte normal das operações de segurança pública nos Estados modernos." (1995, p.23)

Outros estudiosos preocupados com a mesma temática, também se manifestaram. Max Born, por exemplo, "um dos físicos atômicos mais importantes e mais conscienciosos, que recebeu o Prêmio Nobel em 1954, vê uma sombra escura no futuro. Atribui-a, por um lado, aos métodos de destruição em massa e, por outro,

ao abuso dos meios de comunicação em massa, que influenciam as idéias dos homens." (WERTHAM, 1967, p.59)

Neste contexto, os exemplos oferecidos pela televisão brasileira são representativos. Fica muito claro, no âmbito de nossas discussões, que os meios de comunicação de massa e, em particular a televisão, influenciam o comportamento humano mas, essa influência na maioria das vezes, tem um caráter alienante, persuasivo e vazio de conteúdos. A mesma oferece exemplos expressivos na banalização de seus espetáculos. O programa "Ratinho Livre", que se tornou num determinado momento, um dos maiores em audiência nos últimos tempos amparada no constrangimento de pessoas humildes, mutiladas, deficientes físicos e na promessa de auxílio aos mais carentes e assim por diante.

Outro ponto merecedor de atenção é quanto a escalada sexual na televisão em novelas, filmes, propagandas. O tele-erotismo está presente na maior parte da programação televisiva sendo o alvo maior, sem dúvida, as crianças e adolescentes que estão expostas a uma grande variedade dos meios de comunicação, entre eles as revistinhas de histórias em quadrinhos que não podem deixar de ser incluídas, o próprio rádio, o cinema e, sobretudo a televisão como veículo mais potente de comunicação, o mais presente nos mais diversos meios sociais com possibilidades educativas e recreativas bem menores do que muitas vezes se supõe. Dentro desse processo, as crianças e os adolescentes, certamente, são as maiores vítimas.

Em texto recentemente publicado, a articulista KRAUSE, assim se refere ao problema:

"(...) Levantamento realizado pela Associação Médica dos Estados Unidos descobriu que dois mil oitocentos e oitenta e oito, de um total de três mil estudos especializados sobre o tema, comprovam que a violência na TV é fator determinante no modo de vida daquele país e na escala do crime. Outras pesquisas revelam que uma criança vê na televisão, em média, oito mil assassinatos antes de completar a quarta série. Aos dezoito anos já assistiu aproximadamente a duzentos mil atos de violência. Como a televisão tem forte influência na educação, e prejudica na medida em que mostra à criança um mundo que ela ainda não está preparada para encontrar, principalmente no que diz respeito a sexo e violência, o ideal seria que a família despertasse uma consciência crítica em relação aos programas. (...) A criança absorve grande variedade de informações através de quaisquer programas a que assista, educacionais ou de fantasia. Trata-se de uma aprendizagem pela observação, seja de coisas boas ou más, e ela passa a imitar aquilo que vê. É dessa maneira que os modelos observados pelas crianças na TV terão influência em sua conduta. E não apenas as crianças, mas também de adolescentes, pois gírias, atitudes e roupas logo viram moda, como já foi constatado (...)" (Jornal A Notícia, 5 jun., 1999)

Hoje, a agressão à infância se dá através de múltiplas facetas. Entre elas podemos citar a prostituição infantil, menores abandonados, consumo de drogas, entre outras. É possível que a televisão tenha a sua participação na desagregação da conduta das crianças e adolescentes. Programas com finalidade educativa são raros. Como bem se expressa Frei BETO, em seu artigo "Como criar uma fera em casa", "com tanta cultura de morte, como estranhar essa safra de meninos assassinos?" (Jornal o Estado de São Paulo, 3 jun., 1998)

A programação da televisão, de um modo geral, vem se transformando em apelo sexual indiscriminado, seja esse recurso para manter ou levantar a audiência. São vários os exemplos que demonstram a presença da violência na televisão. A apelação para o erotismo de crianças de um apresentador de televisão provocou polêmicas quando aquelas crianças apresentavam-se em poses com clara conotação sexual e que eram vistas pelos telespectadores como adultas. O problema, certamente, não está na criança que se apresenta nestas circunstâncias.

e sim, do modo como são vistas, as situações vexatórias a que estão expostas. No entanto, serviram como a grande razão para as emissoras se utilizarem desses expedientes para a elevação da audiência.

Programas que esboçam cenários onde são sugeridas cenas de sexo são vários. Aos domingos a tarde um programa faz crescer a audiência onde um casal praticamente seminu entrega-se a jogos eróticos dentro de uma banheira. Um outro exemplo ainda como o do "Casseta & Planeta", são especialistas em diálogos pesados quase todos de fundo sexual.

No outro extremo, o culto ao sensacionalismo é uma constante visando sempre o lucro. O episódio que passamos a descrever ilustra bem as questões que estamos analisando.

Um determinado programa de televisão denominado "Aqui e Agora", em jul., 1993, mostrou o suicídio de uma menina de dezesseis anos que se jogara de um edifício de uma altura de quarenta metros. O sensacionalismo das cenas resultou em discussões quanto aos limites da violência a ser mostrado em televisão. Até que ponto podem estas emissoras dedicar-se a tais sensacionalismos prevendo uma maior audiência para seus programas.

Não raro os programas de apresentadores derivam para cenas de esoterismo, auto-ajuda, cenários com modelos provocantes, desfiles de moda, casais ou famílias inteiras que vão ao programa resolver ao vivo suas desavenças. Além disso, há consultas psicológicas e assessoria jurídica gratuita aos convidados do programa mas, sem solução aparente. As desgraças humanas são vendidas ao espectador sem comiseração.

Para completar, o maior fenômeno da cultura de massa brasileira no que se refere a televisão, são as novelas que conseguem atrair um público considerável de

telespectadores. Na sua maior parte impera o mau caratismo de seus personagens, a superficialidade e como é tratada a vida humana e sem falar de cenas de sexo quase explícito e de sado-masiquismo. É um grande negócio em termos de espetáculos no Brasil.

É constrangedor esta guerra de audiência vinculada ao lucro a qualquer preço como vem ocorrendo nos meios de comunicação de massa, especialmente a televisão. Como vemos, tudo se banaliza. Em sua maioria são pobres em seu conteúdo e irrelevantes quanto ao aspecto humano e social.

A eficiência da mídia em nome da liberdade de expressão atua de forma devastadora sobre os cidadãos, subestimando a inteligência, a sensibilidade da pessoa humana, tornando-as amortecidas, impedindo-as de pensar, de elaborar críticas, levando assim a um conformismo porque o grande interesse desses meios de comunicação é criar uma inteligência cultivada, naturalmente por esses mesmos meios de comunicação.

De outro lado, a violência generalizada difundida diariamente nem sempre constituem a realidade e sim, uma pseudo-realidade, excluindo a continuidade da experiência, tanto individual como social. São atos de violência que não podem ser ignorados pela sociedade em geral. WERTHAM, sobre este ponto, enfatiza: "Quanto mais os meios de comunicação se tornam oblíquos, obstruídos, abusados, transformados numa vasta maquinaria de ódio, tanto maior é o perigo de os métodos de destruição física em massa entrarem em jogo." (1967, p.59-60)

Os meios de comunicação de massa a medida que corrói os valores, corrói também aqueles valores que dizem respeito aos temas da liberdade e da cidadania. É o que enfatiza PINHEIRO, do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo: "Uma sociedade civil é um espaço público, no qual as diferentes forças

sociais devem exprimir, com o mesmo peso, as suas convicções. Se o Estado e o poder econômico se articulam, com expressiva parcela da mídia, dificilmente podemos constituir uma vida democrática." (Folha de São Paulo, 26/9/94)

Ao fazermos referência aos meios de comunicação de massa não estamos falando apenas em um movimento cultural portentoso mas, sobretudo, como diz o próprio MORIN (1981), falamos de uma nova recolonização não mais de territórios, mas sim da própria alma e espírito das pessoas atingidos por ela, independente da sua nacionalidade, sexo e classe social. Eis a sua expressão mais alta.

CAPÍTULO 5

O TRÂNSITO E A VIDA NAS CIDADES

"Todo perigo perde muito de sua horribilidade quando suas causas são conhecidas." (Konrad Lorenz, 1991)

Ao refletirmos sobre a questão do trânsito achamos conveniente numa primeira etapa, analisar detalhes técnicos ou uma terminologia específica que diz respeito ao trânsito ou suas regras.

5.1 CONCEITO DE ACIDENTE DE TRÂNSITO E TIPOS DE OCORRÊNCIAS

Em conformidade com o Tratado de Perícias Criminalísticas (1995), "acidente de tráfego"²⁴ é um incidente involuntário do qual participam, pelo menos, um veículo

²⁴ Os autores trabalham com a terminologia "acidentes de tráfego" ao invés de "acidentes de trânsito". Mas como é comum a utilização do segundo termo, preferimos esta denominação.

em movimento, pedestres e obstáculos fixos, isolado ou conjuntamente, ocorrido numa via terrestre, resultando danos ao patrimônio, lesões físicas ou morte." (1995, p.368)

Segundo ao referido Tratado, os principais tipos de ocorrências de trânsito são assim denominadas:

- "- Colisão: é o embate entre dois ou mais veículos em movimento.
- Abalroamento: é o embate de veículo em movimento contra outro que se encontra parado.
- Choque: é o embate de um veículo contra um obstáculo fixo, tais como árvores, muros, defensas, etc..
- Atropelamento: é o tipo de acidente de tráfego múltiplo, onde um veículo colide contra pessoas ou animais.
- Capotamento: evento no qual o veículo, por causas as mais diversas, gira em torno de seu eixo vertical e, na fase final de imobilização, apresenta-se apoiado sobre a sua cobertura, com as rodas para cima.
- Tombamento: evento no qual o veículo, por causas as mais diversas, gira em torno de seu eixo vertical e, na fase final de imobilização, apresenta-se apoiado sobre uma das laterais.
- Precipitação: queda livre de um veículo por ação da gravidade e que ocorre por causas as mais diversas, como perda de direção, manobra brusca, etc.
- Colisão em cadeia, colisão sucessiva ou tamponamento: quando um veículo embate na traseira de outro que segue imediatamente à sua frente, o qual por sua vez impulsionado, esbarra naquele que segue imediatamente à sua dianteira, podendo envolver várias unidades de tráfego.
- Mista: conjugação de dois ou mais tipos de eventos, como choque com tombamento, atropelamento com choque, etc. (...)" (1995, p.369)

Tais detalhes nos permitirão mais adiante entender a terminologia utilizada nas Guias de Requisição de Exame Cadavérico utilizadas pelo Instituto Médico Legal, local onde foi realizado o levantamento de dados.

Na medida em que nossas pesquisas revelam que o maior número de mortes violentas ocorridas na Área Conurbada de Florianópolis tiveram por causa imediata acidentes de trânsito como veremos mais adiante, uma análise de seu movimento torna-se necessária em função dos graves problemas e conseqüências que acarreta.

5.2 HISTÓRICO

Inventado na Europa em fins do século XIX, o automóvel surge em decorrência do aprimoramento tecnológico como um grande e importante avanço na capacidade de locomoção e comunicação humanas, em sintonia com os anseios da sociedade moderna, isto é, usufruir um meio de transporte rápido, eficiente e seguro aliado às necessidades básicas do novo estilo de vida, como ganhar tempo e dinheiro vencendo grandes distâncias.

A história do automóvel inicia-se, praticamente, em 1885, com o alemão Karl Benz, quando pôs pela primeira vez numa estrada uma máquina segura de combustão interna que por isso, passou a ser considerado "o pai do automóvel." A partir daí, novos carros mais aprimorados vão surgindo mas considerados demasiado dispendiosos para o público em geral, o que desperta em Henry Ford "oferecer às grandes multidões", como ele próprio dizia, um carro barato, útil e

prático." (O'BRIEN, c1979, p.104) Em 1896, Ford construiu o seu primeiro carro com sucesso. Mas foi em 1908, no entanto, que ele lançou o Ford modelo "T", um carro barato e durável. Ao contrário do primeiro, feito a mão, o novo modelo fabricado em linha de montagem constituída de máquinas e operários, alcançou vendas maiores, com menos custo, mais aperfeiçoado e com um forte objetivo, estimular a aceitação popular. A propósito, como nos informa a mesma fonte de consulta,

"ao término da Primeira Guerra Mundial, havia cinco milhões e meio de automóveis nos Estados Unidos - um para cada dezenove americanos. Ao cabo da década de 1920, havia mais de vinte e três milhões - um para cada cinco americanos, aproximadamente. E, em 1963, a estimativa era de oitenta e dois milhões, inclusive treze milhões de caminhões e ônibus - um para cada dois americanos." (O'BRIEN, c1979, p.105)

Os objetivos de Henry Ford foram alcançados, o que provocou efeitos extraordinários sobre a economia de tal forma que:

"Em meados da década de 1920, a indústria automobilística consumia 20% de toda a produção de aço do país, 80% da borracha e 75% do vidro plano. Reformou a indústria petrolífera, que, de fornecedora de produtos para iluminação e lubrificação, passou para a propulsão. Criou uma nova e imensa rede de postos, oficinas e revendedores de peças e acessórios. Ao contrário de seus colegas europeus, que consideravam o automóvel um artigo de luxo, os fabricantes americanos, tais como Ransom E. Olds e Henry Ford, tencionavam atender a um mercado de massa." (CHUDACOFF, 1977, p.246)

A exemplo de outros produtos, a nova mercadoria precisava atender a um mercado de massa tornando-se o automóvel um dos principais temas da publicidade

e das operações de financiamento. O carro havia se popularizado operando mudanças na vida americana e, mais tarde, no mundo de um modo geral. As mudanças são significativas, pois, além de alterar os costumes da vida urbana, o automóvel também modificou o panorama das cidades com padrões de ocupação do solo através da construção de novas ruas e estradas provocando o afastamento de antigos moradores do centro das cidades para as periferias estimulando, assim, a expansão urbana, encorajando especuladores a abrirem loteamentos em locais até então esquecidos, e assim por diante.

O automóvel havia chegado e prometia ainda romper com as limitações de acesso aos locais mais afastados das cidades. As distâncias agora, poderiam ser percorridas sem dificuldades.

Por outro lado, é preciso ser considerado os aspectos negativos acarretados pela vinda do automóvel e derivados, tais como o congestionamento humano e de veículos deixando as ruas e as cidades, de uma maneira geral, mais confusas e ainda com um grande agravante - a sua velocidade - como grande ameaça à vida humana, sendo este o ponto crucial forçando a vinda de novos regulamentos e de novas técnicas para controlar acidentes, para melhor fluência do trânsito, assim como uma certa ordenação em termos de locais apropriados para estacionamento de veículos. Tais regulamentos tornaram possíveis, entre outros controles, a redução dos limites de velocidades, tanto que:

"Em 1924, a General Electric Company começou a produzir semáforos elétricos automáticos e quase imediatamente várias cidades instalaram esses dispositivos em seus cruzamentos mais movimentados. Muitas delas começaram também a proibir o estacionamento e as paradas ao longo de artérias de grande movimento." (CHUDACOFF, 1977, p.248)

Facilitando as viagens de longas distâncias, os veículos automotores transformaram também as estradas em assuntos de preocupação nacional e internacional quanto aos acidentes.

Com a expansão da indústria automobilística e, conseqüentemente, com a popularização do automóvel como artigo comercial, de um lado facilitando a vida das pessoas, gerando riquezas, permitindo maior conforto e, até mesmo, prestígio e prazer, de outro, as ocorrências de trânsito passam também a fazer parte do cotidiano da vida moderna reconhecida por muitos, como verdadeiras catástrofes.

A diversidade de problemas vinculados ao trânsito são os mais diversos. É provável que não foram previstos ou, pelo menos, na dimensão que alcançaram, sobretudo no que diz respeito à vida humana.

Na forma como as sociedades hoje estão organizadas, não há como prescindir do veículo no atendimento aos mais variados interesses individuais e sociais, no entanto, os veículos automotores, talvez, constituem o maior paradoxo dos tempos modernos. O homem e o automóvel disputam espaços continuamente.

5.3 TRÂNSITO: UMA QUESTÃO SOCIAL E POLÍTICA

Desde que passamos a conviver com o trânsito difícil de nossas cidades, à primeira vista achamos que este é um problema específico do advento do automóvel e veículos correlatos. É quase inadmissível que problemas dessa ordem já existiam

há muito tempo. Recorrendo à História, obtemos inúmeros registros referentes aos problemas de trânsito muito antes da chegada do automóvel, ao que podemos constatar que as primeiras restrições ao trânsito já existiam desde a Antigüidade. Sob esse aspecto, VASCONCELOS, nos informa que

"(...) na realidade, as primeiras restrições ao trânsito conhecidas parecem ser aquelas determinadas por Julio Cesar, que proibiu o tráfego de veículos com rodas no centro de Roma durante certas horas do dia. Como se não bastasse, em Roma havia também ruas de 'mão única' e estacionamentos fora da via, especialmente construídos para carroças." (1992, p.7)

Bem mais tarde, porém, no ano de 1600, segundo o mesmo autor, (...) "já havia uma estrada que saía da cidade do México em direção ao interior e que possuía uma linha divisória central colorida, para separar os fluxos de tráfego." (1992, p.7)

Em conformidade com o Tratado de Perícias Criminalísticas, um outro registro que nos remete ao passado, foi a célebre Lei da Estrada. Promulgada em 1835, na Inglaterra, "inspirada nas normas da etiqueta social e boas maneiras, convencionava a obrigatoriedade de ceder a direita à carruagem do outro." (1995, p.365)

Estes fatos ilustrativos são importantes para mostrar que desde há muito tempo já havia uma certa preocupação quanto à ordenação ou, a racionalização do trânsito, sem dúvida, necessárias para a segurança de todos.

Quanto aos primeiros problemas modernos de trânsito, no entanto, surgem com o aparecimento do automóvel em fins do século XIX e, conseqüentemente, a

legislação a respeito. Observa-se que já se fazia necessário algumas medidas de controle do trânsito, uma vez que o número de acidentes oriundos de veículos de tração animal eram considerados relevantes. O que passamos a descrever apresenta resultados expressivos. Conforme VASCONCELOS,

"(...) surgiu em Londres, em 1868, o primeiro semáforo de que se tem notícia, com as cores vermelho e verde. Na mesma época, em 1870, já se registravam em Londres cerca de quatrocentos e sessenta mil carruagens, tendo ocorrido muitos acidentes de trânsito, com três mil e duzentos feridos e duzentos e trinta e sete mortos." (1992, p.8)

Do aparecimento da diligência ao surgimento do automóvel, os problemas do trânsito continuaram evoluindo. No referido Tratado de Perícias Criminalísticas, obtemos a seguinte informação: "(...) o primeiro acidente automobilístico ocorreu em Londres, em 1896 e, na tarde de 13 de setembro de 1899, em Nova York, morreu o primeiro homem vítima de acidente automobilístico." (1995, p.365)

Se, depois da segunda metade do século XIX a sociedade já demonstrava preocupação com as ocorrências de trânsito e formas de prevenção de acidentes com legislação, inclusive, isto reforça que medidas de controle mais complexas seriam necessárias no futuro porque os problemas estavam só começando.

Fatos como estes nos induzem à reflexão sobre o tema trânsito e a sua ligação direta com o homem, suas atividades e quanto às questões de deslocamentos envolvendo tempo e espaço. Mas, é no século XX, que o trânsito passa a ser considerado como um problema urbano com tendências a agravar-se em conseqüência do aumento das cidades, da frota de veículos, maior

acessibilidade a estes e, como resultado, acidentes, congestionamentos, poluição, ruídos, formando um conjunto de condições adversas, proporcionando-nos uma imagem negativa mais acentuada, sem dúvida, para as populações das grandes cidades.

E é no espaço urbano de nossas cidades, principalmente, nas grandes cidades que sente-se o maior fluxo de veículos e pedestres deslocando-se de um ponto a outro para atender necessidades e obrigações. Esses deslocamentos são chamados de "viagens". E para que essas viagens sejam possíveis, vários meios de transportes são envolvidos neste processo para atender a interesses tanto individuais como coletivos. Para VASCONCELOS, "todos esses deslocamentos representam a "vida" da cidade e estão portanto diretamente ligados às características sócio-econômicas da população, à idade das pessoas, a seu trabalho, sua renda, seu local de moradia." (1992, p.11)

Assim, para melhor compreendermos o significado do trânsito, o referido autor assim o define: "O trânsito é, assim, o conjunto de todos os deslocamentos diários, feitos pelas calçadas e vias da cidade, e que aparece na rua na forma da movimentação geral de pedestres e veículos." (1992, p.11)

Isto nos permite analisar que o trânsito envolve um conjunto de fatores, além do problema técnico. É, antes de tudo, uma questão social e política intimamente ligada ao sistema econômico capitalista vigente na nossa sociedade.

Conviver com o trânsito hoje, é conviver com conflitos constantes. Daí porque o trânsito sugere temas de difícil solução e que se complica a medida que as sociedades se tornam mais complexas.

Com base no autor antes mencionado, para entendermos os problemas concernentes ao trânsito torna-se necessário discutir os conflitos na circulação urbana que, ao seu ver são assim constituídos:

a) CONFLITO FÍSICO

Ou o mais aparente no trânsito que consiste na disputa pelo espaço veículo versus veículo versus pedestre. Ambos, por sua vez, desejam se deslocar o mais rápido possível, com fluidez e segurança o que, na verdade, nem sempre acontece pois, nem sempre os interesses individuais prevalecem.

b) CONFLITO POLÍTICO

"(...) reflete os interesses das pessoas no trânsito, que por sua vez estão ligados à sua posição no processo produtivo da cidade." (1992, p.13)

Isto significa que o trânsito tem como elemento básico o homem e a sociedade a qual ele faz parte independente das diferenças sociais e políticas cujos interesses diferenciados acabam por produzir conflitos. Assim, o trânsito é uma disputa constante pelo espaço, tempo e maior acessibilidade a tudo aquilo que os centros urbanos oferecem.

Nesta disputa constante de espaço e de interesses torna-se difícil uma negociação racional entre os participantes do trânsito que não se estabelece de forma igualitária, sobretudo na sociedade brasileira onde a herança autoritária, a

falta de consciência e de cidadania faz com que os espaços das vias públicas sejam disputados comumente pelos motoristas com violência.

O processo de violência no trânsito em função de interesses econômicos ou da busca insaciável de lucro estende-se também para as rodovias federais e estaduais. Sob este aspecto, chama a atenção a entrevista oferecida pelo Presidente do Sindicato dos Caminhoneiros, Osmar Gonçalves de Oliveira, à Revista Veja. Em suas respostas destaca o uso de componentes farmacológicos por parte de muitos motoristas para cumprimento de etapas de viagens.²⁵

Geralmente, essas drogas são usadas para que os motoristas não durmam ao volante, principalmente, à noite. Na linguagem destes profissionais são chamadas de "rebite". Segundo o depoimento do Presidente do Sindicato dos Caminhoneiros,

"os mais utilizados são os moderadores de apetite, como o Nobese. À noite, eles costumam ingeri-los com conhaque, café ou coca-cola (...). Como o caminhoneiro é escravizado pelo dono da carga, que estabelece prazos curtíssimos para a entrega, ele acaba colocando em risco a própria vida, bem como a dos outros. Numa pesquisa realizada pelo sindicato em 1995, 48/% dos caminhoneiros admitiram o uso do rebite. Acredito, no entanto, que esse número seja bem maior - todos que conheço tomam esses remédios." (26 mar., 1997, p.9)

²⁵ Mais uma vez nos remetemos ao tema Drogas e Violência. Muitos caminhoneiros se utilizam de anfetaminas e, na maior parte das vezes associadas ao álcool para não dormir ao volante. Para cobrir grandes distâncias em tempo mais rápido, as empresas obrigam seus empregados a utilizarem-se dessas drogas. Colocam em risco a própria vida, bem como a dos outros aumentando assim a chance de graves acidentes.

O desnorreamento e as alucinações causados pelo uso destas drogas são um dos grandes responsáveis por muitos acidentes e mortes nas estradas. Nesta perspectiva, continua o entrevistado:

"(...) já aconteceu de eu voltar por engano para a cidade de onde havia partido. Eu ia de Belém para São Paulo e parei em um posto de Tocantins para dormir. Estacionei virado para o norte. Quando acordei, depois de apenas duas horas de sono, segui viagem no caminho inverso. Ou seja, voltei para Belém (...). Certa vez, de São Paulo para Belém, vi um navio enorme vindo em sentido contrário (...) Era apenas um ônibus (...). Da outra vez, vi vários cavalos na pista, quando na realidade não havia nenhum (...)"

O entrevistado complementa colocando que:

"um caminhoneiro rebitado é um homicida. A Via Dutra está cheia deles, só um louco anda de automóvel naquela estrada à noite. Alguns motoristas chegam a usar dez comprimidos em uma única viagem de São Paulo a Belém (...). Quando não há farmácias por perto, os caminhoneiros compram os remédios de frentistas de postos de gasolina e até de borracheiros. É grande o comércio de remédios nas rodovias do país. Em geral, os caminhoneiros que transportam produtos perecíveis como verduras e frutas, são os que mais tomam rebite. Para alguns motoristas, no entanto, esses remédios já não fazem efeito. Eles estão partindo para a cocaína e para o crack." (Rev. Veja, 26 mar., 1997p.12)

Ainda de acordo com a entrevista, o alto índice de alcoolismo entre os caminhoneiros é preocupante, já que proliferam bares e restaurantes de beira de estrada.

Estes dados são representativos. Uma sociedade que privilegia o capital e não o trabalho e que não cultiva os valores da cidadania torna ainda mais difícil a discussão e a aplicação de regras mais eficientes no trato de temas como controle de trânsito, controle de venda de medicamentos, assim como o de bebidas alcoólicas.

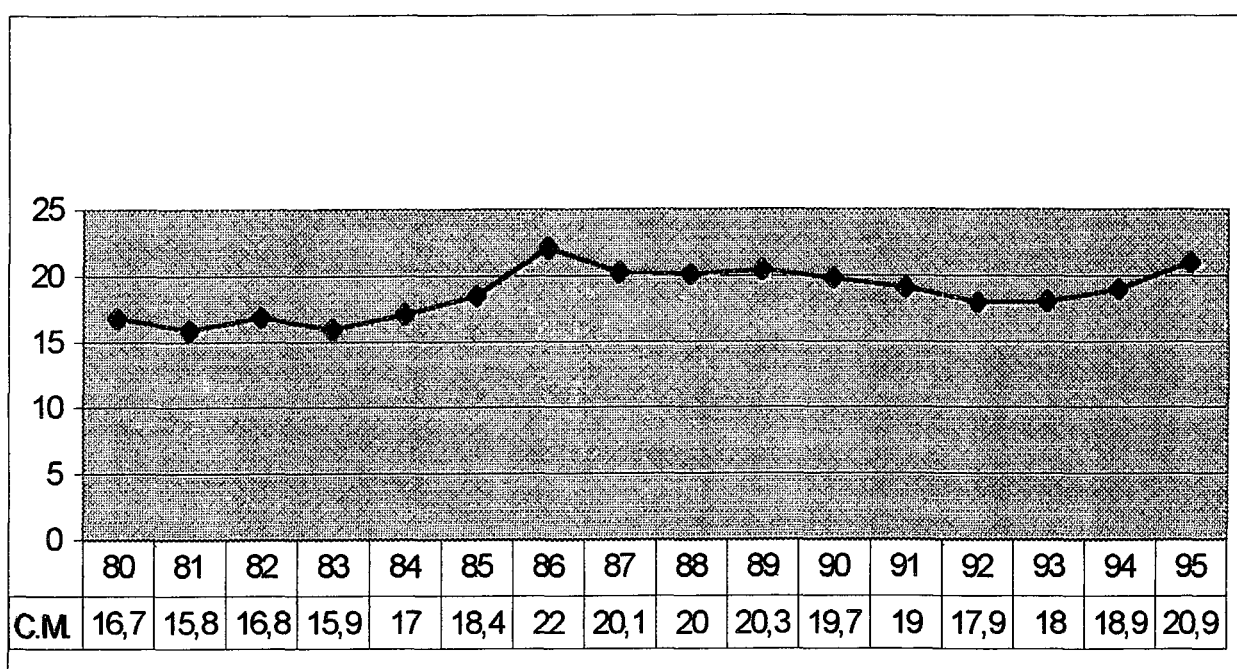
Em largos trechos do território brasileiro a presença do Estado é quase inexistente constituindo-se estes territórios praticamente em terras de ninguém onde, na maioria dos casos, vence o mais forte. A falta da atuação do Estado hoje fortemente percebida por estudiosos e por aqueles interessados em questões sociais alcança, inclusive, esferas urbanas como no Rio de Janeiro, por exemplo, onde as favelas situadas em morros da periferia daquela cidade são comandadas e controladas pela cúpula do tráfico de drogas.

Uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira dos Departamentos de Trânsito, intitulada "Impacto do Uso de Álcool e Outras Drogas em Vítimas de Acidentes de Trânsito", aponta que: "A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), informa que, exceto para os países envolvidos em conflito armado, as mortes por acidente de trânsito estão passando a ocupar o papel mais importante entre as causas externas, e essas acometem, principalmente, os homens e os jovens." (1994, p.7)

No Brasil, a situação não é diferente. Estudos desenvolvidos sobre mortes violentas tem revelado a predominância de acidentes de trânsito. Conforme a Associação Brasileira dos Departamentos de Trânsito,

"em 1995, as causas externas foram responsáveis por 12,8% de todas as mortes do País, respondendo por cento e quatorze mil e oitocentos e oitenta e sete óbitos, constituindo-se na segunda maior causa de morte. Desses óbitos, trinta e dois mil quinhentos e trinta e dois foram causados por acidentes de trânsito, correspondendo a 28,3% do total, superado apenas pelos homicídios. (Ver Figura 1)

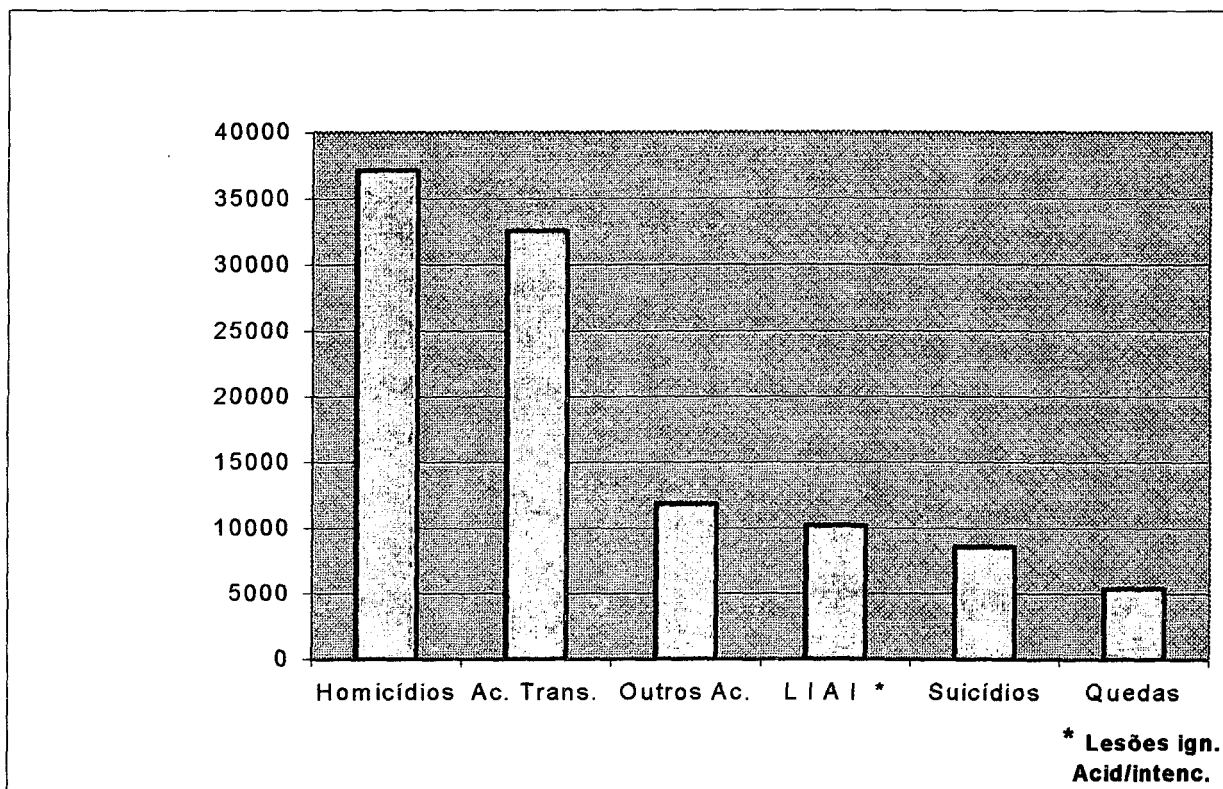
Figura 1 - COEFICIENTE DE MORTALIDADE (X 100.000) - POR ACIDENTE DE TRÂNSITO. BRASIL - 1980-1995



Fonte: Sistema de Informação de Mortalidade/CENEPI/FNS-MS. In: Associação Brasileira dos Departamentos de Trânsito.

O coeficiente de mortalidade por acidente de trânsito, que sintetiza o risco de morrer por essa causa, apresentou um crescimento de 25%, entre 1980 a 1995, elevando-se de 16,7 por 100.000 para 20,9 por 100.000. (Ver Figura 2)

Figura 2 – ÓBITOS POR PRINCIPAIS CAUSAS EXTERNAS - BRASIL - 1995



Fonte: Sistema de Informação de Mortalidade/CENEPI/FNS-MS. In: Associação Brasileira dos Departamentos de Trânsito."

Esses indicadores são alguns exemplos, dos dados que traduzem em números a realidade violenta do trânsito no Brasil.

Na Região da Grande Florianópolis, especificamente nos Municípios da Área Conurbada de Florianópolis, as próprias pesquisas que realizamos junto ao Instituto Médico Legal, revelaram que os acidentes de trânsito lideram sobre as demais mortes violentas registradas no período. Tais ocorrências denotam a necessidade não só de análise desta problemática, bem como uma atenção mais sistemática dos órgãos governamentais e parte da sociedade civil organizada na busca de suas causas onde atitudes saneadoras sejam tomadas a fim de evitar estes acidentes.

Sob este aspecto, a pesquisa elaborada pela Associação Brasileira dos Departamentos de Trânsito, reforça nossa preocupação quando se refere às políticas de segurança no trânsito, porém, até agora o que presenciamos, são medidas que privilegiam basicamente a repressão como forma de coibir os abusos provocados pelos personagens do trânsito - motoristas e pedestres - muitas vezes associados com o consumo de substâncias psicoativas. Medidas preventivas e educativas baseadas em estudos e pesquisas mais abrangentes sobre o comportamento humano, pouco tem sido postas em prática.

Para uma avaliação mais adequada das violências do trânsito e o consumo de drogas psicotrópicas, os dados a seguir são significativos.

"Dentre os estudos realizados no Brasil, pode-se destacar os dados obtidos em 1995 pelo Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (Cetad/UFBA) que, apoiado pelo DETRAN da Bahia, realizou o primeiro estudo regional correlacionando o consumo de álcool em situações de lazer (bares e orla de Salvador) e a condução de automóveis e motos. Esse estudo mostrou que uma grande proporção dos entrevistados (25,5%) referiram ocorrência anterior de acidente de trânsito conduzindo veículo, sendo que, destes, 37,7% haviam ingerido bebida alcoólica na

ocasião. Os níveis de alcoolemia foram significativamente maiores em indivíduos com história progressiva de acidentes (36,3%) contra 28,8% dos que não fizeram essa referência e, finalmente, grande parte dos entrevistados que apresentaram níveis elevados de alcoolemia informou que ainda iria dirigir (...) Em 1997, O Instituto Recife de Atenção Integral às Dependências (RAID), com o apoio do DETRAN de Pernambuco, dos quais ressalta-se que 23% dos entrevistados em situação de lazer (bares e praias) apresentavam alcoolemia acima de 0,8g/l, mostrando-se a auto-avaliação "um mau indicador das condições reais do motorista". A projeção de dados de um dos trabalhos dá conta que 3.100 motoristas circulam diariamente pelas rodovias pernambucanas sob efeito do álcool, maconha ou anfetamina. Além disso, pesquisa realizada no Hospital da Restauração (Secretaria da Saúde) e no Instituto Médico Legal durante os cinco dias do Carnaval de 1997 revelou que, do total das 147 vítimas de acidentes de trânsito, 80,7% acusaram a presença de álcool no sangue. As vítimas foram, em sua maioria, homens, solteiros, com a idade média de 29 anos, que se acidentaram, principalmente, durante o período noturno, das 19 às 23h. A proporção de óbitos foi considerada alta, perfazendo o total de 18,9% dos acidentados. Entre as vítimas fatais, 48,3% morreram atropeladas (...)" (Cetad/UFBA 1997, p.9-10)

Esses dados tão significativos nos permitem concluir que, os acidentes de trânsito não acontecem por acaso. A inclusão de drogas psicotrópicas cada vez mais disseminadas, podem causar transtornos para a segurança do trânsito. Além destes, outros fatores relacionados ao indivíduo, ao veículo e à via pública também merecem ser considerados. Com efeito, segundo o Tratado de Perícias Criminalísticas,

"na verdade o próprio homem é a primeira causa dos acidentes de tráfego. Segundo estatísticas, 70% dos acidentes são devidos ao homem, 15% a deficiências de segurança, inclusive defeitos no pavimento das vias públicas, 12% a falhas mecânicas do veículo e 3% a ocorrências fortuitas ou imprevisíveis, tais como neblina, poeira, fumaça, chuva e animais." (1995, p.366)

A Tabela 9 que reproduzimos, a qual está inserida no mesmo Tratado, relaciona os acidentes de tráfego fatais com a maneira incorreta de dirigir.

Tabela 9 - MANEIRA INCORRETA DE DIRIGIR E O ÍNDICE DE ACIDENTES FATAIS

ESPECIFICAÇÃO	ACIDENTES FATAIS (%)
Inadequada	26,9
da Passagem ou Não Ceder a Vez	25,0
querda do Eixo em Vias de Duas Faixas e Dois Sentidos de Tráfego	12,4
gem Imprópria	1,9
ncia ao Semáforo	1,2
adequada em Relação ao Veículo da Frente	1,0
a de Maneira Imprópria	0,6
	9,5
SUB-TOTAL	78,5
o Devidas ao Condutor	21,5
TOTAL	100,00

HETO, Domingos et al. *Tratado de Perícias Criminalísticas*, 1995.

A Tabela 9 nos demonstra que os motoristas, freqüentemente, incorrem nestes erros não apenas em vias federais mas, sobretudo nos centros urbanos, ocasionando os transtornos que estamos a analisar.

No âmbito desses problemas oferecem-se para controlar a mortalidade produzida pelo trânsito, automóveis mais aperfeiçoados para maior segurança dos motoristas, bem como vias mais adequadas e mais seguras vem sendo projetadas e construídas. Nessa perspectiva, fala-se já em termos de futuro (século XXI) na criação de novas tecnologias como veículos guiados por computador, a exemplo do que já ocorrem com os aviões e, até rodovias inteligentes capazes de reduzir ao máximo os acidentes de trânsito.

No entanto, ao se referirem ao próprio homem, os autores do referido Tratado de Perícias Criminalísticas parecem céticos:

"Consegue-se melhorar tudo. O homem, com o dom da inteligência, tem construído carros e estradas que, se respeitados certos limites operacionais, praticamente seriam imunes a falhas, todavia, não consegue melhorar a si mesmo, continuando com as mesmas características psicofisiológicas que o descredencia para pilotar veículos automotores. Parece exagero, mas o homem, infere-se de uma análise mais aprofundada, não foi feito para dirigir, tendo, mesmo, do ponto de vista das solicitações impostas pelo trânsito, várias e graves deficiências." (1995, p.366)

Embora discutíveis sobre alguns aspectos, os autores merecem consideração na medida que os índices de acidentes são muito altos e, o nosso país, infelizmente ocupa posição de destaque. Por outro lado, a incompatibilidade de dirigir veículos automotores sugerida pelos autores pode estar ancorada nas limitações humanas. Mas é preciso reconhecer que o alcoolismo, a competição econômica desenfreada

existente hoje na nossa sociedade e a fragmentação da consciência política da cidadania, são também responsáveis pela alta mortalidade e mutilações no trânsito.

A questão do trânsito não deve ser apenas uma preocupação das autoridades mas, dos vários segmentos da sociedade civil organizada no sentido de contribuir para a formação de uma nova mentalidade dos motoristas e pedestres, onde prevaleçam os princípios que fundamentam o exercício da cidadania, tão difundidos, porém, tão pouco levado em frente na rotina do trânsito com o qual convivemos.

CAPÍTULO 6

A RADIOGRAFIA DA VIOLÊNCIA

"O nascimento é o início da vida; a morte, o fim; mas a morte violenta é um fim antes do fim. É, freqüentemente, um fim com grande dor física e sofrimento." (Fredric Wertham, 1967)

Quando situamos as principais premissas da violência não estamos nos referindo às violências ocasionais, fruto dos desentendimentos e dos percalços vividos pela nossa sociedade, isto é, se nós pudermos denominar esse mundo informe e caótico em que vivemos de uma verdadeira sociedade.

Ao estabelecermos a quantidade de mortes significativas ocorridas na Área Conurbada de Florianópolis em tão pouco espaço de tempo será preciso, antes de mais nada, nos interrogarmos a respeito do pouco caso, ou da insignificância de como toda essa violência é percebida pelas autoridades, pelos ligados ao sistema de produção e pela sociedade em geral.

A impressão sentida é que tais acontecimentos parecem não abalar a vivência cotidiana dos indivíduos até mesmo porque tais assuntos não são

discutidos devidamente e não são vivenciados pela população como um todo. Na verdade, a indiferença pública para tantas mortes violentas pode pressupor a existência de um estado de espírito em que tais temas não devem ser discutidos e, muito menos, falar deles.

As sociedades humanas ao longo do tempo sempre se esforçaram deliberadamente em criar as reais condições necessárias para a formação de uma sociedade propriamente dita, isto é, elas sempre tentaram ultrapassar os níveis do comportamento natural traduzindo as suas ações, normas ou convivência social, em níveis de um determinado tipo de comportamento cultural aceitáveis. É o que exprime com notável clarividência as teses do historiador francês ARIÈS em torno dessa mesma problemática:

"Desde as mais antigas eras, o homem não recebeu o sexo e a morte como dados brutos da natureza. A necessidade de organizar o trabalho, de assegurar a ordem e a moralidade, condição para uma vida pacífica em comum, conduziu a sociedade a se pôr ao abrigo dos impulsos violentos e imprevisíveis da natureza: a natureza exterior das estações loucas e dos acidentes súbitos; o mundo interior das profundezas humanas, equiparado, por sua brutalidade e irregularidade, à natureza; o mundo dos delírios passionais e dos dilaceramentos da morte. Obteve-se e foi mantido um estado de equilíbrio graças a uma estratégia refletida que reprimia e canalizava as forças desconhecidas e formidáveis da natureza. A morte e o sexo eram os pontos mais fracos da muralha de defesa, porque a cultura ali prolongava a natureza sem descontinuidade evidente. Por essa razão foram cuidadosamente controlados. A ritualização da morte é um caso particular da estratégia global do homem contra a natureza, feita de interdições e concessões. Por isso, a morte não foi abandonada a si mesma e à sua desmedida mas, ao contrário, aprisionada dentro de suas cerimônias, transformada em espetáculo. Também por esse motivo não podia ser uma aventura solitária, porém um fenômeno público comprometendo toda a comunidade." (1990, p.659)

Tais citações aqui parecem nos colocar no cerne do problema que queremos estudar. Não há dúvida que as sociedades humanas ao longo do tempo em termos de sabedoria ou estratégia calculada sempre tentaram estabelecer normas viáveis para a vida social na busca de uma verdadeira sociedade. Tais realidades tornaram as zonas de descontinuidade como o sexo e a morte, esferas parcialmente controladas.

No âmbito da sexualidade, por exemplo, as diversas sociedades humanas sempre estabeleceram normas de procedimentos possíveis ou interditos, que permitiram que se regulassem regras de conduta para todo o grupo social.

A tragédia de Édipo elaborada pelos antigos gregos nos permite tomar consciência de como o rompimento desses interditos no caso de Édipo (morte do pai e casamento com a própria mãe) resultaram numa tragédia sem precedentes, sobretudo comovente para quem toma conhecimento do percurso desse grande personagem da tragédia grega.

Na outra esfera de descontinuidade, a sociedade estabeleceu códigos de procedimentos que atenuavam a dor de parentes e amigos diante do desfecho fatal que é a morte e que permitiram um relativo controle de sua manifestação.

Nos tempos mais antigos, a morte era um acontecimento social em que não apenas os familiares participavam do seu desfecho, como também vizinhos e, muitas vezes, a comunidade inteira. No contexto da morte domada, uma "característica de uma civilização antiquíssima e prolongada, que remonta às primeiras eras e se extingue sob os nossos olhos", (ARIÈS, 1989, p.6) ela sempre dava tempo de ser percebida, inclusive, pelo próprio moribundo e se morria em público ou rodeado de gente.

A morte domada é uma morte anunciada. E não só isto. O próprio moribundo toma consciência do fim de sua vida, bem como os seus familiares e amigos. Portanto, é uma morte transparente cercada, na maioria das vezes, de um ritual solene. É nesta perspectiva que a manifestação do luto até por muitos anos era uma prática social aceita pela comunidade e, por isso mesmo, respeitada. Nesse sentido, "não só todos morriam em público (...), mas também a morte de cada um constituía acontecimento público que comovia (...) a sociedade inteira: não era apenas um indivíduo que desaparecia, mas a sociedade que era atingida e que precisava ser cicatrizada." (ARIÈS, 1990, p.612-13)

Tais procedimentos se alteraram profundamente no transcorrer do século XX e principalmente nas regiões mais industrializadas do Ocidente. A morte antes parcialmente controlada passa gradualmente a ser concebida de modo diferente. Essas mudanças antes imperceptíveis manifestaram-se rapidamente a ponto de se tornarem conscientes. Neste aspecto, e como nos revela ARIÈS, passa a adquirir um caráter selvagem até então inexistente. Para o autor, tudo começa no que ele denomina de "a grande mentira", isto é, paulatinamente a morte começa a ser camuflada por dezenas de artifícios mas, também torna-se cada vez mais penoso transmitir ao doente que o seu final está próximo. Estabelece-se várias artimanhas que permitem dar a esse mesmo doente uma noção de que tudo está bem, ou de que nada vai acontecer. Procede-se uma renovação do discurso sobre a morte quando esse discurso, na medida que vai se tornando cada vez mais planejado e sugerido. Nessas circunstâncias e de acordo com o autor já citado, a morte já não tem mais lugar na sociedade, isto é, ela vai sendo gradualmente excluída.

Toda a ritualização parece ser suprimida como bem demonstra o autor, ao mostrar, por exemplo, que: "(...) a supressão do luto não se deve à frivolidade dos

sobreviventes, mas a um constrangimento impiedoso da sociedade; esta recusa-se a participar da emoção do enlutado: maneira de recusar, de fato, a presença da morte, mesmo que se admita, em princípio, sua realidade." (1990, p.633)

A morte selvagem tem no seu interior uma estratégia de ocultamento, o que significa que não se toma mais conhecimento de quem morre, salvo algumas exceções, quando se referem a chefes de estado ou, algum grande desportista. Ela passa a ser circunscrita à órbita familiar, a alguns parentes e amigos. Mas a morte selvagem não está circunscrita por esses novos modelos de normas preestabelecidas. Há de se considerar também o temor difuso de sua presença e como paulatinamente se torna cada vez mais penoso falar sobre o assunto.

Reconhece-se agora a morte pelo seu caráter mórbido e sujo mas, para a maioria das pessoas consiste num espetáculo repugnante. ARIÈS é incisivo nesse aspecto ao dizer que ela "torna-se inconveniente como os atos biológicos do homem, as secreções do corpo. É indecente torná-la pública (...) Uma nova imagem da morte está se formando: a morte feia e escondida, e escondida por ser feia e suja." (1990, p.622)

Tais procedimentos abrem caminho para a morte medicalizada, isto é, passa a ser tratada no hospital. As novas tecnologias médicas vão estabelecer novas atitudes em função não só da medicina mas, do poder ilimitado da tecnologia do século XX. A esse respeito, diz ARIÈS: "Difundi-se, então, a idéia de que não havia limite ao poder da técnica, nem no homem nem na natureza. A técnica corrói o domínio da morte até à ilusão de suprimi-la. A zona da morte invertida é também a da crença mais forte na eficácia da técnica e de seu poder de transformar o homem e a natureza." (1990, p.649)

Assim, o triunfo da medicalização circunscreve a morte dos indivíduos sempre escondida num hospital. Já não se morre mais no meio familiar, bem como, os procedimentos do velório realizados em local adequado é não mais na casa do morto. Esta camuflagem e exclusão nos permite, quem sabe, entender parcialmente a insensibilidade social diante da morte como ocorre na região conurbada de Florianópolis. A insensibilidade diante do problema tomou conta dos indivíduos ou, como quer o próprio ARIËS: "A sociedade já não faz uma pausa: o desaparecimento de um indivíduo não mais lhe afeta a continuidade. Tudo se passa na cidade como se ninguém morresse mais." (1990, p.613)

6.1 ESBOÇO HISTÓRICO DO INSTITUTO MÉDICO LEGAL DE FLORIANÓPOLIS

O histórico do Instituto Médico Legal²⁶ de Florianópolis é muito fragmentário e poucos são os dados disponíveis para a elaboração da sua história, independente dos nossos esforços de pesquisa. Algumas informações foram obtidas através de entrevistas com funcionários mais antigos que ofereceram algumas indicações para o presente estudo.

O Instituto Médico Legal "Professor Doutor Fernando Emílio Wendhausen", é um órgão pertencente à Secretaria de Segurança Pública e subordinado à Diretoria de Polícia Técnico-Científica.

²⁶ A maioria dos dados foram obtidos através dos apontamentos elaborados pela Psicóloga Policial Liliâne Machado da Silva, interessada no levantamento da memória da Instituição.

Como órgão oficial passa a existir de fato, em 1917, no governo de Fúlvio Aducci, quando foi assinado o Decreto da sua criação.

O primeiro Diretor do referido Instituto foi o Dr. Carlos Corrêa, médico ginecologista, assumindo também as funções de Médico Legista.

Em 1943, o Instituto Médico Legal passa a funcionar à Rua Visconde de Ouro Preto, n.º 87, no centro de Florianópolis, onde viria a permanecer neste endereço até 1972. Nesse período, a Direção é exercida pelo Dr. Fernando Emílio Wendhausen, além de Médico-Legista.

Contudo, as necrópsias, até aquela data, eram realizadas na Faculdade de Medicina localizada à Rua Ferreira Lima, no Centro de Florianópolis, como também na antiga Faculdade de Direito situada à Rua Esteves Júnior.

A partir de 16 de junho de 1972, o Instituto Médico Legal transferiu-se para o prédio da Diretoria de Polícia Técnico-Científica, localizado à Rua Tolentino de Carvalho, n.º 1, no Bairro Estreito, na cidade de Florianópolis, onde permanece até os dias de hoje.

O Instituto Médico Legal atua com a realização de exames cadavéricos, lesões corporais, conjunção carnal, atentado ao pudor e outros, com a respectiva emissão dos laudos.

Para tal, conta com vários setores: Expediente, Necrópsias, Médico-Legal, Odonto-Legal, Psicologia, Arquivos, Raio-X, Auxiliares de Necrópsia e Atendentes.

Em relação ao exame cadavérico, este é realizado pelo Médico-Legista sempre que se tratar de morte violenta ou de suspeita de morte violenta já caracterizada pela autoridade policial que deverá extrair uma Guia de Solicitação do Exame Cadavérico (necrópsia), a qual é encaminhada ao Médico-Legista juntamente com o cadáver no mais breve espaço de tempo possível, mesmo que a

identificação do corpo ainda não tenha sido feita. Esta guia é o documento legal que autoriza a realização da necrópsia pelo legista que, por sua vez, irá fornecer a declaração de óbito que será levada ao cartório pelos familiares das vítimas para obterem a certidão de óbito.

A morte violenta é aquela que se opõe à natural e é caracterizada por suicídio, homicídio ou acidente.

O Instituto Médico Legal atua de forma integrada aos demais órgãos que compõem a Diretoria de Polícia Técnico-Científica que são os seguintes: Instituto de Criminalística (IC), Instituto de Análises Laboratoriais (IAL) e Instituto de Identificação (II).

Como o nosso trabalho trata da violência na região da Grande Florianópolis, mais particularmente, na Área Conurbada de Florianópolis, (Florianópolis, São José, Palhoça e Biguaçu), consideramos que os dados extraídos na pesquisa realizada naquele Instituto são de grande valia como parte da explicação do tema em questão através das hipóteses que levantamos.

As informações que obtemos nos transmitem uma realidade da qual somos parte integrante mas que nem sempre temos a real consciência da gravidade dos acontecimentos e que parecem se tornar rotina no dia-a-dia das pessoas quando, na verdade, o desencadeamento desses fatos podem ter causas muito mais profundas do que geralmente se supõe.

Assim, ao procedermos a pesquisa tivemos como propósito ressaltar alguns pontos que consideramos cruciais, tais como:

- a) total de indivíduos vítimas de morte violenta nos períodos dos anos correspondentes;

- b) índice de mortalidade por sexo;
- c) perfil sócio-econômico das vítimas;
- d) incidência de mortes violentas por município;
- e) locais predominantes de ocorrência da morte;
- f) tipos de ocorrências que prevalecem por ano.

Tendo em vista a multiplicidade dos dados colhidos nos arquivos do Instituto Médico Legal, base fundamental de nossa pesquisa, elaboramos para maior clareza interpretativa uma série de códigos capazes de oferecer uma dimensão mais exata dos fenômenos a serem analisados. (Ver Anexos)

6.2 UM DIAGNÓSTICO ESTATÍSTICO DA VIOLÊNCIA

As tabelas e gráficos que passamos a apresentar com sua interpretação, são a síntese de quarenta e quatro tipos de mortes violentas decorrentes do estudo, isto é, resultado de um levantamento estatístico, feito por amostragem, efetuado em trezentos e oitenta e três Laudos Periciais de Exame Cadavérico, sendo trezentos e trinta e cinco referentes a Laudos com cidadãos brasileiros e quarenta e oito referentes a estrangeiros, no período de 1985 a 1997, no Instituto Médico Legal, de Florianópolis, compreendendo os Municípios de Florianópolis, São José, Palhoça e

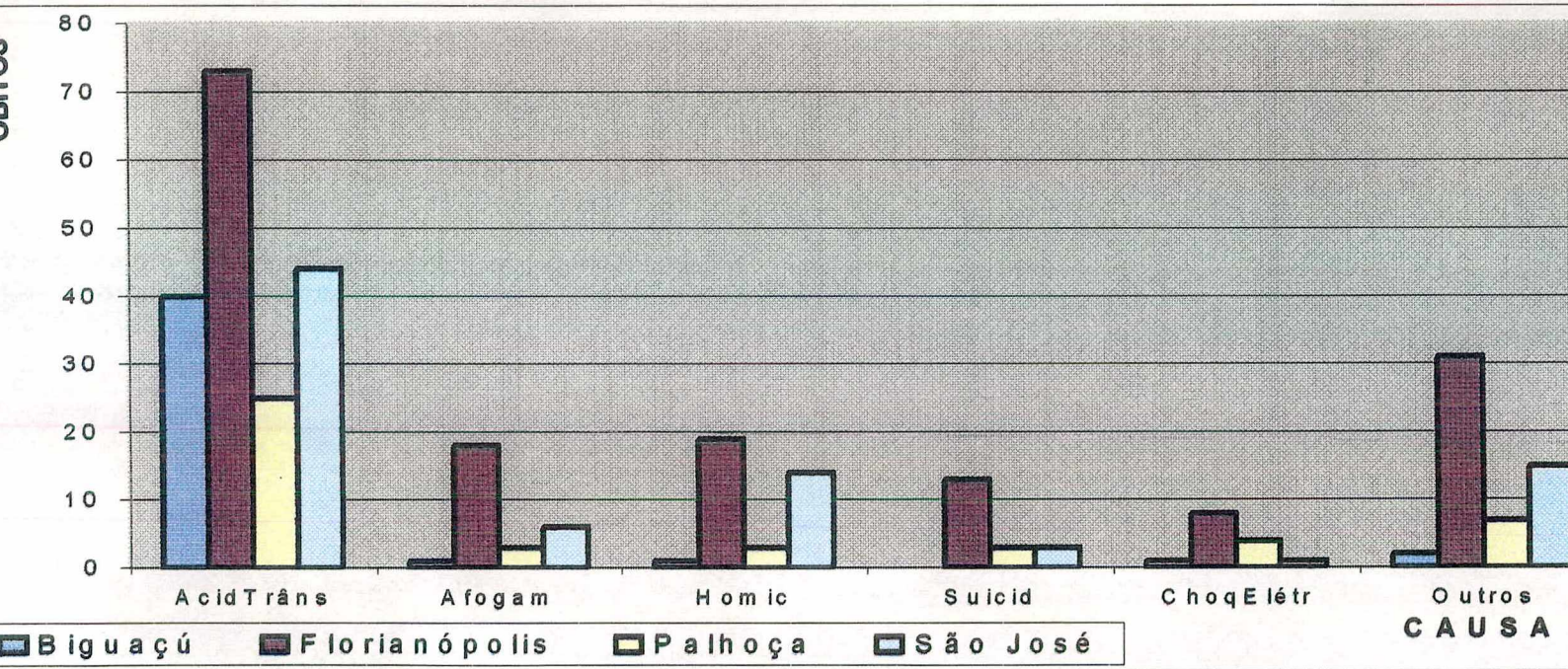
Biguaçu. Nos traduzem os pontos que queremos esclarecer na pesquisa e que consideramos fundamentais.

Tabela 10 – TIPOS DE CAUSA DA MORTE POR MUNICÍPIO NA ÁREA CONURBADA DE FLORIANÓPOLIS DE 1985 A 199

CAUSA DA MORTE (CAMO)	BIGUAÇU		FLORIANÓPOLIS		PALHOÇA		SÃO JOSÉ		TOTAL
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	
ACIDENTES DE TRÂNSITO									
Acidente (ACTRATR)	22	19,1	50	43,5	15	13,1	28	24,3	115
Colisão (ACTRCOL)	8	33,3	8	33,3	2	8,4	6	25,0	24
Identificado (ACTRNES)	10	23,3	15	34,8	8	18,6	10	23,3	43
ASFIXIA POR AFOGAMENTO (ASFIXAF)	1	3,6	18	64,3	3	10,7	6	21,4	28
INCÊNDIOS									
Incêndio de fogo (HOPROAF)	-	-	13	54,2	2	8,3	9	37,5	24
Incêndio de brança (HOARBRA)	1	7,7	6	46,1	1	7,7	5	38,5	13
Incêndio de reforçamento (SUASENF)	-	-	13	68,4	3	15,8	3	15,8	19
Incêndio ELÉTRICO (CHOELET)	1	7,1	8	57,2	4	28,6	1	7,1	14
Outros (OUTR RELEV)	-	-	8	57,2	2	14,3	4	28,6	14
Outros M RELEV	2	4,9	23	56,1	5	12,2	11	26,8	41
TOTAL	45	13,4	162	48,4	45	13,4	83	24,8	335

Instituto Médico Legal, Florianópolis/SC.

Gráfico 1 – TIPOS DE CAUSA DA MORTE POR MUNICÍPIO NA ÁREA CONURBADA DE FLORIANÓPOLIS DE 1985 A



Fonte: Instituto Médico Legal, Florianópolis/SC.

A Tabela 10 revela que, dos quarenta e quatro tipos de ocorrências levantadas nos quatro municípios que integraram a pesquisa, os acidentes de trânsito (representado pelas três primeiras linhas da Tabela) foram os responsáveis pelo maior número de óbitos por causas externas²⁷ no período correspondente, o que equivale a 182 mortes (54,3%) dos óbitos registrados.

Destaque precisa ser feito para a importância dos atropelamentos (primeira linha da tabela), com 115 registros (34,3%) do total. Isto quer dizer que, de cada 100 acidentes, aproximadamente, 44 acontecem em Florianópolis, e o restante, por ordem decrescente, nos Municípios de São José, aproximadamente 24, Biguaçu com 19 e Palhoça com 13. Vale destacar ainda os acidentes de trânsito por colisão (segunda linha da tabela), e os não especificados (terceira linha da tabela), com um total de 67 ocorrências (20%), cujo índice mantém-se elevado em Florianópolis, com 23 registros (34,3%).

Em segundo lugar, aparecem as mortes por homicídios (quinta linha da tabela), onde de cada 100, aproximadamente 51 acontecem em Florianópolis, seguido de São José com aproximadamente 38; Palhoça, com aproximadamente 8 e Biguaçu, aproximadamente 3.

Quanto aos afogamentos, de cada 100, aproximadamente 64 ocorrem em Florianópolis seguido de São José com aproximadamente 21; Palhoça, com aproximadamente 11 e Biguaçu com aproximadamente 4.

²⁷ "Na Classificação Internacional de Doenças (CID) – 9, as causas externas abrangem os acidentes e violências compreendidas entre os Códigos 810 e 989." Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (CTAD/UFBA) – Antonio Nery Filho e Maria Guadalupe Medina. Instituto RAID – Ana Gloria Melcope e Evaldo Melo de Oliveira. Brasília: Associação Brasileira dos Departamentos de Trânsito. **Impacto do uso de álcool e outras drogas em vítimas de acidentes de trânsito**. Brasília, Distrito Federal, 1997. p.7.

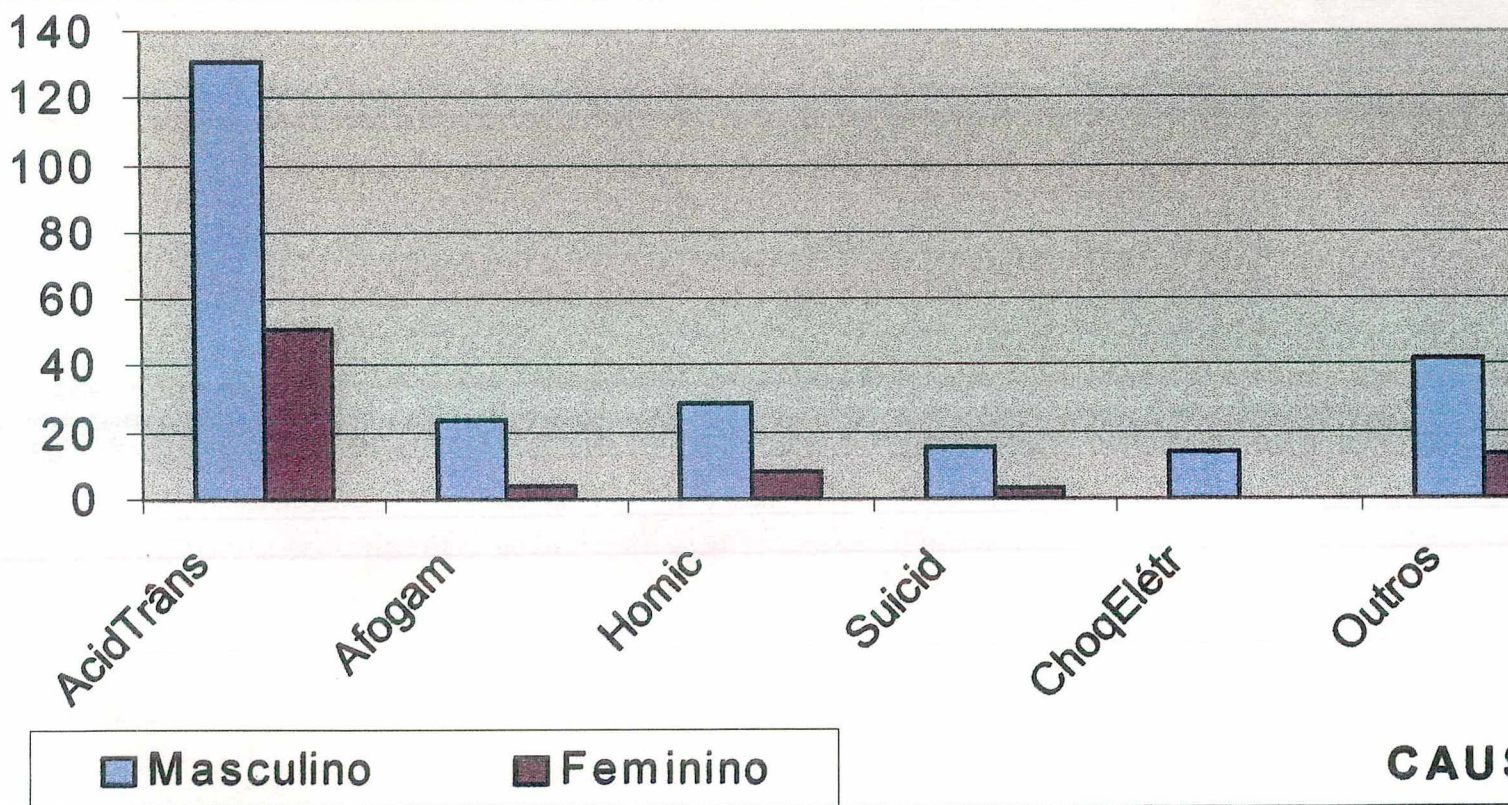
Em proporção a outras mortes violentas, os dados apresentados nos permite concluir que os acidentes de trânsito são os que mais matam nestes Municípios. Uma possível explicação para o grande número de óbitos decorrentes de acidentes de trânsito seria a influência do alto fluxo de veículos no perímetro urbano e rodovias, principalmente na BR-101, que vem se intensificando nos últimos anos, assim como as condições de tráfego podem estar aumentando os riscos para condutores e passageiros, bem como para os pedestres.

Tabela 11 – TIPOS DE CAUSA DA MORTE SEGUNDO O SEXO NA ÁREA CONURBADA DE FLORIANÓPOLIS DE 1985 A 1997

CAUSA DA MORTE (CAMO)	MASCULINO		FEMININO		TOTAL
	N.º	%	N.º	%	
ACIDENTES DE TRÂNSITO					
Acidente (ACTRATR)	80	69,6	35	30,4	115
Colisão (ACTRCOL)	19	79,2	5	21,8	24
Não especificado (ACTRNES)	32	74,4	11	25,6	43
CAUSAS POR AFOGAMENTOS (ASFIXAF)	24	85,7	4	14,3	28
INCÊNDIOS					
Incêndio de fogo (HOPROAF)	20	83,3	4	16,7	24
Incêndio em habitação (HOARBRA)	9	69,2	4	30,8	13
CAUSAS POR ENFORCAMENTO (SUASENF)	16	84,2	3	15,8	19
CAUSAS ELÉTRICAS (CHOELET)	14	100,0	-	-	14
CAUSAS DIVERSAS (OUTR RELEV)	12	85,7	2	14,3	14
Outras causas relevantes (OUTR M RELEV)	30	73,2	11	26,8	41
TOTAL	256	76,4	79	23,6	335

Auto Médico Legal, Florianópolis/SC.

Gráfico 2 – TIPOS DE CAUSA DA MORTE SEGUNDO O SEXO NA ÁREA CONURBADA DE FLORIANÓPOLIS DE 1985 A 199



Como nos mostra a Tabela 11, o sexo predominante no conjunto dos quarenta e quatro tipos de ocorrências é o masculino com um total de 256 (76,4%) óbitos para 79 (23,6%) do sexo feminino de um total de 383 Laudos Periciais examinados. Poderia se afirmar que de cada 100 registros, aproximadamente 76 são do sexo masculino e 24 do sexo feminino.

Os acidentes de trânsito aparecem como a principal causa das mortes violentas registradas no período, em especial, os atropelamentos. De cada 100 atropelamentos, observa-se que aproximadamente 70 ocorrem com os indivíduos do sexo masculino para aproximadamente 30 do sexo feminino, seguidos pelos homicídios, ou seja: do conjunto dos homicídios, de cada 100, aproximadamente 78 são do sexo masculino para aproximadamente 22 do sexo feminino.

Quanto às mortes por afogamento, de cada 100 vítimas, aproximadamente 86 são do sexo masculino contra 14 do sexo feminino.

As informações que obtivemos coincidem com estudos nacionais e internacionais em apontar os homens como as principais vítimas dos acidentes de trânsito mas, não apenas. Conforme demonstra a Tabela 11, nas demais causas de morte violenta a predominância recai também sobre o sexo masculino.

As explicações para tantos óbitos masculinos são as mais descontraídas. Para muitos estudiosos, o comportamento humano precisa ser avaliado no contexto do processo evolutivo, assim como os fatores fisiológicos, que muitas vezes são regulados por fatores sociais. Sob esse aspecto, tomemos como exemplo o desenvolvimento dos papéis sexuais nos seres humanos. JOHNSON em *Agressão no homem e nos animais*, neste particular, nos fornece as seguintes explicações:

"A agressividade parece ser uma característica masculina profundamente enraizada nos seres humanos. Isto é apoiado pelo fato de que a maioria dos crimes violentos é cometida pelos homens. As taxas de homicídio são cinco vezes mais altas para os homens comparadas com as das mulheres, e para o roubo o número é vinte vezes maior (...). Os hormônios claramente influenciam o comportamento social agressivo (...) mas o comportamento 'masculino' e 'feminino' também é fortemente influenciado pelo longo processo de socialização no qual as crianças aprendem os valores da sociedade. (...) A civilização ocidental quase universalmente definiu os papéis sexuais como opostos polares, como ativo versus passivo, independente versus dependente, e agressivo versus submisso. Desta forma, foi argumentando que os seres humanos são basicamente psicosexualmente neutros ao nascimento, e que os papéis sexuais são aprendidos mediante a socialização. (...) Desta forma, existe uma considerável plasticidade no desenvolvimento dos papéis sexuais nos seres humanos, e padrões definidos aparecem cedo na vida. Os papéis sexuais e o comportamento agressivo são continuamente influenciados pelas práticas de criação das crianças (...)" (c1979, p.84-5)

Se admitirmos por hipótese que a agressividade masculina, por um conjunto de fatores, é maior que a feminina, isto pode explicar a grande incidência de homicídios e agressões entre o sexo masculino, bem como outros tipos de violências.

Os casos registrados servem para ilustrar que é difícil, para não dizer impossível, de se produzir uma explicação abrangente para o problema por envolver questões relacionadas ao comportamento humano. Contudo, avaliar o contexto social poderá nos fornecer elementos de interpretação para o problema da violência. O desafio consiste em separar os diferentes processos comportamentais envolvidos e os inúmeros fatores integrantes que influenciam o comportamento dos indivíduos na prática de atitudes violentas.

Tabela 12 – TIPOS DE CAUSA DA MORTE E ORIGEM DA VÍTIMA DE 1985 A1997

CAUSA DA MORTE (CAMO)	GRANDE FLORIANÓPOLIS		OUTRO ESTADO		OUTRO MUNICÍPIO DE SANTA CATARINA		OUTRO PAÍS		SEM REGISTRO		TOTAL
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	
ACIDENTES DE TRÂNSITO											
Acidente de trânsito (ACTRATR)	103	89,6	1	0,9	6	5,2	-	-	5	4,3	115
Acidente de trânsito (ACTRCOL)	21	87,5	-	-	3	12,5	-	-	-	-	24
Acidente de trânsito (ACTRNES)	37	86,0	3	7,0	3	7,0	-	-	-	-	43
ASFIXIA POR AFOGAMENTO (ASFIXAF)	24	85,7	1	3,6	2	7,1	1	3,6	-	-	28
INCÊNDIOS											
Incêndio de fogo (HOPROAF)	22	91,6	1	4,2	1	4,2	-	-	-	-	24
Incêndio (HOARBRA)	10	76,9	-	-	2	15,4	-	-	1	7,7	13
ENFARCIMENTOS											
Enfarcimento (SUASENF)	18	94,7	-	-	1	5,3	-	-	-	-	19
ELÉTRICOS											
Elétrico (CHOELET)	12	85,8	-	-	1	7,1	1	7,1	-	-	14
OUTROS											
Outros (OUTR RELEV)	14	100,0	-	-	-	-	-	-	-	-	14
Outros (OUTR M RELEV)	33	80,5	2	4,9	3	7,3	-	-	3	7,3	41
TOTAL	294	87,7	8	2,4	22	6,6	2	0,6	9	2,7	335

Auto Médico Legal, Florianópolis/SC.

Os dados da Tabela 12, nos indicam que a procedência das vítimas são na sua maioria (87,7%) da região da Grande Florianópolis.

Observa-se um índice elevado de acidentes de trânsito, sendo que de cada 100, aproximadamente 31 (103 registros em relação aos 383 observados), são vitimadas por atropelamentos na Grande Florianópolis, bem como aproximadamente 6, por colisão. Algumas providências tornam-se necessárias para que a população não sofra tantos riscos como vem ocorrendo.

Merece ser ressaltado o alto índice de suicídio por enforcamento, sendo que de cada 100, aproximadamente 5, são da região da Grande Florianópolis.

Tabela 12.1 – TIPOS DE CAUSA DA MORTE E ORIGEM DA VÍTIMA (ESTRANGEIROS) DE 1985 A 1997

CAUSA DA MORTE (CAMO)	85	86	87	89	90	91	92	93	94	95	96	97	TOTAL
ACIDENTES DE TRÂNSITO													
de trânsito (ACTRATR)	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
de colisão (ACTRCOL)	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2
classificado (ACTRNES)	4	8	1	5	-	3	-	2	3	-	2	-	28
ASFIXIA (ASFIXAF)	-	1	-	-	-	-	2	-	2	2	-	1	8
INCÊNDIOS													
de fogo (HOPROAF)	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
de bráquia (HOARBRA)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ENFORCAMENTO (SUASENF)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ELETROCUSSÃO (CHOELET)	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
OUTROS (OUTR RELEV)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
de outros (OUTR M RELEV)	-	-	-	-	2	-	1	1	-	1	1	-	6
TOTAL	4	9	2	7	2	4	3	4	5	3	3	1	48

Auto Médico Legal, Florianópolis/SC.

Pela Tabela 12.1, observa-se que ocorrem em média de 3,6 mortes violentas a cada ano com estrangeiros. Ressalta-se que, no caso dos estrangeiros, o maior índice é de Acidentes de Trânsito não especificados, correspondendo a 58,3%.

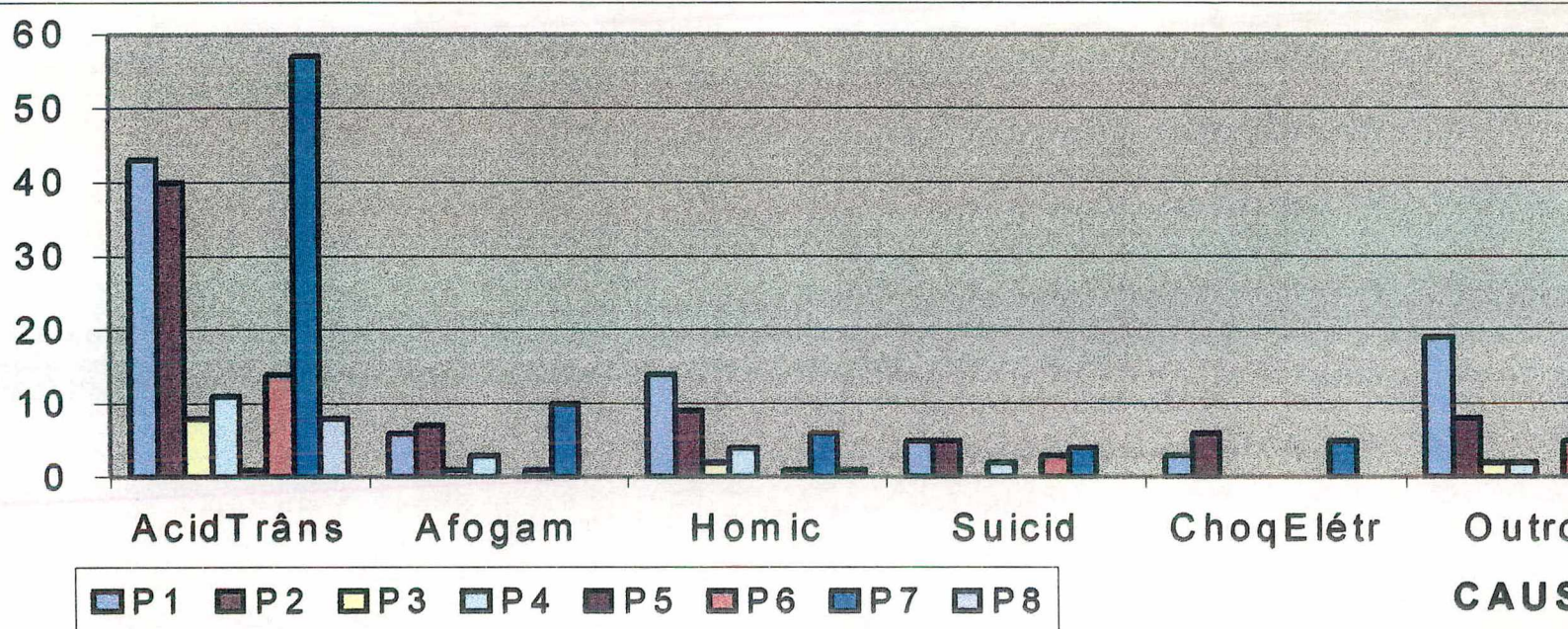
Tabela 13 – TIPOS DE CAUSA DA MORTE POR PROFISSÃO¹ NA ÁREA CONURBADA DE FLORIANÓPOLIS DE 1985 A 1999

TIPO DA MORTE (CAMO)	P1	%	P2	%	P3	%	P4	%	P5	%	P6	%	P7	%	P8	%	TOTAL
ACIDENTE DE TRÂNSITO																	
Acidente de trânsito (ACTRATR)	23	20,0	25	21,7	3	2,6	5	4,3	-	-	10	8,7	41	35,7	8	7,0	105
Acidente de trânsito (ACTRCOL)	5	21,8	6	25,0	3	12,5	3	12,5	-	-	3	12,5	4	16,7	-	-	24
Acidente de trânsito (ACTRNES)	15	34,9	9	20,9	2	4,7	3	7,0	1	2,3	1	2,3	12	27,9	-	-	43
ASFOGAMENTO (ASFIXAF)	6	21,4	7	25,0	1	3,6	3	10,7	-	-	1	3,6	10	35,7	-	-	28
INCÊNDIO (HOPROAF)	11	45,8	5	20,8	1	4,2	2	8,31	-	-	1	4,2	4	16,7	-	-	23
INCÊNDIO (HOARBRA)	3	23,0	4	30,8	1	7,7	2	5,4	-	-	-	-	2	15,4	1	7,7	13
ENFARTE (SUASENF)	5	26,3	5	26,3	-	-	2	10,5	-	-	3	15,8	4	21,1	-	-	19
ASFIXIA (CHOELET)	3	21,4	6	42,9	-	-	-	-	-	-	-	-	5	35,7	-	-	14
OUTROS RELEVANTES (OUTR RELEV)	6	42,9	2	14,3	-	-	1	7,1	-	-	1	7,1	4	28,6	-	-	14
OUTROS RELEVANTES (OUTR M RELEV)	13	31,7	6	14,6	2	4,9	1	2,4	-	-	4	9,8	12	29,3	3	7,3	43
TOTAL	90	26,9	75	22,4	13	3,9	22	6,6	1	0,3	24	7,2	98	29,2	12	3,5	333

Médico Legal, Florianópolis/SC.

Legenda das Profissões: P1 - Empregado em empresa do setor privado; P2 - Profissional Liberal ou trabalhador sem vínculo de emprego; P3 - Empregador-Titular ou proprietário de empresa; P4 - Servidor Público da Administração Direta; P5 - Servidor Público de Autarquia e Função de Confiança; P6 - Aposentado ou Pensionista; P7 - Outros; P8 - Profissão não identificada.

Gráfico 3 – TIPOS DE CAUSA DA MORTE POR PROFISSÃO² NA ÁREA CONURBADA DE FLORIANÓPOLIS DE 1985 A 1997



Centro Médico Legal, Florianópolis/SC.

Profissões: P1 - Empregado em empresa do setor privado; P2 - Profissional Liberal ou trabalhador sem vínculo de emprego; P3 - Empregador-Titular ou Proprietário de Empresa; P4 - Servidor Público da Administração Direta; P5 - Servidor Público de Autarquia e Fundação; P6 - Aposentado ou Pensionista; P7 - Outros; P8 - Profissão não identificada.

Nossa análise está voltada para as profissões com os Códigos 7, 1 e 2, que se destacam das demais pelo número de casos apresentados, com uma frequência de 263 mortes, o que representa 78,5% do total dos fatos documentados.

Os acidentes de trânsito aparecem, também aqui, como causadores do maior número de vítimas, com 140 mortes (41,8%) para as profissões destacadas, com maior índice para os atropelamentos com 89 registros (26,5%), as colisões, com 15 ocorrências (4,5%).

Logo após, aparecem os homicídios com 29 casos (8,7%), seguidos pelos afogamentos com 23 registros (6,9%).

Os dados subsidiários que obtivemos das vítimas como, as profissões, neste caso, se tornam relevantes porque permitem revelar a identidade de classe ou, a condição social dos indivíduos, o que nos auxilia a traçar um perfil sócio-econômico daqueles que sofreram o prejuízo da perda da própria vida.

Como estamos nos referindo a uma população economicamente ativa,²⁸ as probabilidades desta ser retirada abruptamente do mercado de trabalho frente às condições adversas que enfrentam como a ausência de segurança, além da falta de orientação para os perigos inerentes à profissões específicas, são fatos concretos que contribuem para resultados negativos como os que estamos enfatizando. Mesmo sem considerar o custo humano que é incalculável, o prejuízo econômico para o país é significativo.

²⁸ "A População Economicamente Ativa (PEA), segundo conceituação da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, compreende as pessoas com dez anos ou mais de idade que, durante os doze meses anteriores a data do censo, tenham exercido trabalho remunerado em dinheiro e/ou produtos ou mercadorias, inclusive pessoas licenciadas com remuneração, que tenham habitualmente quinze horas ou mais por semana numa atividade econômica." SANTA CATARINA. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente. **Plano Básico de Desenvolvimento Ecológico-Econômico do Estado de Santa Catarina**, jun., 1996.

A extensão das mortes provocadas pelos acidentes de trânsito parece passar despercebida pela sociedade em geral. Porém, está em primeiro lugar entre as demais causas da perda da vida por morte prematura e, no Brasil, vêm apresentando um crescimento absoluto e relativo nos últimos anos.

Levando-se em conta a realidade do país, as profissões que integram os Códigos 1, 2 e 7, base de nossa análise, são com poucas exceções, de baixa remuneração. As precárias condições econômicas, sociais e culturais a que é submetida a maior parte da população brasileira, além da consciência diminuída diante da luta pela sobrevivência, estão longe de oferecer melhores condições e opções de trabalho. Já não basta a insuficiência econômica, a moradia precária, enfim, inúmeras outras carências e, além disso, são as maiores vítimas de morte por causas externas. A relação entre os mais ricos e pobres, não se dá, portanto, apenas ao nível da exploração do trabalho, do reconhecimento nulo das profissões braçais mas, também sob outras formas de violência que atingem inclusive o corpo dos marginalizados.

Com relação ao Código 7 (outros), dada a relevância do número de óbitos nesta categoria, podemos, por hipótese, considerar a maioria daqueles indivíduos como marginalizados sociais. Os sem profissão definida, desocupados ou, quando não se apresentam como desempregados, são pessoas que vivem mais expostas à situações vexaminosas, quando não de violências.

Contudo, diante dos fatos, as explicações para tantas mortes violentas entre as diversas categorias profissionais que integram os referidos códigos são, sem dúvida, complexas por envolver talvez outros fatores, além daqueles de deterioração social.

13.1 – TIPOS DE CAUSA DA MORTE POR PROFISSÃO (CÓDIGO 7) NA ÁREA CONURBADA DE FLORIANÓPOLIS DE 1985 A

OUTRAS PROFISSÕES	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	%
méstica	31	31,6
	29	29,6
	24	24,5
erais	3	3,0
o	2	2,1
	9	9,2
TOTAL	98	100,0

to Médico Legal, Florianópolis/SC.

Figura 14 – TIPOS DE CAUSA DA MORTE POR PROFISSÃO (CÓDIGO 7) NA ÁREA CONURBADA DE FLORIANÓPOLIS DE 1985 A 1994

CAUSA DA MORTE (CAMO)	DO LAR/DOM		ESTUDANTE		MENOR		SERV GERAIS		DESOCUPADO		OUTRAS		TOTAL
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
ACIDENTES DE TRÂNSITO													
Acidente de trânsito (ACTRATR)	11	27,5	12	30,0	16	40,0	-	-	-	-	1	2,5	42
Acidente de trânsito (ACTRCOL)	1	25,0	1	25,0	1	25,0	-	-	-	-	1	25,0	4
Acidente de trânsito (ACTRNE)	7	58,4	4	33,3	-	-	1	8,3	-	-	-	-	11
ASFIXIA POR AFOGAMENTO (ASFIXAF)	-	-	7	70,0	3	30,0	-	-	-	-	-	-	10
INCÊNDIOS													
Incêndio (HOPROAF)	2	50,0	-	-	-	-	-	-	1	25,0	1	25,0	4
Incêndio (HOARBRA)	2	100,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4
ENFORÇAMENTO (SUASENF)	2	50,0	-	-	-	-	-	-	1	25,0	1	25,0	4
ELÉTRICO (CHOELET)	-	-	1	20,0	1	20,0	2	40	-	-	1	20,0	4
OUTRAS CAUSAS RELEVANTES (OUTR RELEV)	1	25,0	2	50,0	1	25,0	-	-	-	-	-	-	4
OUTRAS CAUSAS NÃO RELEVANTES (OUTR M RELEV)	5	38,4	2	15,4	2	15,4	-	-	-	-	4	30,8	19
TOTAL	31	31,6	29	29,6	24	24,5	3	3,1	2	2,0	9	9,2	99

Fonte: Instituto Médico Legal, Florianópolis/SC.

Os acidentes de trânsito por atropelamento são os responsáveis pelo maior número de mortes pelos integrantes do Código 7. Por ordem decrescente, aparecem: menor, estudante e do lar/doméstica. Uma possível explicação para o alto índice de vítimas por atropelamento seria: a grande incidência de moradias precárias junto a rodovias, a falta de segurança para pedestres em pontos estratégicos, o que demonstra que muitos dos problemas de trânsito estão ligados à própria construção das cidades que, na maioria das vezes, são projetadas para a circulação de veículos, enquanto que as pessoas precisam se ajustar às condições que lhes são impostas, além do comportamento dessas mesmas pessoas em relação aos perigos do trânsito.

Tabela 15 - CAUSA DA MORTE POR LOCAL DA MORTE³ DE 1985 A 1997

CAUSA DA MORTE (CAMO)	L1		L2		L3		L4		L5		L6		L7		L8		L9	
	Q	%	Q	%	Q	%	Q	%	Q	%	Q	%	Q	%	Q	%	Q	%
EM TRÂNSITO (ACTRATR)	82	71,3	4	3,5	-	-	26	22,6	-	-	-	-	-	-	-	-	3	2,6
EM TRÂNSITO (ACTRNE)	15	62,5	-	-	-	-	8	33,3	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4,2
EM TRÂNSITO (ACTRNE)	30	69,8	1	2,3	-	-	11	25,6	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2,3
EM TRÂNSITO (ASFIXAF)	2	7,1	-	-	1	3,6	-	-	16	57,2	1	3,6	3	10,7	3	10,7	2	7,1
EM TRÂNSITO (HOPROAF)	13	54,2	1	4,2	2	8,3	1	4,2	-	-	-	-	-	-	2	8,3	5	20,8
EM TRÂNSITO (HOARBRA)	8	61,5	-	-	3	23,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	15,4
EM TRÂNSITO (SUASENF)	4	21,0	1	5,3	10	52,7	-	-	-	-	-	-	-	-	4	21,0	-	-
EM TRÂNSITO (CHOELET)	8	57,2	1	7,1	2	14,3	1	7,1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	14,3
EM TRÂNSITO (OUTR M RELEV)	8	57,2	2	14,3	-	-	4	28,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
EM TRÂNSITO (OUTR M RELEV)	18	43,9	1	2,4	7	17,1	2	4,9	2	4,9	3	7,3	-	-	2	4,9	6	14,6
TOTAL	188	56,0	11	3,3	25	7,5	53	15,8	18	5,4	4	1,2	3	0,9	11	3,3	22	6,6

Medico Legal, Florianópolis/SC.

Legenda do Local: L1 - Hospital; L2 - em Trânsito para o Hospital; L3 - Domicílio; L4 - Via Pública; L5 - Praia; L6 - Rio; L7 - Lagoa; L8 - O local não especificado.

A Tabela 15, considerando o local da morte, reforça que a amostra é representativa de cada uma das causas da morte, já que, como esperado afogamentos ocorrem em locais onde é passível disso acontecer. Pela ordem verifica-se que praias (mar), lagoa, rio ou domicílio, são os locais observados no levantamento.

Ressalta-se que as estatísticas de suicídio por enforcamento, o local onde é mais comum acontecer é o domicílio (aproximadamente 3% do total), assim como os casos de homicídios (1,5% do total).

6.2.1 Comentários Adicionais ao Levantamento

Algumas conclusões podem ser obtidas das várias ocorrências que constatamos no levantamento efetuado num período de treze anos consecutivos, ou seja, de 1985 a 1997 na região da Grande Florianópolis, especificamente nos Municípios que queremos ressaltar.

Para o crime violento, concorre ainda o fator geográfico. Neste caso, estamos nos referindo à disposição de grande número de população de baixa renda, como aquelas existentes nas diversas áreas carentes apontadas nos municípios em estudo, em condições de sobrevivência estruturais, econômicas e culturais altamente precárias, são pontos significativos que contribuem para as mais diversas formas de patologia social.

Além desses fatores de ordem geográfica e social, procuramos outras explicações que possam nos fornecer subsídios para o entendimento da agressividade humana.

Algumas abordagens sobre o comportamento agressivo dos indivíduos são examinadas por JOHNSON ao considerar que:

"Não é de surpreender, portanto, que os cientistas se tenham concentrado sobre a agressão como processo comportamental. Infelizmente, os cientistas não estão mais de acordo do que os filósofos e teólogos. Alguns teóricos se apoiaram mais em crenças éticas, atitudes políticas ou estatísticas do crime do que em fatos científicos. Conseqüentemente, algumas noções mais populares a respeito da agressão são fundamentalmente mitos sem nenhum fundamento científico. Um exemplo é a concepção freudiana de um instinto de morte e destruição, que ele dramaticamente rotulou de 'thanatos', em função da antiga personificação grega da morte. Mais recentemente, apareceram teorias que são misturas curiosas de ciência e filosofia social. Notáveis são as expressas por Ardrey (1961, 1966, 1971) e Lorenz (1965, 1966), que se apoiam em grande parte sobre extrapolações de animais. Estes escritores popularizaram o ponto de vista de que a agressão é uma espécie de 'instinto' herdado, encontrado no homem, assim como em outros animais, que tem necessidade de ser descarregado. Embora os seus pontos de vista continuem a ser populares entre os leigos, eles foram geralmente rejeitados pela comunidade acadêmica, tanto por razões científicas bem fundamentadas como por razões emocionais sem fundamento (...). Outra abordagem é representada por alguns psicólogos (como por exemplo, Kaufmann (1970), que enfatizam o papel dos fatores sociais e aprendidos, deixando uma parte mínima para as variáveis genéticas e fisiológicas. Os sociólogos e criminólogos vão ainda mais além e se concentram quase exclusivamente sobre as influências culturais e ambientais." (c1979, p.2)

O que o autor tenta dizer aqui são os vários enfoques que a literatura científica dá ao problema da agressão. Muitos desses devem ser vistos com cuidado, na medida que muitas dessas teses podem ser consideradas duvidosas, quando não equivocadas. Talvez as teses de alguns escritores devem ser vistas com mais critérios quando transplantam para as sociedades humanas tipos de comportamentos agressivos encontrados entre os animais.

Como os dados nos revelam, a violência vem aumentando sistematicamente na região da Grande Florianópolis o que é de grande preocupação com o nosso futuro, embora essa preocupação não seja recente. Nesses termos, Gardner (1963) citado por JOHNSON se refere, por exemplo, aos antigos egípcios que já sofriam os problemas de crimes nas ruas. Além desse exemplo, a História, em todos os seus períodos, tem registrado inúmeros exemplos de violência social, o que não significa que encaremos o problema de forma natural. Nas sociedades contemporâneas apontaríamos como agravante o desenvolvimento de uma alta capacidade tecnológica para se engajar num processo eficiente maciço de destruição.

Ao considerarmos que o legado da violência com suas múltiplas formas é muito antiga nas sociedades humanas, JOHNSON assim se refere à questão:

"Uma vez que a tradição humana da violência e do tumulto é antiga, muitos autores oferecem-na como prova para ajudar a explicar o nosso comportamento. Os cientistas, por outro lado, sentem que esta história é mais uma descrição do problema do que uma explicação. Por meio de uma compreensão da dinâmica do comportamento individual podemos obter conhecimentos acerca da violência institucional e social, mas o oposto não é necessariamente verdadeiro. A dificuldade em estudar formas de violência como a guerra, o racismo ou as desigualdades da justiça criminal é que considerações históricas, políticas e econômicas complexas podem ser mais relevantes do que a motivação individual."
(c1979, p.2)

Ao reconhecermos esta problemática, há necessidade de uma preparação teórica adequada ou, no dizer de MILLS, a predisposição para um determinado tipo de imaginação sociológica que pode capacitar "seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos." (1969, p.11)

O conhecimento da importância da Imaginação Sociológica segundo o autor, distingue aquilo que é perturbação pessoal das "questões públicas da estrutura social."

As perturbações ocorrem, ou são sentidas pelos indivíduos, de modo preciso quando referem-se aos seus próprios dramas pessoais, ou com problemas originados no âmbito de suas relações sociais mais próximas.

Uma perturbação nada mais é do que um assunto privado. Já as questões públicas, referem-se a assuntos que ultrapassam a vida privada dos indivíduos relacionando-se tais problemas com as estruturas mais amplas da sociedade. O próprio MILLS, oferece um exemplo sugestivo: quando um homem encontra-se desempregado, isso torna-se apenas um problema individual. Contudo, quando milhares de homens não encontram trabalho, estamos diante de um problema estrutural que é necessário investigar, debater para reconhecer as suas causas e numa perspectiva de futuro superar tais problemas.

Quando duas ou três pessoas morrem de forma não natural, podemos reconhecer tais acontecimentos como imprevidência ou má sorte dos indivíduos. Contudo, quando várias centenas ou mais mortes violentas ocorrem por ano na região estudada, da mesma forma estamos diante de um grave problema que atinge a sociedade e que é necessário refletir para encontrar algumas de suas causas.

O que está em jogo, portanto, nestas reflexões, é a necessidade de entendimento de um grave problema social e que a insensibilidade de nossa época não permite reconhecer.

Neste contexto, nosso trabalho teve, inicialmente, como finalidade fixar propostas teóricas e metodológicas necessárias para se compreender os processos de violência.

Ao nos preocuparmos com o fenômeno de urbanização, com a disseminação de drogas, a comunicação de massa e o trânsito, são alguns itens que nos permite, quem sabe, superar esta visão distorcida ou, superficial, estreita ou opaca que as pessoas, de um modo geral, tem da sociedade e dos fatos sociais, como já estudado nesta Dissertação.

CAPÍTULO 7

CONCLUSÕES

"Nossa época é uma época de inquietação e indiferença, ainda não formuladas de modo a permitir que sobre elas se exerçam a razão e a sensibilidade." (C. Wright Mills)

Uma questão central foi a principal propulsora do presente trabalho, isto é, como poder-se-ia relacionar a violência urbana com o sistema de produção.

Em primeiro lugar, foi necessário compreender o processo de violência e, para isso, optamos em realizar um estudo mais aprofundado sobre a área envolvida e sob os vários pontos de vista que a mesma requer.

Com este estudo em mãos, acreditamos, que seria viável, em uma segunda etapa, tentarmos estabelecer as relações dessa área com o sistema de produção, visando a possibilidade de implantação de novas empresas e melhoria de produtividade das já existentes, onde o fator humano (mão-de-obra do sistema de produção) é preponderante.

Infelizmente, devido à complexidade dos dois temas (violência e sistema de produção), não nos foi permitido que fosse alcançado o objetivo original, isto é, para o desenvolvimento desta Dissertação, nos limitamos ao estudo da violência urbana em alguns municípios anteriormente citados. Quando tratamos desta temática pudemos sentir sua dimensão e profundidade a ponto de permitir-nos reconhecer que a violência é uma realidade inegável nas sociedades contemporâneas.

Ao elaborarmos este trabalho, procuramos fornecer alguns elementos básicos entre os problemas mais amplos da sociedade relacionados à violência e, o que verificamos é que, a medida que se tornam mais relevantes eles também se tornam mais complexos.

Assim, uma abordagem direta do fenômeno da violência e da sociedade conduziu-nos a especular o problema à luz de algumas áreas do conhecimento científico, e, nem poderia ser diferente num tema dessa envergadura que pede, sem dúvida, uma investigação inter e multidisciplinar, principalmente por envolver o comportamento humano.

Para uma análise do comportamento humano são necessários múltiplos fatores e alguns desses fatores foram considerados.

Primeiramente, tentamos conceituar "agressão" e analisar a agressividade humana através da Etologia dentro dos quadros comparativos entre o comportamento animal e humano. As pesquisas neste campo de estudo apontam que a violência humana não tem suas raízes no mundo animal e que o "privilégio" da violência é reservado tão somente ao homem.

Em seguida, tratamos das bases fisiológicas da agressão que, segundo as pesquisas, não se pode afirmar que a prática de violência esteja relacionada com problemas de natureza orgânica. No entanto, muitas vezes as atitudes violentas

estão relacionadas à lesões cerebrais mais, ou menos óbvias. Como óbvias são consideradas, geralmente, aquelas lesões mais facilmente perceptíveis como certas doenças ou traumas. Os traumas, comumente são resultantes de acidentes automobilísticos, ferimentos por tiros, pancadas na cabeça, a ponto de causarem danos no cérebro, entre outros. Já as lesões cerebrais menos óbvias são aquelas em que o dano cerebral não é facilmente percebido e o comportamento do indivíduo situa-se dentro de uma faixa "normal" muito ampla.

À parte isso, dificilmente se poderá afirmar que existe um centro agressivo no ser humano. O que existe é um mecanismo neurofisiológico interno e, se estimulado, pode provocar a agressão. Nestes termos, CARAM assim se refere:

"provocando-se um certo estado de ansiedade no indivíduo, bem como num grupo social, através de diversos fatores, causar-se-á o medo; como este é impossibilidade de escolha, haverá um acúmulo de energia de defesa; sendo esta estimulada por outros fatores poderá resultar numa luta total e desmesurada, provocada muito mais pelo medo do que propriamente pelo real." (1978, p.163)

Como o estudo dos mecanismos fisiológicos evidencia mais o funcionamento do organismo biológico, fomos mais adiante e, foi através da Psicologia que fomos buscar argumentos às indagações a respeito da vida psíquica do ser humano e entre os vários elementos que esta ciência nos oferece, CARAM destaca os seguintes:

"a) homem diante das adversidades, ameaças e perigos, age naturalmente impulsionado pela virtude da coragem, chegando mesmo ao combate (instinto de autodefesa);

b) fim primário da agressão é a adaptação e a conservação, sendo mesmo necessária à vida;

c) os conhecimentos dos mecanismos psicológicos, usados para fins político-ideológicos, propiciam a manipulação do homem e a criação de um clima de insegurança, medo e mesmo de terror psicológico."

A psicologia social mostra que:

"a) cada indivíduo, dentro de seu status e papel, possui preconceitos e estereótipos que influenciam as atitudes e o julgamento de certos conceitos, entre outros poderíamos mencionar talvez o da própria 'violência';

b) a agressão, na medida em que é catalisada pelas instituições sociais, pode degenerar-se em violência, e no caso, além de ser legitimada, propicia uma imunidade moral, na medida em que é exercida em nome das instituições." (1978, p.168-9)

Como vimos, a Psicologia não só é de grande importância para as questões pertinentes ao comportamento dos indivíduos, como também abre possibilidades de explicar fenômenos relacionados a outros campos das ciências humanas.

Em parte, dizemos que o comportamento agressivo pode ser explicado pelos mecanismos neurofisiológicos e psicológicos. No entanto, não poderíamos deixar de nos referir também aos condicionamentos sociais, políticos, econômicos e culturais aos quais os homens são submetidos. Dependendo das circunstâncias, o grau de comportamento agressivo varia de indivíduo para indivíduo, assim como de um grupo social para outro. Sob esse aspecto, a Antropologia nos oferece inúmeros

exemplos culturais de sociedades mais ou menos agressivas como vimos anteriormente.

Tendo em vista o fenômeno da violência ser um assunto complexo, não poderíamos fazer uma análise do ser humano sem considerar os fatores sociais. Aliás, este é o aspecto no qual está centralizado o nosso trabalho: a influência recíproca entre indivíduo e sociedade, isto é, o meio ambiente, a cultura dos quais ele é parte integrante.

Eis a razão deste trabalho, sendo que num espaço de treze anos, período no qual foi alicerçada a nossa pesquisa, se constatou o índice alarmante de aproximadamente seis mil mortes violentas na região da Grande Florianópolis.

Neste pequeno exame da violência crescente na referida região, onde não foram examinados outros atos de violência, os novos comportamentos anti-sociais e nem as causas diretas de cada situação, como a desigualdade e injustiça social, a crise de valores, observa-se um aumento considerável da violência na sociedade atual com novas formas e novas dimensões.

Os dados nos comprovam o fato de que a violência de um modo geral, se apresenta em escala ascensional na região estudada e, em particular, nas áreas de maior concentração urbana onde a agressividade e a intolerância estão nos transformando numa sociedade cruel, onde o abuso dos direitos individuais e/ou coletivos afronta a cidadania, parece se transformar em fato corriqueiro. Assim sendo, tais fatos passam a ser assistidos pela população, de um modo geral, com estranha medida de indiferença como se tais acontecimentos fossem uma decorrência natural do acelerado crescimento econômico e das cidades, do desenvolvimento tecnológico, e assim por diante. Naturalmente que estes fatores

devem ser considerados mas, o problema é bem mais profundo. Indo mais além, SILVEIRA, afirma com muita propriedade:

"a prática da violência freqüentemente envolve força física, e em muitos contextos as duas palavras - violência e força - são sinônimas. Em problemas humanos, contudo, violência é também sinônima de violação. Toda pessoa tem direitos inalienáveis sobre seu corpo e sua dignidade. Sobre o seu corpo e, quer ser e sobre o que é feito com ele. Sobre sua dignidade, isto é, sobre sua autonomia, seu direito de escolher o melhor caminho, de tomar as próprias decisões. O direito ao trabalho, bem como ao produto de seu trabalho (...) Quando o corpo e dignidade são violados tão ostensivamente como no Brasil de hoje, onde o desenvolvimento nacional, seguindo modelo neocapitalista de multi ou trans-nacionalização de nossa economia, só faz agravar e aprofundar os desníveis de distribuição de riqueza, do produto social do trabalho, é óbvio, com acertadamente vaticina Donnici, que só teremos pela frente uma escalada de violência em todos os níveis, do individual ao coletivo." (1979, p.9)

Tal fenômeno é abrangente. É neste contexto que a propagação e o consumo de drogas, por exemplo, com seus efeitos deletérios contra o corpo e a pessoa humana ao próprio convívio social, a violência no trânsito (bem representada na pesquisa), a influência negativa dos meios de comunicação de massa, a agressão física direta ou indiretamente contra o cidadão entre outros casos apontados neste trabalho, situam-se na problemática da violência nas sociedades contemporâneas.

Portanto, ao abordarmos a questão da violência urbana da atualidade, uma série de fatores aqui são apontados com o intuito de entendermos as distorções no plano social, econômico e político do problema urbano brasileiro, por exemplo, como um dos grandes responsáveis pela ligação profunda com a miséria e a violência.

JOHNSON, a esse respeito, é enfático ao afirmar que:

"ninguém argumenta que a violência e a agressão desapareceriam se eliminássemos a pobreza e a decadência urbanas, e muitas pessoas no mundo inteiro convivem pacificamente mesmo na miséria. Ao mesmo tempo, ninguém contesta o fato de que o crime poderia ser acentuadamente reduzido lidando-se diretamente com os problemas sociológicos. Não acabaremos com o crime aumentando o número de policiais, e sim erradicando os locais de criação do crime e substituindo-os por um ambiente favorável ao desenvolvimento humano normal." (1979 p.173)

Talvez o autor exagere, quando diz que a violência só pode ser eliminada quando os problemas urbanos forem resolvidos. No entanto, no caso brasileiro não há como negar que grande parte dos problemas com os quais convivemos são uma questão urbana.

A violência não surge do nada. Ela deve ter causas e conseqüências definidas. Provavelmente uma das causas centrais desse processo de violência desmesurada está ligada ao chamado fenômeno urbano. Nunca é demais dizer que o processo de urbanização da maioria dos países se deu de uma forma muito rápida e desenfreada, conseqüentemente, sem controle. Em muitos desses países, principalmente nos de terceiro mundo, é necessário superar o atraso social caracterizado pela vida rural, vida urbana, independentemente de suas implicações, sempre foi assinalada como indicador de progresso e de civilidade. Uma amostra desse processo é a vida em apartamentos que passou a surgir no Brasil a partir de 1930, como um dos sinais da crescente influência norte-americana no país, descaracterizando a vida familiar estabelecida em casas com seus espaços internos

e externos e padronizando um sistema de vida cuja marca básica se dá através das relações interpessoais.²⁹

Examinando as Tabelas e Gráficos que apresentamos verificamos que eles retratam a crueza dos problemas vividos por todos nós a cada dia e nos remetem a uma conclusão, qual seja, os maiores problemas, as principais dificuldades enfrentadas pelas cidades brasileiras hoje, não são apenas de ordem técnica ou mesmo econômica. São, antes de tudo, de ordem política e social.

Inúmeras são as teorias que procuram explicar as pulsões agressivas no ser humano ao mesmo tempo que deixam claro que é difícil de se elaborar uma síntese capaz de englobar o fenômeno. Ao que tudo indica, a agressão é um fato real no homem. Ela não é boa nem má. Depende de como ela é utilizada. Em sociedades estruturadas, o comportamento agressivo pode ser canalizado em benefício do próprio indivíduo ou em benefício dessa mesma sociedade. Todo o ser humano utiliza-se dela para conseguir uma posição social, para lutar, vencer, enfim, para atingir um objetivo. Nesses casos, a agressividade é colocada a serviço das instituições sociais. Porém, quando negativa, a agressividade é um fator de inadaptção. Muito dessa violência pode aflorar em situações sociais limites. Entre essas situações, a pobreza e o desemprego em massa são fatores quase determinantes.

Outras questões poderiam ser abordadas, assim como outras aquisições científicas poderiam ser agrupadas ao tema em questão. Contudo, estudos complementares, sem dúvida, seriam necessários. Todavia, não poderíamos tratá-

²⁹ Para maiores detalhes sobre este assunto, ver: LIMA, Cláudio de Araújo. **Imperialismo e Angústia**. Ensaio sobre as bases de uma sócio-psiquiatria da classe média brasileira na era imperialista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

los com maior profundidade aqui tendo em vista a dimensão desta problemática, o que sugerimos como proposta para trabalhos futuros.

No que se refere ao crescimento da violência na região estudada, propomos ainda a análise de algumas métricas com o intento de quantificar o crescimento econômico relacionado ao índice de violência nos referidos municípios.

Nestes termos, apresentamos as seguintes sugestões:

- a) Até que ponto o índice de violência pode servir de parâmetro para a locação de indústrias em uma determinada micro-região, uma vez constatado que a violência crescente na região pode ser caracterizada como um indicativo de mão-de-obra abundante (barata ou não);
- b) Como o índice de violência pode afetar as relações de trabalho e a própria satisfação no ambiente de trabalho podendo, inclusive, acarretar em mudanças na produtividade de uma empresa e, conseqüentemente, no sistema de produção;
- c) Uma junção dessas possibilidades de estudo talvez possam permitir mensurar as pré-condições para o incremento do sistema produtivo com as conseqüentes implicações na melhoria das condições de vida da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARADO, Eduardo V. **Medicina legal. Compendio de ciencias forenses para medicos y abogados.** 3.ed. San José, Costa Rica: Publicación de Lehmann Editores, 1983.

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte.** Trad. de Luiza Ribeiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. Vol. I. (Coleção Ciências Sociais). Tradução de: L'homme devant la mort.

----- **O homem diante da morte.** Trad. de Luiza Ribeiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. Vol. II. (Coleção Ciências Sociais). Tradução de: L'homme devant la mort.

BETO, Frei. Como criar uma fera em casa. **Jornal O Estado de São Paulo**, 3 jun., 1998.

BRASIL. Ministério da Fazenda. Secretaria da Receita Federal. **Declaração de ajuste anual.** Instruções de Preenchimento, s/l., 1998.

BROWN, Thorvald T. The enigma of drug addiction. Second printing. Illinois, USA: Springfield, 1963.

BURNS, Edward McNall. **História da civilização ocidental.** Dos homens das cavernas até a bomba atômica. O drama da raça humana. Trad. de Lourival Gomes Machado et al. 2.ed. Porto Alegre: Globo, 1971. Vol. I. Tradução de: Western Civilations.

----- **História da civilização ocidental.** Dos homens das cavernas até a bomba atômica. O drama da raça humana. Trad. de Lourival Gomes Machado et al. 2.ed. Porto Alegre: Globo, 1972. Vol. II. Tradução de: Western Civilations.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Cultura e folclore:** bases científicas do folclore. Florianópolis, Santa Catarina: IOESC, 1954.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues; SANTOS, Silvio Coelho dos.; HALFPAP, Luiz Carlos et al. **Povo e tradição em Santa Catarina.** Florianópolis, Santa Catarina: EDEME, 1971.

CARAM, Dalto. **Violência na sociedade contemporânea.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1978. (Pesquisas científicas. Posições cristãs por uma visão integral).

CARDOSO, Fernando Henrique e IANNI, Octavio. **Côr e mobilidade social em Florianópolis**. Aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil meridional. São Paulo: Nacional, 1960. (Brasiliiana, vol. 307).

Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (CETAD/UFBA) – Antonio Nery Filho e Maria Guadalupe Medina. Instituto RAID – Ana Gloria Melcope e Evaldo Melo de Oliveira. Brasília: Associação Brasileira dos Departamentos de Trânsito (ABDETRAN). **Impacto do uso de álcool e outras drogas em vítimas de acidentes de trânsito**. Brasília, Distrito Federal, 1997.

CHUDACOFF, Howard P. **A evolução da sociedade urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

Classificação Internacional de Doenças (CID) – 10. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

Computador: o micro chega às casas. **Rev. Veja Especial**, dez., 1995.

Crêterios diagnôsticos do DSM-IVtm, Referência rápida. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

DICKENS, Charles. **Conto de natal**. Trad. de Barros Ferreira. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

DOBB, Maurice. **A evolução do capitalismo**. Trad. de Affonso Blacheyre. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. Tradução de: *Studies in the Development of Capitalismo*.

ELUF, Luiza Nagib. A violência gerada pelas drogas. **Jornal O Estado de São Paulo**, 3 abr., 1998.

Enciclopédia Mirador Internacional, São Paulo, Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1995, vol. 20.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREUD, Anna. (Notas). **Freud e a cocaína**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1985.

FROMM, Erich. **Anatomia da destrutividade humana**. Trad. de Marco Aurélio de Moura Matos. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. (Biblioteca de Ciências Sociais). Tradução de: *The Anatomy of Human Destructiviness*.

----- **O coração do homem**. Seu gênio para o bem e o mal. Trad. de Octavio Alves Velho. 6.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. Tradução de: *The Heart of Man. Its Genius for Good and Evil*.

GERLACH, G., MACHADO, O. **Breve história da cidade e seu teatro**. Edição especial. São José, Santa Catarina: Canarinho, jan., 1982.

GOODMAN & GILMAN. **As bases farmacológicas da terapêutica**. 5.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

- GRAEFF, Frederico G. **Drogas psicotrópicas e seu modo de ação**. 2.ed. rev. e amp. São Paulo: EPU, 1989.
- GUIMARÃES, Alberto Passos. **As classes perigosas: banditismo urbano e rural**. 1.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1981. (Biblioteca de Ciências Sociais; v. 11).
- HALFPAP, Dulce Maria, BELLI, Mauro J. **O papel de sistemas inteligentes para o desenvolvimento de organizações virtuais no ambiente Internet**. (doc wnw – 16/3/99). URL: <http://www.inf.ufsc.br/~jbosco/adriana/Dulce/artigo.htm>
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos. O breve século XX – 1914-1991**. Trad. de Marcos Santarrita. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Tradução de: Age of extremes. The short twentieth century: 1914-1991.
- JOHNSON, Roger N. **Agressão no homem e nos animais**. Trad. de Eva Nick. 1.ed. Rio de Janeiro: Interamericana, c1979. Tradução de: Aggression in Man and Animals.
- KRAUSE, Mara Regina. A criança diante da TV. **Jornal A Notícia**, 5 jun., 1999.
- LAPLANCHE e PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- LIEUTENANT Thorvald T. Brow. **The enigma of drug addiction**. Second Printing, Charles C. Thomas. Illinois, USA: Illinois, Springfield, 1963.
- LIMA, Cláudio de Araújo. **Imperialismo e angústia**. Ensaio sobre as bases de uma sócio-psiquiatria da classe média brasileira na era imperialista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960. (Retratos do Brasil, 5).
- LINTON, Ralph. **O homem: uma introdução à antropologia**. Trad. Lavínia Vilela. 5.ed. São Paulo: Martins, 1965. (Biblioteca de Ciências Sociais, vol. I). Tradução de: The Study of Man: na Introduction.
- LORENZ, Konrad. **A agressão: uma história natural do mal**. Trad. de Maria Isabel Tamen. São Paulo: Martins Fontes, c1973.
- **A demolição do homem: crítica à falsa religião do progresso**. Trad. de Horst Wertig. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, c1983. Tradução de: Der Abbau des Menschlichen.
- **Os oito pecados mortais do homem civilizado**. Trad. de Henrique Beck. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. Tradução de: Die Aacht Todsünden der Zivilisierten Menschheit.
- LUZ, Sérgio Ruiz. A morte escura nas veias. **Rev. Veja**, 17 set., 1997.
- MARCUSE, Herbert. Liberdade e agressão da sociedade tecnológica. Trad. de Anamaria de Vasconcellos. **Rev. Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, n.18., mar./abr., 1968. p.3-12. Tradução de: Revista Ciencias Políticas y Sociales, n. 43/44, jan.-mar./abr.-jun., 1966.

- MASUR, Jandira. **O que é toxicomania**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos, 149)
- **O que é alcoolismo**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos, 205).
- MEZAROBBA, Glenda. Asfalto selvagem. *Rev. Veja*, 26 mar., 1997. (Entrevista).
- MILLS, C. Wright. **A elite do poder**. Trad. de Waltensir Dutra. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. Tradução de: *The Power Elite*.
- **A imaginação sociológica**. Trad. de Waltensir Dutra. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1969. Tradução de: *The Sociological Imagination*.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX. O espírito do tempo**. Trad. de Maura Ribeiro Sardinha. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981. Tradução de: *L'espirit du Temps*.
- Nossas cidades. *Rev. Realidade*, s/l.: Editora Abril, edição especial, abr./mai., 1972.
- O'BRIEN, Robert. **As máquinas**. Trad. Luís Carlos Lisboa. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964. (Coleção LIFE).
- PIAZZA, Walter Fernando. **Atlas histórico do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis, Santa Catarina: Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura, jul., 1970.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. O nome das coisas. *Folha de São Paulo*, set., 1994.
- PIRENNE, Henri. **História econômica e social da Idade Média**. Trad. de Lycurgo Gomes da Motta. 1.ed. São Paulo, Mestre Jou, 1963.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo: colônia**. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- SANTA CATARINA, Secretaria do Desenvolvimento Social e da Família. **Diagnóstico das comunidades visitadas - Município de Palhoça**. Florianópolis, Coordenadoria Regional da Grande Florianópolis, 1996.
- **Diagnóstico das comunidades visitadas - Município de Biguaçu**. Florianópolis: Coordenadoria Regional da Grande Florianópolis, 1996.
- SANTA CATARINA. Instituto de Planejamento Urbano (IPUF). **Perfil das áreas carentes – ilha**. Florianópolis, Relatório, Coordenadoria de Planejamento Habitacional, 1993.
- **Perfil das áreas carentes – continente**. Florianópolis, Relatório, Coordenadoria de Planejamento Habitacional, 1993.
- SANTA CATARINA. Instituto de Planejamento Urbano (IPUF). **Problemas e ações**. Florianópolis, Relatório, nov., 1996.
- SANTA CATARINA. Prefeitura Municipal de Palhoça. **Relatório**, 1995.

- SANTA CATARINA. Prefeitura Municipal de São José. **Plano municipal de assistência social**, 1996.
- SANTA CATARINA. Serviço de Apoio a Micro e a Pequena Empresas (SEBRAE). **Diagnóstico turístico do município de Palhoça**. Palhoça, Santa Catarina: SEBRAE, s/d.
- SANTA CATARINA. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente (SDM). **Plano básico de desenvolvimento ecológico-econômico do Estado de Santa Catarina**, jun., 1996.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- Sexo: erotismo liberado para menores. A escalada sexual na TV influencia as crianças e preocupa os pais. *Rev. Veja*, dez., 1995. p.86-92.
- SILVEIRA, Claudir. **Palhoça**. Florianópolis, Santa Catarina: EDEME, 1980.
- SILVEIRA, Ênio. Violência gera violência. **Encontros com a civilização brasileira**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, set., n. 15, 1979, p.7-10.
- SOARES, Iaponan. **História do município de Biguaçu**. Florianópolis, Santa Catarina: IOESC, 1988.
- SOUZA, Thiago de. **São José da terra firme ou simplesmente São José**. 2.ed. São José, Santa Catarina: Canarinho, 1992.
- SPIELBERG, Steven. Chega de tanto sangue. *Rev. Veja*, 22 abr., 1992, p. 79. (Entrevista).
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 1994. (Coleção Repensando a Geografia).
- TOCHETO, Domingos; GALANTE FILHO, Helvetio; ZARZUELA, José Lopes et al. **Tratado de perícias criminalísticas**. Porto Alegre: Sagra – De Luzzatto Editores, 1995.
- VASCONCELOS, Eduardo A. **O que é trânsito**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. (Coleção Primeiros Passos, 162).
- WERTHAM, Frederic. **A marca da violência**. Trad. de Leônidas Gontigo de Carvalho. São Paulo: IBRASA, 1967.
- WILSON, John Rowan. **A mente**. Trad. Maria Heloiza Capellato. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1969. (Coleção LIFE).
- ZACHARIAS, Manif, ZACHARIAS, Elias. **Dicionário de medicina legal**. 2.ed. São Paulo: Champagnat Editora Universitária, 1991. Instituição Brasileira de Difusão Cultural (IBRASA).

ANEXOS

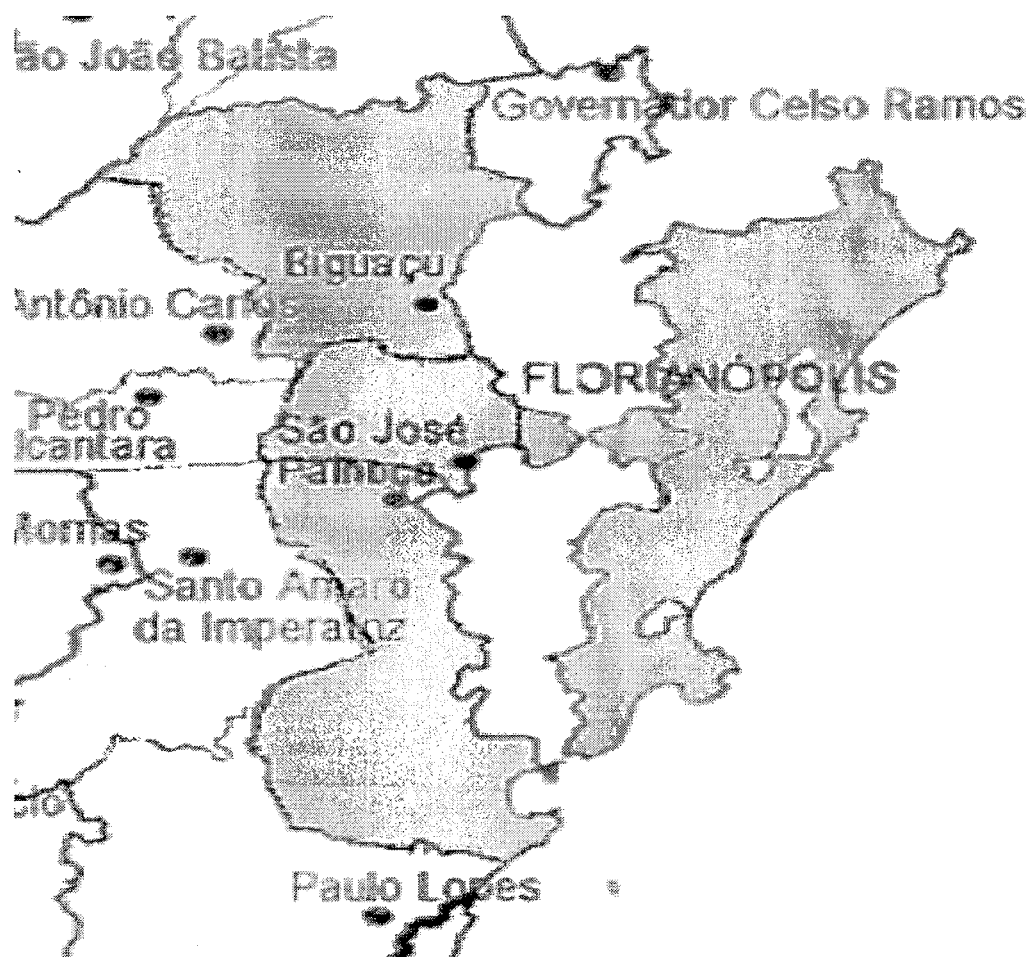
Anexo 1 - ÁREAS DE ABRANGÊNCIA DO INSTITUTO MÉDICO LEGAL DE FLORIANÓPOLIS (MAPEAMENTO)

O Instituto Médico Legal de Florianópolis atende os municípios da Região da Grande Florianópolis.



Anexo 1.1 - ÁREA CONURBADA DE FLORIANÓPOLIS

Os municípios em destaque são os que compõem a Área Conurbada de Florianópolis.



Anexo 2 - CÓDIGOS COMO BASE DE ORIENTAÇÃO PARA OS DADOS LEVANTADOS

Os códigos que passamos a utilizar são assim especificados:

a) Profissões das Vítimas levantadas na pesquisa e relacionadas de acordo com os Códigos abaixo

NATUREZA DA OCUPAÇÃO ¹	CÓDIGO
Empregado em Empresa do Setor Privado	1
Profissional Liberal ou Trabalhador sem Vínculo de Emprego	2
Empregados–Titular ou Proprietário de Empresa	3
Servidor Público da Administração Direta	4
Servidor Público de Autarquia e Fundação	5
Aposentado ou Pensionista	6
Outros	7
Profissão não Identificada	8
- Código 1	
Cozinheiro	1
Auxiliar de Cozinha	2
Fotógrafo	3
Motorista	4
Auxiliar Operacional	5
Vigilante	6
Vigia	7
Servente	8
Balconista	9
Segurança	10
Auxiliar de Serviços Gerais	11
Operador de Cinema	12

¹ Os códigos a serem aplicados são os mesmos utilizados pela Receita Federal, no que se refere à natureza da ocupação profissional, com exceção do código "08", que foi de nossa criação. Ministério da Fazenda. Secretaria da Receita Federal, 1998.

Atendente de Lanchonete	13
Garçon	14
Frentista	15
Auxiliar de Escritório	16
Operador de Brinquedos	17
Contador	18
Comerciário	19
Recauchutador de Pneus	20
Gerente Comercial	21
Padeiro	22
Office-Boy	23
Serralheiro	24
Auxiliar de Serralheiro	25
Ajudante de Máquina	26
Eletrotécnico	27
Operário	28
Cabeleireiro	29
Jogador de Futebol	30
Encarregado de Obras	31
Escriturário	32
Auxiliar de Contabilidade	33
Britador	34
Técnico de Laboratório	35
Encarregado de Produção	36
Calceteiro	37
Acondicionadora	38
Lavador de Carros	39
Administrador	40
Auxiliar de Engenharia e Manutenção	41
Industriária	42
Enfermeiro	43
Bancário	44
Montador	45
Armador	46
Eletricitário	47

- Código 2	
Ambulante	1
Pedreiro	2
Agricultor / Lavrador	3
Pintor	4
Promotora de Vendas	5
Torneiro Mecânico	6
Pescador	7
Viajante	8
Técnico em Eletricidade	9
Vendedor	10
Mecânico	11
Artesão	12
Carpinteiro	13
Marceneiro	14
Autônomo	15
Músico	16
Médico	17
Engenheiro Eletricista	18
Bordadeira	19
Promotor de Eventos Artísticos	20
Eletricista	21
Servente Pedreiro	22
- Código 3	
Comerciante	1
Empresário	2
- Código 4	
Funcionário Público Estadual	1
Funcionário Público Federal	2
Policial Civil	3
Policial Militar	4
Militar	5
Professor	6

- Código 5	
Carteiro	1
- Código 6	
Aposentado	1
Pensionista	2
- Código 7	
Do Lar / Doméstica	1
Serviços Gerais	2
Linheiro	3
Desempregado	4
Atendente de Atividades Judiciais	5
Sem Profissão	6
Bolsista	7
Estudante	8
Desocupado	9
Menor	10
Deficiente Físico	11
Repositor	12
- Código 8	
Profissão não Identificada	1
- Código para Estado Civil	
Solteiro(a)	1
Casado(a)	2
Viúvo(a)	3
Divorciado(a)	4
Desquitado(a)	5
Amasiado(a)	6
Não Identificado	7
Menor	8
Separado(a)	9

- Código para Local da Ocorrência da Morte	
Hospital	1
Em Trânsito para o Hospital	2
Domicílio	3
Via Pública	4
Praia	5
Rio	6
Lagoa	7
Outros	8
Não Especificado	9

**Anexo 3 - TIPOS DE MORTES VIOLENTAS LEVANTADAS NA PESQUISA
NOS PERÍODOS CORRESPONDENTES AOS ANOS DE 1985 A 1997
NOS MUNICÍPIOS SELECIONADOS PARA ESTUDO
E CÓDIGOS PARA A CAUSA BÁSICA DA MORTE**

TIPOS DE MORTES VIOLENTAS	CÓDIGOS
1 – Acidentes de Trânsito	
Atropelamento	ACTRATR
Colisão	ACTRCOL
Choque	ACTRCHO
Abalroamento	ACTRABA
Capotamento	ACTRCAP
Não Especificado	ACTRNES
Carbonização	ACTRCAR
Queda de Motocicleta	ACTRQMO
Tombamento	ACTRTOM
Asfixia por Afogamento	ACTRAFO
2 – Afogamento	
Asfixia ²	ASFIXAF
Causa Indeterminada ³	AFOINDE

² "Asfixia mecânica, produzida pela penetração de um líquido nas vias respiratórias." ZACHARIAS, Manif e ZACHARIAS, Elias. **Dicionário de medicina legal**. 2.ed. Edição rev. e amp. São Paulo: Champagnat, 1991. p.25. Instituição Brasileira de Difusão Cultural Ltda. (IBRASA),

³ Prejudicada pelo adiantado estado de decomposição.

3 – Homicídio

Projétil de Arma de Fogo

HOPROAF

Arma Branca⁴

HOARBRA

Instrumento Contundente⁵ (Agressão com Lajota de Concreto)

HOINSCL

Instrumento Contundente (Agressão com Paulada)

HOINSCP

Agressão Física

HOAGFIS

Asfixia por Estrangulamento⁶

HOASEST

Esganadura⁷

HOASESG

4 – SuicídioAsfixia por Enforcamento⁸

SUASENF

Asfixia por Afogamento

SUASAFO

Envenenamento Causa Indeterminada⁹

SUENIND

Arma Branca

SUARBRA

Projétil de Arma de Fogo

SUPROAF

Precipitação de Edifício

SUPREDI

Intoxicação Exógena por Psicotrópico

SUIEXPS

Esgorjamento¹⁰

SUESGOR

⁴ Instrumento metálico: faca, tesoura, etc.

⁵ "Todo objeto consistente, suscetível, em determinadas circunstâncias, atingir violentamente, por uma de suas superfícies, o corpo humano, nele produzindo lesão ou dano." ZACHARIAS, Manif e ZACHARIAS, Elias. **Dicionário de medicina legal**. 2.ed. Edição rev. e amp. São Paulo: Champagnat, 1991. .p.263. Instituição Brasileira de Difusão Cultural Ltda. (IBRASA).

⁶ "Asfixia provocada pela constrição do pescoço por um laço acionado pela força muscular humana." ZACHARIAS, Manif e ZACHARIAS, Elias. **Dicionário de medicina legal**. 2.ed. Edição rev. e amp. São Paulo: Champagnat, 1991. .p.177. Instituição Brasileira de Difusão Cultural Ltda. (IBRASA).

⁷ "Asfixia mecânica, resultante da constrição do pescoço pelas mãos. ZACHARIAS, Manif e ZACHARIAS, Elias. **Dicionário de medicina legal**. 2.ed. Edição rev. e amp. São Paulo: Champagnat, 1991. p.165. Instituição Brasileira de Difusão Cultural Ltda. (IBRASA).

⁸ "Asfixia complexa, produzida pela constrição do pescoço por laço fixo a um ponto de suspensão, tendo como força constritora o peso do próprio corpo da vítima. A suspensão do corpo, para acarretar a morte, não terá que ser, obrigatoriamente, completa, sem qualquer apoio. Ela pode ser incompleta, a vítima com os pés, os joelhos, ou, mesmo, a metade inferior do corpo tocando o solo." ZACHARIAS, Manif e ZACHARIAS, Elias. **Dicionário de medicina legal**. 2.ed. Edição rev. e amp. São Paulo: Champagnat, 1991. p.151-52. Instituição Brasileira de Difusão Cultural Ltda. (IBRASA).

⁹ Tipo de veneno não identificado.

¹⁰ "Ato de seccionar profundamente as regiões anterior ou ântero-laterais do pescoço (...) A ferida, produzida por instrumento cortante ou cortocundente, pode ser única ou múltipla. Sua direção é transversal ou oblíqua, situando-se, quase sempre, entre a laringe e o osso hióide, ou sobre a laringe." ZACHARIAS, Manif e ZACHARIAS, Elias. **Dicionário de medicina legal**. 2.ed. Edição rev. e amp. São Paulo: Champagnat, 1991. p.166. Instituição Brasileira de Difusão Cultural Ltda. (IBRASA).

5 – Choque Elétrico	
Eletroplessão ¹¹	CHOELET
6 – Incêndio	
Residência / Carbonização	INRECAR
Hospital / Carbonização	INHOCAR
Residência / Queimadura de 3º e 4º Graus	INREQUE
7 – Acidente Com Arma De Fogo	
Arma de Fogo / Disparo Acidental	ACAFDAC
8 – Soterramento	
Deslizamento de Terra / Asfixia por Soterramento	DTASOTE
Desabamento / Residência / Asfixia por Soterramento	DRASOTE
9 - Queda¹²	
Não Especificada	QUENESP
Edifício em Obra (Acidente de Trabalho)	QUEOBAT
Bicicleta	QUEBICL
Árvore (Acidente De Trabalho)	QUEARAT
Escada (Acidente Doméstico)	QUESCAD
10 – Queimadura	
2º e 3º Graus (Acidente Doméstico)	QUEIACD
11 – Precipitação¹³	
Edifício em Construção	PRECONS
12 – Intoxicação	
Exógena / por Medicamento	IEXMEDC
Exógena / por Cocaína	IEXCOCA
13 – Acidente Marítimo	
Com Barco	ACMARIT

¹¹ "Do gr (...), âmbar amarelo (no sentido de eletricidade), ferir. Ação lesiva exercida sobre o organismo pela corrente elétrica industrial." ZACHARIAS, Manif e ZACHARIAS, Elias. **Dicionário de medicina legal**. 2.ed. Edição rev. e amp. São Paulo: Champagnat, 1991. p.144. Instituição Brasileira de Difusão Cultural Ltda. (IBRASA),

¹² No mesmo plano ou um pouco abaixo do plano de origem. ALVARADO, Eduardo V. **Medicina legal – Compêndio de ciências forenses para médicos y abogados**. 3.ed. San José, Publicación de Lehmann Editores, 1983. p.120.

¹³ Quando a ocorrência se dá num plano muito abaixo do plano de origem. ALVARADO, Eduardo V. **Medicina legal – Compêndio de ciências forenses para médicos y abogados**. 3.ed. San José, Publicación de Lehmann Editores, 1983. p.120.

Anexo 4 - LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS DE 1985

EXAMES (MORTES POR)	TOTAL
Atropelamento	10
Colisão	106
Queda de Moto	72
Capotamento	4
Abalroamento	-
Homicídios	0
Suicídio	39
Afogamento	29
Eletroplessão	35
Acidente de Trabalho	7
Acidente Natural	11
Carbonização	8
Queimadura	9
Morte Indeterminada	-
Explosão	2
Feto	-
Intoxicação Alcoólica ou por Medicamentos	4
Morte Natural (Serviço de Verificação de Óbito)	3
Exumações	11
Perícias Odonto-Legais	4
TOTAL	354

Fonte: Instituto Médico Legal, Florianópolis/SC.

Anexo 5 - LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS DE 1986

MORTES POR	TOTAL
ACIDENTES DE TRÂNSITO	
Atropelamento	127
Colisão	107
Queda de Moto	6
Capotamento	6
OUTROS	
Afogamento	35
Eletroplessão	9
Acidente de Trabalho	7
Carbonização	2
Queimadura	3
Explosões	-
Intoxicação Exógena	4
Acidente Natural	20
HOMICÍDIOS	
Arma Branca	10
Arma Fogo	15
Asfixia	-
Instrumento Contundente	8
Infanticídio	1
SUICÍDIOS	
Arma Branca	-
Arma Fogo	4
Asfixia	18
Venenos	2
Queda	5
Outros	2
OUTROS	
Indeterminados	-
Morte Natural	12
Aborto	4
Exumação	5
Perícias Odonto-Legais	11
Parecer Médico-Legal	5
TOTAL	429

Fonte: Instituto Médico Legal, Florianópolis/SC.

Anexo 6 - LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS DE 1987

MORTES POR	TOTAL
ACIDENTES DE TRÂNSITO	
Atropelamento	124
Colisão	99
Queda de Moto	17
Capotamento	1
OUTROS	
Afogamento	47
Eletroplessão	5
Acidente de Trabalho	9
Carbonização	2
Queimadura	1
Explosões	1
Intoxicação Exógena	1
Acidente Natural	4
HOMICÍDIOS	
Arma Branca	9
Arma Fogo	19
Asfixia	2
Instrumento Contundente	9
Infanticídio	2
SUICÍDIOS	
Arma Branca	-
Arma Fogo	5
Asfixia	12
Venenos	2
Queda	2
Outros	3
OUTROS	
Indeterminados	2
Morte Natural	8
Aborto	2
Exumação	4
Perícias Odonto-Legais	3
Parecer Médico-Legal	6
TOTAL	401

Fonte: Instituto Médico Legal, Florianópolis/SC.

Anexo 7 - LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS DE 1988

MORTES POR	TOTAL
ACIDENTES DE TRÂNSITO	
Atropelamento	112
Colisão	104
Queda de Moto	13
Capotamento	5
OUTROS	
Afogamento	38
Eletroplessão	12
Acidente de Trabalho	10
Carbonização	11
Queimadura	6
Explosões	-
Intoxicação Exógena	1
Acidente Natural	8
HOMICÍDIOS	
Arma Branca	12
Arma Fogo	15
Asfixia	2
Instrumento Contundente	11
Infanticídio	3
SUICÍDIOS	
Arma Branca	-
Arma Fogo	8
Asfixia	15
Venenos	3
Queda	4
Outros	1
OUTROS	
Indeterminados	2
Morte Natural	12
Aborto	1
Exumação	1
Perícias Odonto-Legais	37
Parecer Médico-Legal	3
TOTAL	450

Fonte: Instituto Médico Legal, Florianópolis/SC.

Anexo 8 - LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS DE 1989

MORTES POR	TOTAL
ACIDENTES DE TRÂNSITO	
Atropelamento	87
Colisão	163
Queda de Moto	21
Capotamento	4
OUTROS	
Afogamento	40
Eletroplessão	7
Acidente de Trabalho	14
Carbonização	6
Queimadura	2
Explosões	-
Intoxicação Exógena	5
Acidente Natural	11
HOMICÍDIOS	
Arma Branca	9
Arma de Fogo	19
Asfixia	2
Instrumento Contundente	17
Infanticídio	1
SUICÍDIOS	
Arma Branca	1
Arma de Fogo	7
Asfixia	19
Veneno	2
Queda	2
Outros	1
OUTROS	
Indeterminados	1
Morte Natural	4
Aborto	-
Exumação	2
Perícias Odonto-Legais	37
Parecer Médico-Legal	10
TOTAL	494

Fonte: Instituto Médico Legal, Florianópolis/SC.

Anexo 9 - LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS DE 1990

MORTES POR	TOTAL
ACIDENTES DE TRÂNSITO	
Atropelamento	109
Colisão	130
Queda de Moto	16
Capotamento	2
OUTROS	
Afogamento	37
Eletroplessão	12
Acidente De Trabalho	04
Carbonização	04
Queimadura	05
Explosão	-
Intoxicação Exógena	-
Acidente	22
HOMICÍDIOS	
Arma Branca	11
Arma de Fogo	17
Asfixia	2
Instrumento Contundente	12
Infanticídios	-
SUICÍDIOS	
Arma Branca	-
Arma de Fogo	8
Asfixia	26
Veneno	6
Queda	4
Outros	1
OUTROS	
Indeterminados	1
Morte Natural	6
Aborto	-
Feto	6
Exumação	-
Perícias Odonto-Legais	77
Parecer Médico Legal	6
TOTAL	524

Fonte: Instituto Médico Legal, Florianópolis/SC.

Anexo 10 - LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS DE 1991

MORTES POR	TOTAL
ACIDENTES DE TRÂNSITO	
Atropelamento	96
Colisão	144
Queda de Moto	9
Capotamento	2
OUTROS	
Afogamento	44
Eletroplessão	10
Acidente de Trabalho	8
Carbonização	2
Queimadura	6
Explosão	-
Intoxicação Exógena	6
Acidente	29
HOMICÍDIOS	
Arma Branca	13
Arma de Fogo	22
Asfixia	1
Instrumento Contundente	9
Infanticídios	1
SUICÍDIOS	
Arma Branca	-
Arma de Fogo	4
Asfixia	17
Veneno	6
Queda	6
Outros	-
OUTROS	
Indeterminados	5
Morte Natural	4
Aborto	-
Feto	5
TOTAL	448

Fonte: Instituto Médico Legal, Florianópolis/SC.

Anexo 11 - LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS DE 1992

MORTES POR	TOTAL
ACIDENTES DE TRÂNSITO	
Atropelamento	103
Colisão	143
Queda de Moto	11
Capotamento	3
OUTROS	
Afogamento	43
Eletroplessão	8
Acidente de Trabalho	4
Carbonização	2
Queimadura	4
Explosão	-
Intoxicação Exógena	2
Acidente	17
HOMICÍDIOS	
Arma Branca	15
Arma de Fogo	16
Asfixia	2
Instrumento Contundente	5
Infanticídios	1
SUICÍDIOS	
Arma Branca	-
Arma de Fogo	6
Asfixia	19
Veneno	4
Queda	2
Outros	1
Outros	
Indeterminados	7
Morte Natural	6
Aborto	1
Feto	1
TOTAL	

Fonte: Instituto Médico Legal, Florianópolis/SC.

Anexo 12 - LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS DE 1993

MORTES POR	TOTAL
ACIDENTES DE TRÂNSITO	
Atropelamento	75
Colisão	08
Capotamento	01
Carbonização	01
Choque	03
Não Especificado	225
OUTROS	
Queda	08
Afogamento	54
Eletroplessão	13
Acidente de Trabalho	07
Carbonização	01
Queimadura	02
Intoxicação Exógena	06
Acidente Marítimo	01
Disparo Acidental de Arma de Fogo	01
Deslizamento	01
Não Especificados	09
HOMICÍDIOS	
Arma Branca	12
Arma de Fogo	16
Asfixia por Estrangulamento	01
Instrumento Contundente	08
Espancamento	01
SUICÍDIOS	
Arma Branca	01
Arma de Fogo	10
Asfixia por Enforcamento	27
Asfixia por Estrangulamento	01
OUTROS	
Indeterminados	06
Morte Natural	11
Aborto	02
TOTAL	512

Fonte: Instituto Médico Legal, Florianópolis/SC.

Anexo 13 - LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS DE 1994

NECRÓPSIAS POR	TOTAL
Colisão	206
Atropelamento	108
Acidente Aéreo	5
Afogamento	61
Eletroplessão	5
Carbonização	11
Queimadura	1
Queda	28
Intoxicação Exógena	12
Asfixia por Soterramento	6
Outros	11
Arma de Fogo	22
Arma Branca	13
Instrumento Contundente	4
Estrangulamento	1
Esganadura	1
Sufocação	1
Engorjamento	1
Enforcamento	24
Nati-Morto	2
Feto	8
Morte Natural	12
Indeterminada	1
TOTAL	544

Fonte: Instituto Médico Legal, Florianópolis/SC.

Anexo 14 - LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS DE 1995

NECRÓPSIAS POR	TOTAL
Colisão	215
Atropelamento	142
Acidente Aéreo	-
Afogamento	49
Eletroplessão	10
Carbonização	-
Queimadura	5
Queda	36
Intoxicação Exógena	11
Asfixia por Soterramento	2
Arma de Fogo	40
Arma Branca	24
Instrumento Contundente	8
Estrangulamento	1
Esganadura	2
Sufocação	-
Engorjamento	1
Enforcamento	28
Nati-Morto	0
Morte Natural	10
Feto	-
Indeterminada	5
Outros	10
TOTAL	598

Fonte: Instituto Médico Legal, Florianópolis/SC.

Anexo 15 - LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS DE 1996

NECRÓPSIAS POR	TOTAL
Colisão	227
Atropelamento	113
Acidente Aéreo	-
Afogamento	59
Eletroplessão	8
Carbonização	14
Queimadura	3
Queda	23
Intoxicação Exógena	10
Asfixia por Soterramento	1
Arma de Fogo	38
Arma Branca	18
Instrumento Contundente	12
Estrangulamento	-
Esganadura	1
Sufocação	-
Engorjamento	2
Enforcamento	25
Nati-Morto	3
Morte Natural	4
Feto	8
Indeterminada	16
Outros	11
TOTAL	596

Fonte: Instituto Médico Legal, Florianópolis/SC.

Anexo 16 - LEVANTAMENTO DE NECRÓPSIAS DE 1997

NECRÓPSIAS POR	TOTAL
Colisão	163
Atropelamento	110
Acidente Aéreo	-
Afogamento	48
Eletroplessão	10
Carbonização	8
Queimadura	2
Queda	20
Intoxicação Exógena	7
Asfixia por Soterramento	1
Arma de Fogo	50
Arma Branca	16
Instrumento Contundente	9
Estrangulamento	1
Esganadura	-
Sufocação	-
Engorjamento	1
Enforcamento	25
Nati-Morto	4
Morte Natural	13
Feto	1
Indeterminada	18
Outros	10
TOTAL	517

Fonte: Instituto Médico Legal, Florianópolis/SC.

Anexo 17 - REQUISIÇÃO DE EXAME CADAVERÍCO



ESTADO DE SANTA CATARINA

REQUISIÇÃO DE EXAME CADAVERÍCO

DELEGACIA		GUIA Nº	ANO
ELEMENTOS DE IDENTIDADE			
NOME		SEXO <input type="checkbox"/> M <input type="checkbox"/> F	
LOCAL DE NASCIMENTO (Município — Estado)		IDADE	
COR	ESTADO CIVIL	PROFISSÃO	
FILIAÇÃO			
PAI			
LOCAL DE NASCIMENTO (Município — Estado)		PROFISSÃO	
MÃE			
LOCAL DE NASCIMENTO (Município — Estado)		PROFISSÃO	
DOMICÍLIO			
RUA			
DISTRITO	CIDADE	ESTADO	
OCORRÊNCIA			
LOCAL	DIA	HORA	
ÓBITO			
LOCAL	DATA	HORA	
ASSISTÊNCIA MÉDICA			
FOI PRESTADA? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO	LOCAL		
NATUREZA DA OCORRÊNCIA			
OUTRAS INFORMAÇÕES OU ESCLARECIMENTOS			
LOCAL		DATA	
ASSINATURA		CARGO OU FUNÇÃO	